A PARANORMAL
GISETI MARQUES
CASA EDITORA
O CLARIM

# A Paranormal

**Giseti Marques**

# A Paranormal

**Matão, SP**
**1ª edição**
**2015**
CASA EDITORA
O CLARIM

*Copyright* © 2015 *by*

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: outubro/2015, 6 mil exemplares

Impresso no formato 16x23 cm

ISBN 978-85-7357-143-1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Lúcia Helena Lahoz Morelli

Catalogação na Publicação (CIP)

M357p Marques, Giseti

A paranormal / Giseti Marques. – 1. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2015.

544p.; 23 cm

ISBN 978-85-7357-143-1

1. Espiritismo. 2. Romance espírita. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

# 1. O fatídico dia

*Minha história começa como tantas existentes neste planeta. Sou o terceiro de cinco filhos de uma família comum dos Estados Unidos. Tive uma infância tranquila, apenas atormentada por um dos meus muitos primos, Julian Moore, 17 anos mais velho que eu. Segundo as más línguas, desde pequeno Julian se achava melhor que todo mundo e, para desespero dos demais, era muito estudioso, o que garantia a simpatia de todos da família. Os mais velhos o respeitavam e mostravam-se submissos ao CDF, ao passo que eu, mesmo sendo bem mais novo, lutava como podia para me impor aos desmandos do meu odiado primo. Ele me olhava com reserva, já que eu nunca cedia às suas vontades e valia-me sempre dos recursos que faziam com que eu me sobressa*ísse em relação *aos demais, ou seja, a sagacidade e a força. Essa competição, infelizmente, não ficou restrita à minha infância. Até hoje sinto que Julian tenta de alguma forma estar acima de mim. Mesmo sendo um eminente político e me superando em muito em ganho monetário, Julian nunca conseguiu me fazer olhar para ele por baixo. Sou orgulhoso, vaidoso e arrogante demais para baixar minha cabeça ao meu "querido" primo.*

*Sou formado em Engenharia da Informação; servi ao Exército do meu país indo para o Golfo Pérsico, onde permaneci por três anos. Foi um*

*tempo difícil! Ao voltar, ingressei no FBI (Federal Bureau of Investigation), tornando-me um agente especial. Eu me orgulhava muito disso; realmente gostava do que fazia. Colocar na cadeia quem, de alguma forma, transgredisse a lei era algo que me causava imensa satisfação. Aos 29 anos, casei-me com uma linda jovem, que me deu uma filha ainda mais bonita. Tudo estava indo muito bem, até aquele fatídico dia...*

O dia começava frio, lá fora, uma garoa insistia em cair. John remexeu-se na cama e notou que sua esposa já se havia levantado. Olhou para o relógio e percebeu que ele ainda marcava 5h50. Saiu da cama preocupado, à procura de Ellen. Seguiu direto até o quarto de sua filha, encontrando ali as duas mulheres de sua vida.

John tinha 33 anos e traços marcantes; rosto oval, queixo levemente arredondado, expressão fechada; media 1,85m de altura, possuía porte atlético, cabelos pretos, belos e observadores olhos verdes. Era um homem discreto, de raciocínio acima da média exigida para suas funções, qualidades essas que faziam dele um dos agentes mais respeitados do FBI.

Ao ver o marido na porta do quarto, a mulher imediatamente levou a mão à boca num sinal de silêncio. John aproximou-se devagar e perguntou por gesto o que acontecia. Sua esposa não respondeu de pronto. Com muito cuidado para não acordar a filha, arrastou-se da cama e saiu do quarto, levando seu marido consigo. Fora do quarto, seguiram até a cozinha. O homem insistiu e perguntou novamente, preocupado:

– O que aconteceu?

– Nossa filha está com uma febre muita alta. A professora na creche me disse que ela passou o dia inteiro assim. Mediquei-a, mas, se ela não melhorar, vou levá-la ao hospital. Espero que seja apenas uma virose. Vou constatar isso quando acordar.

– Por que não me acordou? – questionou John, abraçando a esposa com carinho.

– Você chegou tão tarde, que tive pena de acordá-lo e deixei-o dormir – respondeu a mulher, retribuindo o carinho do esposo. Voltou-se e informou: – De qualquer forma, vou telefonar para o laboratório e avisar que hoje não irei trabalhar. Se for apenas uma virose, ela precisará se recuperar. Com o frio que anda fazendo, não é bom abusar.

Ellen, a jovem esposa do agente especial John Moore, era farmacêutica bioquímica. Uma mulher inteligente, conhecida por sua simpatia, o que a tornava ainda mais bonita. Tinha 27 anos, loira, usava cabelos bem curtos e possuía grandes olhos verdes. Ultimamente seu rosto trazia olheiras severas e uma melancolia que ela lutava para disfarçar. John e Ellen estavam juntos havia sete anos e casados, quatro. A única filha do casal, Eve, tinha três anos; qualquer coisa era motivo para muitas preocupações por parte dos pais. John tinha verdadeira adoração pela filha.

– Ellen, não seria melhor levá-la logo ao hospital? – sondou o esposo, preocupado, sentando-se à mesa.

– Não, meu amor. Ela precisa dormir um pouco. Se for uma virose, irá necessitar de muita hidratação, descanso e carinho – explicou Ellen,

levando a chaleira com água ao fogão. Cravou os olhos em seu belo marido com um olhar complacente e mudou de assunto:

– Como está o trabalho?

Ele lançou um olhar antecipado de desculpas e disse:

– Corrido. Sabe que não posso entrar em detalhes com você, querida!

– Não estou perguntando a respeito dos casos, meu bem. Perguntei de uma forma generalizada, se é que me entende... – ironizou a mulher.

Ele saltou da cadeira, abraçou-a por trás e respondeu sorrindo, beijando-lhe o pescoço, maliciosamente:

– Está me chamando de burro, doutora? Saiba que posso mandar investigá-la, ou então, lhe dar voz de prisão por desacato à autoridade.

Ellen olhou para o marido, seus lábios esboçaram um sorriso e ela disse:

– Iria adorar ficar presa no quarto com você! Porém, o que eu preciso agora é de um bom chá com bolo de chocolate que sua sogra veio trazer ontem à noite. Que tal?

– Confesso que gostei mais da primeira opção, entretanto, aceito a segunda sob uma condição: de optarmos juntos pela primeira logo mais à noite. Combinado? – perguntou beijando-a nos lábios levemente.

– Combinadíssimo! – respondeu Ellen, desviando o olhar do marido e fechando os olhos com aspecto de dor, como se alguma lembrança a atormentasse.

O dia passava lentamente e, para tristeza de Ellen, Eve não melhorava. Depois do almoço, a farmacêutica resolveu levar a filha ao médico,

temendo ser algo mais sério.

Eram quase 3 horas da tarde quando o telefone de John tocou. Por sorte ele estava na agência e pôde atender. Pelo identificador de chamadas, viu que se tratava de sua esposa e, acreditando serem notícias de Eve, atendeu imediatamente.

– Oi, Ellen!

Para espanto do agente, uma voz estranha e alterada por modificador de voz respondeu pausadamente com sarcasmo:

– Não é sua esposa, agente John Moore, mas, como sou muito bonzinho, vou permitir que escute a voz dela pela última vez. – John ficou estático e por alguns segundos não sabia o que fazer. Seus olhos assustados varreram a sala em fração de segundos. Passado o susto inicial, assumiu a função que estava tão acostumado a exercer, escreveu um número em um papel e, com a mão tapando o fone, pediu a um colega: – Rastreie imediatamente!

O colega, percebendo do que se tratava, atendeu ao pedido rapidamente. Depois de longos segundos, John escutou o choro da esposa, que parecia relutar em atender ao pedido do algoz, e disse, tentando demonstrar um controle que estava bem longe de possuir naquele momento:

– Ellen, me escute! Tenha calma e diga onde você está. Tente ganhar tempo. Eu estarei o mais rápido possível aí!

Todavia, a mulher, contrariando o marido, apenas balbuciou com sua voz vacilante:

– John, me perdoe! Eu te amo! Sempre vou amá-lo, nunca es... – a voz da bioquímica foi sufocada pela do homem que, demonstrando frieza, explicou: – Não adianta rastrear, eu desativei o GPS do telefone. Ela é linda, não é?! Não se preocupe, vou matá-la rapidamente, como aconteceu com sua filha!

– Quem é você? O que quer? Eu lhe garanto que nada irá lhe acontecer! Deixe minha esposa e minha filha em algum lugar qualquer, vá embora e eu esquecerei isso para sempre! Eu prometo! – interrogava, tentando de qualquer forma ganhar tempo e manter o controle.

– Seu coração deve estar acelerado, seu sangue deve estar quente e você deve estar sentindo uma vontade enorme de me matar, não é, agente? Eu quero que você experimente o que é perder quem se ama, John Moore! – a voz se calou por alguns segundos, depois continuou a falar friamente: – Agora me despeço de você e desejo força para suportar a dor de perder duas pessoas tão amadas. A sua filha não estava nos meus planos, mas acho que tive uma ajudinha do destino...

– Não! Espere! Vamos conversar! O que foi que eu fiz a você? Eu dou minha palavra que nada lhe acontecerá. Agora, se você não me escutar e acontecer alguma coisa com qualquer uma delas, eu irei atrás de você até o inferno se for preciso, e não descansarei até encontrá-lo e matá-lo!

– Adeus, John! Eu lhe desejo sorte na sua caçada. Estarei esperando por você. Mas não será preciso ir até o inferno para me encontrar, pois o seu inferno, acaba de começar!

– Não! Espere! Droga! Miserável! Se acontecer algo com elas eu vou matá-lo! Meu Deus! – John deu um soco na mesa, olhou desesperado para o amigo e perguntou, em choque:

– Você conseguiu rastrear?

– Sim. O GPS do carro de Ellen mostra que o veículo está na interestadual a pelo menos uns 150 quilômetros daqui.

– Meu Deus! Acho que sequestraram a Ellen e a Eve! Envie-me as coordenadas. Estou indo – disse o agente, saindo em disparada com os pensamentos fervilhando na cabeça e pedindo, intimamente, que nada acontecesse às duas. A voz do homem não saía de sua cabeça e, intuitivamente, sentia que ele não blefava. Lutava de todas as formas para vencer o pavor que queria dominá-lo. Chegou rapidamente a seu carro escutando a voz de sua esposa, em um agudo profundo, dizendo que o amava. Respirava com dificuldade, suava intensamente, seus olhos eram marcados por sombras escuras e sentia um pavor que palavras não conseguiram descrever...

Na agência, o colega, preocupado, telefonou imediatamente aos outros agentes que estavam na rua dando-lhes um alerta máximo:

– Possível sequestro da mulher e da filha do agente John Moore. Desloquem helicóptero até o local indicado e façam com que os agentes mais próximos cheguem antes dele!

Fez uma breve pausa temendo o pior e acrescentou:

– Não permitam que ele se aproxime do local. Ele pode comprometer provas. Não sabemos com quem estamos lidando, portanto, recomendem aos agentes que tenham cuidado ao se aproximarem. Espero, sinceramente, que nada de terrível tenha ocorrido...

Pelos menos três equipes responderam ao pedido, deslocando-se a toda velocidade para as coordenadas indicadas. Quase uma hora depois, John viu ao longe, próximo das coordenadas, carros parados e pelo menos duas equipes do FBI já no local. Diminuiu a velocidade do carro, estacionou e desceu rapidamente. Contudo, ao se aproximar, foi recebido por dois agentes que o seguraram e disseram educadamente:

– John, você não poderá se aproximar.

Ele olhou sem entender, percorreu os olhos pelo local procurando ver o carro de sua esposa e perguntou, lúgubre:

– Vocês encontraram o carro? Onde está?

– Sim, encontramos. Está a uns 50 metros da rodovia, mata adentro – informou o colega.

Exasperado, o jovem perguntou, engolindo em seco:

– E elas? Vocês as encontraram? Onde estão?

O colega suspirou, como se aquilo o ajudasse a pensar, baixou a cabeça e respondeu amargurado, como se fosse a primeira vez que dava uma notícia daquelas a alguém:

– Elas estão no carro. Eu lamento, John! Lamento profundamente!

Toda bravura de antes havia se esvaído do rosto de John. Ele mirou os dois sem conseguir pronunciar uma única palavra. Sentiu o sangue sumir, o chão parecia se abrir num abismo sem fim. Levou as mãos à cabeça como se procurasse juntar as ideias, olhou novamente para os colegas e, de uma forma abrupta, tentou passar pelos dois, gritando:

– Eu tenho que vê-las! Eu preciso vê-las!

– Não, John! Você sabe que não deve! Pode comprometer provas, dificultando ainda mais encontrar o bandido que cometeu esses crimes! Sentimos sinceramente pela sua dor, mas não permitiremos que atravesse! – argumentou o colega, apiedado, segurando o jovem e forte agente.

Nesse momento, uma ambulância chegou ao local e, a pedido dos colegas de profissão, o agente John Moore foi sedado, facilitando o trabalho dos peritos na coleta de provas. Horas depois, John acordou e viu-se deitado em confortável sofá de uma das muitas salas do escritório de investigação. Sentou-se meio tonto, ainda sob efeito do sedativo. Perscrutou em volta e, rapidamente, uma porta se abriu. Uma bonita jovem adentrou no local trazendo um copo com água. A mulher sentou-se em um centro na frente do rapaz, entregou-lhe o copo e perguntou, atenciosa:

– Como você está?

Ele olhou para o copo, depois para a jovem e perguntou, impassível, sem responder à pergunta:

– Isso é mais sedativo?

– Não, John. É apenas água.

Ele bebeu o conteúdo, levantou-se e se dirigiu à porta. No entanto, antes que pudesse abri-la, um senhor entrou e disse respeitosamente:

– Eu lamento, John! Sinto sinceramente! Quero que saiba que todos, sem exceção, estão empenhados em conseguir, o quanto antes, identificar e colocar esse crápula atrás das grades! Não tenho palavras que possam ajuizar o tamanho de minha revolta. Informo também que o escritório já está providenciando tudo para o sepultamento. Você terá que ser forte.

John fitou o seu superior como se não o visse. A dura realidade caiu novamente sobre seus ombros. Parecia-lhe que sonhava e não conseguia acordar. Lutando para não sucumbir, buscou em seu instinto profissional algum amparo e sondou, sabendo que naquele momento os corpos de Ellen e Eve deveriam estar passando por necropsia:

– Senhor, já se sabe qual foi a causa das mortes?

– Não. Os técnicos estão avaliando minuciosamente antes de emitir um laudo conclusivo – respondeu o homem.

– Nossas famílias já foram avisadas?

– Sim. Duas equipes ficaram responsáveis por isso.

O homem mirou o agente e disse pausadamente:

– John, eu quero lhe pedir que, por mais vontade que tenha, não decida nada sem consultar nosso pessoal. Acredito que sua dor deva ser devastadora, mas é também *nossa* dor, uma vez que muitos de nós somos pais e maridos também. Depois ouviremos as suas impressões a respeito do telefonema. Agora eu sugiro que tome um banho e não volte para casa, lá e

também na frente do escritório há um batalhão de repórteres. Infelizmente não pudemos evitar! Pedi que preparassem uma sala onde você possa ficar e receber seus familiares e os de Ellen. Coragem! Você irá precisar...

# 2. Reflexões sobre a dor

John, sem pensar muito a respeito, resolveu acatar as sugestões do seu superior e seguiu com a jovem até uma sala indicada por ela. Afundou-se em um confortável sofá e ficou remexendo as mãos com ar nervoso. Escutava sua colega falando, todavia não assimilava o conteúdo do que ela dizia. Sua cabeça parecia que muito lentamente ia processando tudo o que estava acontecendo. Respirou profundamente, fazendo uma retrospectiva do seu dia.

Kayla, a colega de John, silenciou, percebendo que ele não a escutava. Consternada, reconhecendo o quanto aquilo tudo deveria estar sendo difícil para ele, retirou-se da sala, deixando-o sozinho.

Ele, que várias vezes já tivera que dar notícia de morte a outras famílias, agora custava a acreditar que estava vivenciando aquilo. Não conseguia aceitar o fato de voltar para casa e não ver a sua bela esposa e a sua linda e amada filha. Sua mente sentia dificuldade em acionar esses pensamentos que aos poucos iam surgindo, trazendo-o para uma dura realidade. Levantou-se, dirigiu-se a uma janela e, olhando para o vazio da imensidão de sua dor, perguntou-se, angustiado:

– O que posso fazer? Como isso foi acontecer? Quem é esse maldito doente que, deliberadamente, tira a vida de uma criança de três anos? –

balançou a cabeça como se as lembranças fossem pesadas demais. Passou a língua pelos lábios secos, levou a mão aos cabelos, tentando se controlar ao máximo para não sair correndo e cometer uma loucura.

Noutra sala, alguns colegas, juntamente com o seu superior, olhavam para John através de um monitor. Um homem magro, rosto comprido, cabelos grisalhos, olhos pequenos, que eram vistos por sobre as lentes dos óculos em cima do nariz, voltou-se para outro senhor mais jovem e disse, de modo que todos escutassem:

– Fiquem monitorando ele. Quero que tenha toda assistência possível, mas não podemos nos descuidar. Ele pode perder o controle que está lutando para manter e fazer alguma bobagem. Eu não me imagino na pele dele! – o senhor soltou uma lufada de ar e, olhando novamente para o monitor, continuou a falar: – Só permitam que ele veja as duas quando elas já estiverem em um local adequado ao velório. Espero sinceramente que ele se recupere. Não quero nem imaginar perder um agente como ele!

– Sim, senhor. Faremos tudo para ajudá-lo. – respondeu um homem, ajeitando os óculos que insistiam em escorregar do seu rosto oleoso. Robert Turner era o chefe de John, um homem de aproximadamente 50 anos, cabelos pretos, olhos da mesma cor, alto, conhecido pela seriedade que tinha em seu trabalho. Alguns o achavam muito duro nas suas atribuições. O fato é que Turner tinha profunda afeição pelo jovem agente desde que este ingressara no FBI. Conhecia o amor que John tinha pela esposa e pela filha, compreendendo a amargura que o amigo vivenciava. Sentia-se

igualmente angustiado, pois os exames preliminares no carro de Ellen, não apontavam nenhuma pista relevante sobre o duplo homicídio e, apesar de todo aparato tecnológico que possuíam, ainda não havia nenhuma evidência sobre o criminoso...

Um agente adentrou na sala, dirigiu-se a Robert e informou triste:

– Senhor, os resultados de outros exames chegaram. Quem quer que tenha feito isso, deve ser um bom profissional, nada foi encontrado.

O homem praguejou decepcionado. Quando ia argumentar, seu telefone tocou e rapidamente o atendeu. Turner escutou algo do outro lado da linha e, minutos depois, desligou. Fitou os demais e falou, ajeitando seus óculos:
– A necropsia mostrou que a filha de John morreu de uma parada cardíaca, agravada por uma infecção violenta. A necropsia ainda revelou que a pequena tinha uma falha no coração (cardiomiopatia hipertrófica), possivelmente desconhecida dos pais, não me recordo de John alguma vez haver mencionado problemas com Eve.

– Com certeza a doença era desconhecida dele – afirmou Kayla.

– Vou dar-lhe a notícia; não sei se é melhor ou pior – informou, saindo da sala.

John, mostrando-se mais impaciente, afundava o chão, andando de um lado para outro da sala. Tentando entender tudo o que havia acontecido, chegou a uma conclusão, monologando:

– Esse bandido pode ser alguém conhecido. Ellen jamais deixaria alguém se aproximar. Ela me telefonou a primeira vez às 12h30, avisando

que estava levando Eve ao hospital. Ele poderia estar seguindo-a e de alguma maneira se aproximou, porque a outra ligação veio somente às 15 horas, dando tempo para o deslocamento até onde o carro dela foi encontrado. As câmeras de segurança têm que ser...

O agente foi interrompido pela entrada de Robert na sala. Ao ver o chefe, o jovem foi logo discorrendo, enfático:

– Senhor, eu cheguei à conclusão de que esse bandido pode conhecer Ellen. Ela jamais permitiria que alguém se aproximasse, ainda mais estando com Eve. As câmeras de segurança do hospital e de todo o percurso que o carro fez já foram analisadas?

– Estamos analisando tudo, John. Não se preocupe, nós iremos pegar o criminoso. Contudo, o que vim lhe contar é algo diferente. Os exames no corpo de Eve constataram que ela morreu de uma parada cardiorrespiratória, causada por uma falha no seu coração e agravada por uma infecção violenta – anunciou o senhor, com cautela.

O agente ouviu com atenção, sentou-se, pousou a vista novamente sobre o superior e, espantado, anunciou:

– Mas Eve não tinha problema no coração, senhor!

– Imaginei que você e, possivelmente, Ellen ainda não soubessem, mas o exame foi conclusivo. Possivelmente o quadro infeccioso agravou a situação, levando o coração a falir. O que posso garantir é que ela não sofreu; foi rápido e fulminante!

John emudeceu, como se uma lembrança ruim tomasse conta dele, balançou a cabeça, afugentando as lembranças, para depois articular:

– Por isso que Ellen parecia alheia ao que eu dizia; possivelmente, estava em choque com o que havia acontecido a Eve e... – silenciou subitamente e, como se as lembranças voltassem, tornou a falar: – O bandido me disse ao telefone que Eve não estava nos planos dele – silenciou novamente, olhando para um ponto fixo, e continuou a discorrer como se estivesse enxergando algo: – Eve deve ter passado mal a caminho do hospital. Ellen, percebendo, deve ter parado para socorrê-la e foi aí que o criminoso aproximou-se, provavelmente oferecendo ajuda, e sequestrou-a... Maldito! Eu tenho que encontrá-lo, senhor! Ele tem que pagar! Minha filha morreu porque não foi socorrida a tempo! Eu tenho que pegá-lo! – rosnava o agente, entredentes.

– Calma, John! Vamos encontrá-lo. Entretanto, não podemos nos esquecer de que a calma é uma aliada e o desespero, um empecilho – argumentou o chefe, omitindo outros pareceres sobre o caso, percebendo a tênue linha que separava o equilíbrio e o descontrole do agente. Depois do sepultamento, iria contar-lhe todos os pormenores do caso. No momento, tinha que preservar o máximo que pudesse a ordem mental do amigo...

Dois dias após, todos se despediam de Ellen e Eve em um dos muitos cemitérios da bela cidade. John, ao ver os caixões serem cobertos pela terra, sentiu o desespero querer se apoderar de si, mas, estoicamente, conseguiu

controlar-se. Ao mesmo tempo, um ódio alimentava seu íntimo e na sua cabeça só existia um único pensamento: matar!

O FBI havia cercado uma área considerável evitando que os jornalistas se aproximassem e dando, assim, privacidade à família desolada. Um a um, amigos e familiares abraçavam o agente, despedindo-se e oferecendo ajuda para o enfrentamento da dor.

John se mantinha impassível, não respondia nada, apenas balançava a cabeça, mantendo o olhar distante por trás dos seus óculos escuros. Aguardou pacientemente que todos se afastassem. Em pé, olhando para a lápide em que estavam escritos os nomes de sua filha e de sua esposa, balbuciou:

– Ellen, nem que seja a última coisa que farei nesta minha maldita vida, eu lhe prometo que esse assassino irá pagar! Eu sempre vou amá-las! Sempre! – respirou fundo, beijou uma flor branca que trazia consigo e depositou no túmulo. Virou-se e seguiu para o seu carro encontrando Robert que o aguardava. O diretor olhou para ele e perguntou, preocupado:

– John, você está bem? Abby e eu queremos que você venha passar, pelo menos, esses primeiros dias em nossa casa.

John fitou seu chefe e, reconhecendo o nobre gesto, agradeceu:

– Senhor, eu sei que deve estar preocupado comigo e agradeço. Entretanto, eu vou voltar para casa. Meus pais insistiram para que eu fosse para casa deles, mas também recusei. Vai ser muito difícil, senhor, porém

tenho que enfrentar isso de alguma forma, e quanto mais tempo eu adiar, pior será.

– Você pode estar certo! Mas quero que saiba que pode contar comigo sempre! – aproximou-se, colocou a mão em seu ombro e confidenciou-lhe: – O vice-diretor me pediu que lhe desse alguns dias, contudo, quero deixar isso a seu critério. Fique à vontade!

– Obrigado, senhor! Não vou me esquecer disso! – agradeceu John. Depois entrou em seu carro e seguiu para casa. O local fora periciado pelo FBI a fim de encontrar alguma pista que pudesse revelar algo. Todavia, nada fora encontrado. Ao estacionar o carro na garagem, sentiu uma tristeza profunda o envolver. Era a primeira vez que voltava para casa depois do ocorrido. Desde que soubera da tragédia, não conseguira chorar. Tomou coragem e entrou em sua casa, estancando na sala. Seu olhar varreu todo o local e o silêncio era ensurdecedor. O agente ofegava como se procurasse fôlego dentro de si. Andou lentamente até o quarto de sua filha, abriu a porta e, sem conseguir entrar, permaneceu segurando a maçaneta da porta e perguntou-se:

– Como vou viver sem você? Como vou viver sem o seu sorriso? Sem a sua voz me chamando? – a respiração continuava difícil e, sem mais suportar a dor que carregava dentro de si, John caiu de joelhos no chão do quarto, atravessando a barreira e deixando as lágrimas descerem livremente pelo seu rosto, num choro de sofrimento diante daquele vazio sem proporções...

– Meu Deus, por quê? Aonde vou encontrar forças para continuar esta vida? Como dizer a um pai que nunca mais irá ver sua filha? Como ensinar o seu coração a não sentir mais dor? Como arrancar esta vontade de morrer? Como olhar para dentro de mim mesmo e ver a minha vida sem elas duas? Como acordar e saber que esse bandido está lá fora acabando com a vida de outras famílias? Como suportar isso? Como? Por que elas?!

John procurava respostas para suas dores, sem, no entanto, encontrar qualquer coisa que o fizesse entender tudo aquilo. Eram questionamentos levados pelo seu desespero. No fundo, sentia-se culpado de várias maneiras e algo agora gritava em seu íntimo: nunca fora religioso, nunca dera qualquer importância a essas questões e sentia-se um tanto incomodado, por volver a Deus, somente agora, os seus pensamentos. Sempre achara tudo muito piegas e sentia-se inferiorizado por admitir existir um Deus. Respeitava todas as crenças, todavia nunca fizera uso de nenhuma, nem mesmo de uma oração. Sempre fora muito racional, acreditando encontrar na ciência uma explicação para todas as coisas. Agora, como encontrar remédio para sua dor? Será que a crença em Deus poderia ajudá-lo? Será que uma religião ensinaria como aceitar tão drástica mudança?

Ele levantou-se com dificuldade, enxugou as lágrimas, seguiu até seu quarto arrastando os pés que pareciam ter chumbo. Uma vez lá dentro, viu que estava quase tudo do mesmo jeito de quando sua esposa saíra. Os peritos haviam procurado não bagunçar muito o local, talvez em respeito à sua dor e porque não acreditavam haver ali algo relevante. Dirigiu-se à

cama, segurou entre as mãos uma peça de roupa de sua esposa jogada ao lado, cheirou-a e, fechando os olhos, deixou-se cair na cama recordando-se da última conversa que tivera com Ellen. Pensando alto, indagou:

– Ellen, se eu soubesse que isso iria acontecer, jamais teria deixado que você saísse dos meus braços! Como é cruel a vida! Num instante estamos com as pessoas a quem amamos, num outro, como num piscar de olhos, elas se vão da nossa vida para sempre! – balançou a cabeça e continuou a divagar: – Eu trabalho com a morte diariamente, mas ainda não tinha plena realidade do que ela representa em nossas vidas! Hoje, só me pergunto: como suportar?...

# 3. O assassino da universidade

*Dois anos depois*.

– Senhor, encontraram outro corpo na universidade. Com esse, já é quatro o número de vítimas. O chefe de polícia solicitou nossa ajuda – disse um agente a Robert Turner.

O homem suspirou parecendo cansado e perguntou, ainda sentado em sua sala:

– Alguém já foi designado ao local?

– Sim. Duas equipes se dirigiram para lá.

Turner anuiu com um gesto afirmativo, depois fez outra pergunta:

– O Moore já chegou?

– Ainda não, senhor! – respondeu o agente.

– Quando chegar, diga-lhe que eu quero falar com ele sem falta.

– Sim, senhor! – tornou a responder, afastando-se ao perceber que o chefe havia terminado.

Robert levantou-se de sua confortável cadeira, caminhou até a janela, apanhou uma garrafa de água em um frigobar, depositou um pouco dentro de um copo e bebeu. Pensando no agente, questionou-se, preocupado:

– O que eu faço com John? O departamento já teve paciência demais com ele! Contudo, sei do seu potencial! Tenho que ter uma conversa

definitiva com ele ou não haverá outra forma de mantê-lo aqui.

Bebeu mais um pouco de água e voltou à sua cadeira. Havia acabado de se sentar, quando escutou baterem à porta; rapidamente deu permissão para que a pessoa entrasse.

John Moore adentrou na sala sério, com olheiras visíveis, parecendo bem mais velho do que os seus 35 anos. Com olhar sombrio, perguntou, circunspecto:

– O senhor quer falar comigo?

– Sim, John, sente-se, por favor! – solicitou Robert, percebendo que o agente exalava um forte cheiro de bebida. O agente atendeu prontamente ao seu pedido. Pousou seus frios olhos em seu superior e ficou em silêncio esperando.

Robert conferiu o relógio em sua mesa, eram quase 9 horas. Sabia que precisava ser direto, caso contrário, teria que atender ao pedido de seus superiores, que já não davam mais sinais de tolerância. Empurrou os óculos no rosto, coçou o nariz e sem preâmbulos, principiou:

– John, você sabe muito bem que sempre tive muita estima por você e muita admiração pela maneira sempre correta e dedicada com que atuou aqui no escritório. Reconheço que o que você passou não foi nada fácil e lamento mais ainda, não termos solucionado o crime até hoje. Todavia, a vida segue. Eu esperei e desejei que você se recuperasse do que aconteceu. Permiti que continuasse vindo para o escritório, mesmo quando meus superiores me orientaram a lhe dar férias, porque entendi que deveria ser

muito mais difícil para você permanecer em casa sozinho. Mantive você informado de tudo a respeito do crime e até permiti que ajudasse nas investigações. Todavia, não tenho tanta autoridade aqui –ele se calou e segurou uma caneta entre as mãos, como se buscasse as palavras certas para o que iria dizer. Bateu com a caneta na mesa e, olhando para o agente, informou:

– O diretor quer sua aposentadoria, John. Ele não acredita que você possa retomar suas atividades como antes. Você constantemente mostra sinais de violência, tornou-se antissocial, não conversa com seus colegas, não mantém mais proximidade com sua família, relaxa em suas atividades, está sempre cheirando a bebida, desprezou o tratamento psicológico e, o pior, deixou de acreditar no escritório. Você não é o único homem que perdeu alguém que amava. Todos os dias, muitas pessoas, perdem familiares, não é um privilégio exclusivo seu. Trabalhamos com isso, e o caso de Ellen não é o único que não foi solucionado, você sabe muito bem disso. Fazemos tudo que podemos, mas há coisas que fogem ao nosso controle. Não detemos o conhecimento de tudo. Somos falíveis.

John escutava as palavras de Robert sem muita emoção. Reconhecia que seu chefe vinha fazendo tudo o que podia desde o fatídico dia. Contudo, não conseguia explicar a ele o que vinha vivenciando desde o ocorrido. Uma revolta se apoderara dele e nada parecia ter mais valor. A instituição na qual tanto acreditava, não conseguira sequer traçar um perfil do maldito criminoso, que continuava solto e, provavelmente, fazendo novas vítimas.

Não conseguia olhar para seus colegas e perceber que eles sentiam piedade dele; não conseguia olhar mais para um criminoso sem ter vontade de matá-lo. A cada um que aprisionava, reconhecia a possibilidade de ter sido o causador de sua desgraça. Não suportava a comiseração de seus familiares, tratando-o como coitado o tempo todo. A única solução que encontrava era a solidão para suas misérias pessoais, bem como o álcool, como uma fuga dessa realidade tão funesta.

– Essa é a sua decisão final, senhor? – perguntou John, sério.

– *Minha*, não! É a decisão do escritório – respondeu Robert, surpreso com a aparente indiferença do agente.

Na verdade, o rapaz escondia a dor que sentia naquele momento. Sem coragem de pedir mais qualquer coisa para aquele bom homem, baixou a cabeça. Em seu olhar havia um sentimento difuso. Seu rosto se contraiu e, voltando-se para o chefe, perguntou:

– Quanto tempo ainda tenho aqui?

– Não sei ao certo. Ainda preciso providenciar toda a papelada. No momento, você está apenas de licença – respondeu o senhor, com tristeza.

– Acatarei o pedido do escritório, senhor! Agradeço a ajuda que sempre tentou me prestar. Ficarei esperando a minha baixa – disse John por fim, sem conseguir colocar para fora tudo o que se passava em seu íntimo. Por mais que tentasse, não conseguia conversar sobre os seus sentimentos, sobre o cárcere em que se mantinha. Recebia aquela notícia como mais uma

perda em sua vida. Levantou-se, pediu licença e saiu do jeito que entrara: impassível.

Robert Turner viu o agente se retirar e não teve mais forças para tentar algo. Na verdade, queria dar-lhe uma última chance, mas aquela atitude indiferente convencera-o de que o estimado agente estava mesmo acabado para aquela função. Apesar de tudo, admirava-o, sabendo que o jovem era dono de uma personalidade forte e determinada. Acreditava que a forma como John estava se comportando diante do que lhe ocorrera era reflexo da honestidade do agente para com seus próprios sentimentos; John simplesmente ainda não havia encontrado uma forma de superar a perda daquelas pessoas tão queridas que ele tanto amava. Turner encostou-se na cadeira, deu um suspiro profundo e lembrou-se de sua própria vida. Voltou-se para uma foto de sua esposa em cima da mesa e pensou alto:

– É, John, você não é o único a passar por problemas! Tanto é ruim perder quem se ama, como perder o amor de quem se amou um dia!

John retirou-se da sala do seu chefe derrotado. Acabara de perder a única coisa que ainda o mantinha conectado à própria vida. Entretanto, reconhecia que merecia o que estava passando, pois seu rendimento caíra a zero. Não conseguia pensar mais com clareza a respeito dos casos, perdera a paixão que sempre tivera em ser um agente da lei. Havia muito que o escritório não o designava para um caso, deixando-o na parte burocrática. Encontrava refúgio nas muitas garrafas de bebidas que o desligavam de sua própria realidade. Alguns familiares haviam tentado ajudá-lo,

aconselhando-o a procurar um especialista, porém todas as tentativas eram refutadas com veemência e, aos poucos, todos foram desistindo dele.

John entrou em um bar, encostou-se no balcão e pediu uma bebida. Bebeu a dose de uma só vez, já pedindo outra e mais outra. Minutos depois, Kayla e outro agente entraram no local e logo avistaram o amigo. A jovem aproximou-se de John sorrindo e cumprimentou-o:

– Olá, John! Como você está?

Ele fitou-a com indiferença, sem perceber que Kayla o observava de maneira especial. Então respondeu com sarcasmo:

– Muito bem, Kayla! Vendendo alegria!

– O que aconteceu? Parece que chupou limão Jonh! – exasperou-se com o jeito grosseiro do colega.

John sentiu vontade de abrir-se, falar de suas dores, dos seus males íntimos; entretanto, desistiu rapidamente. Voltou-se para o *barman* e pediu uma garrafa inteira. Pagou e retirou-se sem responder, deixando a colega desolada com aquela atitude indelicada.

***

Não muito longe dali, a doutora Angeline Lewis chegava para ministrar sua aula do mestrado em Ciências Econômicas em uma das universidades mais importantes da cidade. Ao estacionar seu Honda Civic prata, foi surpreendida por alguns alunos que se acercaram dela e disseram:

– Doutora, estávamos esperando pela senhora. Foi encontrado mais um corpo aqui. O FBI está no local e não haverá aula no departamento.

– Meu Deus, outro corpo? Sabem se é de homem ou de mulher? – perguntou a mulher, visivelmente abalada.

– De outra jovem. Não quiseram dizer o nome ainda. Estou morrendo de medo! Com certeza é um assassino em série – assegurou uma das jovens.

– Eu também acho, Dana. Aposto que desta vez vamos ser chamados para interrogatório, o corpo foi encontrado no banheiro do nosso departamento – replicou outra jovem.

– Bem, vou me informar sobre o retorno das atividades e ligo para vocês. Agora vão para casa e aproveitem o dia – respondeu a doutora dando o assunto por encerrado. Despediu-se e seguiu em direção à sua sala. No caminho, encontrou o diretor do departamento no pátio, e este lhe disse:

– Doutora Lewis, infelizmente não poderá ir até sua sala. O FBI interditou todo o prédio para averiguação. Acho que a senhora já soube do que aconteceu... – disse aquele senhor baixo, pele enrugada, cabelos grisalhos, tez rosada, pequenos olhos azuis e lábios finos, que, quando falava, mostrava leve irritação.

– Sim, infelizmente já soube. Lamentável o fato, senhor! Quando vamos retornar às aulas?

– Acredito que amanhã, não sei ao certo. Pedirei a Janet que envie uma notificação para todos assim que tiver essa resposta.

– Agradeço senhor! Qualquer coisa estou à disposição.

– Tudo bem. Mantenha o telefone sempre ligado, acho que seremos convocados para algum tipo de interrogatório. Eles pediram a lista completa de funcionários, alunos e professores.

– Claro senhor. Estarei em casa.

Angeline despediu-se preocupada. Sabia que sua vida iria ser devassada pelos agentes do FBI e seu coração disparou. Entrou em seu belo carro e seguiu direto para casa.

A doutora Angeline Lewis era uma bonita jovem de 28 anos, professora do mestrado do curso de Ciências Econômicas em uma das mais conceituadas universidades do país e consultora financeira de uma empresa contábil de renome no estado. Muito respeitada por todos à sua volta, dona de um temperamento calmo, mas firme, era querida pelos alunos, sendo cogitada para ser orientadora de vários. A jovem doutora era dona de uma aparência que não a deixava passar em um local sem ser notada: olhos verdes, cabelos longos e ondulados ruivo-claros, corpo muito bem distribuído no seu 1,75m de altura, , boca bem definida. Entretanto, a bela jovem procurava de todas as formas manter-se discreta, usando sempre roupas formais para amenizar os olhares que, sem querer, atraía.

Três semanas após a morte no departamento, a jovem voltava à sua vida normal, agradecendo a Deus o fato de não ter sido chamada para interrogatório. Pelo que ficara sabendo, o FBI já tinha algumas pistas do possível assassino. Todavia, não o havia ainda capturado. Era final de tarde,

Angeline estava de saída da empresa para a qual prestava consultoria, quando seu telefone tocou. Atendeu sem pressa:

– Alô!

– Doutora Lewis, é Dana. Terminei o meu trabalho. Será que a senhora poderia dar uma olhada nele ainda hoje? É que neste final de semana, eu pretendo viajar. É aniversário do meu pai... – explicou uma de suas alunas do outro lado da linha.

– Onde você está, Dana? – indagou Angeline, terminando de assinar uma papelada e entregando a uma moça que aguardava em silêncio.

– Estou aqui na universidade.

– Bem, estou de saída da empresa, posso passar por aí e nos encontraremos. Tudo bem para você?

– Está ótimo. Vou comer algo e encontrarei com a senhora na sua sala.

– Combinado, então. Até daqui a pouco – desligou em seguida. Arrumou sua bolsa, vestiu seu sobretudo, despediu-se da secretária e seguiu até o subsolo onde ficava o estacionamento da empresa. Ligou o som e seu carro foi inundado pela sinfonia de inverno de Vivaldi – das quatro estações, era a que mais gostava. Angeline, seguiu direto para a universidade. O trânsito estava carregado e somente mais de uma hora depois, ela chegou a seu destino. Já se fazia noite e Angeline seguiu direto para o seu departamento. Ao entrar no *hall* que dava para sua sala, perguntou à recepcionista cumprimentando-a:

– Boa-noite, Hillary! Você sabe me informar se uma jovem chamada Dana está na minha sala?

– Boa-noite, doutora! Não, senhora. Esteve aqui uma jovem, sim, esperou um pouco, mas informou que havia esquecido um casaco na sala de projeção e ainda não voltou. Esse material inclusive é dela... – respondeu a moça.

– Faz muito tempo? – inquiriu Angeline, preocupada.

– Pelo menos uns 30 minutos, doutora.

Angeline sentiu um estremecimento, fechou os olhos, enquanto um sentimento ruim atravessava seu corpo. Pensou um pouco e pediu, tentando se manter calma:

– Por favor, peça ao Sr. Baker que se dirija à sala de projeção. Eu vou na frente e o aguardo lá. Se por acaso a jovem voltar, peça que me ligue, imediatamente, que retornarei. Obrigada, Hillary.

A moça não desconfiou de nada, nem muito menos percebeu a apreensão em sua voz e consentiu cortesmente.

# 4. De volta ao começo

Angeline, ao avistar a sala de projeção, diminuiu o passo. Naquela hora, o local quase não tinha movimento, o silêncio era quase total. Com cuidado, a professora empurrou a porta que estava entreaberta e foi entrando devagar. Percebeu que havia apenas algumas luzes acesas e, imediatamente, acendeu as demais, tornando o local totalmente iluminado. Não viu ninguém. Seguiu em direção ao início da sala, fazendo uma inspeção de 360°. Com o coração quase saindo pela boca, viu um casaco no chão; empalideceu, torceu as mãos e teve o ímpeto de sair correndo. Todavia, uma força a prendia ao chão. Com a respiração falhando, caminhou até o casaco, baixou-se lentamente e, antes de segurá-lo entre as mãos, pensou: “Meu Deus, permita que eu não veja nada! Permita que ela esteja bem, por favor!”.

Vagarosamente, levou suas mãos ao casaco e segurou-o. Momentos depois do contato, Angeline concentrou-se e, como se adentrasse em um universo paralelo, visualizou tudo o que havia ocorrido com sua aluna: “Dana entrou na sala minutos antes. A jovem se encaminhou até o casaco que havia ficado em cima de uma das cadeiras, recolheu-o e, quando se virou para ir embora, viu um rapaz logo atrás dela. Assustou-se e tentou correr, mas o algoz alcançou-a rapidamente. A jovem tentou se desvencilhar

debatendo-se, o homem era mais forte e, com um movimento rápido, aplicou-lhe um golpe, desacordando-a. Depois colocou-a no ombro, cobriu-a com o pano que trazia consigo e saiu".

Angeline soltava o ar com dificuldade. Ainda assistindo à cena em sua mente, voltou-se e dirigiu-se até a porta, fazendo o trajeto que o criminoso havia feito e seguindo direto para o estacionamento. Percebeu que o rapaz colocara a jovem no banco de trás de um carro, olhando assustado para os lados e, não vendo ninguém, entrara no banco do motorista, saindo em disparada.

Angeline voltou a si. O conflito que sua mente experimentava era grande e doloroso. Levou as mãos ao coração e perguntou a si mesma em voz alta:

– Meu Deus, o que eu faço?

Segundos depois, o diretor do departamento encontrou a jovem doutora. Vendo-a transtornada, inquiriu, preocupado:

– Doutora Lewis, aconteceu alguma coisa?

Assustada, ela pousou os olhos no senhor e, sem medir as palavras, com medo de que algo pior acontecesse à sua aluna, disse, aflita:

– Senhor, Dana foi capturada por um homem. Meu Deus! Acho que ele é o assassino da universidade!

– O quê? A senhora viu algo? Com base em que está afirmando isso?

– Eu não posso dizer ao senhor neste momento, vou agora mesmo ao FBI. O tempo é nosso inimigo – sem dar mais explicação, abriu a bolsa,

retirou a chave do carro e saiu correndo.

Angeline sabia que não podia se omitir, era a vida de um ser humano que estava em jogo. Assim, mesmo sabendo que deveria revelar o que mais queria esconder, tinha consciência de que, se possuía aquela faculdade, certamente haveria uma razão. Longos minutos depois, estacionou em frente ao escritório central de investigação federal (FBI). Desceu rapidamente do carro e entrou no imponente prédio. Identificou-se na recepção, mostrando seus documentos:

– Por favor, sou a doutora Angeline Lewis. Gostaria de falar com o responsável presente.

– De que se trata, senhora? – perguntou um jovem de olhar firme.

– Uma denúncia a respeito de um assassino procurado aqui na cidade – respondeu Angeline, nervosa.

– Um momento, senhora.

Depois de consultar alguém pelo telefone, o rapaz voltou-se para Angeline e disse:

– A senhora faça o favor de dirigir-se àquela portaria; o diretor Robert Turner a está aguardando.

Angeline anuiu e seguiu em direção a uma nova portaria que dava acesso ao interior do escritório. Entregou sua bolsa a um policial, que analisou todo seu conteúdo, depois, passou por uma espécie de *scanner* onde detectaria a existência de qualquer coisa que a jovem pudesse estar portando ilegalmente. Depois de um exame minucioso, o policial devolveu-

lhe a bolsa e pediu que ela se dirigisse ao elevador. A doutora chegou rapidamente ao andar indicado. Como quase todos já haviam encerrado o trabalho do dia, Robert Turner, que ainda estava no escritório, resolveu ele mesmo falar com a jovem. Ao ver a bela mulher, não deixou de admirá-la. Refeito das impressões iniciais, apresentou-se e pediu a Angeline que o acompanhasse até a sala que era usada para interrogatórios. Uma vez acomodados, Turner questionou, sem preâmbulos:

– Senhora, qual a informação que tem para nós?

– É a respeito do assassino da universidade. Hoje ele levou mais uma garota. Uma aluna minha, Dana Evan. Eu sou a doutora Angeline Lewis, professora de mestrado da universidade – explicou nervosa.

O diretor ajeitou-se na cadeira e perguntou, intrigado:

– A senhora o viu? Por que não ligou imediatamente para nós?

– Senhor, é uma longa história. Só peço que, antes de mais nada, deem um alerta de busca para a placa de um carro e para o retrato falado desse homem, que posso descrever ao senhor – replicou Angeline, aflita.

– Senhora, eu tenho que confirmar a fonte dessas denúncias – respondeu Turner, confuso com a informação.

– O senhor sabe que, quanto mais tempo demorar, menos chance haverá de encontrarmos essa jovem com vida. Por favor, eu imploro! – pediu com lágrimas nos olhos.

Robert pensou um pouco. A longa experiência que possuía lhe atestava que não havia qualquer indício de que aquela mulher estivesse mentindo.

Estendeu-lhe, então, uma folha de papel e solicitou:

– Anote o modelo do carro, o número da placa, o nome completo da aluna da senhora, o número do telefone e o endereço dela, se a senhora souber.

Angeline fechou os olhos e segundos depois anotou os dados que sabia no papel, devolvendo-o a Robert. Ele segurou a folha entre as mãos, levantou-se e disse:

– Eu volto daqui a pouco. Por favor, aguarde! – e retirou-se da sala.

Angeline sabia que estava sendo observada por outros agentes numa sala que monitorava tudo que acontecia ali, e aguardou com impaciência. Robert entregou o papel com as anotações de Angeline a um agente e pediu:

– Deem um alerta para este carro e vejam de quem é. Tentem contatar essa jovem. Caso não consigam, façam uma busca neste endereço e mandem uma viatura até lá.

Em seguida, Robert dirigiu-se à sala de monitoramento e perguntou aos dois agentes que ali se encontravam: – O que vocês estão achando?

– Além de achá-la muito bonita – respondeu um deles –, eu não detectei sinais de mentira em sua fala. Vi que a doutora parece realmente aflita. Por outro lado, sabemos que as piores mentes são, na maioria das vezes, as mais inocentes.

Robert anuiu e disse, contundente:

– Vou voltar lá e entender essa história do começo. Fiquem atentos. Vou pedir para ela descrever o suposto assassino. Analisem também os arquivos

da universidade e vejam o que podem levantar a respeito dessa doutora.

– Sim, senhor!

Minutos depois, ele estava de volta à sala. Sentou-se em frente de Angeline, esquadrinhou-a e pediu:

– Doutora, eu já dei o alerta e quero agora que a senhora me descreva o homem com o máximo possível de detalhes. Depois quero que a senhora me informe a origem de sua denúncia.

Angeline anuiu, atendendo ao pedido do diretor . Seu peito se encheu de ar, soltou em seguida, fechou os olhos e, como se estivesse vendo tudo novamente, não apenas fez a descrição do bandido, como relatou todo o ocorrido, desde o telefonema da aluna, até a cena que visualizara através da faculdade que possuía. Depois abriu a bolsa, retirou o casaco de Dana e entregou-o a Robert.

Surpreso com o que escutara, ele fitou o casaco, ajeitou os óculos em seu rosto oleoso e indagou, ainda sem entender:

– Como a senhora viu tudo isso se só chegou ao local, depois do suposto rapto?

Ela baixou os olhos, torceu as mãos que estavam por debaixo da mesa, sobre suas pernas, depois fitou o diretor com os seus belos olhos verdes e, com cuidado, relatou:

– Desde muito pequena eu tenho uma faculdade descrita, por alguns estudiosos, como “psicometria”. Essa faculdade permite a quem a possui, uma estranha sensibilidade para ver determinadas coisas do presente, do

passado e até do futuro de algumas pessoas, quando em contato com algum objeto, dessa mesma pessoa. No caso de Dana, ao tocar esse casaco, pude ver toda a cena do seu rapto e do seu raptor.

Inquieto com a explicação e sem saber ao certo o que pensar, Robert continuou a questionar:

– A senhora disse que viu o que ocorreu a essa jovem através dessa faculdade que possui. Não consegue ver onde ela está agora?

– Não. Já houve casos em que eu consegui ver e descrever o local exato de algo ou de alguém perdido. Entretanto, neste caso, a visão termina até onde expus ao senhor.

– Entendo. Então a senhora já ajudou em outros casos?

– Sim. Em outra cidade onde morei, auxiliei a polícia em alguns casos.

– Interessante. Eu particularmente já escutei algo a respeito, mas nunca havia visto ninguém com essa faculdade. Qual a ligação que a senhora tem com essa jovem e por que não ligou para nós, preferindo vir aqui, pessoalmente?

– Sou apenas sua professora. Resolvi vir porque tinha que explicar como vi tudo. Achei que seu pessoal não iria levar a sério a minha ligação, a não ser que eu mentisse e dissesse que havia, de fato, visto tudo no momento em que estava ocorrendo – respondeu Angeline, supondo que Robert estivesse desconfiado dela.

– Bem, doutora Lewis, eu lamento informar, mas, por precaução, tenho que manter a senhora aqui por medida de segurança, até checarmos toda

essa história. A senhora é casada ou tem algum namorado?

– Não, senhor. Por que a pergunta?

– Porque a noite pode ser muito longa, então, sugiro que ligue para sua família avisando que pode demorar – explicou com certa satisfação ao saber que Angeline era solteira.

A jovem doutora concordou com um balançar de cabeça, sem, no entanto, responder. Pensou um pouco e, atendendo ao pedido, retirou seu celular da bolsa e fez uma ligação. O telefone chamou algumas vezes até ser atendido:

– Alô!

– Vó, sou eu! Estou ligando para dizer à senhora que não me espere para o jantar. Estou resolvendo um problema e posso demorar.

A voz do outro lado da linha perguntou, preocupada:

– Está tudo bem? Onde você está, minha filha?

Angeline, sem querer preocupar a senhora, respondeu, solícita:

– Claro que está tudo bem! Estou resolvendo alguns problemas com uma aluna. Assim que acertar tudo por aqui, irei para casa. Não se preocupe vó. Agora preciso desligar. Beijo! – desligou em seguida.

Robert examinava a jovem doutora e não deixava de admirá-la, sentindo-se curiosamente atraído por ela. Sabia que não precisaria mantê-la no escritório, todavia queria descobrir mais coisas sobre ela. Angeline, por sua vez, sentia-se desconfortável com o olhar do homem. Percebendo que estava sendo examinada, perguntou-lhe, impassível:

– O senhor deseja me perguntar mais alguma coisa?

Sem demonstrar qualquer alteração, ele respondeu:

– Na verdade, sim. A senhora me disse que tinha esse poder...

– *Faculdade* – corrigiu imediatamente.

– Faculdade, perdão, e que ajudava a polícia. O que a fez interromper essa ajuda?

Angeline sabia aonde aquele homem queria chegar e respondeu com sinceridade:

– Eu ajudei em alguns casos; um deles, em particular, envolvia o filho de uma personalidade ilustre e rica da cidade. Eu não sei como meu nome vazou, já que havia sido uma exigência minha para ajudar, que o meu nome jamais fosse mencionado. Tudo era feito muito escondido. Eu ia sempre aos locais de madrugada, apenas com o chefe de homicídios e um policial. Contudo, depois desse caso, recebi várias ameaças e, pensando em minha avó que mora comigo, resolvi me mudar e mudar também a maneira de ajudar.

Robert recebeu um chamado de outro agente no ponto que mantinha no ouvido, sem ser notado. Escutou todo o relato da doutora, pensou um pouco e, sem demonstrar qualquer reação, pediu licença e saiu da sala, voltando instantes depois com uma papelada na mão e um saco, onde coletou o casaco da jovem como evidência. Sentou-se novamente diante de Angeline, abriu uma pasta, observou seu conteúdo por alguns segundos e perguntou:

– A senhora tem dupla nacionalidade, doutora?

Angeline observou que se tratava de informações sobre sua vida e, sem alterar-se, respondeu:

– Sim. Minha avó por parte de mãe é brasileira e meus pais moraram no Brasil por um tempo. Meu pai era o diretor de uma empresa americana no nordeste do país e eu nasci no Brasil. Todavia, com dois anos me mudei para cá.

– Entendo. A senhora fala o português?

– Sim. Eu trabalho também no Brasil. Sou professora convidada de uma grande universidade de lá. Ministro aulas, pelo menos, quatro meses ao ano aos alunos de doutorado.

– Então, sempre manteve contato com os parentes por parte de sua avó?

– Sempre. Volto ao país todos os anos durante as minhas férias. Gosto muito do Brasil.

– Um país muito violento, não acha?

– Sim, é verdade, porém, isso nunca foi empecilho para meu trabalho, nem para o meu carinho.

– Seus pais, doutora... Aqui está dizendo que eles morreram quando a senhora ainda era muito pequena...

– Isso mesmo. Eu tinha dez anos de idade. Eles morreram em um acidente de avião. Meus avós criaram a mim e a meu irmão.

O homem, não satisfeito, continuou a sabatina:

– Deve ter sido difícil...

– Bastante, senhor! Eu não desejo a ninguém o que passei, mesmo recebendo muito amor dos meus avós.

– Como sua família reagiu a essa sua faculdade?

– No início foi muito difícil para eles também. Entretanto, minha avó era de uma família espírita. Quando morava no Brasil, até conhecer meu avô, ela frequentava um centro espírita, e foi com os poucos conhecimentos que tinha, que começamos a estudar mais e a entender essa faculdade.

– Quando surgiu essa faculdade?

– O primeiro evento de que me recordo ocorreu quando eu tinha 12 anos. Minha avó me disse que, desde muita pequena, eu falava e via pessoas que já haviam morrido.

– A senhora poderia me descrever o que realmente consegue fazer através dessa faculdade?

Angeline soltou uma lufada de ar, hesitou, mas, por fim, respondeu, reconhecendo ceticismo em sua pergunta:

– Na verdade, eu tenho vários tipos de faculdades além dessa. Eu posso, em alguns casos, ver pessoas que já morreram; às vezes sonho com pessoas que me fazem pedidos e todas com uma precisão espantosa. Ao olhar para algumas pessoas, consigo ver as energias circundantes, comumente chamadas de "aura". Escuto vozes que me passam determinadas informações e, ao entrar em contato com alguns objetos, sou capaz de descrever com riqueza de detalhes, informações sobre o dono desses objetos ou coisas parecidas.

# 5. Dana

Robert escutava o relato de Angeline, sem conseguir fazer um juízo de valor de tudo aquilo. Sabia que havia eventos paranormais, mas sempre considerara tudo muito fantasioso. Agora, olhando para aquela bela mulher, não enxergava nela qualquer traço de leviandade, ao contrário, parecia-lhe bastante séria e convicta do que falava. O homem levantou a sobrancelha por sobre seus óculos, numa atitude de surpresa e confessou:

– Doutora, eu confesso que já ouvi falar de coisas dessa natureza, mas não estou familiarizado com isso; portanto, peço que me perdoe se me mostro cético em relação a tudo. Sinceramente não tenho ainda, nenhum julgamento sobre esses fatos. No momento, só peço... – a porta da sala foi aberta e um agente o chamou, interrompendo sua fala. Ele pediu licença e retirou-se, levando consigo o casaco de Dana. Minutos depois, retornou, sentou-se novamente diante da jovem, permaneceu por alguns segundos olhando-a e por fim disse:

– Acabaram de me informar que a jovem Dana não foi encontrada. O celular da garota se acha no departamento em que a senhora ministra suas aulas.

Ela havia deixado com a recepcionista antes de seguir para a sala de projeção para pegar um casaco – possivelmente aquele que a senhora nos

entregou. Dois de seus amigos disseram que a última vez que a viram, ela disse que iria encontrar-se com a senhora.

Calou-se por um momento como se estivesse fazendo uma avaliação da situação, até prosseguir, intrigado:

– Nestes últimos dias, doutora, estivemos monitorando todo o campus. As características desse rapaz que a senhora descreveu, batem com as do nosso principal suspeito. As câmeras de segurança desse local onde relatou ter ocorrido o fato, estão danificadas. Presume-se que, ou ele já sabia do fato, ou foi ele mesmo que danificou-as.

– O que vocês irão fazer? – perguntou Angeline, aflita.

– Já emitimos um alerta para a placa que a senhora nos deu e estamos buscando ver quem é esse rapaz. Se ele tiver passagem pela polícia, ficará mais fácil, se não, irá demorar um pouco, mas é apenas uma questão de tempo – respondeu, sério.

Angeline fechou os olhos, sentindo seus pensamentos entrarem em choque com muito medo de ser tarde demais. Aflita, orou:

– Meu Deus, proteja essa jovem!

O homem observou-a, cordato, e, notando o seu estado, antecipou:

– Doutora, se encontrarmos essa jovem, ela lhe deverá a vida. No momento, a senhora está dispensada. Peço que não saia da cidade, e qualquer outra informação, por favor, me ligue – encerrou Robert, entregando-lhe um cartão.

Angeline segurou o cartão entre as mãos, levantou-se e, antes de se retirar, pediu:

– Senhor Turner, se vocês a encontrarem, por favor, me comuniquem.

– Faremos isso, doutora, prometo – finalizou.

***

Longe dali, John, em casa, bebia um copo atrás do outro, de mais uma garrafa que havia comprado no bar. Com a voz embaraçada, sentado no chão da cozinha, parecia falar com sua esposa morta:

– Ellen, eles devem estar me enviando a carta de dispensa. Vou me tornar um aposentado! Quem sabe não me junte o quanto antes a você e à nossa filha... – deu uma gargalhada demonstrando o quanto estava aturdido. Ficou sério de repente e, como se escutasse a mulher falando, respondeu: – Não, Ellen, não fique chateada, vou ter mais tempo para fazer nada. O nada que se tornou minha vida! Não se preocupe, eu não vou deixar de procurar aquele assassino, eu lhe prometi e vou cumprir. Só vou desistir quando morrer, mas, antes disso, eu mato aquele infeliz! – levou o copo à boca, colocando para dentro mais uma dose e foi repetindo esse gesto até a garrafa terminar. Completamente bêbado, levantou-se com muita dificuldade e, entre um tombo e outro, seguiu até seu quarto, caiu de bruços na cama e, sem ter forças para levantar-se, adormeceu.

O dia amanheceu cinzento, com o céu coberto por pesadas nuvens que cercavam toda a região. Angeline havia dormido muito pouco, acordando

muitas vezes assustada. Toda aquela história a fizera repensar sua vida e o porquê de sua faculdade. Sem conseguir mais dormir, levantou-se, colocou um moletom e, apesar do tempo fechado, foi correr, como fazia todas as manhãs. Ao voltar para casa, uma hora depois, viu ao longe um Suburban preto que reconheceu ser do FBI, seu coração começou a bater mais forte. Apressou o passo e, ao chegar, viu Robert Turner e outro agente, conversando com sua avó. Aproximou-se e cumprimentou-os:

– Bom-dia!

Os homens voltaram-se para a bela jovem e responderam em uníssono:

– Bom-dia!

Robert fitou-a ansioso, mostrando nos olhos o prazer que sentia por estar em sua presença, novamente. Educadamente, pediu:

– Doutora Lewis, poderia conversar um minutinho com a senhora?

– Claro! Por favor, vamos entrar... – respondeu a jovem fazendo um gesto para que os homens adentrassem na confortável casa. Lançou um olhar para sua avó, que parecia assustada, e antes que esta lhe fizesse alguma pergunta, acalmou-a:

– Está tudo bem, vó! Depois lhe explicarei tudo... – a senhora anuiu com um gesto de cabeça e entrou com a neta, encaminhando os dois agentes à sala de visitas.

Joana, a vó de Angeline, era uma simpática senhora sexagenária de cabelos grisalhos, sempre presos em um coque, rosto afilado denotando ainda certa beleza, baixa, olhos castanho-claros, contrastando com o tom

levemente moreno de sua pele. Era muito conservada, aparentando ter bem menos idade do que verdadeiramente possuía. Calma, dona de um temperamento doce, vivia em função da neta, de suas plantas e do trabalho social que realizava com a ajuda de Angeline e de outros membros.

Robert varreu o local rapidamente com o seu olhar, e não deixou de admirar a bela casa. Já acomodado, voltou-se para e disse, com cautela:

– Doutora, encontramos o jovem e o carro. Ele é um aluno da universidade e não tem antecedentes criminais. Entretanto, não encontramos a garota. O rapaz afirma que na ocasião estava no campus e que nada tem a ver com o ocorrido. Como eu havia explicado para a senhora, as câmeras do seu departamento estão sem funcionar. Vimos por outras câmeras o carro saindo do campus, no horário exato, relatado pela senhora, mas, não foi possível identificar quem o dirigia, nem se havia outra pessoa em seu interior.

Angeline ficou olhando para ele pasmada. Angustiada, sugeriu:

– Mas o carro pode ter alguma pista...

– Ele está sendo vistoriado. Acreditamos que certamente, encontraremos algo. Contudo, vim até aqui para lhe fazer um pedido. A senhora me relatou que, se tiver um contato com algum objeto, consegue ver determinadas coisas... – silenciou, estudando as palavras, depois continuou: – Quero pedir que nos acompanhe até o pátio onde o carro está sendo vistoriado. Quem sabe a senhora possa nos oferecer alguma informação sobre o paradeiro de sua aluna mais rapidamente. Revistamos a casa do rapaz e, infelizmente,

nada foi encontrado. Informo ainda que isso não é oficial, se é que me entende...

Angeline estreitou os olhos estranhando o pedido. Ela sabia muito bem que sua faculdade não poderia ser levada em conta em um depoimento e que o FBI trabalhava com provas concretas, mas não recuou. O seu consciente gritava para ajudar sua aluna. A jovem doutora não desconfiava, mas, na verdade, o diretor Robert Turner estava querendo colocar em teste a sua faculdade, pois, numa perícia preliminar, haviam sido encontrados indícios de que o jovem poderia mesmo ser o assassino da universidade.

Momentos depois, Angeline, devidamente banhada e trocada, chegava, acompanhada de Robert, ao local onde se encontrava o carro do acusado. A pedido do diretor, ela vestiu um macacão de um material especial e calçou luvas, evitando, assim, deixar impressões ou comprometer evidências. Depois, seguiu até o carro, suspirou, como se aquele gesto pudesse acalmá-la, compreendendo a sua responsabilidade naquele momento. Sentou-se no local do motorista e tocou na direção do carro. Fechou os olhos, fez uma prece e, em segundos, se projetou, como num filme, passando a acompanhar, como se estivesse na cena com o jovem, todo o percurso feito pelo carro, até chegar a determinado local. Viu com clareza que o automóvel parou em frente a uma velha casa e pôde, inclusive, identificar o número. Assustada, observou sua aluna, ainda desacordada, no banco de trás. Mais adiante, ao ver uma caixa de correio, leu o número da caixa postal, memorizando-a.

Afastados, o diretor e outro agente acompanhavam curiosos todos os seus movimentos. Cada um com sentimentos próprios em relação ao que assistiam. Robert, desde que escutara todo o relato da doutora, fizera uma investigação rápida sobre tudo o que a jovem dissera. Com um telefonema, conversara com o chefe da Delegacia de Homicídios da cidade onde Angeline havia morado e confirmara toda a história. Reconhecendo, então, aquilo como algo extraordinário, decidira submeter a jovem a vários testes, que realizaria sem que ela percebesse, pois vislumbrara algo para o futuro. Ansioso, viu Angeline sair do carro e dirigir-se aos dois homens. Ao chegar, ela olhou séria para Robert e pediu:

– Um papel e uma caneta, por favor – assim que foi atendida, ela anotou o número da caixa postal e entregou o papel de volta a Robert, sem dizer nada.

Robert recebeu o papel, leu o que Angeline anotara, passou para o outro agente e pediu imediatamente:

– Verifique o endereço. Convoque mais duas equipes e vamos até o local.

Percebendo que a jovem parecia estranha, o diretor perguntou intrigado:

– A senhora viu alguma coisa?

– Sim. Ele a levou para essa casa, que parece ficar em um local bem afastado. Deixou-a lá, e acredito que ela ainda esteja viva...

Não passou despercebido a Robert a firmeza com que Angeline dissera essas palavras. Ansioso para checar a informação, pediu:

– Doutora, eu tenho que ir agora, peço que fique com o telefone ligado.

Antes que ele se retirasse, Angeline solicitou, convicta:

– Senhor Turner, eu queria ir junto.

Ele olhou-a surpreso e, apesar de sentir vontade de continuar em sua companhia, negou-lhe o pedido:

– Eu lamento, doutora, mas esse é um pedido ao qual não posso atender.

– Claro que pode! Eu poderei indicar o melhor local para o senhor. E não haverá perigo, uma vez que ele está detido – insistiu a jovem, sem se dar por vencida.

Robert reconheceu a força daquele argumento e deixou-se vencer facilmente, sentindo cada vez mais atração por aquela exótica mulher de estranhos poderes. Respirou fundo, começou a andar e, fazendo um gesto para que ela o acompanhasse, disse:

– Muito bem, agora faça tudo que lhe for solicitado. Coloque todos os equipamentos de proteção e se mantenha afastada, a não ser que lhe seja permitida a entrada.

Ela anuiu, compreensiva. Minutos depois, estavam todos reunidos. Robert olhou para os agentes e explicou, sério:

– Vamos averiguar um possível cativeiro. Já temos um mandado amplo a respeito desse infeliz. Se acertarmos, ele não poderá escapar. Para quem não conhece, esta é a doutora Lewis. Ela está colaborando com a investigação e nos acompanhará. Vistam-na com o equipamento de segurança, eu já lhe dei as diretrizes necessárias – encerrou diante do

espanto de seus subordinados, incluindo Kayla, que fazia parte da comitiva. Todos se entreolharam, surpresos com a atitude do competente diretor. Perguntavam-se por que ele estaria junto, já que, não precisaria acompanhá-los e muito menos, permitir que aquela mulher seguisse com eles. Apesar das dúvidas, entraram em seus carros e, sem mais questionamentos, partiram na direção indicada.

Longos minutos após, com a orientação de Angeline, os carros pararam diante de uma velha casa escondida no meio da mata. A residência parecia ter saído de um conto macabro; árvores secas em volta, muita sujeira, o barulho das aves que pareciam gritar, anunciando mau agouro. A casa estava fechada por uma grade e por cadeados na porta da frente e nas janelas, deixando notório que, quem quer que fosse o dono, não queria que ninguém entrasse no local ou dele saísse. Robert se manteve no carro com outro agente próximo a Angeline. Alguns agentes, comunicando-se apenas por gestos, rodearam a casa, dando uma geral no local por fora. Depois, dois deles subiram alguns degraus que davam acesso à varanda e à porta da frente da casa. Postaram-se na lateral da porta, bateram e aguardaram.

Segundos depois, um gemido vindo do lado de dentro foi escutado por eles. O agente novamente bateu à porta e novos gemidos foram escutados, dessa vez, com mais ênfase. Um agente olhou para o outro e deu um sinal de positivo. Com um instrumento que parecia um alicate gigante, estourou o cadeado com facilidade, abriu a grade de ferro e, com o pé, arrebentou a

porta. Apontando uma potente arma, os agentes adentraram no local com cuidado, identificando-se. Minutos depois, um deles saiu e gritou:

– Positivo! O local está limpo!

Um a um, os agentes foram entrando e se depararam com um cenário de terror. Uma jovem amarrada e amordaçada, em cima de um colchão velho, se debatia aflita e, ao mesmo tempo, aliviada por reconhecer a ajuda. Na casa havia poucos móveis, porém, muitos instrumentos de tortura dos mais variados tipos. Kayla se aproximou da jovem e, com cuidado, desamarrou-a. Dana, chorando copiosamente, olhava para a agente como se ela lhe devolvesse a própria vida.

Do lado de fora, Robert fitou Angeline e, com um ar de satisfação, informou:

– É, doutora, a senhora acaba de acertar mais uma. Parabéns!

Angeline fitou-o com as lágrimas saltando dos seus belos olhos verdes. Seus lábios conseguiram exprimir um pouco da emoção que sentia, quando conseguiu dizer:

– Eu nunca duvidei, senhor!

Ele contemplou-a com admiração, depois disse:

– Eu vou até lá. A senhora permaneça no carro – saiu sem esperar resposta.

Angeline estampava em sua mente sensações controversas: felicidade por ter ajudado e, ao mesmo tempo, tristeza, ao constatar que havia pessoas tão más a ponto de fazer algo daquela natureza. Cerrou os olhos e

agradeceu a Deus intimamente, por ter chegado a tempo, porque nem sempre era assim...

Horas depois, na sala de interrogatório do departamento, um agente interrogava o criminoso, buscando respostas para tamanhas atrocidades:

– Não adianta mais negar. Encontramos a jovem em uma casa afastada da cidade que está em nome de seu avô. Encontramos também os corpos das demais jovens que você matou. Você acreditou que nós não iríamos encontrar nenhuma prova contra você?

O criminoso olhava para o agente por cima dos óculos escuros que usava, demonstrando uma frieza impressionante. Um sorriso irônico despontou de seus lábios e, sem nenhum embaraço, respondeu, jocoso, admitindo os crimes:

– Eu tenho que admitir que vocês são melhores do que eu supunha! Sim. Eu achava que vocês não encontrariam nenhuma prova contra mim.

– Pode nos dizer por que matou aquelas jovens?

Com um ar debochado, ele encarou o agente e perguntou, sarcástico:

– Você quer que eu responda que fui maltratado na infância, que minha mãe ou meu pai abusou de mim ou algo parecido?

– Não. Quero apenas a verdade! – vociferou o o agente.

– Simples. Prazer! O prazer de ver o medo nos olhos delas implorando por suas vidas. Naquele momento você é Deus! Afinal, o que é a vida? Uma simples passagem para o paraíso, não é isso o que a Bíblia diz? Eu controlava essa passagem durante algumas horas...

O marginal sorriu e continuou, ensandecido:

– É uma sensação de poder maravilhosa! Deve ser assim que Deus se sente todos os dias, milhares de vezes, pois morrem milhares de filhos seus... – Ele falava com voz sombria, demonstrando o quanto sua mente se encontrava perturbada, parecia que o fato de estar ali, podendo falar de seus macabros sentimentos em relação aos crimes que cometia, fazia dele uma pessoa muito importante. Seus olhos perversos miraram o agente e ele prosseguiu: – Deus é uma bobagem inventada pelo homem para justificar suas faltas. Por que Ele não protegeu aquelas moças? O que elas fizeram para merecer morrer?

– Isso é você que tem que responder: Por que acha que Deus não as protegia?

– Porque essa conversa de Deus serve somente para tentar nos colocar medo, para que não possamos realizar os nossos desejos. Deus serve às conveniências humanas.

– Como escolhia suas vítimas e por quê? – mudou bruscamente de assunto o agente, tentando entender a cabeça doente do bandido.

– Não tinha um padrão. Foi apenas a facilidade que encontrei. Mulheres são carentes e gostam de quem lhes dê atenção, então, foi fácil me aproximar e envolvê-las, embora... – calou-se como se estivesse lembrando de algo e permaneceu assim por alguns segundos, até que o agente o instigasse a continuar. Sua postura era a mesma, mas seu rosto assumira um ar diferente; seus olhos reluziam um estranho brilho perverso quando

prosseguiu: – Teve uma que não consegui e isso me frustrou. Essa última foi no lugar dela.

– Por que não conseguiu? Quem era?

– Ela é diferente... me olhava como se tivesse pena de mim. Nunca nenhuma mulher conseguiu resistir aos meus encantos. Sei muito bem que sou considerado pelo padrão da sociedade um homem bonito, charmoso e inteligente. Aproximava-me delas para ensinar, só que essa nunca me deu bola e não poderia chegar com o pretexto de ensiná-la, já que sabia mais que eu e... – ele foi interrompido pelo agente, que indagou, surpreso:

– Era uma professora? Era sua professora?!

– A mais bonita de todas! – confirmou ele com cupidez. Mordeu os lábios e, demonstrando certa apreensão, continuou: – Por três vezes tentei.

– Por que não conseguiu?

– Ela tinha um guarda-costas. O estranho é que ele aparecia apenas quando ela estava sozinha. Ele era grande, usava sempre uma roupa verde parecendo de hospital e, mesmo eu me escondendo, ele me via. Olhava-me de um jeito estranho – disse com um olhar perdido no vazio.

– Você sentiu medo? – indagou o agente.

O criminoso voltou-se e respondeu, indolente:

– Medo, não, respeito. E quando eu chegava em casa, me arrependia de não ter tentado. Seria meu maior troféu! Então caçava outras e a mais fácil era a da vez.

– Quem era essa professora, qual o nome dela?

– A doutora Angeline Lewis – deu um sorriso de canto de boca e silenciou. Dentro da cabine de monitoramento, Robert deu um pulo da cadeira e disse, pensando rápido, ao agente pelo ponto:

– Pergunte mais sobre esse homem que a protegia.

– Você poderia me falar mais a respeito desse guarda-costas?

– Eu não sei, às vezes penso que ele não era humano.

– Por quê?

– Porque parecia enxergar os meus pensamentos. O olhar dele me dizia: não venha, você não tocará nela! Ele só aparecia quando a doutora estava sozinha – voltou-se para o agente e discorreu: – Na última tentativa que fiz para raptá-la, ela estava na sala de projeção, sozinha, arrumando suas coisas para ir embora. Então me escondi, observando-a sem que ela percebesse. Voltei-me um segundo para o lado para ver se vinha vindo alguém e, quando tornei a olhar para ela, lá estava ele olhando para mim.

– Ele via você escondido? – interrogou, surpreso, o agente.

– Acho que sim, pois olhava direto na minha direção. Não sei explicar. Esperei que ela subisse, só que, sem uma explicação lógica, ela foi embora pela porta dos fundos.

– Essa última moça morta... Por que a deixou no banheiro?

– Tive que matá-la ali mesmo. Deu muito trabalho!

– Você abusava sexualmente delas?

– Não. Meus desejos eram outros. Gostava de vê-las implorar pela vida, de sentir o quanto elas me pertenciam e de pensar que, apenas por minha

vontade, eu poderia dar-lhes a vida ou silenciá-las para sempre.

Robert resolveu pôr um ponto final e encerrou o interrogatório. Subiu até sua sala refletindo: “Se alguém me contasse, eu não acreditaria! Por outro lado, fico me perguntando: como um jovem inteligente, bonito, com tudo de bom à sua volta, escolhe algo tão tenebroso? Como a mente humana está longe de ser compreendida... E imaginar que outros psicopatas estão soltos e que pode ser qualquer um... Não consigo me acostumar com esses casos!”. Seus pensamentos se voltaram para a bela doutora e pensou em voz alta:

– Tenho que conhecer muito mais dessa jovem! – deu um sorriso olhando para o horizonte de seus pensamentos.

# 6. Outra oportunidade

O caso foi comemorado por todo o departamento. A pedido do diretor, ninguém fez qualquer comentário a respeito da ajuda que haviam tido. Entretanto, Robert já tinha outros planos para a doutora. Iria dar um jeito de trazer aquela jovem para trabalhar no escritório. Primeiro faria outros testes, depois apresentaria um pedido ao seu superior. Na sua mente já constava o próximo passo...

Uma semana depois, Angeline voltava à sua normalidade. Tinha chegado havia pouco para almoçar em sua casa. Um cansaço estranho se apoderou da jovem doutora e ela resolveu deitar-se um pouco, já que, se sentir assim não era algo comum; normalmente ela dormia pouco e o sono não costumava lhe fazer falta. Não demorou muito e Angeline viu seu espírito se libertar parcialmente do seu corpo. Olhou para a cama e observou seu corpo descansando. Sem qualquer desconforto, já familiarizada com aquele fenômeno, olhou em volta e viu na janela uma luz que parecia mover-se. Ela caminhou, tentando aproximar-se, cada vez que tentava chegar, a luz se afastava como se quisesse levá-la a algum lugar. Sem pensar muito a respeito, Angeline seguiu a bonita luz. De repente, chegou a um parque da cidade que conhecia muito bem. Olhou em volta e viu crianças brincando, animais correndo, algumas mulheres conversando,

animadamente. Entretanto, algo em particular lhe chamou a atenção: uma linda menininha, sozinha, sentada em um dos bancos, parecia conversar com alguém invisível. Sem entender a razão, Angeline não conseguia tirar os olhos da bela criança, talvez porque, lembrasse um pouco ela mesma.

A doutora aproximou-se. Como se já a estivesse aguardando, a menina fitou-a, sorriu e perguntou feliz:

– É você que vai ajudar meu pai do coração?

Angeline olhou para a criança sem saber o que dizer, e, sem querer desapontá-la, respondeu-lhe com outra pergunta:

– Posso me sentar ao seu lado? Como você se chama?

– Claro! Meu nome é Eve – respondeu a menininha, cortês.

Angeline sentou-se ao lado da pequena, sorriu e continuou a perguntar:

– Quem é seu pai, Eve?

– O nome dele é John Moore. Ele está sofrendo muito! – respondeu com ar de tristeza.

– Por que ele sofre?

– Porque ele perdeu a mim e à minha mãe. Nós estamos mortas para os vivos! A tristeza dele se liga ao remorso de minha mãe e, sem querer, ela está prejudicando ele. Ela também não está nada bem. Já tentei ajudá-la, mas a sua vibração energética é muito densa. Ela sequer pode me ouvir.

Angeline estava surpresa com o modo como a menina falava. Ela tinha corpo de criança, porém falava como adulto. Sem entender como poderia ajudar, indagou curiosa:

– Eve, como posso ajudar seu pai?

– Me informaram que você podia ver, ouvir e se comunicar com quem já morreu para os vivos. Então, você pode ajudar meu pai. Lembre-se do nome dele: John Moore!

Eve levantou-se pulando do banco, olhou para trás e, como se visse alguém, arrematou: – Agora tenho que ir, chegou a minha hora. Por favor, não se esqueça do que lhe pedi, nem do nome dele. Tchau! – saiu sem dar tempo de mais alguma pergunta.

Em fração de segundos, Angeline se viu entrar no seu quarto e, como se tomasse um choque, acordou sobressaltada. Sentou-se na cama lembrando-se de tudo o que sonhara. Imediatamente, procurou na mesinha de cabeceira um papel e uma caneta. Levantou-se, correu até uma mesa e escreveu o nome que a criança falara. Instante depois, sua avó entrou no quarto e, vendo a neta acordada, disse:

– Ainda bem que já acordou. Aquele senhor da polícia está aqui. Ele quer falar com você.

– Da polícia? Eu não sei quem é, vó!

– Aquele que outro dia esteve aqui. Ele ligou mais cedo pedindo que eu a avisasse que viria, mas esqueci. Minha cabeça está cada dia pior, minha filha. Desculpe-me!

– Não tem problema, vó. Não é da polícia, é do FBI. Diga-lhe, por favor, que estarei pronta em instantes.

Sem mais uma palavra, a gentil senhora se retirou, deixando sua neta sozinha. Angeline franziu a sobrancelha e perguntou a si mesma:

– O que será que esse senhor ainda quer comigo? Bem, vou ter que conferir... – seguiu até o *closet*, escolheu uma roupa, colocando-a sobre uma bancada de mármore que havia no centro do cômodo. Depois seguiu para o banheiro que ficava ao lado. Rapidamente tomou uma ducha, arrumou-se e seguiu para a sala onde Robert e outro agente a aguardavam, tomando o café que, gentilmente, sua avó lhes oferecera.

À entrada da jovem, os dois levantaram-se imediatamente e cumprimentaram-na. Angeline respondeu ao cumprimento, pediu que os homens voltassem a se sentar e perguntou, curiosa:

– A que devo a honra, senhores?

Sem rodeios, Robert explicou:

– Vim novamente, doutora, solicitar a sua ajuda em um caso que, infelizmente, por falta de provas, ficou sem solução.

Percebendo que Angeline não havia feito menção de interrompê-lo, o diretor continuou:

– Há dois anos, uma mulher e sua filha foram raptadas e ambas morreram. Fizemos tudo o que estava a nosso alcance para apanhar o criminoso, porém, acreditamos se tratar de um profissional, pois não deixou uma pista sequer. Tudo foi muito bem pensado. Conhecendo a senhora e vendo a sua capacidade, pensei em pedir a sua ajuda. Quem sabe a senhora não possa enxergar o que não conseguimos até agora...

Angeline escutou tudo com bastante atenção e, sentindo novamente o peso da responsabilidade sobre seus ombros, declinou do pedido rapidamente:

– Senhor Turner, eu lamento, mas não posso me envolver mais com essas questões. Tenho uma vida, trabalho em uma empresa bem rígida, sou professora de uma das maiores universidade deste país. Como o senhor acredita que ficará minha vida se isso vier à tona? Eu já tentei, mas não deu certo. Lamento, infelizmente! Hoje me dedico a outros trabalhos, nos quais posso ajudar sem colocar a mim e à minha família em perigo.

Robert, sem se dar por vencido, continuou argumentando:

– Doutora, eu sei que é uma boa pessoa! Já soube que a senhora é responsável por uma ajuda filantrópica muito grande aqui no nosso país e também no Brasil. Logo, não acredito que vá deixar passar uma oportunidade de fazer o bem. Eu ainda não lhe disse algo muito importante... – respirou, olhou para o outro agente, depois se voltou para a jovem e revelou: – Essa mulher e essa criança eram a esposa e a filha, respectivamente, de um dos nossos melhores agentes e, por causa disso, esse homem está praticamente acabado, até a aposentadoria dele eu vou ter que pedir. Ele só tem 35 anos, doutora! A senhora hoje é uma esperança que tenho para, quem sabe, descobrir o que precisamos e solucionar esse caso devolvendo a vida desse rapaz.

Angeline olhava para os dois homens sem saber o que fazer. O outro agente, tentando ajudar o chefe, argumentou:

– Doutora, desde a tragédia, o John, o agente Moore, mudou muito. Hoje ele está se afundando na bebida...

A doutora escutou o nome e sentiu um sobressalto. Olhou para os dois e perguntou, surpresa:

– Qual o nome que o senhor falou?

– John Moore. Esse é o nome do agente. Por quê?

– Nada, pensei escutar outro nome – desconversou a mulher. Tentando refletir sem os olhares dos dois, levantou-se andando em volta da sala. Lembrou-se do sonho que tivera, dos olhos da criança ao falar de seu pai e de sua mãe. Imediatamente, identificou a história que a menina havia narrado com a que acabara de ouvir dos agentes. Voltou ao seu assento e respondeu:

– Tudo bem, eu aceito. Porém, antes quero pedir minhas férias e algumas licenças que estão acumuladas. Estou terminando o treinamento de um jovem que ficará em meu lugar na empresa e só estarei disponível daqui a uma semana. E, o principal: não quero me expor.

– Ótimo, doutora! Terá total discrição – disse Robert levantando-se, satisfeito com o resultado da conversa. Estendeu a mão à jovem e rematou: – Estarei aguardando a senhora, ansiosamente, para que possamos iniciar mais esse trabalho. Agradeço a cooperação.

Uma semana depois, como dissera a Robert, Angeline o procurou no departamento, sendo atendida com toda a simpatia pelo diretor. Robert sentiu uma felicidade estranha ao reencontrar a bela jovem. Não podia

negar a si mesmo que sentia uma forte atração pela moça, todavia lutava para não demonstrar esse sentimento. Levou a jovem a uma sala e apresentou-lhe partes do caso. Angeline escutou tudo com bastante atenção. Depois, sob os olhares curiosos dos poucos agentes que sabiam do seu estranho "poder", segurou entre as mãos, uma pequena boneca de pano, que a criança levava consigo no dia em que morrera. Fechou os olhos por alguns minutos, depois tornou a abri-los, visivelmente emocionada por reconhecer a mesma menininha do seu sonho, e relatou:

– Trata-se de uma criança de três anos de idade, branca, olhos azuis, cabelos loiros. Era uma menininha muito alegre, porém estava doente e seu coraçãozinho não suportou. Morreu de causas naturais... – a doutora olhou para os três agentes que escutavam o relato e explicou séria: – O objeto está impregnado de boas lembranças, eu só posso informar o que fica retido da impressão central. É como se fosse um GPS: ele me leva para a direção que está indicada. Infelizmente, eu não vejo nada que possa ajudá-los.

Eles entreolharam-se impressionados pela descrição física de Eve e pela causa da morte, já que, não fora mencionado nada a respeito para Angeline. Kayla, que antipatizara com a jovem professora, perguntou, perplexa:

– Com isso a senhora está nos informando que Eve não viu o criminoso, pois morreu antes do ocorrido?

– Certamente.

Robert, satisfeito com as informações corretas da doutora, deu continuidade ao plano e entregou a Angeline uma pulseira que, embora

tivesse sido encontrada dentro do carro de Ellen, não fora reconhecida por John como sendo de sua esposa. Angeline recebeu o objeto, concentrou-se novamente e, minutos depois, relatou:

– Este objeto pertenceu a uma mulher jovem, branca, loira, cabelos curtos, olhos verdes. Este objeto foi um presente. Vejo um homem alto, branco, calvo, olhos claros, porte altivo, porém é uma imagem turva. Parece que ela lutava contra algum sentimento, não sei ao certo informar. Infelizmente só vejo isso.

– Será que esse não é o assassino?

– Não. Certamente não.

Os agentes entreolharam-se, perplexos. Quando, na época, John não reconhecera a pulseira, não foi dada muita importância ao fato, pois não foi encontrado nada a partir dela. Agora, com aquela informação, uma nova pista se formara e surgira uma suspeita até então descartada: a possibilidade de Ellen ter tido um amante! Todos silenciaram com medo de expor os pensamentos que se formavam rapidamente.

Robert reconhecera o suposto homem de acordo com as características descritas pela jovem. Ajeitou os óculos no rosto, mania que tinha quando estava nervoso. Uma dúvida se formou em sua mente: ir adiante com aquilo ou não? Afinal, se a informação fosse verdadeira, seria uma bomba! Olhou para a jovem e não sabia o que fazer ou o que dizer.

Os agentes perceberam a agitação do chefe e entreolharam-se, prevendo algo muito maior do que supunham. Noah, o agente que acompanhava tudo,

olhou para Angeline e perguntou, tentando testar a jovem:

– Doutora, não me leve a mal, porém a senhora ainda não nos informou nada a respeito do crime propriamente dito. Será que a senhora não pode estar enganada?

Ela olhou para o agente e, sem parecer chateada com a desconfiança, respondeu, parecendo adivinhar seus pensamentos:

– Queria eu alguma vez poder ter errado algo em relação a alguém, até agora isso nunca aconteceu. Lamento que essa informação tenha gerado alguma contrariedade para esse rapaz que nem conheço! Quanto ao crime, queria algo que pudesse estar mais direcionado ao fato.

Com receio de aumentar mais as desconfianças dos demais em relação ao que fora dito, Robert teve uma ideia. Olhou para todos e revelou:

– O carro de Ellen! Desde o fato, John não se desfez dele, com esperança de encontrar alguma pista. Vamos até a casa dele. Ligue informando-o de que estou indo até lá.

Minutos depois, Robert, Kayla e Angeline chegavam à casa do agente John Moore. Robert e Kayla desceram sem Angeline, que ficou aguardando no carro até que eles explicassem ao agente a razão daquela visita. Minutos depois, Kayla, parecendo irritada, veio chamá-la. Angeline desceu do carro e seguiu por entre um pequeno e malcuidado jardim. Ao entrar, observou tratar-se de uma boa casa, apesar do cheiro forte de bebida que podia ser sentido logo à porta.

John, ao saber que seu chefe viria à sua casa, dera uma rápida arrumada em tudo, tomara um banho, acreditando ser algo referente ao trabalho. Porém, ao saber o motivo da visita, a princípio não quis colaborar, mas, dada a insistência de Robert, cedeu, a contragosto. Ao ver a jovem doutora adentrar na sua casa, observou-a detalhadamente, tendo que admitir o quanto a mulher era bonita, contudo, acreditando se tratar de uma charlatã, recebeu-a com indiferença.

Angeline, por sua vez, ao ver o agente, sentiu um forte estremecimento. Ela ficou olhando fixamente para John, lembrando-se do sonho que tivera com Eve e seus olhos encheram-se de lágrimas. Naquele momento, agradeceu a Deus por estar de óculos escuros. Aos poucos foi normalizando a respiração, o que não passou despercebido aos olhos sempre ágeis do agente Moore. Entretanto, o homem disfarçou e apresentou-se:

– Sou o agente John Moore, senhora. O senhor Turner me falou a que veio. Por favor, queira me acompanhar e vamos terminar logo com isto... – sem mais delongas, virou-se e seguiu em direção à garagem, sendo acompanhado por Robert e Angeline.

Kayla, chateada com a indiferença do agente, resolveu aguardar no carro pensando alto:

– Eu ainda vou conseguir o que quero, John!

# 7. Tormentos da alma

Na garagem, John abriu o carro da falecida esposa e, olhando para Angeline, disse, com certa ironia:

– O carro é todo seu, doutora.

Angeline sentiu a pontada de sarcasmo na voz dele. Sua postura calada e indiferente chegava a ser um pouco intimidadora. De qualquer forma, ela sustentou o olhar do agente, impassível, sem dizer uma só palavra. Em seguida entrou no carro, ocupando o lugar do motorista.

Fechou os olhos e imagens variadas lhe vieram à mente, permanecendo assim por alguns minutos. Uma enorme tristeza se apoderou dela. Abriu os olhos e viu ao seu lado, uma jovem mulher de aspecto enfermiço, chorando. Parecia atormentada pela angústia que lhe corroía a alma. Suja, com os cabelos desgrenhados, olhos esbugalhados. Angeline deduziu ser a esposa do agente e mentalmente perguntou:

– O que a aflige, minha irmã? Eu posso fazer algo para ajudá-la?

– Ninguém pode me ajudar! Eu sou culpada por tudo! Sou merecedora de tudo de ruim que me aconteceu! Como pude fazer algo dessa natureza com ele? Sou um monstro!

– Eu vim até aqui para ajudá-la a pedido de sua filha Eve.

A mulher olhou para Angeline, parou por um momento, como se recobrasse a lucidez, e o transtorno de suas feições se amenizou por alguns segundos. Depois, parecendo lutar contra aquele bom sentimento, retrucou:

– Minha filha é um anjo! Ela está no céu, lá eu não posso chegar! Eu sou um demônio! Aquele homem me matou porque mereci... – sem dizer mais nada, saiu correndo como louca.

Angeline suspirou, consternada, piscou, inquieta, voltando, então, a se concentrar, mesmo a contragosto. Instantes depois, segurou no volante do carro, fez uma prece silenciosa e, como se mergulhasse numa outra realidade, foi transportada, enxergando partes do que ocorrera no fatídico dia. Passados longos minutos, abriu os olhos, enxugou uma lágrima que descia por sua face e, devagar, desceu do carro.

Robert olhou-a e perguntou ansioso:

– Então, doutora, tem algo a nos dizer?

– Sim. Eu só gostaria de me sentar um pouco. Sinto-me cansada...

John acompanhava tudo com cara de poucos amigos. Convidou-a à cozinha, ofereceu-lhe uma cadeira e um copo de água, depois silenciou, aguardando o que ela tinha a dizer. Angeline sorveu alguns goles de água e finalmente relatou:

– Eu vi uma mulher jovem, com sua filha que estava doente. Percebendo que a menina passava muito mal, ela estacionou o carro a fim de lhe prestar socorro, todavia, não teve sucesso e a garotinha faleceu ali mesmo. Um homem forte, branco, alto, usando um boné, uma máscara cirúrgica e uma

roupa laranja se aproximou, oferecendo ajuda. A mulher, desnorteada, aceitou sem pensar muito. Mas ele não a ajudou. Ao contrário, ele se afastou sem que ela percebesse devido à dor que sentia ao ver a filha morta... – ela deu uma parada, suspirou, como se as lembranças do que vira lhe doessem, e concluiu: – Ele a enforcou com um fio.

Nesse momento Ellen adentrou na cozinha com expressão transtornada e gritou, olhando para Angeline, que a via com nitidez:

– Não diga a ele! Ele nunca irá me perdoar! – depois se voltou para o esposo e gritou, aproximando-se dele: – John, meu amor, eu sempre vou amar você!

A jovem doutora, sem saber ao certo o que aquela mulher estava dizendo, olhou-a, apoplética. Fechou os olhos, numa tentativa de varrer de sua mente aquela perturbadora visão. Notou, então, o ambiente mudar. Como se assistisse a um filme, observou Ellen conversando com o mesmo homem que, instantes antes, reconhecera no FBI e atestou ser o que a presenteara com a pulseira, encontrada no carro. Eles sorriam enquanto bebiam algo. Num dado momento, o homem se aproximou e beijou-a demoradamente. As cenas mudaram e Angeline assistiu a uma discussão do casal em que Ellen, desesperada, perguntava o que fazer e como iria contar para o esposo que estava grávida. A tela se fechou, tudo ocorrera em fração de segundos, tempo suficiente, porém, para que Angeline juntasse os fatos. Como se tivesse tomado um choque, ficou paralisada, sentindo uma angústia penetrar sua alma.

Alheio ao que se passava com a doutora, John olhou para Robert e perguntou, perplexo:

– Ela conhecia o caso, senhor? Ela pode ter descrito o suposto bandido?

– Não, John. Contei apenas o trivial, não dei detalhes, como, por exemplo, a maneira como Ellen morreu. É assustador, mas parece que temos um perfil do criminoso...

Robert olhou para a jovem e perguntou, sem saber o que se passava com ela:

– Doutora, a senhora consegue descrever o rosto desse homem?

Ela fitou-o, assustada, voltando à realidade. Não respondeu à pergunta. Voltou-se para John sentindo uma forte dor. Sem conseguir controlar as emoções, as lágrimas começaram a descer pelo seu rosto, traduzindo o conflito que vivia naquele momento. Contar ou não àquele homem o que sabia a respeito de sua esposa?

Robert, ao ver a jovem chorando, perguntou, preocupado:

– Doutora, está se sentindo bem?

Ela voltou-se para o diretor, engoliu o choro, enxugou as lágrimas e respondeu, envergonhada, levantando-se:

– Não, por favor, eu quero ir embora!

John se levantou também e, olhando para a mulher, disse sem hesitar:

– Não. Temos que investigar esse homem. Ele está solto. Se for mesmo verdade tudo isso que a senhora disse, temos que investigar com urgência.

Robert, percebendo que os dois estavam alterados, levantou-se e, buscando controlar os ânimos, ponderou:

– Calma! Vamos ter paciência! – mirou a jovem e interpelou-a com cuidado:

– Doutora, a senhora pode voltar comigo até o escritório e descrever esse homem para que possamos fazer um retrato falado e realizar uma busca?

Um gemido de angústia irrompeu de sua garganta. A essas palavras, os seus olhos imprimiram espanto, mas, reconhecendo a possibilidade de ir embora, olhou para Robert e respondeu, mais calma:

– Claro, senhor! Farei o possível. Agora, podemos ir?

John, sem conseguir controlar a ansiedade, respondeu:

– Eu irei também, senhor! Quero acompanhar tudo. Posso?

– Claro, John! Você nos segue.

Minutos depois, dirigiam-se ao escritório federal. No percurso, Robert, desconfiado, olhou para Angeline e perguntou:

– Doutora, a senhora viu mais alguma coisa, não foi?

O silêncio de seus pensamentos foi quebrado, ela voltou-se para ele e respondeu, com desalento:

– Sim. Infelizmente, a filha não era dele. A esposa de John tinha outro relacionamento.

Robert mal podia acreditar no que escutava, teve que fazer força para se manter calmo e não demonstrar o seu espanto:

– O quê? Eve não era filha de John? – inquiriu Kayla, estupefata.

Angeline se deu conta de que havia falado demais e, tentando consertar a situação, disse, preocupada:

– Pelo amor de Deus, ele não pode saber disso! Já sofreu demais! Se essa história vazar, eu não vou confirmar! Isso não é problema meu. Eu não deveria nem ter falado isso, foi um erro!

– Não se preocupe, doutora. Essa história não sairá daqui. Até porque, não sabemos se isso é verdade, não é, Kayla? – respondeu Robert, passando uma mensagem velada à agente e tentando tranquilizar a jovem, percebendo a aflição íntima que ela sentia.

– Claro, senhor! Isso é sério demais! Desculpe-me, doutora, mas acredito que a senhora passou do limite. Até suas visões deveriam ter éticas. Ellen sempre foi uma mulher séria! – proferiu a agente com crueldade.

Angeline recebeu uma forte impressão das energias ruins da agente e, sem pensar muito, disse, enérgica:

– Pare este carro agora!

Robert olhou para Kayla admoestando-a furioso e, tentando contornar a situação, pediu gentilmente a Angeline:

– Por favor, doutora, não se ofenda. Kayla não quis afrontá-la. É que essa situação está mexendo muito com todos nós...

– Senhor, eu não só vejo mortos como reconheço os sentimentos das pessoas. Portanto, pare este carro agora mesmo! – rebateu, firme.

Robert novamente fitou Kayla e ordenou, visivelmente irritado:

– Pare a droga deste carro, Kayla!

– Mas, senhor, eu só... – tentou ponderar a agente.

– Não discuta, faça o que lhe mandei! – rosnou o chefe.

A agente, exasperada, levou o carro para a marginal, estacionando-o. Angeline, sem dizer mais uma palavra, desceu do carro rapidamente sendo acompanhada por Robert, que tentava de algum modo, encontrar uma forma de resolver aquela situação.

John, que vinha logo atrás, também estacionou. Percebendo algo errado, desceu em seguida e questionou, preocupado:

– O que está acontecendo?

Antes de o chefe dizer algo, foi Angeline quem respondeu:

– Eu lamento tudo que está acontecendo, mas para mim hoje basta. Prometo amanhã ir ao departamento dizer tudo que vi. Agora, por favor, quero ir embora. Não se preocupem, pegarei um táxi.

Entretanto, John, ansioso com a possibilidade de encontrar o suposto assassino, segurou a jovem pelos ombros e pediu, nervoso:

– Não, senhora! Será que não vê a responsabilidade que tem? Esse criminoso está solto. Um dia pode custar a vida de outra pessoa. O que aconteceu para a senhora desistir? Por favor!

O silêncio caiu entre todos. A cor desaparecera do rosto de Angeline, que olhava para John sentindo piedade do rapaz. Baixou a cabeça, desvencilhou-se, respirou fundo pensando nos seus argumentos e deixou-se convencer. Disse, então, mais calma:

– Tudo bem, vamos acabar logo com isso! Eu vou de táxi, sigo logo atrás de vocês.

– Não, doutora. Por favor, siga com John! Eu quero ter uma conversa particular com a agente Kayla – propôs Robert, irritado com tudo que acontecia. Angeline consentiu e seguiu em silêncio até o carro.

John, sem entender, perguntou à doutora, dando partida no carro:

– Posso saber o que aconteceu?

– Não. Melhor não! – respondeu lacônica.

No outro carro, Robert vociferava com Kayla:

– Que esta tenha sido a última vez que você deixa opiniões pessoais interferir no seu trabalho. Sei que não gosta da jovem e até sei a razão, mas isso é um problema seu, Kayla! Eu preciso dessa jovem e é bom que se acostume com ela, pois ela virá trabalhar no escritório. Inveja, despeito, ciúmes são sentimentos que levam à ruína, principalmente, em se tratando de colegas de trabalho. Meu limite termina onde começa o do outro, e se você não é capaz de enxergar além, não culpe ninguém pela sua própria limitação. Essa jovem é um achado e temos que tomar muito cuidado com ela, pois, se algum inimigo nosso tomar conhecimento dessa capacidade extrassensorial que ela possui, pode ser uma arma contra nós mesmos e um perigo mortal para ela. Paranormais existem muitos neste país, mas jamais vi algo dessa natureza.

A agente escutava tudo com contrariedade, mesmo sabendo que o seu chefe poderia ter razão. Resolveu refletir em tudo que escutara.

No escritório, Angeline descreveu tudo que vira em relação ao fato. Mesmo sem ter visto o rosto encoberto pela máscara, ela descreveu características físicas e, o mais importante, uma tatuagem na mão esquerda do criminoso. John olhava para a jovem sem saber se confiava no que escutava, aproximou-se, então, de seu chefe e perguntou baixinho:

– O senhor acredita nessa jovem? Sei que existem paranormais, mas nunca vi isso!

Robert voltou-se para o agente e respondeu com outra pergunta:

– E por que não acreditar? Até agora não a vi errar nada!

– Espero que ela não erre desta vez. Agora pode haver uma chance de pegarmos esse bandido.

Antes de Robert responder, Angeline levantou-se e, olhando para os dois homens, disse:

– Isso é tudo. Agora tenho que ir embora. Quero me desculpar pelo transtorno que causei.

Eles levantaram-se rapidamente e Robert se pronunciou:

– Não, doutora, quem tem que se desculpar sou eu. Mais uma vez, agradeço a sua colaboração – estendeu a mão, cortês.

Angeline apertou a mão de Robert, apesar de tudo, estava contente por ter ajudado de alguma maneira, afinal, havia prometido isso à menininha. Antes de se retirar, o diretor informou-a:

– Um agente irá levá-la em casa – percebendo que não iria aceitar, reiterou rapidamente: – Faço questão, não adianta dizer não.

John, vendo uma oportunidade de conversar mais um pouco, voluntariou-se rapidamente:

– Eu posso levá-la, senhor?

Percebendo a intenção do agente de obter mais informações sobre o caso, o diretor relutou em atender de pronto ao pedido de John, com receio de que Angeline se sentisse pressionada e isso fosse comprometer, ainda mais, sua frágil relação com aquele trabalho. Voltou-se e questionou:

– Algum problema para a senhora se for o agente Moore a levá-la?

– Não. Nenhum problema – respondeu, dirigindo-se à porta.

# 8. O criminoso

Angeline entrou no carro com John. Quando ele deu partida, antevendo sua intenção, ela se antecipou, dizendo:

– Tudo o que vi, eu já disse lá dentro, não há mais nenhuma informação adicional.

– A senhora também lê mentes? – perguntou John, irônico.

– Não precisa ter "poderes" para isso. É apenas uma questão de lógica. Trabalho com números, sou o mais pragmática possível – rebateu Angeline.

– O que vem a ser um contrassenso, não acha? – retrucou ele.

– Não, não acho. A minha faculdade não tem nada de sobrenatural, ao contrário, estudo e encontro explicações lógicas e claras a respeito do que possuo – redarguiu.

John percebeu que ela estava chateada. Depois de longos minutos em silêncio, tentando amenizar o clima pesado que se formara, o agente tratou de abordar o assunto por um ângulo mais ameno, procurando demonstrar certa simpatia:

– Quando descobriu que tinha tal faculdade?

– Quando eu era criança – respondeu Angeline sucintamente.

Ele silenciou novamente, deu uma olhada rápida para ela e perguntou, tentando a qualquer custo manter uma conversa:

– Não quer falar a respeito?

– Sinceramente, não – respondeu, ríspida. Voltou-se para o agente percebendo que estava sendo grosseira e desculpou-se: – Não me leve a mal, estou cansada. Essas atividades exigem muito de mim. Às vezes é mais difícil do que eu imagino. Reviver certas cenas e descrevê-las é muito doloroso. Nem todos entendem isso.

John, muito orgulhoso, ficou contrariado por ter sido chamado atenção. Não disse mais nada. Virou na rua em que Angeline morava, auxiliado pelo GPS, parou o carro em frente à casa da jovem, fitou-a e, irônico, rebateu:

– Eu sei muito bem o que isso significa, senhora. Apesar de não ter "poderes", convivo com perdas. Como pode ver, não é só a senhora que tem essa responsabilidade. Não deveria deixar que essas situações mexessem tanto com a senhora.

Demonstrando contrariedade, Angeline devolveu na mesma moeda:

– Deveria empregar os seus conselhos em sua própria vida, senhor! – sem esperar resposta, desceu do carro, bateu a porta, depois se voltou para o agente pela janela do automóvel e arrematou: – Obrigada pela carona!

John, visivelmente irritado, deu partida no carro praguejando:

– Presunçosa! Antipática! Quem ela pensa que é? Deve se achar muito importante por ter tais poderes. Aliás, não sei nem se é verdade tudo que informou! Ainda bem que não vou ter que trabalhar com um tipo desse! De qualquer forma, irei averiguar todas as informações que ela passou.

Angeline entrou em casa aborrecida, lembrando-se da admoestação do homem que conhecera havia pouco.

– Era só o que me faltava! Espero que isso resolva tudo e que não precisem mais de mim!

– Conversando sozinha, minha filha? – perguntou sua avó, aparecendo na cozinha e observando o estado de espírito da neta.

– Ai, vó, e eu que pensei que estivesse melhorando... Hoje perdi toda a paciência duas vezes! – revelou sentando-se à mesa e colocando as mãos na cabeça.

– Não se cobre tanto, querida. Não esqueça que não é perfeita! Momentos assim vão acontecer sempre, só devemos procurar controlar as infantilidades geradas pelo nosso orgulho. Assim iremos amadurecer.

– Mas onde já se viu? Nem me conhece e se acha no direito de me dar conselho! Conselho é bom quando se pede, o contrário é abuso!

– Também acho, meu bem! Agora, que tal tomar um banho? Um banho cura tudo! A água tem esse poder. Depois você me conta melhor tudo que aconteceu... – explicou sua avó, percebendo o quanto a neta estava contrariada.

– A senhora tem razão, vou fazer isso mesmo – respondeu Angeline, seguindo até seu quarto. Adentrou no cômodo com os pensamentos no agente John Moore. Sentou-se na cama, recordando as visões da esposa do agente e uma pergunta surgiu em sua mente: “Quem será aquele homem e por que ela o traiu?”. Suspirou profundamente, admoestando-se:

– Isso não é de minha conta! Não posso e não devo trazer isso para minha casa. Cada um escolhe o caminho que quer seguir e não nos cabe julgar ou condenar, afinal cada um carrega sua verdade... Acho que a dor daquela mulher já é grande demais. Que Deus possa se apiedar de sua alma!

Enquanto isso, no departamento, Robert, sem dizer nada a ninguém, fazia algumas ligações. Sentado em sua cadeira com o olhar perdido no vazio, dizia a si mesmo:

– Essa mulher é fantástica! A informação sobre a paternidade de Eve era um segredo total. Apenas eu, o legista e o diretor-geral sabíamos disso. A doença de Eve era genética. John não tem a doença e foi constatado que Ellen também não tinha. Agora só tenho que me certificar de que Kayla não abrirá a boca em relação às suspeitas, pois não é interessante que alguém mais saiba e muito mesmo que identifique o tal amante. Mantive esse segredo todo esse tempo para o bem de todos, inclusive do próprio John.

Dois dias depois, John engoliu seu orgulho e pediu mais uma chance ao diretor, voltando ao trabalho, empenhado em encontrar qualquer pista relacionada ao que a jovem havia falado e esquecendo, momentaneamente, as bebedeiras constantes. O agente parecia que nascera de novo. Para sua surpresa, encontrou o que tanto procurava. Apesar de Angeline não haver traçado um perfil facial do assassino, devido à máscara que este usava no dia do crime, ela informara a respeito de uma tatuagem que ele possuía na mão esquerda, com base nisso, o agente procurou em um banco de dados do FBI e chegou a um irlandês que morava nos Estados Unidos havia pelo

menos 15 anos. O homem possuía também outras características que Angeline havia mencionado. John ligou imediatamente para a sala do chefe e disse de pronto:

– Senhor, encontrei!

Robert desligou e seguiu imediatamente para a sala de conferência, encontrando-se com o agente. O rapaz mostrou em uma tela, razoavelmente grande, um homem de aproximadamente 50 anos, loiro, olhos claros, alto, forte, que possuía na mão esquerda uma tatuagem, tudo exatamente como Angeline descrevera.

– Senhor, eu não sei se acredito em coincidências, porém isso é impressionante! – exclamou John, olhando para a foto do suposto suspeito.

– John, esse homem é irmão de um grande político da Irlanda, por isso está aqui em nosso país. Há suspeitas de que ele possa ter feito parte do Exército Republicano Irlandês, o IRA. Ele é engenheiro de uma alta empresa de energia eólica. Contudo, qual a motivação que ele teria para matar Ellen e atingir você? – indagou Robert, desconfiado.

John procurou pesar as palavras do chefe, mas, lembrando-se de um fato, disse:

– O senhor se lembra de um garoto irlandês de 16 anos, preso com drogas? Esse fato ocorreu logo que ingressei no FBI. Lembro ainda que ele tentou fugir e fez um policial de refém. Eu estava à frente do caso. Tentei de todas as formas negociar com o garoto, sem sucesso. Ele, numa atitude desesperada e com a arma do policial, atirou várias vezes, ferindo dois

policiais. A mim só restou matá-lo. Será que não há alguma ligação? Lembro-me de que, no dia do rapto, o criminoso me falou que queria que eu experimentasse o que era perder quem se ama.

Robert escutou com atenção e, achando lógica no raciocínio de John, respondeu:

– Vamos investigar. Peça que façam uma devassa em tudo o que diga respeito a esse Kaiden O'Kelly e a respeito desse garoto. Vamos ver se há alguma ligação entre os dois. Se houver algo, encontraremos! – antes de se retirar, olhou para o agente e confidenciou: – John, eu quero trazer essa jovem doutora para trabalhar aqui. Se isso for confirmado, essa mulher tem que ficar em nossa guarda para o bem do nosso país e o dela própria. Eu tenho muitos planos para ela.

– Não acho que ela irá aceitar – respondeu o agente, sério.

– Também acho que não, por isso tenho que bolar uma forma de trazê-la para nós – suspirou, caminhou até a porta, abriu-a, depois se voltou e arrematou: – Ela é tão boa, que devolveu o seu emprego. Você é outro homem! – saiu sem dar chance de John responder qualquer coisa. Todavia, entendeu o recado e não pôde deixar de sentir certa satisfação. Sorriu levemente e pensou alto:

– Nisso o senhor tem razão! Depois vou agradecê-la, mesmo entendendo que ela não fez mais do que sua obrigação, quem possui um dom assim tem que usá-lo para o bem.

Três dias depois, John voou junto com Kayla até Kansas, um dos estados produtores de energia eólica do país, onde morava o suposto criminoso. O agente fez questão de ir pessoalmente conversar com o homem. De posse de todas as informações, foi até o seu trabalho.

Kaiden estava no seu belo escritório, no vigésimo andar de um imponente prédio de 25 andares todo feito de esquadrias espelhadas. Sua secretária anunciou a chegada do agente federal. Surpreso, Kaiden autorizou a entrada de John. Levantou-se rapidamente, abriu uma gaveta, ligou um gravador, voltou para sua cadeira, sentou-se e, fazendo um ar de despreocupação, aguardou o agente adentrar na bela e espaçosa sala.

John, que já não bebia havia dias, voltava aos poucos à sua antiga forma. Atento a tudo, olhava todos os detalhes, até ficar diante do suposto criminoso. O agente retirou seus óculos escuros, fitando o homem à sua frente; o olhar de John trazia sombras escuras, marcas de um passado ainda recente. Mostrando sua credencial, o agente se apresentou:

– Senhor O'Kelly, sou John Moore, agente especial do FBI; esta é Kayla, minha parceira. Posso fazer algumas perguntas ao senhor?

– Do que se trata? – questionou Kaiden em pé, olhando para os dois e aparentando tranquilidade.

– Do rapto e do homicídio de Ellen e Eve Moore – esclareceu Kayla.

– Quem são essas pessoas? – interpelou o homem, encolhendo os ombros, surpreso.

John laçou um olhar firme na direção de Kaiden e perguntou, tentando desarticulá-lo:

– Podemos nos sentar, senhor?

– Por favor! – fez um gesto em direção a duas cadeiras e sentou-se em seguida.

John pediu a Kayla uma foto, depois colocou diante de Kaiden e interrogou:

– O senhor conhece esse rapaz?

O homem franziu a testa, pegou a foto entre as mãos e ficou olhando para ela com atenção. Segundos depois, depositou a foto novamente na mesa, seus lábios ameaçavam um meio sorriso satírico e ele respondeu, irônico:

– Sim. Esse é o meu sobrinho que os senhores assassinaram anos atrás.

– Senhor, esse jovem foi pego com drogas, resistiu à prisão, tomou um guarda como refém, feriu outros dois. Logo, não foi assassinato.

– O que meu sobrinho tem a ver com esse rapto do qual vocês falaram?

– Nada. Todavia, queremos saber onde o senhor estava no dia 22 de março, há dois anos – inquiriu John, olhando impassível para ele.

– Ora, que pergunta é essa? Como vou me lembrar disso? – protestou, fazendo ar de surpresa.

– Senhor O' Kelly , o senhor é um alto funcionário desta empresa, deve ter tudo agendado, até porque, esse dia era um dia normal de trabalho, logo, se consultar sua agenda, deverá saber e...

Antes que John pudesse continuar, o homem o interrompeu e, com uma voz aparentemente calma e bem articulada, rechaçou:

– Agente John Moore, eu sou suspeito desse crime? Isso é um absurdo!

– Ainda não oficialmente, mas temos indícios que podem ligá-lo a esse crime. Todavia, se o senhor colaborar, poderemos terminar isso rapidamente.

O homem levantou-se, altivo, e uma sombra de ódio cruzou seu olhar, quando rebateu:

– Eu não tenho por que responder nada ao senhor! Isso é um abuso de autoridade e a partir de agora o senhor deve procurar meu advogado, quando tiver algo de concreto contra mim. Por favor, queiram se retirar.

John fez um ar de reprovação, levantou-se, no que foi imitado por Kayla, lançou um olhar frio para o homem e, antes de sair, disse:

– Eu não me esqueci do que você me disse antes de matar minha mulher. Espero que esteja preparado, pois "o seu inferno acabou de começar". Eu sei que foi você e, como lhe prometi, vou cumprir. Aguarde! – colocou os óculos e saiu pisando firme no chão.

No carro, Kayla olhou estupefata para o colega e indagou, nervosa:

– Você enlouqueceu, John? Não poderia ter acusado o homem daquele jeito! E se ele resolver processar você ou o escritório por calúnia? Você não tem nenhuma prova! Meu Deus, isso subiu à sua cabeça!

– Ele não moverá uma palha, Kayla, porque foi ele! Assim que vi o seu olhar, eu soube! Ele não fará isso porque, se fizer, uma investigação muito

maior ocorrerá. O sobrinho dele estava na competência da CIA, por isso não o identificamos antes. Agora, de posse dessa informação, temos um motivo e só vou sossegar quando colocá-lo no devido lugar. Agora irei esperar ele dar o próximo passo – esclareceu, dando a partida no carro.

Kayla perguntou, interessada:

– O escritório não irá chamá-lo para esclarecimentos?

– Claro que sim. Estamos preparando provas que ele acredita que não temos e essa é nossa maior arma. Ele continua sentindo-se livre, então irá agir. Só que dessa vez estarei preparado esperando por ele... – a lembrança de Angeline povoou sua mente e, sem desconfiar da antipatia de Kayla para com a jovem, exclamou:

– Impressionante a faculdade daquela doutora! Tenho que agradecê-la!

Kayla fechou a cara ao ouvir as últimas palavras do colega e preferiu silenciar.

No escritório, Kaiden desligou o gravador, esfregou o queixo, intrigado, e indagou a si mesmo:

– Como ele encontrou provas? Tive todo o cuidado! Não pode ser! Maldito! Ele sabe que fui eu, mas ainda não deve ter provas! Droga! – nervoso, retirou um celular do bolso e fez uma ligação. O telefone chamou algumas vezes até ser atendido. No idioma irlandês, disse para quem estava do outro lado da linha:

– O tal agente acabou de me procurar. Ele sabe que fui eu e ameaçou-me. Ele deverá vir com tudo para cima de mim. Quero que comece a dar

seguimento ao nosso plano B. Não posso me ausentar do país por enquanto. Irei agir naturalmente, mas tenho que estar preparado... – escutou algo e respondeu:

– Não, este telefone é seguro! Só ligarei para você agora em último caso. Neste momento devo estar sendo vigiado, grampeado e coisas do tipo. Portanto, cuidado quando conversar comigo no fone normal – desligou em seguida. Suspirou profundamente com um estranho brilho nos olhos e, com um sorriso no canto da boca, desafiou:

– Vamos ver se é bom mesmo, John Moore! Acredito que não sabe com quem está lidando!

# 9. Um novo convite

Angeline preparava-se para viajar ao Brasil. Ela trabalhava como professora convidada no curso de pós-graduação em Economia de uma das melhores universidades do país, além de atuar como orientadora de pesquisa científica. Para tanto, morava no Brasil alguns meses do ano.

Estava compenetrada arrumando suas malas quando sua avó surgiu na porta do quarto, assustando-a:

– Angie, aqueles homens do FBI estão querendo falar com você.

– Ai, vó, que susto!

– Desculpe, querida, não foi minha intenção – desculpou-se a senhora sorrindo e depois perguntou: – Você irá falar com eles?

– Meu Deus, o que eles querem de novo?! – pensou um pouco e disse finalmente: – Vou ver o que eles querem desta vez... – fechou a mala, deu uma rápida ajeitada em seu cabelo e acompanhou a avó até a sala.

Robert e o agente Noah aguardavam, pacientemente. Levantaram-se imediatamente quando viram Angeline e não conseguiram disfarçar os olhares para as belas pernas da moça, que vestia informalmente um *short* jeans, uma camiseta e uma sandália. A mulher fingiu não perceber e cumprimentou os dois:

– Olá, senhores, como vão?

Robert, sentindo-se feliz em rever a bela mulher, respondeu cordialmente:

– Estamos bem, obrigado. Desculpe vir sem avisar; sei que está de férias, mas precisava falar-lhe.

Angeline fez um gesto e convidou os dois homens:

– Por favor, vamos nos sentar... – sentou-se também e em seguida solicitou, curiosa: – O que quer falar comigo, senhor Turner?

– Doutora, acredito que a senhora deva saber o quanto nosso trabalho é sério e necessário para nosso país. Lidamos todos os dias com as mais difíceis situações e toda ajuda é sempre bem-vinda. O nosso país é alvo constante de ameaças, intrigas, espionagem e, como bem sabe, de atentados. E existe ainda um problema tão grande e funesto quanto o que citamos há pouco e que devasta milhares de famílias: o tráfico de drogas. Perdemos quase todos os dias jovens para esse mal... – silenciou, ajeitou-se no sofá e, percebendo que a jovem escutava sem fazer menção de interromper, disse de uma vez: – Isso tudo é para convidá-la a nos auxiliar como uma agente provisória do departamento. A sua faculdade, como já comprovamos, poderá ser uma grande aliada nesse trabalho.

– O senhor está pedindo que eu me torne uma agente do FBI? – questionou, apoplética.

– Mais ou menos. A senhora poderia nos auxiliar sempre que fosse preciso. Não seria constante, mas teria que fazer um curso rápido, porém necessário. A sua identidade seria totalmente preservada. Eu sei que parece

estranho, mas me convenci de que, tanto nós precisamos da senhora quando a senhora de nós.

– Como assim? – questionou Angeline, sem entender.

– Doutora, pense bem: essa sua faculdade é um achado. Temos em nosso país muitos paranormais, mas nunca vi algo assim. A senhora, infelizmente, corre perigo. Se algum inimigo nosso descobrir do que é capaz, a senhora será um alvo em potencial. Por outro lado, se estiver conosco, sua faculdade pode ser encoberta, sendo vista como uma agente normal, e estará mais protegida.

Angeline olhou para Robert sem saber o que responder, tamanho era o seu espanto. Achou a ideia absurda e, sem pestanejar, recusou veementemente:

– Senhor Turner, entendo que tenha muito comprometimento com o seu trabalho, mas isso me parece absurdo! Desculpe-me a franqueza, porém o que o senhor me propõe está fora de cogitação.

– Doutora, eu sei que a princípio parece mesmo estranho, mas pedimos que a senhora ao menos pense a respeito. Sabemos que a senhora gosta de ajudar o próximo, seria uma oportunidade de fazer isso de uma forma muito mais ampla... – argumentou o outro agente, na tentativa de convencê-la.

Robert retirou uma foto de sua carteira, examinou-a com carinho, mostrou à jovem e disse com tristeza:

– Doutora, esse é meu sobrinho; ele só tem 18 anos de idade. Ele foi baleado e está entre a vida e a morte. Minha irmã está desesperada, pois só

tem ele de filho. É uma batalha muito dura essa que travamos contra as drogas. Hoje temos conhecimento de um grande traficante no país, mas, trata-se de um homem rico e influente que circula na alta sociedade. Por três vezes tentamos prendê-lo, porém todas foram frustradas... – o diretor fez uma breve pausa e, no mesmo tom, concluiu: – E graças a ele e à fraqueza do meu sobrinho, possivelmente minha irmã fique sem o seu único filho!

Angeline, segurando a foto entre as mãos, sentiu-se verdadeiramente tocada, conhecia aquela realidade de perto por meio da ajuda que prestava aos sem-teto. A maioria deles era composta de viciados. Suspirou com melancolia e falou, imprimindo na voz um pedido de desculpas:

– Senhor Turner, eu lamento profundamente... Infelizmente, conheço bem essa realidade e sei o quanto ela é devastadora, uma vez que atinge a todos, direta ou indiretamente. Contudo, não posso aceitar seu convite. Estou de partida para o Brasil; tenho compromissos profissionais lá.

Robert guardou a foto, soltou um suspiro, levantou-se, estendeu a mão à jovem doutora e disse, dando o assunto por encerrado:

– Obrigada por sua atenção, doutora! Eu sabia que a senhora estava de viagem marcada, por isso vim rapidamente. Lamentamos ter tomado seu tempo. Boa viagem!

Angeline sentiu todo o desapontamento do homem. Mirou-o tristemente e respondeu:

– Obrigada, senhor Turner! Lamento não poder ajudá-lo desta vez!

Ele aquiesceu e dirigiu-se à porta, mas, antes de sair, olhou para ela mais uma vez e fez-lhe um outro convite:

– Amanhã comemoramos o aniversário do escritório. Haverá palestras, homenagens e à noite uma confraternização formal. Ficaríamos felizes com sua presença... – notando que Angeline iria declinar do convite, reiterou rapidamente: – Sei que a sua viagem será daqui a dois dias, está de férias e prometo não solicitar mais seus trabalhos. Seria uma forma de agradecer pela ajuda que nos prestou. Aliás, a senhora mais uma vez acertou: o agente Moore encontrou o possível assassino. Será apenas uma questão de tempo para reunirmos provas suficientes, sem falar que ele parece um novo homem... – Robert então deu a cartada final: – Alguém pode vir apanhá-la amanhã à noite?

Angeline sentiu-se encurralada e assentiu com um meio sorriso:

– Ficarei muito feliz em participar! Entretanto, não precisa se preocupar em vir me buscar. Estarei lá!

Robert anuiu, colocou a mão no bolso do seu paletó, retirou um cartão-convite e repassou:

– Até amanhã, doutora! – saiu acompanhado do colega com uma satisfação visível no rosto.

O outro agente, percebendo a alegria do chefe, perguntou, intrigado:

– Chefe, é impressão minha ou o senhor está feliz?

– Ela aceitará! Talvez não agora, mas aceitará! É uma questão de tempo! – explicou, convicto do que falava.

Angeline fechou a porta, preocupada, e encostou-se nela inalando o ar profundamente. Passou as mãos nos cabelos e a imagem do garoto da foto voltou à sua mente. Sabia que ele não iria sobreviver, era apenas uma questão de tempo. Lamentou-se:

– Meu Deus, eu não posso fazer isso!

Sua avó acompanhava de longe, sem sua neta perceber, o conflito que ela enfrentava. Sabia o quanto era difícil para ela e, silenciosamente, pediu em oração a Deus que a ajudasse.

Na noite seguinte, Angeline, já arrumada, finalizou seu *look* com um caro perfume francês. Deu alguns passos e mirou-se no amplo espelho do seu *closet*, gostando do que viu. Havia escolhido um vestido longo, de musselina estampado tomara que caia, envolvido por uma pequena faixa de cetim azul-turquesa, logo abaixo do busto, uma sandália de salto alto, uma bolsa de mão, um pequeno brinco de ouro e uma delicada pulseira de pérola. Como penteado, optara por prender seu longo cabelo lateralmente, deixando-o caído para frente, e uma leve maquiagem completava o seu visual elegante. Dirigiu-se ao quarto de sua avó, que assistia à TV, a fim de se despedir dela. Ao ver a neta, a senhora levou a mão à boca e exclamou:

– Meu Deus, Angie, você está estonteante!

– Ai, vó, não exagere! A sua opinião não vale, sempre vai me achar bonita! – respondeu, sorrindo.

A senhora se defendeu:

– No seu caso, não preciso usar dessa prerrogativa, querida. Você está mais linda do que sempre e com um perfume delicioso!

– Obrigada, vó. Já estou indo. Boa-noite e fica com Deus!

– Ótima noite e vai com Deus!

Angeline seguiu até a garagem, deu partida no carro e, ao som de Sarah McLachlan, dirigiu até o salão de festa de um luxuoso hotel da cidade onde acontecia a recepção. Foi recebida por um manobrista que rapidamente levou seu carro para o estacionamento.

A noite estava convidativa, não fazia frio, o que possibilitava à jovem dispensar o uso do casaco. Sem pressa, Angeline adentrou no local e dirigiu-se à recepção, antes de chegar a seu destino, foi interrompida no meio do caminho:

– Meu Deus, isso é um crime, doutora!

Ela voltou-se e reconheceu o agente Noah, acompanhado de John Moore, que, embora não conseguisse esconder a admiração ao ver a bela mulher, fitou-a imperturbável . Desconcertada, Angeline perguntou sem muita convicção na voz:

– O que é um crime, ?

Noah, sem se fazer de rogado, respondeu galante:

– Com todo respeito, doutora, mas como uma mulher tão bela chega assim, sozinha? Ou a senhora vive confinada, ou os homens desta cidade não têm competência!

– Nem uma coisa nem outra, apenas uma opção. Da mesma forma que está acompanhado de um colega! – respondeu meio sem jeito.

– Então posso, respeitosamente, mudar isso hoje oferecendo meu humilde braço para que a senhora possa me dar a honra de sua companhia?

Angeline, pega de surpresa, sem saber o que responder e ao mesmo tempo sem querer ser indelicada, disse, encontrando uma saída para a situação:

– Não iria ser indelicada a ponto de deixar o seu acompanhante sem companhia. Entraremos todos juntos e esse problema estará resolvido.

– Cantar mulher inteligente só dá nisso, meu amigo: fora! – replicou Noah, espirituoso, olhando para John, que sorriu pelo canto da boca.

Angeline não deixou de admirar os dois homens; embora diferentes, ambos possuíam seu charme. Noah tinha rosto quadrado, olhos negros profundos, cabelos com corte militar, esguio, tinha um jeito calmo e quando sorria, formava duas covinhas na face.

O agente John, elegantemente em seu belo terno azul-marinho, exalava uma insolência perturbadora, uma firmeza constante e muitas vezes intimidadora. A doutora lutava para não admitir que ele lhe despertava sensações inquietantes. No salão, sentada em uma das mesas na companhia dos dois homens, optou por ficar o mais distante possível de John.

Kayla, no outro lado do salão, viu quando eles entraram e quase teve uma síncope, ao observar Angeline sentar na mesma mesa de John. Sem

controlar seus impulsos, aproximou-se rapidamente e, com uma desculpa, tratou de levar o agente para outro lugar, bem longe de sua "rival".

Sentado em outra mesa, Robert analisava Angeline. Observava o quanto ela estava bela e experimentava uma violenta atração por ela. Sem demonstrar o que sentia, pediu licença à sua esposa e a alguns amigos com quem dividia a mesa, retirando-se em seguida. Sem pressa, aproximou-se da mesa em que ela estava e, entre um cumprimento e outro aos colegas, parou e saudou-a , olhando-a com cupidez:

– Boa-noite, doutora! Fico feliz que tenha aceitado o convite. Permita-me dizer-lhe que é uma das mulheres mais bonita da noite!

Angeline fitou-o percebendo o real sentindo de suas palavras, notou ainda uma luz de um vermelho intenso, em torno da região sacral do diretor. Impassível, respondeu em voz baixa:

– Obrigada, senhor! A confraternização está muito bonita.

Noah, que acompanhava tudo, percebeu a empolgação do chefe e, sem saber muito bem o que fazer, perguntou:

– Senhor, senta-se conosco?

Robert aquiesceu sem problemas. De longe, Kayla assistia à cena de seu chefe sentando-se à mesma mesa em que estava a doutora. Maldosa, conhecendo o quanto John prezava pela família e era amigo do diretor, tratou de colocá-lo contra a rival. Voltou-se para o agente e disse, ferina:

– Meu Deus, se a esposa do chefe não tomar cuidado, essa doutora é uma forte candidata a tomar o seu lugar!

John, que não prestava atenção, olhou espantado para ela e perguntou, irritado:

– Do que está falando, Kayla? Acaso enlouqueceu?

– Ora, John, todos já perceberam que ela dá um mole pro chefe... – sorveu um gole da bebida e maliciosamente alfinetou:

– Por que está aqui se nem parte do departamento faz? Se não acredita em mim, veja com os seus próprios olhos! – fez um gesto indicando a mesa da jovem.

John voltou-se para a direção indicada e notou o diretor conversando animadamente com Noah e Angeline. Sentiu um mal-estar imediato, voltou-se para a colega fulminando-a e vociferou:

– É melhor controlar a língua, Kayla! Robert ama Abby!

– Se eu fosse você, não duvidaria da força que um cabelo ruivo e um par de olhos verdes podem ter! – rebateu, percebendo que tinha lançado uma semente de desconfiança no colega.

John sentiu-se extremamente incomodado com as insinuações, inventou uma desculpa e saiu de perto da agente. Seguiu para um canto afastado, evitando qualquer tipo de bebida alcoólica. Optou por uma taça de coquetel de frutas sem álcool e voltou a observar a mesa.

Notou que o chefe parecia mesmo deslumbrado com a mulher que, a princípio, parecia não corresponder. O agente estava tão envolvido com os seus pensamentos que se sobressaltou, quando sentiu alguém lhe tocando o

ombro. Voltou-se e viu o diretor-geral do departamento federal. Solícito, cumprimentou-o com respeito:

– Olá, senhor! Bela confraternização, não?

– Também acho. Mas quero lhe dizer da felicidade em ter você novamente em ação. Por pouco achei que tinha perdido um dos meus melhores agentes.

– Obrigado, senhor! Também achei que tinha perdido meu emprego. Porém, estou de volta e com muita vontade de trabalhar.

– Que bom, John! Espero que retome integralmente suas funções! – disse o senhor dando-lhe umas tapinhas no ombro e saindo em seguida.

# 10. A confraternização

Angeline, incomodada com os olhares do diretor, virava-se como podia, procurando, não ser indelicada com ele, porém, em determinado momento, resolveu colocar um ponto final na investida do homem e proferiu determinada:

– Senhor, gostaria muito de conhecer sua esposa. O agente Noah me disse há pouco que vocês formam um belo casal, um tipo de modelo para o departamento.

Noah ficou inicialmente surpreso, mas logo entendeu a intenção da doutora e ajudou-a:

– É isso mesmo, senhor!

Robert ficou desconcertado. Contudo, tentando aparentar normalidade, replicou, irônico:

– Não sabia que conheciam tanto da minha vida particular no departamento... Devo entender isso como um aviso e tomar cuidado!

Noah percebeu a insinuação e olhou para Angeline sem saber o que dizer. Todavia, a jovem estoicamente redarguiu:

– Não deve se preocupar, senhor, pois essa informação só enobrece o homem. Um bom marido, um bom pai de família é sempre um bom cidadão; logo, torna-se exemplo para todos.

Nesse ínterim, John avistou Abby conversando com Kayla e, conhecendo a língua ferina da colega, tomou uma decisão com a intenção de ajudar o chefe. Seguiu com passos decididos até a mesa de Angeline, cumprimentou o diretor e, surpreendendo a todos, convidou a jovem para uma dança. A doutora, mesmo surpresa, aceitou, fugindo daquela situação.

Uma melodia de Carpenters enchia o salão em um local reservado aos casais. John dirigiu-se até lá e, sem muito jeito, colocou a mão na cintura da doutora a certa distância, conduzindo a dança. Angeline, por sua vez, experimentou seu coração acelerar ao sentir a proximidade do agente. Não conseguia mais nem lembrar quando havia sido a última vez que tinha dançado...

Robert, surpreso com a atitude do amigo, viu os dois se distanciarem rapidamente e, sem demonstrar o mal-estar que experimentava no íntimo, desconversou e pediu licença a Noah, que também se espantou com a atitude do colega.

Não muito distante dali, Kayla acompanhava com estupefação a atitude do agente. Deu as costas com raiva, sentindo um ciúme violento dominar seu íntimo.

John, notando os olhares de todos, resolveu ignorar. Desde a morte de sua esposa não se dava mais àqueles prazeres. Mulher para ele era apenas para satisfação de seus desejos primários. Entretanto, ao sentir o perfume da jovem, o calor do seu corpo próximo ao dele, o toque de sua delicada mão, experimentou algo diferente. Como era muito observador, achou estranha

tal emoção. Passado algum tempo, estreitou-a mais em seus braços acostumando-se com a ideia e disse ao seu ouvido:

– Doutora, quero lhe agradecer. As informações que nos passou estavam corretas...

Angeline, tentando controlar o que sentia naquele momento, vendo-se presa em seu abraço, engoliu em seco e respondeu num fio de voz:

– Fico feliz em ter ajudado!

– E ajudou mesmo. Se não fossem as suas informações, possivelmente nunca teríamos chegado àquele bandido.

– O senhor Turner me disse a mesma coisa ontem, em minha casa.

Ao escutar aquela informação, o agente imediatamente se lembrou do que Kayla havia dito e outro sentimento tomou-lhe de súbito. Sem medir as palavras, disse, tentando estudar as intenções da moça:

– A senhora e o chefe estão muito próximos... A doutora sabia que ele é muito bem casado?

Angeline experimentou o impacto na mudança brusca de humor e, entendendo a insinuação, rebateu na mesma moeda:

– Não preciso de tal informação para manter longe de mim, algum pretendente indesejado.

– Oh, queira desculpar-me! Eu me esqueci de que a senhora sabe de tudo... – disse John com sarcasmo, provocando-a.

Angeline abriu os olhos encarando-o, contrariada, e retrucou firme:

– Pois é, sei de tudo mesmo, e acabo de saber que esta nossa dança acaba aqui – tentou se desvencilhar, porém o agente, sem querer passar o vexame de ser abandonado no meio do salão, rapidamente a acomodou mais em seus braços e disse ao seu ouvido:

– De jeito nenhum. A senhora irá terminar esta dança e quem decide quando ela acaba sou eu.

Angeline percebeu o quanto o homem era orgulhoso e, sem querer criar uma cena, optou por acatar a decisão. Sem trocarem mais uma palavra, terminaram a dança. Novamente para sua surpresa, John segurou firme em sua mão e conduziu-a de volta à mesa, puxou uma cadeira para que ela se sentasse e depois fez o mesmo. Olhou-a nos olhos e perguntou, sério:

– A senhora bebe alguma coisa?

Pasmada, sem entender o que acontecia, ela respondeu, ríspida:

– Não, senhor, obrigada!

Ele ignorou a resposta e, com um gesto, chamou um garçom. Pegou dois coquetéis de frutas, deu um à doutora e explicou:

– Vamos prestar um favor um ao outro.

– Do que está falando? – perguntou Angeline, exasperada.

– Vamos fazer companhia um ao outro nesta bela noite, evitando maiores contratempos. Apesar de ser uma mulher de gênio ruim, é bonita e vale a pena ficar olhando para a senhora.

– O senhor só pode estar ficando louco! Não tenho gênio ruim a não ser quando estou perto do senhor, que desperta em mim, minha pior parte! A

propósito, não preciso do seu elogio – rebateu agastada.

Ele sorveu um gole da bebida, olhou para ela parecendo se divertir e disse, tentando passar naturalidade:

– Isso não é um elogio, é uma constatação. A propósito, soube que não aceitou o convite para trabalhar conosco. Sabe de uma coisa? Eu não tenho os poderes que a senhora tem e mesmo assim, sabia que não iria aceitar – alfinetou.

– Nossa! Devo ficar impressionada com a sua capacidade de decifrar coisas lógicas? Claro que eu não aceitaria! – ironizou ela.

– O lógico para mim, doutora, seria a senhora usar essa sua faculdade para ajudar pessoas que vivem sofrendo à mercê de indivíduos cruéis. O contrário disso é negligência, e uma total irresponsabilidade, com o seu povo e com seu país – rebateu ele, firme.

– O senhor não sabe nada a meu respeito! Não lhe dei tal liberdade e não ouse me julgar! Guarde seu discurso patriótico para quem o pedir, porque, decididamente, não sou essa pessoa – retrucou Angeline, contrariada. Sem querer trocar mais nenhuma palavra com o agente, levantou-se e, quando se virou para ir embora, deu de cara com Robert e sua esposa; Abby olhava para ela com curiosidade. O diretor percebeu que a moça estava afobada, mas fez de conta que não notou. Gentil, apresentou-a à sua mulher:

– Doutora, queria lhe apresentar minha esposa, Abby Turner.

A jovem buscou se refazer do mal-estar rapidamente, sorriu como pôde e estendeu a mão para Abby, cumprimentando-a com educação. Abby

respondeu ao cumprimento com cordialidade. Angeline, sem querer mais fazer parte daquilo, desculpou-se e disse que já estava de saída.

Mais uma vez, John a surpreendeu. Postou-se logo atrás dela e disse ao casal:

– Vou levar a doutora até o carro. Volto em seguida – prevendo que ela iria protestar, segurou firme em sua cintura e, delicadamente, a empurrou para que ela andasse.

A doutora, sem acreditar no que acontecia, apressou o passo, tentando fugir do agente. Sem olhar para trás, saiu depressa do hotel e, acreditando tê-lo despistado, respirou aliviada. Aproximou-se do manobrista, retirou o cartão do estacionamento que havia colocado no cinto com medo de perder, entregou-o e solicitou que fosse buscar seu carro. Segundos depois, enquanto aguardava, espantou-se quando escutou a voz de John atrás dela:

– Não gosta da verdade, doutora?

Ela voltou-se, fulminando-o com o olhar, e respondeu com rispidez:

– Eu não tenho mais nada a tratar com o senhor. Por favor, me deixe em paz! Vá cuidar de sua vida, que já tem problemas demais!

John divertia-se com a reação da mulher, mas, ao ouvir aquelas palavras, mudou bruscamente de humor. Intrigado, indagou:

– O que sabe sobre minha vida?

– Mais do que o seu departamento e o senhor um dia ousariam supor! – respingou Angeline sem medir as consequências de suas palavras, dando-lhe as costas em seguida.

Ele sentiu algo no ar, segurou na cintura da jovem, virou-a para si e, sem soltá-la, perguntou, olhando bem fundo em seus olhos:

– O que quis dizer com isso?

Angeline sentiu a firmeza daquele olhar e arrependeu-se, imediatamente, do que havia dito. Viu o seu carro chegar, soltou-se e seguiu apressada para o veículo, entrando em seguida. Contudo, encontrou com John do lado do carona esperando por ela. Suspirou aflita e pediu:

– Por favor, eu quero ir embora! O senhor está sendo indelicado.

– O que quis dizer há pouco? – insistiu, firme, ignorando totalmente o seu pedido.

Ela silenciou, baixou a cabeça envergonhada, suspirou profundamente tentando serenar os ânimos. Percebeu que tinha ido longe demais. Voltou-se e, tentando consertar o erro, mentiu:

– Não quis dizer nada. Só fiquei chateada pelo que me falou. Desculpe, quis apenas me vingar e falei o que me vinha à cabeça! Não tinha esse direito! Por favor, me perdoe!

John ficou alguns segundos examinando a jovem em silêncio, avaliando sua resposta. Mesmo sem acreditar, resolveu aceitar, por ora, aquela explicação. Seu olhar e sua voz se fizeram mais suaves e ele disse:

– Tudo bem. Queria também pedir desculpa se fui indelicado. Às vezes sou muito impulsivo. Se a senhora está indo embora por minha causa, não o faça. Prometo ficar bem longe.

– Estou indo porque quero. Não costumo frequentar festas, não me sinto muito bem. Eu nem deveria ter vindo! – explicou, mais calma.

John aproximou-se da mulher e disse encarando-a:

– Doutora, a senhora é uma péssima mentirosa! Boa-noite! – saiu do mesmo jeito que entrara, rapidamente.

Angeline sentiu uma onda envolvê-la quando o viu sair. Imediatamente levou a mão ao coração, que parecia querer saltar do peito. Percebendo o agente se distanciar, pensou em voz alta:

– Meu Deus! O que está acontecendo comigo? Ou melhor, por que não está acontecendo? – respirou fundo algumas vezes, num exercício de relaxamento, até sentir-se habilitada a dirigir o carro. Mais tranquila, seguiu para casa com a cabeça e o coração fervilhando.

John voltou para a confraternização, refletindo nas palavras da doutora a seu respeito. Aproximou-se de Noah e perguntou, puxando assunto:

– Onde está o chefe?

– No salão com a esposa dançando – respondeu Noah. Tomou uma bebida que trazia na mão e indagou, curioso: – Por que a doutora foi embora?

– Disse que não gosta de festas! Ela é muito estranha! – respondeu sem muito interesse.

– Se é estranha eu não sei, o que sei é que é muito bonita! Mas é séria demais! Surpreendi-me quando aceitou o seu convite para dançar! – exclamou, sorvendo mais um gole da bebida.

John preferiu não fazer qualquer comentário, lembrando-se da bela imagem de Angeline.

Minutos depois, já em casa, Angie seguiu direto para o quarto. Com os sentimentos confusos, trocou-se, retirou toda a maquiagem, fez sua higiene e deixou-se cair na cama, sentindo tristeza e recordando as palavras do agente. As lágrimas vieram aos seus olhos e, pensando alto, disse:

– Quem ele pensa que é para me dizer o que devo fazer? Ninguém sabe o que significa carregar tamanha responsabilidade! Ele não tinha o direito de me julgar! – afundou sua cabeça no travesseiro macio e, num choro contido, continuou a divagar: – Meu Deus, será que estou sendo omissa? O Senhor sabe que faço tudo que posso para ajudar, mas também preciso me preservar de muita coisa! Por favor, me ajude a fazer o que seja correto; às vezes sinto que me faltam forças!

Joana, que ainda assistia à TV em seu quarto, entre um cochilo e outro, percebeu que sua neta chegara. Deu uma olhada no relógio e constatou que era ainda cedo. Deduziu que havia algo errado, esperou alguns minutos e resolveu ir vê-la. Aproximou-se do quarto, bateu levemente à porta e entrou em seguida. Percebendo que a neta chorava, inquiriu, sentando-se ao lado dela na cama:

– O que aconteceu, minha filha?

Angeline voltou-se para sua querida avó e, com um olhar que traduzia toda sua angústia, desabafou:

– Me sinto tão mal, vó! Um agente me disse que a minha faculdade tinha que ser usada para ajudar outras pessoas, me chamou de egoísta e irresponsável! Acontece que ninguém sabe nada sobre isso! Ele é tão crítico, desde a primeira vez que me viu, me ataca por nada!

– A opinião dele incomoda tanto assim, meu bem? – indagou a senhora, intrigada.

– Sei lá, vó! Acho que sim, porque fiz tudo que me pediram! Acredita que ele me convidou para dançar, apenas para me chamar a atenção? – disse, sentando-se na cama.

Joana pousou os olhos em sua neta, fez menção de dizer algo, mas, por prudência, preferiu abster-se. Surpresa, questionou:

– Será que esse rapaz não está mexendo com o seu coração?

– Não, vó! Credo! Ele me irrita! – respondeu Angeline, sem coragem de dizer a verdade. Fugindo do assunto, concluiu: – Ainda bem que amanhã eu viajo, isso vai ajudar a colocar minha cabeça no lugar. Trabalho é a melhor solução para tudo! Agora, quero dormir!

A avó olhou para ela com doçura e respondeu:

– Tudo bem, boa-noite! Durma com Deus!

– Obrigada, vó, a senhora também... – Angeline acompanhou com o olhar sua vó deixando o quarto e pensou: “Tenho que lutar! Não posso deixar que isso aconteça! Não de novo!”.

# 11. A visão

Angeline não conseguiu dormir direito naquela noite. Levantou-se cedo e foi correr, como de costume, deixando sua avó cuidando das plantas do jardim. Meia hora depois, Joana percebeu um carro preto estacionar. Olhou por cima dos óculos e viu um bonito jovem se aproximar. Parou o que fazia e aguardou-o. John aproximou-se e, educadamente, cumprimentou a senhora, depois perguntou:

– Por favor, eu poderia falar com a doutora Lewis?

– Quem é o senhor? – inquiriu Joana, cordial.

– John Moore, senhora, sou agente do FBI.

Joana examinou-o e, desconfiada que pudesse ser o tal homem que estava mexendo tanto com a cabeça de sua neta, resolveu averiguar. Tratou de fazê-lo entrar, com a finalidade de conversar e conhecê-lo melhor, sem lhe dizer ainda que sua neta não se encontrava:

– Claro! Por favor, vamos entrar. Sou Joana, a avó de Angie.

John, simpatizando-se com a doce senhora, deixou-se conduzir com satisfação. Aceitou um café que a senhora oferecera e olhou em volta, admirando a casa. Voltou-se para Joana e perguntou, interessado:

– Só moram a senhora e a doutora aqui? A casa parece ser grande.

– Sim. Depois que meu marido morreu, meu outro neto logo se casou e só restamos eu e Angie. Resolvemos continuar aqui mesmo. Angie gosta muito desta casa.

– A senhora ficará sozinha quando a doutora viajar?

– Não. Irei, dentro de dois dias, para a casa de minha cunhada no Texas, onde permanecerei um mês; depois me encontrarei com Angie no Brasil. Vou rever minha família.

Desconfiando que a jovem não estivesse em casa, John jogou a isca:

– Dona Joana, o papo está ótimo, o café melhor ainda, mas acho que já tomei seu tempo demais. Se a doutora não se encontra, posso deixar com a senhora o que vim devolver – entregou a Joana um pacote e explicou: – A doutora ontem esqueceu sua bolsa...

Joana pousou sobre ele os seus olhos gentis, agradeceu e, antes que o agente fosse embora, explicou:

– Obrigada! Acredito que ela ainda nem se deu conta. Mas, antes que o senhor vá embora, eu gostaria de lhe falar algo. Angie foi correr, ela deve estar de volta logo mais...

Percebendo que John se mostrou interessado e não fez menção de interrompê-la, a senhora deu continuidade à sua fala com receio que sua neta chegasse:

– Sei que convidaram minha neta para trabalhar com vocês e ela recusou. Parece egoísmo da parte dela, mas, acredite, não é. Minha neta já sofreu muito, nunca foi fácil para ela... Perdeu os pais muito cedo, depois

essa faculdade aflorou e, ainda muito jovem, se viu com uma responsabilidade muito grande nas mãos. Quando podia ajudar, todos a idolatravam, porém nem sempre isso acontecia. As pessoas, quando os seus desejos não são satisfeitos, se tornam cruéis. Tivemos que nos mudar muitas vezes, porque, quando descobriam a sensibilidade dela, queriam sugar até a última gota de sangue da menina. Muitas vezes, era muito difícil a convivência com outras crianças. Ela voltava para casa chorando por zombaria dos coleguinhas... – sua voz falhou e ela pigarreou, contendo a emoção. Fitou-o como se as lembranças do passado lhe roubassem o ar e, com ar de cansaço, prosseguiu:

– Ela se isolou, tornando-se uma criança solitária. Graças ao irmão, que a adora, e ao meu pouco conhecimento da doutrina espírita, não foi pior. Angie é uma pessoa especial, agente Moore! Em silêncio, ela ajuda muitas pessoas e tem receio que esse trabalho possa, de alguma forma, trazer de volta o pesadelo da publicidade, da fama. Para que o senhor tenha uma ideia, minha neta até hoje só gostou de um homem, que, infelizmente, também faleceu. Eles planejavam se casar, quando um acidente de moto pôs fim à vida dele. Ela se culpou, por muitos anos, por não ter visto e evitado sua morte... – seu rosto transparecia pesar, mas ela respirou fundo e concluiu sua narração:

– Eu não sei onde ela encontrou tanta força para recomeçar, mas agradeço a Deus! Por isso que já há alguns anos ela optou por fazer um trabalho anônimo, sem que ninguém desconfiasse de sua faculdade. Ela

ajuda muitos filhos de Deus esquecidos do mundo; no silêncio das ruas, nos orfanatos, nos manicômios, nos hospitais, nos abrigos de idosos, fazendo uso de sua faculdade sem que ninguém saiba. Eu a admiro tanto...

John escutava o relato da senhora e sentia-se verdadeiramente tocado. Lembrou-se do que havia falado para Angeline e sentiu-se envergonhado. Surgiu, então, em seu íntimo o interesse em saber mais acerca da jovem e indagou, curioso:

– Ela só teve um único namorado até agora?

– Não. Ela já namorou outros rapazes, porém, por causa da sua grande sensibilidade, depois de alguns meses o contato com eles ficava impossível. Ela consegue captar pensamentos, sensações, tornando o romance inviável.

– E com esse rapaz que ela, hum... gostou: como ela controlava essa faculdade?

– Esse foi o único homem com quem sua faculdade parecia nula. Não sei explicar o porquê, mas foi assim. Por vezes, até uma simples dança com alguém se tornava impossível. Com ele, não, ela nunca sentiu absolutamente nada; na presença dele, sua faculdade jamais se manifestou.

Um sorriso surgiu nos lábios de John, lembrando-se da noite anterior; intimamente, ele sentiu-se bem. Quando ia retomar as perguntas, Angeline entrou em casa. Pasmada ao ver o agente, ficou olhando para ele e para sua avó sem dizer nada. Joana, ao ver a neta, apressou-se em falar, rogando intimamente a Deus, que a jovem não tivesse escutado nada da conversa:

– Querida, o agente Moore veio devolver sua bolsinha. Aposto que você nem percebeu que a esqueceu.

Angeline respondeu sem muita convicção na voz:

– Não, vó, realmente não havia notado... – voltou-se para o agente, que já estava de pé, e agradeceu: – Obrigada! Não precisava se preocupar, bastaria ligar e eu mesma poderia ter ido buscar.

John pousou os olhos na jovem, admirando suas pernas, que estavam à mostra no *short* que usava, e seu rosto corado, que valorizava seus belos olhos verdes. Com um sorriso discreto, respondeu, cortês:

– Foi um prazer, doutora, ainda mais porque bati um papo muito agradável com sua avó. Agora, tenho que ir embora... – voltou-se para Joana, segurou sua mão, beijou-a e disse: – Bom-dia, senhora, foi muito bom conhecê-la. Obrigado pelo café; estava maravilhoso!

Joana, com a intenção de deixá-los sozinhos, respondeu:

– O prazer foi meu, meu rapaz. Volte sempre que quiser. Agora, peço licença, vou guardar sua bolsa, querida – saiu rapidamente.

John mirou Angeline novamente e despediu-se, estendendo-lhe a mão:

– Doutora, foi um prazer! Desejo-lhe uma ótima viagem. E quem sabe a senhora não possa pensar novamente na nossa proposta de trabalho. Sem pressão! Seria muito bom trabalhar com a senhora...

Angeline suspendeu a sobrancelha sem entender muito bem tudo aquilo, no entanto, apertou a mão do homem e disse sucintamente:

– Obrigada, senhor!

John lembrou-se do que a avó da jovem falara e, sem que Angeline esperasse, puxou-a e deu-lhe um beijo no rosto, com a intenção de fazer um teste. Ela olhou-o envergonhada e reclamou:

– Eu estou toda suada...

– Isso é verdade. Agora tenho que ir. Até a volta, doutora – respondeu John, divertindo-se ao notar que ela ficara sem jeito, e ao mesmo tempo percebendo que não tivera uma reação de rejeição. Soltou sua mão e foi embora, lamentando intimamente a viagem da doutora...

Angeline, sem alcançar a complexidade dos acontecimentos, observou o agente se distanciando e mais uma vez estranhou sua reação. Contudo, evitou pensar a respeito e seguiu para seu quarto.

Sem ser vista, sua avó presenciara tudo e, com um gesto interrogativo na face, perguntou-se, surpresa:

– Será?! Se for verdade, é por isso que ela está fugindo! – Joana não sabia se achava bom ou ruim.

John saiu da casa com os sentimentos confusos. Ao escutar o que a avó da jovem dissera, entendera um pouco do comportamento da doutora e a admirara, contudo, não acreditava que alguém com tantas possibilidades devesse ficar se escondendo. Desde que a conhecera, via sua vida mudar rapidamente. Naquele momento, parecia que despertava de um sonho ruim... O celular de John tocou, tirando-o de seu devaneio.

– Moore!

Do outro lado da linha uma voz feminina respondeu, a qual ele reconheceu imediatamente.

– John, pegamos o maldito!

– Do que você está falando, Kayla? – indagou, curioso.

– A voz na gravação do seu telefone que foi decodificada, bate com a voz do tal Kaiden. Os registros acabam de chegar e confirmaram a nossa suspeita – disse eufórica, do outro lado da linha.

John sentiu uma alegria súbita e deu alguns socos no ar. Porém, conteve-se e respondeu simplesmente à colega:

– Estou chegando aí. – desligou pensando consigo: "Agora eu te pego! Você ainda irá engolir cada palavra e cada sofrimento que fez minha Ellen passar, seu cão dos infernos!".

Horas depois, no aeroporto, Angeline aguardava sentada o chamado para o embarque, quando seu telefone tocou. Sem reconhecer o número, atendeu:

– Alô!

– Doutora, é Robert Turner. Desculpe estar incomodando a senhora, mas gostaria de me despedir. Não tive tempo de fazer isso ontem à noite – explicou o diretor do outro lado da linha.

– Obrigada, senhor Turner! Não precisava se incomodar...

– Faço questão, doutora, e quero que saiba que o convite continua de pé. Sei que a senhora deve voltar após alguns meses, aproveite para pensar a

respeito. Quando chegar, quero ter a satisfação de uma resposta positiva, para quem sabe...

Angeline escutava Robert Turner, quando tudo ao seu redor pareceu parar. O silêncio varreu o local, ela não conseguiu mais enxergar à sua volta e uma tela se abriu à sua frente. A jovem viu, com uma clareza espantosa, o diretor do escritório federal se aproximar do seu carro, entrar e ligá-lo, para em seguida ver uma explosão. A tela se fechou da mesma maneira que se abrira e a doutora voltou a si, sobressaltada, deixando seu telefone cair e espatifar-se no chão. Atordoada, olhou em volta e levou a mão à boca sem saber o que fazer.

Uma jovem da companhia aérea viu o que aconteceu e, acreditando que ela houvesse recebido uma notícia ruim, resolveu ajudá-la. Aproximou-se e perguntou:

– Senhora, está tudo bem? Posso ajudá-la?

Angeline fitou-a transparecendo no olhar a confusão mental que experimentava. Sem verbalizar, balançou a cabeça afirmativamente. A mulher baixou-se, juntou as peças do celular e entregou-lhe:

– Senhora, seu celular. Quer que eu tente colocar as peças no lugar?

Angeline respirou fundo e, como se tivesse saído de um transe, respondeu, nervosa:

– Claro! Por favor, com urgência!

– Calma, senhora, só um instante! – disse a mulher, percebendo que poderia ser grave. Segundos depois, entregou o celular com tudo no lugar e

funcionando: – Pronto, aqui está... – e se afastou em seguida.

Angeline pegou o aparelho e retornou, imediatamente, para o número do diretor. Entretanto, a chamada não completava. Desesperada, tentou ligar para o FBI, sem sucesso. Nesse instante escutou a chamada para o embarque.

– Meu Deus, meu Deus, me ajude! – ignorando o chamado, correu até a mesma mulher que a havia ajudando e, nervosa, pediu:

– Por favor, preciso de um telefone com urgência.

– Senhora, eu lamento, mas a senhora tem que embarcar... – explicou a mulher, indiferente agora ao estado de espírito de Angeline.

– Eu não posso esperar. É muito sério! – levantou a voz aguda, agora quase em desespero.

– Eu lamento, mas não vou poder ajudá-la agora.

Sem hesitar, Angeline protestou, com uma voz que chegava a ser intimidadora:

– Sou agente do FBI disfarçada, me passe um telefone agora mesmo ou mando prendê-la por obstrução da justiça.

A moça, percebendo que Angeline não estava brincando, meteu a mão no bolso de seu colete, retirou um celular e entregou-lhe. Ela pegou-o e fez a ligação. O telefone do diretor só caía na caixa postal, o que fez com que ela ligasse novamente para o escritório. Assim que atenderam, Angeline falou, nervosa:

– Aqui é a doutora Angeline Lewis! Quero falar imediatamente com o diretor Robert Turner.

– Um momento, senhora... – longos segundos depois, o atendente explicou: – Senhora, o diretor está em uma reunião e pediu para não ser incomodado, por ninguém. Eu lamento.

– Que droga! Meu Deus! – exclamou, quase tendo uma síncope. Pensou um pouco e pediu novamente: – Me passe para o agente John Moore! – mais longos segundos de espera e novamente uma resposta negativa:

– Senhora, o agente Moore está em campo.

Exasperada, a doutora desligou o telefone e resolveu fazer pessoalmente o que precisava ser feito. Devolveu o celular à mulher, pegou os comprovantes de suas bagagens e ordenou:

– Retire todas as minhas bagagens do avião, depois eu venho buscar. Agora me informe onde posso falar com algum policial.

– Há uma sala do FBI aqui, senhora. Aquele policial pode ajudá-la. Porém, eu não sei se posso pegar sua bagagem... – disse a jovem, assustada.

– Isso não é um pedido, é uma ordem, entendeu? – sem esperar, Angeline saiu correndo.

# 12. O atentado

– Senhor, por favor, sou a doutora Angeline Lewis, trabalho para o FBI e preciso falar, imediatamente, com um agente. É caso de vida ou morte! – explicou aflita, ao policial. Ele a encarou com um ar desconfiado e pediu, sério:

– Documentos, senhora!

– Pelo amor de Deus, qual parte do "caso de vida ou morte" o senhor não entendeu? Tem uma bomba no carro de um dos diretores do FBI! – disse em desespero, tirando de dentro da bolsa seu crachá da universidade.

O homem arregalou os olhos e perguntou, nervoso, olhando para a credencial de Angeline:

– Doutora, como obteve essa informação?

– Meu Jesus! Me leve até o FBI agora mesmo e o senhor descobrirá! Não temos mais tempo a perder!

O homem, como todos os americanos, sabia o quanto sua nação era visada e o temor de atentados era constante, então, mesmo sem conhecer aquela bela jovem, colocou-a dentro do carro, deu a volta e, junto com o seu parceiro, que não estava entendendo nada, saiu em disparada em direção ao escritório federal. O policial, com a sirene do carro ligada, cortava todos os sinais, correndo o máximo possível. Enérgico, pediu ao parceiro para dar

um alerta de atentado ao prédio do escritório central do FBI. O outro se assustou e, com urgência, deu o alerta pelo rádio. Em questão de minutos outras viaturas se uniram a eles, além dos helicópteros que podiam ser ouvidos se dirigindo ao local.

No banco de trás do carro, Angeline pedia a Deus que desse tempo e que de alguma maneira protegesse o diretor. Longos minutos, que mais pareciam uma eternidade, se passaram até a viatura chegar ao local. Já havia um verdadeiro exército em torno do prédio, que estava totalmente isolado por fitas de segurança. Já fora da viatura, o policial olhou para a jovem e disse-lhe, dando-se conta do que tinha feito:

– Moça, é bom que tenha razão! Coloquei minha profissão em risco e só agora percebi isso!

Angeline entendeu o recado e disse com convicção:

– O senhor agiu certo. Não se preocupe, não se arrependerá! Obrigada! – assegurou. Sem esperar mais, saiu quase correndo no meio de outros policiais, seguida de perto pelo policial que a levara até ali. Ao chegar ao limite permitido, foi impelida por outro policial que disse, enérgico:

– Senhora, não pode entrar aqui! Retorne imediatamente!

– Eu tenho que passar. O diretor Robert Turner me aguarda! Sou do FBI! – o policial olhou-a sem acreditar e novamente avisou:

– Senhora, se afaste, é uma ordem!

– Eu tenho que entrar, chame alguém do escritório! – gritou ela. O homem, dando sinais de impaciência, ia contestar quando sentiu uma mão

pousar em seu ombro, voltando-se rapidamente. O agente Noah olhou surpreso para a doutora e disse para o policial:

– Deixa-a passar, ela é uma das nossas!

Angeline encarou-o e, num fôlego só, pediu, como se cada momento fosse o último:

– Noah, tenho que falar com o senhor Turner imediatamente! É muito sério!

– Doutora, eu lamento, mas o prédio está sendo evacuado e todos estão sendo orientados a se manterem o mais afastado possível. Acredito que o chefe irá sair ou já saiu. Na verdade, eu não sei – explicou o agente.

– Saiu? De carro? – perguntou, nervosa.

– Não sei, talvez.

– Não! A bomba está no carro dele! – disse isso e saiu correndo, desesperada. O agente escutou e, alarmado, saiu atrás da jovem sem desconfiar da informação, pois já conhecia os "poderes" de Angeline.

Ela não correu muito e logo foi barrada por outro cordão de isolamento, feito por especialistas do FBI. Noah, que vinha logo atrás, tratou de explicar, nervoso, para outro agente:

– Evacue o estacionamento o mais rápido possível! Não deixe mais ninguém se aproximar do local! Passe um rádio para o senhor Turner: diga que não se aproxime do seu carro e envie o esquadrão antibombas para o carro do chefe. A bomba está lá. – depois se voltou para Angeline e disse: – A senhora vem comigo. – saiu em direção a um tipo de carro-forte de

propriedade do FBI, que estava a uma distância segura e monitorava, através de câmeras de segurança, todo o interior do escritório e a retirada de todos do local. Mantiveram-se atrás do carro. Noah olhou para Angeline e perguntou, tenso:

– Foi a senhora que deu o alarme? Como soube?

– Eu vi a bomba explodindo assim que ele ligava o carro – informou a jovem, ofegante.

O agente escutou-a com ar de extrema preocupação, mesmo confiando integralmente na jovem, não pôde evitar a pergunta:

– Doutora, olhe em volta e veja o que a senhora está causando. Já imaginou se isso for alarme falso?

Angeline fitou-o com indulgência. Sabia muito bem o risco que corria, mas indagou com lassidão:

– Eu entendo o que me diz, mas coloque-se no meu lugar. Deveria ficar calada? Deveria esperar para constatar se era verdade ou não? Muitas outras pessoas além do diretor podem morrer, então, tive que tomar uma decisão que, com certeza, não foi fácil, mas...

Nesse instante, John e Kayla se juntaram a eles interrompendo a fala da doutora. Surpreso, John olhou para Angeline e perguntou:

– A senhora não ia viajar?

– Sim. Era para eu estar voando neste minuto – respondeu.

– E por que não está? – indagou Kayla, ríspida.

Angeline olhou para John, ignorando a agente, e, antes que pudesse lhe responder, Noah explicou por ela:

– A doutora teve uma visão, no carro do chefe há uma bomba.

A agente arregalou o globo ocular o máximo que pôde e abriu a boca com espanto. Em seguida, disse, ferina:

– Meu Deus, tudo isso que está acontecendo é culpa da senhora? Só pode ser brincadeira! Eu não acredito que a senhora desencadeou tudo isso em nome de uma visão! A senhora deve ter enlouquecido! – Kayla voltou-se para John e prosseguiu, mordaz: – Isso é uma total falta de responsabilidade! – voltou-se novamente para Angeline e continuou: – Isso aqui é uma agência federal, doutora, de uma importância grandiosa para o mundo! Somos o FBI, não...

John, incomodado com o descontrole da colega, interrompeu-a, colérico:

– Cale-se, Kayla! Meu ouvido dói quando você começa com esse falatório! Já não basta tudo isso em volta! – voltou-se para Angeline e, com ansiedade, perguntou: – Doutora, a senhora tem certeza do que viu?

Antes de a jovem responder, um barulho estrondoso foi ouvido e todos foram arremessados ao chão com violência. Segundos se passaram em silêncio, até que um forte frenesi veio em seguida provocado por choros, gritos, correria e uma cortina de fumaça que tomou conta do local.

John levantou-se rapidamente e viu Angeline próxima a ele. Nesse momento, outra explosão foi ouvida. O agente se jogou no chão abraçando

a moça, protegendo-a. Depois de mais alguns segundos, perguntou, preocupado:

– A senhora está bem?

Ela não respondeu, apenas balançou a cabeça, afirmativamente. Com a ajuda do agente, levantou-se. John percebeu que ela sangrava na altura da sobrancelha. Retirou um lenço do bolso do seu paletó e colocou no local dizendo:

– Há um pequeno corte aqui.

Ela segurou o lenço pressionando o local, e agradeceu a atenção:

– Obrigada!

Kayla e Noah se aproximaram nervosos. Noah olhou para o colega, depois para a doutora e perguntou, preocupado:

– Vocês estão bem? Meu Deus, doutora, nunca mais duvido da senhora! – depois saiu ajudando outras pessoas.

Kayla, sentindo-se incomodada e tentando amenizar o que dissera, desculpou-se:

– Quero me desculpar, essa situação ainda é muito nova para mim. Na verdade, não sei se gosto muito de ter alguém assim tão perto. De qualquer forma, a senhora está de parabéns pela coragem que teve.

Angeline sentiu a animosidade da agente e, sem pestanejar, respondeu, firme:

– Não preciso de aplausos, agente! Faço o que minha consciência me pede. Se for bom ou não para alguns, não é problema meu!

Kayla sentiu a lisura da mulher e resolveu não rebater. Pediu licença e saiu. John, que acompanhou toda a conversa, mudou de assunto e observou:

– A senhora pode se dirigir ao carro de apoio e receberá ajuda. Vou ver a gravidade da situação. Volto em seguida... – ia se retirar quando sentiu a mão dela em seu braço. Voltou-se e aguardou que ela falasse:

– Por favor, certifique-se de que o senhor Turner não foi atingido... – pediu Angeline, preocupada.

John olhou-a sem saber se ela solicitava isso, por cuidado com o diretor, ou se se tratava de mera preocupação que uma boa pessoa teria por qualquer ser humano. Entretanto, sem verbalizar suas desconfianças, anuiu com a cabeça e desapareceu no meio de todos. Angeline olhou em volta. Apesar de o local já estar sob controle, podiam-se escutar choros e um vaivém frenético das pessoas em volta. Andou até a calçada próxima, sentou-se, cerrou os olhos, sentindo um peso enorme nos ombros, voltou novamente a olhar em volta. Parecia que o tempo havia parado. Em choque, observava como se estivesse em câmera lenta a correria de todos. Ao longe, via uma cortina de fumaça preta tomando conta do céu azul, luzes de ambulâncias iluminavam o entorno, parecendo fogos de artifícios que não comemoravam nada, apenas dimensionavam o drama vivido.

Angeline não sabia há quanto tempo estava sentada no mesmo local observando, o agente Moore precisou gritar em seu ouvido, algumas vezes, para que ela voltasse à realidade. Ela olhou para ele sem, no entanto, responder ao chamado. O agente, preocupado, perguntou:

– A senhora está bem?

– Eu quero ir para casa... – respondeu fitando-o.

– Claro! Vou levá-la. Antes, a senhora poderia vir comigo? – pediu gentilmente, estendendo-lhe a mão. A doutora olhou para aquela mão por alguns segundos, depois aceitou a ajuda e levantou-se. Sem soltar-lhe a mão, John conduziu-a até uma ambulância que se mantinha aguardando. Ao se aproximar, informou:

– Alguém deseja falar com a senhora... – deu passagem. Angeline olhou e viu o diretor, dentro da ambulância, recebendo cuidados médicos. Ele fitou a bela jovem e, já sabendo que havia sido ela a salvar-lhe a vida, pediu:

– Por favor, venha até aqui... – ajudada pelo enfermeiro, ela subiu na ambulância e observou que, apesar de estar com alguns ferimentos, estava bem. Robert Turner estendeu-lhe a mão ensanguentada e, depois que ela a segurou, falou, emocionado:

– Obrigado! Devo-lhe a vida! Vou ser grato à senhora pelo resto de minha existência.

– A mim o senhor não deve nada, agradeça a Deus, foi Ele quem o salvou, não eu! Minha sensibilidade é uma forma de Ele se manifestar – tratou de esclarecer.

Ele esboçou um sorriso ao escutá-la e, sensibilizado pela atitude da jovem, disse, sem soltar sua mão, olhando-a com admiração:

– A senhora é muito especial para mim!

Angeline sentiu a profundidade das palavras do diretor, mas evitou uma resposta, respeitando seu estado. Soltou sua mão e despediu-se:

– Devo ir e o senhor também. Melhoras! – saiu da ambulância rapidamente.

John, que se mantinha próximo, escutou toda a conversa e não deixou de perceber a declaração do chefe. Sentiu algo diferente em seu íntimo, mas se manteve em silêncio. Não soube avaliar também a resposta ou a falta de resposta da doutora. Olhou-a e disse:

– Eu vou levá-la. Por sorte meu carro ficou fora do perímetro de segurança. Vamos.

Ela não respondeu, apenas anuiu e aceitou a mão do agente estendida e seguiu-o até o carro. Angeline sentou-se no carro em silêncio, não queria dizer para o agente o que sentia. Seu corpo parecia estar envolvido por uma massa de ar gelada, pois sentia um frio interno e, involuntariamente, começou a tremer. John, sem perceber nada a princípio, deu a partida no carro e seguiu a caminho da casa da doutora. Tentando puxar assunto, comentou:

– Parece que ninguém se feriu com gravidade, graças à senhora. O principal agora é saber quem fez isso e por quê. Amanhã já teremos algumas respostas... – deu uma olhada para a jovem que continuava em silêncio e observou que ela tremia. Assustado, brecou o carro, levou a mão à fronte da jovem constatando que ela estava queimando de febre, e disse preocupado:

– Vou levá-la a um hospital agora mesmo! A senhora está queimando de febre!

Ela segurou-o pelo braço e, com dificuldade, pediu:

– Por favor, para casa! Tenho que ir para casa.

– Mas a senhora está mal! Vai precisar de cuidados médicos! – repreendeu, angustiado.

– Minha avó, ela cuida de mim. Por favor, para casa! – insistiu Angeline.

Ele sentiu vontade de não acatar aquele pedido, todavia, ligou o carro e seguiu célere para o endereço de Angeline. Minutos depois, parou em frente da casa da doutora e disse, firme:

– Não saia do carro! – correu, tocou a campainha e esperou, ansioso. Segundos depois, Joana abriu e, ao ver o agente, sentiu que havia algo errado. Contudo, antes de perguntar, o rapaz foi mais rápido e explicou:

– Senhora, a doutora se encontra no meu carro e está com muita febre. Eu queria levá-la ao hospital, mas ela insistiu para vir para casa. Preciso trazê-la para dentro.

Joana escutou tudo e, aflita, pediu:

– Por favor, traga-a e me siga.

# 13. Consequências da tarefa

John rapidamente voltou ao carro, colocou-a nos braços e entrou com ela, seguindo a senhora até o quarto. Com cuidado, colocou-a na cama. Joana observou que sua neta estava meio inconsciente, retirou-lhe os sapatos e, sem pensar duas vezes, solicitou:

– Por favor, leve-a até o chuveiro. Eu não consigo carregá-la. Se continuar assim, ela poderá convulsionar.

John atendeu ao pedido. Retirou rapidamente o paletó, dobrou as mangas da camisa, tomou novamente a doutora nos braços e, direcionado por Joana, levou-a até o banheiro. Sempre obedecendo às orientações da senhora, colocou Angeline em uma banheira e segurou-a. A boa senhora ligou uma pequena ducha deixando a água cair por sobre a neta, mesmo ela estando vestida, voltou-se para o agente e disse:

– Eu vou trazer roupas novas para trocá-la e pedir a Sisi que faça um chá. Por favor, fique aqui até eu voltar.

John não respondeu, apenas balançou a cabeça, afirmativamente, olhando para a doutora, seriamente preocupado com seu estado. Para melhor apoiar-se, sentou-se na borda da banheira. Inesperadamente, Angeline, como se tivesse acordado de um transe, abriu os olhos e, assustada, debateu-se querendo sair. O agente segurou-a firme e disse:

– Calma, doutora, a senhora está em casa. Sua avó foi buscar roupas secas. A senhora está ardendo em febre.

Joana entrou e ficou parada olhando para o agente, que abraçava sua neta, ambos completamente molhados. Sem entender o que estava acontecendo, a senhora perguntou, confusa:

– Meu Deus, o que aconteceu?

– Ela acordou e queria sair da banheira, tive que contê-la... – voltou-se para Angeline e perguntou: – Posso soltá-la, doutora?

– Sim. Desculpe! – murmurou a moça, envergonhada, demonstrando que já estava reagindo.

John saiu de dentro da banheira e, olhando para Joana, disse:

– Senhora, eu vou precisar de toalhas também.

– Claro, meu filho. Vou trazer num instante.

Momentos depois, a senhora adentrou no banheiro trazendo novas toalhas. Entregou ao agente e pediu, gentil:

– Por favor, me acompanhe. O senhor precisa se trocar. Por sorte meu neto sempre deixa roupas aqui e acredito que sirvam no senhor. Vou solicitar a Sisi que coloque suas roupas para lavar e secar. Elas estarão prontas o quanto antes – saiu em seguida acompanhada de John que, apesar de conhecer pouco a avó de Angeline, sentia-se muito à vontade com ela. Joana entrou no antigo quarto de seu neto, indicou-lhe um guarda-roupa e pediu que escolhesse uma roupa adequada, depois saiu, deixando-o sozinho.

Ao voltar ao banheiro, viu sua neta ainda dentro da banheira, tremendo. Sentiu pena e disse-lhe, aproximando-se:

– Agora me deixe cuidar de você, minha filha! – fechou a ducha, ajudou a neta e se desfazer das roupas, enxugou-a como se ela fosse uma criança, auxiliou-a a vestir-se, levou-a até a cama e ajudou-a a deitar-se. Agasalhou-a, sentou-se na cama ao lado da jovem, sorriu e disse com carinho:

– Agora descanse, meu bem! Depois você me conta tudo que aconteceu, porque estou confusa, afinal, pensei que estivesse viajando... – nesse instante uma senhora de meia-idade, magra, de pele rosada entrou no quarto com uma bandeja nas mãos. Com cuidado, depositou-a em cima de uma pequena mesa, segurou uma xícara de chá, que exalava um aroma delicioso, estendeu um comprimido a Angeline, garantindo:

– Tome isso e irá acordar renovada, querida. Eu prometo!

– Isso mesmo, Angie! – reforçou sua avó.

Angeline, ainda fraca, não contestou, sorveu o delicioso líquido devagar, juntamente com o medicamento, depois se acomodou melhor e, sem uma palavra, fechou os olhos, adormecendo minutos depois. Joana não saiu de perto da neta, olhando-a condoída e fez uma rogativa:

– Meu Deus, proteja-a! Conceda-me a graça, Senhor, de ela encontrar alguém que possa ampará-la nesses momentos, quando eu não mais estiver aqui! – suspirou com melancolia, beijou a fronte da jovem e saiu do quarto.

Na sala, encontrou John sentado no sofá, devidamente trocado. Quando viu a senhora, o agente levantou-se e perguntou interessado:

– Como ela está?

– Acredito que quando acordar estará melhor! – respondeu Joana. Depois olhou melhor para o rapaz e comentou sorrindo: – Que bom que as roupas serviram. Agora, venha tomar uma xícara de chá comigo e me explicar o que aconteceu – pediu dirigindo-se à cozinha.

À vontade, o agente contou a Joana o que sabia do acontecido. A boa senhora, pensativa, exclamou:

– Ainda bem que ninguém se feriu com gravidade ou coisa pior! Agora entendo por que a Angie ficou daquele jeito!

Intrigado a respeito da reação da jovem, John inquiriu:

– Dona Joana, me desculpe a ignorância, mas não consigo entender o que aconteceu com a doutora. Ela parecia bem, até encontrá-la sentada em uma calçada, olhando para o nada...

Joana sufocou uma lágrima, vasculhou em suas lembranças e iniciou a explicação:

– Meu rapaz, o que sei também é pouco, mas tentarei explicar-lhe: quando acontece algum evento dessa natureza, minha neta desprende muita energia, bem como, assimila e seu corpo reage assim. Eu acredito que ela absorva a energia deletéria causando todo esse mal-estar. O banho e o sono são necessários para que possa melhorar... – fez uma breve pausa, como se procurasse as palavras certas, e continuou: – A água é um poderoso recurso para todos nós e poucos sabem disso. Ela tem uma função primordial de limpar o corpo, porém vai além. Elimina energias ruins, deixando cair

placas de sujeiras mentais. É por isso que todos sentem alguma melhora, após um bom banho, ou quando fazem uma limpeza em casa, por exemplo. A sujeira, seja ela mental ou física, atrai energias ruins.

– Então ela sempre tem isso? – indagou John, curioso.

– Não como hoje! Nunca ficou assim! Sempre fica fraca, cansada, às vezes sente dor de cabeça, porém nunca a vi desse jeito – explicou Joana com ar de preocupação.

John observou a senhora, pensou um pouco e perguntou, meio sem jeito, tentando se explicar:

– Será que eu poderia dormir aqui, no caso de a doutora precisar? É o mínimo que posso fazer depois de tudo que ela fez por nós! O escritório me pediu que lhe desse total assistência.

Joana esboçou um sorriso e respondeu com sinceridade:

– Se o senhor não me pedisse, eu é que iria insistir para que ficasse. Não consigo mais dirigir devido a um problema na perna e Sisi também não dirige. Logo, será um prazer ter um agente da lei ao nosso lado. Só peço que logo mais coloque seu carro na garagem.

John sorriu e respondeu calmo:

– Obrigado, dona Joana! Devo dizer que me sinto muito à vontade com a senhora e olhe que isso acontece muito pouco comigo. Sou muito reservado, principalmente em relação à amizade, não tenho muitas...

– O senhor se parece com minha neta. Ela também é muito sozinha... – revelou a senhora entre um gole e outro do seu chá.

– Aposto que é apenas por opção. A sua neta é uma mulher muito bonita... – disse o agente com sinceridade.

Joana lançou um olhar de pura simpatia e respondeu:

– É verdade, ela é mesmo muito bonita. Porém, o homem para merecer minha Angie tem que ser muito especial. Com essa faculdade, a vida dela é privada de muitos prazeres sociais, o que para algumas pessoas é algo impossível. Espero que ela não demore muito para encontrar essa pessoa...

– Como assim? A doutora não pode frequentar determinados lugares, é isso? – inquiriu interessado.

– Meu rapaz, imagine uma água cristalina sendo lançada ao esgoto. Ela irá contaminar-se. Assim somos nós quando não cuidamos de nós mesmos: nós nos tornamos depósitos de dejetos, tão nocivos, quanto um esgoto. Angeline nasceu com essa faculdade, não por ser melhor do que ninguém, ao contrário disso, foi por errar no passado que trouxe essa missão.

– Eu não consigo entendê-la.

Joana tentou esclarecer, pacientemente:

– Angeline consegue ver, ouvir, sentir, entre outras percepções, pessoas que estão supostamente mortas. Agora, imagine ela frequentando ambientes regados a vícios, a essa busca frenética pelo sexo, tendo pessoas o tempo inteiro com pensamentos menos felizes. O que acha que poderia acontecer a ela?

O agente não respondeu. Nunca havia pensado assim. Desde que conhecera a jovem, via-a sempre reservada e no início a achara petulante.

Contudo, não sabia mais o que pensar, não conhecia aquela realidade. A senhora, observando que John não tinha resposta, prosseguiu com sua explicação:

– Eu vejo dois possíveis caminhos: um seria o manicômio, e esse não seria o pior. Outro seria um desregramento geral, que iria acabar em suicídio. Esse, com certeza, seria um caminho bem mais grave. Quando se possui algo dessa natureza, não é possível fazer muitas escolhas...

– Mas... E um ambiente saudável? Ela não poderia frequentar um lugar assim? Pergunto isso porque, afinal, ela não pode se isolar! – insistiu, achando que Joana estava exagerando.

– O que é um "ambiente saudável"? Esse ambiente depende de cada um. O melhor ambiente, no caso de Angeline, é um lugar onde ela possa estar auxiliando, só assim ela estará sendo útil ao propósito de Cristo. Todavia, não somos radicais; sempre que dá, na medida do possível, ela comparece a alguns eventos sociais...

Com uma expressão suave no rosto, como se lembrasse de algo, Joana explicou:

– No Brasil, existiu um médium notável. A sua faculdade era muito superior à de minha neta e, desde cedo, ele optou por usar essa faculdade em prol do próximo. Viveu de tal forma, que sua existência foi toda ela um ato de amor. Eu e Angie tivemos a oportunidade de conhecê-lo e, posso lhe garantir, a vida de minha neta começou depois daquela visita. – afirmou.

– A senhora poderia me explicar o que ela fez de tão errado que deu origem a essa faculdade? – continuou John, sabatinando a avó de Angeline, ávido por mais informações.

– Quando me refiro ao passado, não estou falando desta existência. Refiro-me às demais que já tivemos. Somos imortais; nascemos e renascemos para aprender. A Terra é a nossa escola e o que fazemos aqui é o que verdadeiramente nos diferencia. Acreditamos na reencarnação – esclareceu Joana, convicta.

John escutou com certa desconfiança. Não sabia nada a respeito do assunto e nunca havia se interessado. Tudo era muito novo. Silenciou, sem querer julgar de imediato. Achou prudente pensar melhor a respeito e conversar mais sobre tudo aquilo numa outra oportunidade. No íntimo, questionou se a doutora já havia visto sua falecida esposa. Foi despertado desse devaneio pelo toque do seu celular. Pediu licença à senhora e atendeu:

– Moore.

– John, onde está? – perguntou uma voz masculina do outro lado da linha. No mesmo instante o agente reconheceu a voz do seu superior e respondeu:

– Estou ainda na casa da doutora Lewis. Achei prudente passar a noite aqui. Ela não está bem. No momento conseguiu dormir.

– John, você sabe que essa jovem precisa vir conversar conosco o quanto antes. Todos estão sem entender, até agora, o que aconteceu. Só temos o depoimento dos dois policiais que a levaram até o local, do Noah,

que a encontrou, e de uma funcionária do aeroporto que esteve com ela momentos antes. Isso tudo está muito estranho.

– Claro! Todavia, asseguro não ser prudente pressioná-la neste momento. Acredito que ela teve um esgotamento nervoso e peço ao senhor que, por nada, , deixe vazar o nome dela, nem as circunstâncias em que as coisas se deram. Caso contrário, a vida dela se tornará um inferno e, além disso, um alvo para mentes pervertidas. Temos o dever de preservá-la! – advertiu preocupado.

– Tudo bem, John. Robert já teve alta e deve estar em casa. Vai ficar em observação. Acho certo você permanecer com essa jovem neste momento. Quanto ao restante, não se preocupe, já tomamos todas as precauções para que essa história não vaze, até porque, é difícil de acreditar nela. Amanhã teremos uma reunião. Até lá, as câmeras de segurança já terão sido analisadas e apresentaremos mais respostas. Se possível, traga essa doutora para conversar conosco.

– Farei isso! Boa-noite! – despediu-se John, visivelmente preocupado com o desfecho de tudo aquilo. Mirou o nada e pensou consigo: “Devo protegê-la, mas como?”.

Nesse instante um grito vindo do quarto de Angeline foi ouvido. Sem pedir licença, o agente, levado pelo instinto, correu até lá e, empunhando sua arma, entrou no quarto com cautela. Olhou imediatamente para a doutora e em seguida fez um giro total por todo o quarto, sem ver nada. Voltou-se para Angeline, baixou a arma e perguntou, aproximando-se dela:

– O que foi doutora?

Angeline fitou-o com expressão de espanto. O susto arrancara-lhe qualquer pensamento, impossibilitando-a de pronunciar qualquer palavra. Sua avó adentrou no quarto e indagou, preocupada, olhando para a neta ao lado do rapaz:

– O que foi minha filha?

A jovem voltou-se para a avó e balbuciou, confusa:

– Um pesadelo!

John então disse gentilmente:

– Desculpe-me invadir seu quarto dessa maneira, fiquei preocupado! Com licença... – saiu em seguida.

– O que ele ainda faz aqui, vó? – perguntou tentando recompor-se.

– Ele ficou preocupado e eu achei prudente ter alguém que soubesse dirigir conosco, caso fosse necessário – respondeu a avó com naturalidade. Sentou-se ao lado da neta, passou a mão em sua fronte e observou que a febre havia passado. Suspirou aliviada e perguntou, curiosa:

– Que pesadelo foi esse?

– Aquele mesmo. Eu pensei que não teria mais... – respondeu olhando para sua avó com os olhos cheios de água, voltando a deitar-se ainda se sentindo muito cansada, embora reconfortada, em saber que o agente estava próximo.

– Não se aflija querida. Você sabe o porquê disso. Agora faça uma prece e durma. Aposto que o seu anjo se encarregará de levá-la para um local

muito bom e amanhã irá amanhecer renovada... – explicou sua avó sem desconfiar dos sentimentos da neta.

John saiu do quarto preocupado com Angeline. Percebia que ela tinha uma vida difícil, com muitas privações, e agora entendia por que ela estava sozinha. Ao mesmo tempo, admirava-a cada vez mais.

“Como pode uma pessoa possuir uma faculdade dessas e suportar tudo isso com propósitos tão nobres? Será verdade que ela vê gente morta? Posso concluir que ela está sempre cercada de muitas pessoas, mas, ao mesmo tempo, está sempre tão sozinha...” – quanto mais refletia, mais confuso ele ficava. Balançou a cabeça procurando mudar de pensamentos, concentrando-se agora no atentado:

– Quem queria matar Robert e por quê? Talvez esse mistério seja mais fácil de descobrir... – indagou, pensando alto.

# 14. O interrogatório

Joana encontrou o agente na sala aguardando por ela ansioso, e tratou de acalmá-lo:

– Ela voltou a dormir, às vezes tem esses sonhos... – dando o assunto por encerrado, pediu gentilmente: – Por favor, o jantar será servido. Não aceito recusa, não suporto comer sozinha!

A refeição foi servida e os dois conversaram sobre vários assuntos. John, atendendo ao pedido da senhora, colocou seu carro na garagem da casa. Cansado, pediu para tomar um banho e ir dormir. Precisava descansar, sabia que o dia seguinte seria curto para tudo o que tinha que resolver. Joana acomodou o rapaz no antigo quarto de seu neto e deixou-o entregue aos seus pensamentos.

A noite passou sem mais contratempos e o dia amanheceu claro, com o sol forte, próprio daquela época do ano. O agente acordou refeito, havia dormido muito bem. Olhou para o relógio e constatou que ainda era cedo, podendo se levantar sem pressa. Seguiu para o banheiro anexo ao quarto e lá encontrou material completo para sua higiene pessoal e para seu barbear, além de seu terno limpo e passado, sobre uma bancada de granito. Sorriu. Sentia-se verdadeiramente bem como havia muito tempo não acontecia.

Num quarto próximo, Angeline acordou sem qualquer sintoma do que lhe ocorrera na noite passada. Levantou-se, completamente recomposta. Sem saber que John havia dormido em sua casa, fez sua higiene matinal e seguiu de *baby-doll* para a cozinha. Procurou sua avó e Sisi, mas não encontrou nenhuma das duas. Viu que o café já estava feito, serviu-se sem pressa e ficou olhando para o jardim, pensando nos últimos acontecimentos.

Sem fazer barulho, John adentrou na cozinha vestindo seu terno muito bem passado, usando seus óculos escuros e exalando o perfume suave do bálsamo pós-barba que havia encontrado no armário do banheiro. O agente, sem ser notado, viu, surpreso, a jovem de costas, baixou um pouco os óculos, olhou-a de cima a baixo admirando o seu belo corpo. Angeline vestia um pequeno *short* preto e uma blusa solta até o umbigo, de uma malha fria de algodão. Ele recompôs-se e pigarreou, demonstrando sua presença.

A doutora voltou-se imediatamente e levou um grande susto ao ver o agente. Desnorteada, deixou a caneca cair de suas mãos e por pouco não se queimou. John, divertindo-se com a situação, aproximou-se e perguntou:

– A senhora está bem?

Contrariada, ela respondeu, ríspida, apanhando a caneca do chão que por sorte não se quebrara:

– Claro que não! Meu Deus, o senhor quase me matou de susto!

– Desculpe, doutora, não foi minha intenção. Apenas vim me despedir de sua avó e saber notícias da senhora. Contudo, vejo que já está bem

melhor! – respondeu com fingida seriedade, contendo o sorriso.

Angeline, nervosa e confusa ao mesmo tempo, perguntou, enquanto limpava a mesa:

– Se despedir? O senhor irá viajar? E por que veio tão cedo?

– Eu dormi aqui a pedido de sua avó e a meu próprio pedido... – explicou sem pestanejar.

Ela inalou o perfume suave dele e deu-se conta da sua proximidade e de seus trajes. Irrequieta, tentou afastar-se e sair rapidamente. Contudo, o velho ditado popular é sábio: "a pressa é inimiga da perfeição". Angeline esbarrou em uma cadeira fazendo com que John se aproximasse ainda mais e a segurasse pelo braço.

– Calma, doutora, senão irá se machucar... – disse ele, notando o embaraço de Angeline e não contendo mais o riso.

– Obrigada, senhor, mas dispenso sua ajuda! Com licença! – desvencilhou-se, ríspida, e saiu sem olhar para trás, deixando o agente sozinho e contente por perceber o quanto mexia com as emoções da doutora.

Minutos depois, Angeline voltou à cozinha vestindo uma calça jeans preta, uma blusa de cetim rosa, sem manga, de gola alta e calçando um sapato mocassim. Encontrou-o sentado à mesa com sua avó tomando um belo café da manhã. Joana, sem saber o que havia se passado minutos antes entre os dois, cumprimentou a neta com alegria:

– Bom-dia, querida! Vejo que está bem melhor! O agente Moore dormiu aqui a pedido meu – tratou de explicar. Olhou para a jovem já vestida e comentou displicentemente: – Que bom que não saiu de *baby-doll* como sempre faz.

John lançou um olhar malicioso para Angeline e, percebendo a sua contrariedade, comentou, irônico:

– Que pena, senhora... Eu não iria achar ruim se visse a doutora em trajes de dormir... Bom-dia, doutora!

– Sutil como um elefante! Bom-dia para o senhor também! – retrucou Angeline sentando-se à mesa.

Joana, sem entender, perguntou, olhando para os dois:

– Impressão minha ou aconteceu algo que não sei?

– Bom-dia, vó! Não aconteceu nada – explicou a neta sem olhar para ninguém, concentrando-se em passar geleia no pão.

– A não ser pela mancha de café que encontrei no pano de prato. Alguém, além de derramar café, limpou a sujeira com o guardanapo! – reclamou Sisi olhando para Angeline.

– Foi eu, Sisi, desculpe! – explicou Angeline sem entrar em detalhes.

O agente adquiriu um ar mais sério e disse:

– Doutora, infelizmente, a senhora terá que ir ao escritório prestar esclarecimentos. Se estiver melhor, poderá vir comigo agora ou mais tarde, como preferir. O que escolhe?

Ela também tomou uma postura mais séria, sabia que isso iria acontecer. Refletiu um pouco e respondeu, decidida:

– Irei agora, assim fico livre disso o quanto antes.

– Ótimo! Vou ligar para o escritório e informar que a senhora irá comigo imediatamente – levantou-se da mesa, pediu licença e afastou-se para fazer a ligação.

Joana, observando preocupação no semblante da neta, indagou:

– Você está bem mesmo?

– Estou, mas a senhora sabe o quanto eu fujo disso! Espero sinceramente, que essa notícia fique restrita a poucas pessoas. Caso contrário, a nossa vida se tornará um inferno novamente.

Joana sabia muito bem a que sua neta se referia e como tudo aquilo poderia ser perigoso. Os holofotes da popularidade que muitos buscam, trazem mentes arrojadas nas mais inimagináveis frivolidades, tornando a vida do suposto famoso um verdadeiro *reality show*, contendo informações de toda sorte. No caso de sua neta, a sua faculdade certamente, atrairia pessoas de toda parte do país atrás de saber sobre o futuro, querendo respostas para suas dificuldades, soluções fáceis, sem, no entanto, entender o porquê dos acontecimentos. Pensativa, Joana mirou o agente que retornava à cozinha e, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, proferiu, circunspecta:

– John, quero lhe pedir algo muito importante. Por favor, proteja minha Angie! Não deixe que essa notícia vaze para a impressa! Faça o que puder

para que o menor número possível de pessoas tenha acesso aos fatos que minha neta irá narrar.

– Não se preocupe, dona Joana, esse foi o primeiro pedido que fiz ao meu chefe, ainda ontem à noite. Apenas três pessoas estarão presentes ao depoimento de Angeline. Até porque, essa popularidade não seria nada boa para o escritório também. Jamais colocaria em risco a vida de uma pessoa, principalmente, em se tratando de alguém especial como sua neta – respondeu John com franqueza, sem, no entanto, olhar para Angeline, que sentiu imensa satisfação ao ouvir o último comentário.

– Agradeço, meu filho, de coração! – disse Joana, feliz com a explicação e percebendo sinceridade nas palavras do agente.

Minutos depois, John e Angeline seguiram para o escritório central do FBI. Depois de muita insistência do agente, que não queria perder a oportunidade de conversar, ela seguiu no mesmo carro com ele. Olhando de esguelha para ela, o agente logo puxou conversa:

– Sua avó é uma pessoa adorável. A senhora tem muita sorte!

– Também acho! Além de doce, é uma mulher muito forte.

– Não foi a ela que a senhora puxou, com esse gênio difícil... – alfinetou John, sorrindo.

– Ora, ainda me julga? Não tenho gênio difícil! – retrucou Angeline.

– Confesso que a senhora subiu no meu conceito, mas isso é um fato, doutora. – insistiu o agente, notando que ela não havia ficado chateada.

– O senhor certamente pensa que estou mais feliz agora por ter subido no seu conceito, não? Como é presunçoso, agente Moore! Saiba que não me importo com o que pensam sobre mim – rebateu ela de bom humor.

– Está vendo só? Sua língua desmente suas palavras.

– Não vou discutir isso com o senhor!

– Tudo bem, vou mudar de assunto. Sempre que tem essas visões sente-se mal? – perscrutou.

– Nem sempre. Até porque, esse tipo de visão só aconteceu duas vezes comigo e a última foi há muito tempo – explicou Angeline sem querer entrar em detalhes.

– Deve ser difícil lidar com isso...

– Já foi mais difícil. Hoje tenho apenas que administrar.

– Como a senhora faz para administrar? – insistiu.

– Pelo amor de Deus, pare de me chamar de senhora. Esqueceu que, até já dormiu em minha casa? – admoestou Angeline, intrépida.

– Só se fizer o mesmo comigo. A propósito, fazia bastante tempo que eu não dormia tão bem – revelou John com um sorriso nos lábios.

– Ainda bem. Por isso que está tão sorridente e perdeu o ar aborrecido que sempre carrega consigo. – alfinetou ela.

– Acaso não tem espelho em seu quarto, doutora? Hoje, quando a vi de *lingerie*, pensei que fosse atirar a caneca em minha cabeça... – provocou.

– O que não seria uma má ideia. – Angeline deu um sorriso malicioso, como se aquela sugestão fizesse sua mente viajar.

Minutos depois, com uma conversa descontraída, chegaram ao escritório. O semblante de Angeline mudou rapidamente, temendo o que poderia vir pela frente. John fez uma leitura fisionômica da jovem e, enfático, tentou passar confiança:

– Não precisa se preocupar, tenho certeza de que acabará rápido. Eles só querem fazer algumas perguntas.

Desanimada, ela respondeu, pousando os olhos sobre ele:

– Não me preocupo com as perguntas e sim com as respostas que vou ter que dar.

John entendeu o que ela quis dizer. Em silêncio, entraram no escritório e seguiram direto para uma sala onde estavam sendo aguardados por Robert e dois senhores muito bem-vestidos, gestos educados, rostos amistosos. À chegada da doutora, levantaram-se rapidamente, cumprimentando-a. Angeline foi apresentada a cada um dos homens e depois convidada a sentar-se. John pediu licença para retirar-se, quando um dos senhores solicitou-lhe:

– Moore, permaneça. Quero ouvir também suas impressões.

O agente atendeu prontamente ao pedido, sentindo-se feliz em poder acompanhar o interrogatório.

Sem mais delongas, a pedido do diretor-geral do escritório, Angeline narrou tudo que havia acontecido desde que recebera o telefonema de Robert. Em seguida, foi sabatinada pelos dois homens a respeito de sua faculdade, respondendo a todas as perguntas sem embaraço. Ao ser

questionada em relação à contrariedade de possuir tal faculdade, Angie foi categórica:

– Senhor, o que é impedimento para alguns é alegria para outros. Não vejo a minha faculdade como prisão e sim como liberdade.

– Refere-se ao que sua crença apregoa? Essa visão não contraria totalmente as regras do bem viver? Aceitar o infortúnio acreditando que ele lhe trará melhoras um dia? – ponderou um, com certo ceticismo.

– É apenas um ponto de vista, senhor. Tenho certeza de que o senhor Turner não pensa assim, já que foi beneficiado por esse suposto infortúnio – rebateu a doutora, com firmeza.

– Doutora, desculpe-me se estou sendo impertinente, mas não consigo mitigar essa passividade diante da vida. Sou uma pessoa que luta para modificar tudo que puder à minha volta. Acho, sinceramente, que as religiões prendem os homens a um atavismo doentio que coloca Deus no comando de tudo e faz com que eles se esqueçam de si mesmos – tornou, contundente.

– É louvável lutar sempre por melhorias, mas é imprudência se revoltar quando essa mudança se torna inexequível – fez uma pausa, fitou o senhor e viu claramente uma mancha negra em torno dele. Como se fosse conduzida por outra inteligência, Angeline prosseguiu:

– Não podemos culpar as religiões que tentam cumprir o papel ao qual se propõem: o de conduzir o homem para um mundo melhor. Quando falamos de atavismo, quase sempre esquecemos que muitos dos males que

temos hoje, foram perpetrados de geração em geração; no entanto, eles são aceitos na sociedade, muitas vezes, sem nenhum questionamento a respeito, exemplo disso são os muitos vícios morais que a assombram. É do conhecimento de todos que hoje a ciência está comprovando que a fé, o otimismo, a paciência, a compreensão e tantos outros valores morais, que muitos tentam negociar nos dias atuais, fazem muita diferença na recuperação, por exemplo, de um paciente que foi diagnosticado com câncer.

O homem sobressaltou-se quando Angeline citou essa doença. Perguntou-se mentalmente se aquela deixa seria para ele. Agastado, indagou sem entender:

– Não consegui entender o "negociar". Como isso é possível?

– Atualmente, senhor, se vende tudo e se compra também. Algumas pessoas acreditam que podem colocar preço em tais virtudes. Hoje, negociam-se carinho, afeto, tempo, caridade, entre outras coisas, sem, no entanto, tê-los verdadeiramente. Logo, uma pessoa que consegue despender, com sinceridade e gratuitamente, tais sentimentos consegue, simultaneamente, medicamentos potentes contra essa e outras doenças.

– É assim que a senhora se sente em relação à sua faculdade? – questionou outro, entendendo aonde a doutora queria chegar.

– Sim. Sinto-me responsável e ao mesmo tempo abençoada pela oportunidade de ajudar, despretensiosamente.

O diretor-geral do escritório, satisfeito com tudo que havia escutado, constatou a lisura da jovem e, maravilhado com a sua faculdade, propôs-lhe:

– Doutora, estou sinceramente impressionado com sua inteligência e com tudo que nos informou a respeito de sua faculdade. Diante de tudo que já fez no pouco tempo que se fez conhecida, não tenho outra proposta que não seja esta: de a senhora se integrar à nossa equipe. Sei que Turner já fez esse convite e que a senhora o recusou, mas peço que reveja sua decisão. Seria para nós uma ajuda valiosa, bem como para todo o nosso país. O que a senhora nos diz?

– Senhor, sei da responsabilidade que carrego, por isso não devo me ligar apenas a um órgão, o que poderá limitar o meu campo de ação. Existem pessoas anônimas, que gritam no silêncio de suas dores por uma ajuda, que nenhuma força policial, por maior que seja, poderá lhes dar. Sem pretensão de salvar ninguém, realizo um trabalho em silêncio, sem que saibam que possuo tal faculdade. Visito hospitais, manicômios, centros de reabilitação de crianças, presídios e as ruas, onde encontro algumas dessas dores. Se me integrar a um órgão federal, talvez não possa mais realizar tais trabalhos. Não quero e não posso tornar essa minha faculdade uma atração para turistas, se é que me entende... Não quero notoriedade, quero espaço. Sou apenas uma devedora, como tantos neste mundo. Luto enfrentando meus próprios medos e dificuldades, que, asseguro-lhes, não são poucos.

A segurança de sua voz e a lucidez de seus argumentos fizeram todos recuarem. Contudo, olhando para John, Angeline arrematou:

– Entretanto, se vocês aceitarem, posso auxiliar sempre que possível, sem, no entanto, ter um vínculo oficial e sem notoriedade. Estarei pronta para ajudar se precisarem de mim e sem remuneração alguma. Não posso colocar preço em algo que me é dado gratuitamente.

Todos se entreolharam e, numa linguagem visual, tomaram a decisão rapidamente:

– Entendemos as suas justificativas e achamos justas. Aceitamos as suas condições. Mesmo que não oficialmente, a senhora está integrada ao nosso escritório. Para não levantar suspeita sobre o tipo de trabalho que realiza, quando estiver auxiliando será tratada como uma especialista em perícia. Estará subordinada ao agente Moore, que é o melhor nessa área, e ao Turner, que é o diretor responsável. Bem-vinda, doutora, à nossa equipe!

# 15. Tarefa aceita

Robert Turner não cabia em si de tanto contentamento. John sentia-se igualmente feliz, mas mantinha total discrição em relação a seus sentimentos, notando que aquela felicidade era partilhada pelo seu chefe. Angeline, por sua vez, sabia que havia assumido um compromisso muito grande e, mesmo feliz com a possibilidade de ajudar, conhecia o peso do trabalho e, em silêncio, pedia força a Deus para suportar tudo que viesse pela frente.

Os dois homens saíram da sala, deixando a doutora com Robert e John. O diretor olhou para a jovem e, feliz, indagou:

– Doutora, ainda irá viajar?

– Sinceramente, ainda não parei para pensar nisso. Mas acredito que tenho que fazê-lo.

– Entendo. Se não for abusar muito da senhora, gostaria de solicitar um pouco mais de ajuda da senhora, ainda para esse caso que me envolve. Já analisamos as imagens de todas as câmeras de segurança e nada foi visto de anormal. Já sabemos que a bomba foi acionada por um celular colocado dentro do meu carro, não sei como. Não foram encontradas impressões digitais ou qualquer outra coisa que nos proporcionasse identificar algum suspeito. Quem fez isso sabia o que fazia e o que queria.

– O senhor quer que eu tente ver algo, é isso? – perguntou a jovem.

– Sim. O carro está sendo ainda periciado e isso levará algum tempo. Entretanto, a senhora terá acesso a ele. Para o restante do escritório, a senhora será a nova parceira temporária de John. Apenas eu, John, Kayla e Noah sabemos verdadeiramente da sua faculdade. Soltamos uma nota para a imprensa dizendo que a denúncia foi feita anonimamente. Os policiais que a trouxeram até aqui estão também devidamente instruídos e foram premiados pelo bom serviço prestado. Como a senhora pode ver, estamos com o controle de tudo e seu nome sequer foi mencionado. A sua identidade está preservada e continuará assim – assegurou o diretor.

– Senhor Turner, ainda não tive acesso a nada. Antes de seguir com a doutora até o local, gostaria de ter conhecimento de tudo que foi apurado até agora – pediu John, assumindo seu posto.

– Claro John, na sua sala encontrará todo o material. Agora é uma corrida contra o tempo. Já que não sabemos quem fez isso, ainda corremos perigo. A propósito, a "conversa" com Kaiden que estava agendada, deverá ser revista. Remarque.

– Certo, senhor. Contudo, não acha estranha essa coincidência?

– Infelizmente, não podemos julgar nada ainda e tudo é sempre estranho, John.

O agente Moore levantou-se, dando a conversa por encerrada. Voltou-se para Angeline e chamou-a, demonstrando intimidade:

– Angeline, me acompanhe, por favor.

A jovem sentiu o seu coração acelerar ao escutar seu nome, porém, sem demonstrar nada, levantou-se e seguiu com o agente. Robert também não deixou de perceber que havia algo diferente entre os dois e experimentou uma sensação ruim. Respirou fundo e, olhando para o nada, pensou: “O que eu faço com o que sinto?”.

Angeline seguiu até a pequena sala do agente especial John Moore e sentou-se em uma cadeira indicada por ele. John pousou os olhos no belo rosto da doutora, endireitou-se na cadeira e, com voz macia, agradeceu:

– Estou feliz em trabalhar com você! Nunca lhe agradeci como devia por tudo o que fez por mim. Desde o dia em que você possibilitou que eu identificasse o homem que matou minha esposa e minha filha, devolveu a minha vida. Estava à beira de um precipício e só pensava em pular dele. Hoje vejo o quanto eu estava doente. Minha cura foi a esperança que a sua faculdade me proporcionou. Tenho certeza de que isso agora é apenas uma questão de tempo! Obrigado!

Angie escutou aquele relato verdadeiramente feliz. Lembrou-se de Eve e do pedido que a menininha lhe havia feito e sua alegria só aumentou. Contudo, preferiu ficar em silêncio. Sorriu e balançou a cabeça afirmativamente. Nesse momento, Kayla irrompeu na sala, cumprimentou Angeline com frieza, voltou toda sua atenção para John e disse:

– O chefe pediu que desmarcasse o interrogatório e discutisse com você outra data.

– Kayla, primeiro vou analisar esse caso, depois lhe darei o meu parecer – respondeu John, impassível.

– Está achando que possa haver alguma ligação entre os dois casos?

– Por enquanto são apenas suspeitas. Quando fizer uma análise, falo com você. Até amanhã lhe darei uma resposta – respondeu, dando o assunto por encerrado.

Sem mais perguntas, Kayla deixou a sala, inquieta, vendo Angeline próxima ao agente. Já havia sido informada, para sua tristeza, que a doutora tinha sido incorporada ao escritório em caráter não oficial. Angeline, por sua vez, percebia muito bem que aquela bela mulher tinha um interesse muito forte no agente, só não sabia ainda se ela era correspondida.

Longos minutos depois, John, já de posse de todas as informações, seguiu com Angie até o local onde se encontrava o carro do diretor que estava sendo periciado. Pediu que os peritos se retirassem do local, voltou-se para a doutora e disse:

– Agora é a sua vez.

Angeline aproximou-se do carro sem tocá-lo, caminhou em volta do veículo algumas vezes, observando-o. Parou, colocou luvas e segurou alguns pedaços dos destroços do telefone que haviam sido encontrados, fechou os olhos por alguns minutos, respirou fundo e disse, séria:

– Vejo um motoqueiro de preto, com capacete, perto do carro.

– Consegue descrever detalhes desse motoqueiro? – perguntou o agente, anotando as informações.

– Ele usa jaqueta preta, calça preta e um capacete preto com o desenho de uma águia na lateral. Tem estatura mediana. Não consigo ver mais nada... – finalizou.

– Não preciso de mais nada. Acredito que já sei quem está por trás desse atentando – disse, com convicção. Voltou-se para a mulher e assegurou: – Você acaba de nos ajudar mais uma vez. Vou deixá-la em casa, deve estar cansada. Qualquer outra informação, entrarei em contato com você. Só peço que me comunique se for viajar.

– Tudo bem. Quero mesmo voltar para casa, tenho que pegar minhas malas no aeroporto ainda hoje – respondeu, observando que o agente estava bem diferente de quando chegara. Adquirira uma postura séria e distante, demonstrando o quanto era profissional. Admirou-o por isso.

Depois que deixou Angeline em casa, John seguiu rapidamente de volta ao escritório. Ansioso, foi falar com Robert.

– Senhor Turner, eu li o relatório, depois levei a doutora até o local. Ela viu um motoqueiro todo de preto próximo ao carro do senhor. Disse ainda que no capacete havia uma águia. Analisei todo o trajeto que o senhor fez ao longo daquele dia e, em duas ruas pelo menos, foi detectado que, apesar de existirem câmeras de segurança, há quatro pontos cegos. Foi de um desses pontos cegos que ele se aproveitou, mostrando que já conhecia o local. O mais importante vem agora. Fiquei me perguntando: por que o senhor? Depois do que Angeline disse, liguei rapidamente os fatos e concluí que foi a gangue do tráfico de drogas. O seu sobrinho foi pego graças ao

senhor; isso significa que ele não é apenas um usuário, deve ser um informante. Se não morrer por causa da bala, deve ser morto pelo tráfico. Lamento, senhor Turner! Com certeza, o hospital deve estar sendo monitorado por eles, a partir disso, todos que por lá circulam são suspeitos em potencial, desde os funcionários até os próprios pacientes. Isso torna inviável fazer uma análise de pessoas, já que são muitas a percorrer o hospital durante todo o dia.

Robert teve que concordar. Pensando no que o agente falara, continuou o raciocínio:

– Você pode ter razão!E deve ter sido o Fred que forneceu informações minhas para eles. Com certeza deveriam estar me monitorando. Como não percebi?

– Senhor Turner, é aconselhável se mudar o mais rapidamente possível – advertiu o agente, preocupado.

– Já providenciei isso, John. Minha família está sempre em primeiro lugar – tranquilizou o diretor. Depois, com a intenção de sondar o amigo em relação à doutora, perguntou, curioso: – Soube que dormiu na casa da doutora ontem. Ela ficou com medo?

John percebeu imediatamente o que o diretor queria saber, e respondeu-lhe com sinceridade:

– Não. Ela passou muito mal. Quando fui deixá-la em casa, percebi que ela tremia devido a uma febre muito alta. Quis levá-la ao hospital, mas ela recusou veementemente e, ajudada por sua avó, preferiu ficar em casa.

Preocupado, solicitei a dona Joana que me deixasse passar a noite em sua casa, para o caso de ocorrer algo, já que elas moram sozinhas naquela casa, em companhia apenas de uma secretária que sequer dirige. Hoje Angeline acordou muito bem, felizmente. Foi isso.

Para não levantar suspeitas em relação ao ciúme que estava sentindo, Robert elogiou a atitude do rapaz:

– Você fez muito bem, John! A propósito, o que acha de tê-la aqui no escritório?

John refletiu bem antes de responder, uma vez que percebia que estava sendo analisado. Contudo, disse com honestidade:

– Acho a doutora uma mulher muito inteligente, sem falar que é espantosa a faculdade que ela possui. Acredito que, em relação ao trabalho, é uma aquisição valiosa para o escritório. Eu tive minha vida de volta graças a essa mulher! Porém, tenho receio quanto à segurança dela. Sua avó me confidenciou algumas dificuldades que ela já viveu. A sensibilidade dela é tão grande, que, durante toda sua vida, praticamente só teve um namorado de verdade e, infelizmente, esse rapaz morreu em um acidente. Ela já sofreu muito, senhor Turner e, ao que parece, em determinadas situações, absorve muita energia ruim, chegando até a adoecer.

– Ela não quis mais ninguém? – interrogou, curioso, o diretor.

– Não é isso. O problema é a sensibilidade que ela possui, o que torna inviável algum tipo de relacionamento já que, segundo o que a dona Joana

me disse, ela vê, sente, ouve e pressente tudo à sua volta. Pelo menos foi isso que entendi.

No silêncio de seu intimo, o diretor se autoperguntou: “Será que ela sabe o que sinto?”. Olhou para o agente e indagou, interessado:

– Deve ser difícil viver assim, bem como conviver com uma pessoa assim! Ela lhe falou algo em relação a isso?

– Não, senhor. Ela é muito discreta. Tudo que sei foi a avó dela que me falou em particular – procurando mudar de assunto, o agente perguntou: – Qual o próximo passo agora?

– Se não encontrarmos nenhuma prova, teremos que recorrer ao plano B. Não podemos mais deixar esse bandido solto, ameaçando agentes federais como se fosse o dono da cidade. Desta vez ele foi longe demais!

– Também concordo. E qual é o plano B?

– Agentes disfarçados e infiltrados no reduto do criminoso. Não podemos mais trazer ele para a cadeia sem provas reais. Não suportaria vê-lo sair novamente. Temos que fazer com que esse maldito morra na prisão.

– Isso já não foi tentado? – indagou John.

– Sim, mas desta vez iremos tomar todos os cuidados. Na época, não sabíamos que esse infeliz tinha tantos recursos. Subestimamos o adversário e nos saímos muito mal – relatou o diretor com raiva.

John sabia que aquilo era uma questão de honra para o chefe. Levantou-se, mudando um pouco de assunto:

– Quanto ao Kaiden, estou esperando uma resposta de um grampo que solicitei de um telefone particular, que tenho certeza que ele possui. Ele acredita que não vamos pegá-lo, gosto de deixá-lo pensando assim, porque desse modo ele se sente livre para agir. Idiota, se acha que pode enganar o FBI! Quando estiver de posse dessas informações, consigo um mandado para averiguar a casa e tudo que estiver em seu nome ou próximo a ele. Quero olhá-lo de perto! – finalizou com um misto de satisfação nos olhos. Pediu licença ao diretor e saiu apressado rumo à sua sala. Mal havia se sentado, Kayla entrou sem pedir licença, sentou-se diante dele e convidou-o, com um sorriso malicioso nos lábios:

– John, hoje à noite estamos combinando fazer uma surpresa para o Noah. Você virá, não é?

– Nossa, eu havia me esquecido completamente do aniversário do Noah! Claro que irei. No local de sempre? – respondeu o agente, sem, no entanto, fitar a jovem, com os olhos postos em alguns papéis.

– Sim. No local de sempre... – respondeu ela, chateada com a indiferença do colega. Ao mesmo tempo, ao ouvir a confirmação de que ele iria à comemoração, os olhos de Kayla exprimiram uma estranha excitação e ela pensou: “Mas quem vai receber o presente especial será você, John!”.

O dia passou rapidamente. Angeline, depois de muita espera, conseguiu suas bagagens de volta e retornou para casa no final da tarde. Cansada, optou por relaxar o restante da noite assistindo a um bom filme com sua avó. John, por sua vez, seguiu para um *pub* onde, costumeiramente, os

amigos se reuniam depois do trabalho. O local era frequentado por um grupo seleto de pessoas que gostavam de *jazz*. John aproximou-se da mesa onde já se encontrava boa parte dos colegas. Cumprimentou a todos com cordialidade, demorando-se mais no aniversariante, que parecia já estar um pouco embriagado. Já haviam se passado longos minutos, quando Noah aproximou-se de John e perguntou em seu ouvido, visivelmente "alto" pela bebida:

– É verdade que você dormiu na casa da doutora? Aquela mulher é um espetáculo, meu amigo!

John apenas sorriu sem responder à pergunta, Noah, contudo, percebendo a chegada de outra pessoa, disse:

– Mas é esta aqui que arrasta um bonde por você! – fez um gesto mostrando a colega que se aproximava muito bem-vestida. O agente olhou na direção indicada e reconheceu Kayla. Não deixou de observar e admirar a beleza da colega, que foi recebida com muitos elogios por todos.

A comemoração seguia animada, mas eles tinham que ir embora. O dia seguinte seria de trabalho para eles. Kayla, que já preparara a investida, aproximou-se de John e pediu, fazendo charme:

– John, será que você pode me dar uma carona? Não vim de carro...

– Claro! – respondeu, percebendo a sua real intenção.

O trajeto foi feito em silêncio, só quebrado por uma bela música de Joe Cocker que tocava no rádio. Minutos depois, parou diante de um

condomínio de apartamentos, olhou para a bela mulher ao seu lado e informou:

– Chegamos!

– Não. Faço questão que complete o trajeto e me leve até meu apartamento... – convidou Kayla sorrindo.

O agente escutou aquele convite e sabia a consequência da escolha que teria que fazer. Imediatamente a imagem de Ellen veio à sua mente e seu semblante mudou. Olhou a bela colega ao seu lado e não deixou de sentir atração, todavia, não se sentia preparado para assumir compromisso com ninguém, muito menos com uma colega de trabalho. Respirou fundo e, com honestidade, respondeu:

– Kayla, você é uma mulher muito bonita, mas não estou preparado para nenhum relacionamento. Sei que você não é mulher apenas para uma noite, então é melhor ficarmos por aqui.

Um olhar sombrio cruzou a face da agente, embora o elogio que ele fizera tivesse aplacado um pouco sua decepção. Encarou-o com um ar desconfiado e reiterou:

– Isso é verdade, John. Não sou mulher apenas para uma noite... – aproximou-se e, bem devagar, beijou-o de um lado e de outro da face, desviou, aproximou seus lábios dos dele e beijou-o intensamente. O agente correspondeu inteiramente. Passados alguns segundos, a mulher distanciou-se e despediu-se: – Boa-noite e obrigada!

John respirou fundo observando Kayla distanciar-se. Passou as mãos nos cabelos, ligou o carro e saiu. Ainda podia sentir os lábios da colega nos seus, contudo, diferentemente do que imaginara, não fora difícil deixá-la entrar sozinha em seu apartamento. Sem nenhuma explicação, lembrou-se de Angeline, de quando dançara com ela, de quando a tivera em seus braços em sua casa dentro da banheira. Eram sensações muito diferentes e complexas. A doutora despertava nele emoções intensas e contínuas. Kayla era apenas uma amiga de longa data, apesar de ser uma mulher muito bonita, nunca pensara nela de outra forma. Sempre soubera do interesse dela, mas jamais a incentivara a alimentar aquele sentimento.

# 16. John e Robert

Kayla entrou em seu apartamento cantarolando, feliz com o beijo trocado com o colega. Deixou-se cair no sofá e disse, suspirando:

– John, você não me escapa! Um dia você será meu! – tocou os lábios lembrando o beijo trocado e sorriu novamente festejando.

Angeline e sua avó terminavam de assistir ao filme quando Joana reclamou de palpitações no coração e dor de cabeça. Preocupada, a doutora perguntou-lhe, imediatamente:

– A senhora tomou o remédio de pressão, vó?

– Hoje não, minha filha. Esqueci de ligar para você trazer – respondeu Joana lançando em direção à neta um olhar de desculpas, arrependida.

– Meu Deus! A senhora não pode esquecer de jeito nenhum! Espere um momento, vou examinar sua pressão... – saiu e voltou com um **esfigmomanômetro**. Constatou o que já desconfiava: a pressão de sua avó estava muito alta. Olhou o relógio e verificou que era quase meia-noite, respirou fundo e informou:

– A pressão da senhora está muito alta. Tenho que ir comprar o remédio, a senhora não pode ficar sem se medicar. Volto logo.

– Nada disso, irei com você! – avisou a senhora, decidida.

Angeline não quis discutir. Vestiu seu sobretudo, calçou suas botas e saiu, dirigindo pelas desertas ruas da cidade. Cerca de 20 minutos depois, parou o carro na lateral do estacionamento de uma farmácia. O local era um tanto afastado e escuro. Percebendo, pelo número pequeno de carros, que deveria haver poucos clientes na farmácia, perguntou para sua avó:

– A senhora vem comigo?

– Não, aguardo aqui. Não se preocupe, tranco as portas – respondeu Joana, diligente. Angeline, sem perder tempo, desceu do carro e adentrou no estabelecimento.

No mesmo instante, John passava pela rua, pegando um atalho para chegar à sua casa. Observou a doutora descer do carro e entrar na farmácia. Deu a volta e resolveu conferir se estava tudo bem. Estacionou seu carro ao lado do automóvel da jovem e reconheceu a avó de Angeline, no banco do carona. Aproximou-se e bateu no vidro, chamando a atenção da senhora, que abriu a janela imediatamente, reconhecendo o agente.

– Boa-noite, John! Que surpresa encontrá-lo por aqui!

– Estava voltando para casa quando reconheci a doutora e resolvi parar. Está tudo bem?

– Sim! Ela veio comprar meu remédio de pressão que esqueci.

– Entendo! A senhora não pode esquecer; pressão é algo que requer cuidados mesmo... – disse cuidadoso.

– Eu sei, meu filho, mas essa minha cabeça... Ultimamente não...

Nesse momento o agente, que se mantinha debruçado na janela do carro, não ouviu mais nada do que a senhora dizia, fixou sua atenção em um carro que estacionou em frente à farmácia, dentro, havia três homens. Observou que um entrou, outro se manteve na porta e outro continuou na direção do veículo. O federal rapidamente se deu conta de que se tratava de um assalto. Percebeu que os bandidos não o haviam visto. Sem alterar a voz, pediu a Joana:

– Dona Joana, bem devagar e sem fazer barulho, saia do carro abaixada e entre no meu caro pelo outro lado, tranque as portas e se deite no banco. O vidro escuro não deixará ninguém vê-la. A farmácia está sendo assaltada, não se preocupe, vou trazer sua neta sã e salva.

A senhora olhou assustadíssima para John, mas a calma do rapaz tranquilizou-a, então ela atendeu ao seu pedido sem questionar. John, abaixado na lateral do carro, ligou para a polícia e pediu reforço. Sem ser notado, estudou o homem que se mantinha parado na porta, olhando assustado para os lados, até ter uma ideia. Bateu a porta do carro de Angeline se fazendo notar. O homem voltou-se rapidamente para John e olhou-o, atento. Sem demonstrar qualquer alteração, o agente deu alguns passos na direção do marginal e, a certa distância, pediu:

– Senhor, será que poderia me ajudar aqui? Preciso tirar um material do porta-malas do carro... – mentiu o federal.

O homem, sem desconfiar de nada, olhou para o agente e, pensando em assaltá-lo também, fez um gesto para o motorista e seguiu na direção de

John, que sabiamente seguiu para a parte traseira do carro. Sem que o assaltante esperasse, o agente virou-se e desferiu contra ele dois golpes certeiros, impedindo-o de puxar a arma escondida dentro da roupa. Rapidamente, imobilizou-o e algemou-o, depois o desarmou. Nesse momento, a polícia chegou. Com as informações anteriores do agente, os policiais cercaram o carro suspeito e prenderam o outro bandido que servia de motorista. John identificou-se e entregou o segundo bandido aos policiais. Várias pessoas começaram a sair do estabelecimento com as mãos erguidas a mando do outro bandido, que tentava fugir do local ao perceber a chegada da polícia, saindo pelos fundos da loja. Entre elas estava Angeline. John, aproximou-se, puxou-a para trás de um carro e perguntou, preocupado:

– Você está bem?

– Sim. Ele está fugindo pelos fundos... – informou aflita.

– Pelos fundos! – informou o agente aos policiais, que correram. Depois olhou novamente para a jovem e abraçou-a com carinho, sentindo-se bem em vê-la livre do perigo. Angeline, nervosa, sentiu-se bem nos braços do agente e retribuiu o abraço. Segundos depois, ela se lembrou de sua avó e, preocupada, indagou:

– Minha avó!

– Ela está bem. Comprou o remédio? Mais do que nunca ela irá precisar.

– Não tive tempo de pagar. Estava na fila quando o homem chegou e rendeu todo mundo. Vou voltar e pagar... – explicou a nervosa.

– Eu faço isso para você. Dona Joana está no meu carro, vá tranquiliza-la! Dê-me o remédio e resolvo isso – pediu, gentil, o federal.

– Obrigada, John! – agradeceu, entregando-lhe o medicamento, seguindo rapidamente ao encontro de sua avó.

Minutos depois, o agente voltou portando uma garrafinha de água, o medicamento e um copo. Estendeu os objetos à senhora e aconselhou: – É melhor tomar logo, dona Joana.

– Obrigada, meu filho! – agradeceu atendendo à recomendação do agente. Ele se voltou e perguntou a Angeline:

– Você está em condições de dirigir?

– Claro. Estou bem, apesar do susto! – confirmou.

– Eu sigo vocês até em casa. Vamos, a emoção de hoje já acabou! Os policiais cuidam do resto.

Minutos depois, Angeline e Joana, escoltadas pelo federal, chegaram em casa. John não aceitou o convite da boa senhora para que entrasse um pouco e explicou:

– Obrigado, dona Joana, adoraria conversar um pouco, mas não posso; amanhã tenho que estar bem cedo no escritório. Boa-noite e se cuide! – aproximou-se e beijou a senhora na fronte, carinhosamente .

Ela olhou para ele sorrindo e disse espirituosa:

– Eu podia muito bem retribuir esse carinho, mas tenho certeza de que não quer beijos de uma velha senhora, por isso, passo essa gentileza para minha neta. Boa-noite, meu filho, e muito obrigada! Que Deus o abençoe! –

entrou sem olhar para Angeline, que não acreditava no que escutara. Espantada, cravou os olhos no agente ,que esboçou um sorriso e disse:

– Adoro pessoas que têm bom humor para tudo! Por isso gosto tanto de sua avó!

– Minha avó tá ficando é sem juízo, isso sim! – replicou com vergonha. Encarou-o com uma fisionomia séria e exclamou: – John, não tenho como agradecer tudo que fez por nós hoje! Muito obrigada, de coração!

– Essa é minha função, doutora! Não tenho os seus poderes, mas fico muito feliz quando consigo ser útil e ajudar outras pessoas.

– Acredito em você! Com certeza é muito bom no que faz! Obrigada mais uma vez e boa-noite! – estendeu-lhe a mão.

O agente segurou na mão da jovem, sorriu ligeiramente e perguntou, enigmático:

– Não está se esquecendo de nada?

– Não! Do quê? – questionou Angeline, surpresa.

– Do pedido de sua avó!

– Você não está falando sério!

– Claro que estou. É uma boa forma de agradecer... – assegurou John com um brilho sedutor nos olhos.

Sem saber o que dizer, Angeline suspirou, aproximou-se do rapaz devagar, ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo na face. Sem esperar, foi envolvida pelos braços do agente, que a estreitou junto de si. Angeline sentiu as pernas tremerem, seu coração acelerou, sua respiração ficou

alterada, ela não teve forças para afasta-lo . John, ao sentir a mulher em seus braços, experimentou uma sensação de paz, de volta para casa... Sentiu o suave e envolvente perfume dela, fechou os olhos como se quisesse imprimir aquele cheiro em sua mente. Lentamente, diminuiu a força que imprimia para tê-la em seus braços e, sem soltá-la totalmente, olhou-a nos olhos e beijou-a na face, depois desceu seus lábios até os de Angeline e beijou-a. Minutos depois, afastou-se um pouco e contemplou-a com carinho.

Angeline, que havia retribuído o beijo, ao ficar olhos nos olhos com o agente, voltou à realidade e disse, ríspida:

– Nunca mais repita isso! Nunca mais! – soltou-se do federal e entrou sem olhar para trás, deixando-o parado sem reação.

Ao vê-la ir embora, John sentiu vontade de ir atrás dela, mas conteve-se. Deu a volta, entrou no carro e saiu com as emoções alteradas, pensando: "Será que ela sentiu alguma coisa ruim? Será que ela sabe que Kayla me beijou?". O agente voltou para casa com a cabeça cheia de questionamentos. Dizia em voz alta:

– Se ela sentiu algo, isso eu não sei, mas que retribuiu o beijo, retribuiu. Que mulher estranha! – retirou a camisa, cansado, e continuou falando a si mesmo: – Acho que o melhor é ficar bem distante mesmo! Não quero problema e essa moça me cheira a uma encrenca grande! Vou focar no meu trabalho! Já tenho problemas demais; não é uma decisão inteligente optar por ter mais um.

Angeline entrou em casa e seguiu direto para o quarto. Sentia o peso dos lábios do agente ainda nos seus. Fechou a porta atrás de si com receio de ser vista pela avó, levou a mão ao coração, buscando entender por que tinha deixado aquele beijo acontecer. Sem se controlar, deixou que as lágrimas brotassem em seus olhos, na verdade, sentia raiva de si mesma. Deixou-se cair na cama, sopesando mais uma vez os caminhos que sua vida estava tomando:

– Não posso cair de novo! Tenho que ser firme e forte!

Na sala, sem ser vista, Joana acompanhara o beijo entre os dois e, o que a princípio, fora motivo de alegria para ela, transformou-se em preocupação quando viu a neta atravessar a sala com o semblante carregado. Suspirou e resolveu deixá-la sozinha.

No dia seguinte, John concentrava-se integralmente no trabalho, fugindo das investidas de Kayla e procurando não pensar em Angeline. Para decepção de todos no escritório, a procura por pistas do culpado pelo atentado não avançara e, nada que pudesse levar ao motoqueiro, fora encontrado. Uma reunião foi marcada com urgência: Robert, Noah, Kayla e John se fizeram presentes. Robert olhou para a equipe e anunciou, circunspecto:

– Como a investigação não avançou, estou convocando todos para uma tarefa de campo. Não podemos deixar isso sem uma resposta à altura. Poderíamos estourar alguns quartéis-generais do tráfico, porém isso iria alertá-los, o que não quero que aconteça. Eu quero o cabeça!

O diretor apertou um botão do controle que segurava e mostrou, num telão, fotos de um homem, à medida que passava as fotos, ia informando: – Este é Zugno Lopez, o homem que está por trás de tudo. Ele tem empresas aparentemente legais. Há quase três anos que está na nossa mira, e até agora não conseguimos provas suficientes para trancafiá-lo. Ele vem sendo investigado também pela CIA, por suspeita de acordos de tráfico com outros países. Porém, o pessoal dele é muito bem preparado, por isso, teremos que desenvolver um plano muito bem pensado, e eu já tenho algo em mente. Somente vocês que estão aqui conhecem a faculdade da doutora Lewis, e ela está incluída nos meus planos.

A última informação causou sentimentos contrários nos presentes. Kayla se contorceu ao escutar o nome da doutora; um misto de raiva e ciúme se fez presente em seu íntimo. John, por sua vez, ficou interessado e ansioso ao saber que poderia novamente trabalhar com a doutora. Noah percebeu o desgosto da colega e uma possível alegria no rosto de John, porém se manteve impassível e, tentando entender o plano do chefe, interrogou:

– Qual é o plano, senhor?

– Zugno mora numa verdadeira fortaleza no estado da Califórnia. Vamos nos deslocar e encontrar um jeito de nos infiltrarmos nessa fortaleza. Hoje recebi uma notícia muito boa: encontramos uma casa para alugar no mesmo condomínio do bandido; a casa fica situada praticamente na frente da mansão de Zugno. Já solicitei que isso fosse providenciado – explicou o diretor.

– Como isso será feito? Acredito que ele e o seu pessoal já nos conheçam – interrompeu Kayla.

– Iremos disfarçados. Assumiremos outras identidades. Ele controla e investiga todos os que moram no condomínio. Aqueles que não são aprovados, ele dá um jeito de afastar. Tem tudo sob controle e num sistema muito eficiente. Dois membros da nossa equipe se mudarão para a casa e os outros lhes darão suporte. Teremos de três a cinco meses para conseguir provas; foi esse o tempo que o escritório nos deu, já que os gastos serão grandes com a missão.

– Quem ficará na casa, senhor? – perguntou John.

– Eu e a doutora Lewis, se ela aceitar – respondeu de forma repentina, com um estranho brilho nos olhos.

A reação foi imediata. Os olhos de John brilharam de espanto e seus lábios, de forma abrupta, cuspiram indignação:

– O senhor enlouqueceu? Jamais vou concordar com isso!

– Você não tem que concordar, você tem que obedecer! Eu tomo as decisões por aqui, John! Sente-se e coloque-se no seu lugar – rosnou o chefe com um ar de reprovação.

– O senhor não pode colocar a vida dela em risco! Isso é um total absurdo! Essa gente não brinca e o senhor sabe muito bem disso! – contestou o agente sem se intimidar com as palavras do diretor.

– John, você é meu subordinado e não vou admitir falta de respeito! – vociferou, nitidamente alterado.

– Lamento se falar a verdade é considerado falta de respeito pelo senhor. Como pôde ter pensado em algo assim? Estou desconhecendo o senhor! Essa mulher salvou a sua vida! – prosseguiu John, no mesmo tom indignado.

Robert calou-se parecendo ter tomado um balde de água fria. Suspirou profundamente, passou a língua vermelha entre os lábios, ajeitou os óculos, visivelmente nervoso, encarou o jovem agente e respondeu-lhe, dessa vez mais contido:

– Eu jamais colocaria a vida de quem quer se seja em risco, John, muito menos a de alguém por quem tenho verdadeira estima. Não admito que pense isso de mim. Pensei na doutora porque precisamos acabar com isso o quanto antes e salvar a vida de muitas pessoas. Com ela nos ajudando, conseguiremos fazer tudo muito mais rapidamente do que o faríamos sem ela para nos orientar com sua faculdade. Tudo será muito bem controlado e ela não correrá risco. Por isso serei eu a ficar com ela na casa.

O agente lançou um olhar de consternação para Robert. Resoluto no seu pensamento, rebateu-o, dessa vez menos contundentemente:

– Desculpe-me, senhor, mas não consigo achar que isso será algo bom. Eu não quero fazer parte dessa missão – sem esperar resposta, deixou a sala.

Robert ficou em silêncio olhando para um ponto no vazio, tentando entender a reação do federal. Passados alguns segundos, visivelmente abatido, sentou-se e, olhando para Kayla e Noah, indagou:

– Vocês estão de acordo com o Moore?

– Eu tenho que concordar com John em relação ao perigo que essa mulher pode correr em participar, senhor! Por outro lado, sou forçado a concordar também com o senhor que ela pode ajudar a resolvermos esse caso, mais rapidamente, por meio de seus “poderes”. Estou dentro da missão! – assegurou Noah, convicto.

Kayla, exasperada com a reação de John, respondeu irônica:

– Quem tem que decidir é ela própria. Até porque, a vida dela não é melhor do que a nossa, já que corremos riscos diariamente. Não entendo a reação de John. Por mim, estou na missão.

Robert dispensou os agentes e a sós, refletiu: “Ele deve estar gostando dela. Não há outra explicação!”.

# 17. Uma conversa franca

Contrariado, John saiu da reunião e seguiu direto para sua sala. Entrou e sentou-se, nervoso. Seus pensamentos não paravam de repetir:

“Isso é loucura! O chefe perdeu o bom senso! Ele está trocando as bolas e se deixando envolver pelo que deve estar sentindo por Angeline!”.

Kayla e Noah saíram da sala juntos e entraram no elevador, voltando às suas funções. A agente olhou para o colega e indagou, visivelmente chateada:

– O que John está querendo? Imagine se tem cabimento discutir com o chefe daquele jeito! Só pode estar sofrendo de algum mal!

Noah encarou a colega, percebendo que o ciúme lhe corroía as entranhas, e disse, com o semblante carregado:

– John foi sincero e disse o que pensava, além do mais, ele estava defendendo alguém que possivelmente quer bem. Já você, Kayla, se mantém cega diante das suas possibilidades, correndo atrás de quem não lhe quer. Deveria pensar nisso! – apertou o botão do elevador e saiu sem dar tempo de a colega responder.

A agente, confusa com o que escutara, ficou pensativa alguns segundos. Contudo, resolveu relevar o conselho. Decidida, seguiu e adentrou na sala de John. Fitou o colega e disparou:

– O que faz você acreditar que a vida dessa doutora tenha mais valor que a nossa? Eu corro risco todos os dias, sabia, John? Você foi longe demais, desrespeitou o seu superior e tudo por causa de quê? Acaso tem algo com essa “cabelo de fogo”?

John assustou-se a princípio com a atitude da colega. Depois se levantou, fulminou-a com o olhar e deixou à mostra suas impressões:

– Eu não me lembro de haver lhe dado permissão para interferir em minha vida. Além disso, eu não lhe pedi conselho algum. Portanto, saia da minha sala, porque das minhas atitudes, cuido eu!

A mulher engoliu em seco, desconcertada, mitigou a reação e perguntou:

– Aquele beijo não significou nada para você?

– Não. E eu fui bem claro com você, o que me faz acreditar que não errei, visto que nós não temos nada um com o outro! E você está misturando as coisas. Aqui é meu ambiente de trabalho e não admito isso, Kayla!

A jovem sentiu a firmeza daquelas palavras, afundou os olhos no chão, humilhada, e retirou-se sem mais palavra. John tornou a sentar-se, cansado, passou as mãos nos cabelos e disse:

– Se ela age dessa forma mesmo a gente não tendo absolutamente nada, imagine como agiria se tivéssemos algum compromisso... Espero que agora ela se convença de uma vez por todas que não sinto nada por ela! – soltou o

ar tentando suavizar seu aborrecimento; no fundo, ele sentia um pouco de pena da jovem, pela qual sempre tivera afeição.

O dia passou lentamente, para John, as horas vagarosas tinham um aspecto sombrio, já que, o desentendimento com o seu superior não lhe saía da cabeça. Ele sentia uma gratidão sincera por Robert, além de uma estima muito grande. No final da tarde, com os pensamentos mais serenos, tomou uma decisão e foi falar com ele. Bateu à porta de sua sala e, sem esperar autorização, entrou:

– Senhor, posso falar um minutinho com o senhor? – perguntou.

– John, sente-se e diga a que veio – respondeu o diretor, ríspido, sem levantar os olhos dos papéis.

Sem preâmbulos, o agente despejou:

– Primeiramente, quero me desculpar pela forma desrespeitosa como lhe respondi. O senhor sabe que lhe tenho muita estima e gratidão. Contudo, não concordo com sua decisão, mas, se o senhor ainda me aceitar na equipe, quero continuar.

Robert depositou-lhe um olhar inquiridor, tentando entender o agente. Intrigado, questionou:

– E quanto à doutora?

– Se ela aceitar, o problema será dela. Afinal, deve conhecer os perigos que corremos.

Reconhecendo a importância de um agente como John Moore na missão, Robert aquiesceu, mesmo sem satisfação:

– Muito bem, John, você continua na equipe, mas não vou admitir mais atitudes como aquela.

– Sim, senhor, e obrigado! – antes que ele se retirasse, o superior convidou-o, consciente do que fazia:

– Estou indo à casa da doutora conversar com ela. Gostaria que me acompanhasse. Acredito que sua presença possa ajudar na negociação, *já que está mais íntimo dela*...

John sabia muito bem qual era a intenção de seu chefe com aquele convite, uma vez que a última frase fora dita com certa ironia. Sagaz, atendeu ao pedido. Longos minutos depois, os dois homens batiam à porta da casa de Angeline. Desde o beijo trocado com a doutora, John não falara mais com a jovem, procurando esquecer o episódio. Agora, só de saber que iria reencontrá-la, sentia certa apreensão.

Sisi atendeu à porta e, reconhecendo John, deixou-os entrar.

– D. Joana virá falar com os senhores. Por favor, queiram aguardar – disse, com simpatia.

Minutos depois, a avó de Angeline surgiu na sala e cumprimentou os homens com cordialidade. Pousou os olhos em Robert e explicou:

– Infelizmente Angie não vai poder atendê-los. Eu sei que o senhor já havia marcado, mas minha neta não está passando muito bem. Ela me incumbiu de avisá-lo, porém eu me esqueci. Desculpe-me!

– Tudo bem, senhora! Diga-lhe, por favor, que, assim que ela estiver reestabelecida, me ligue que virei conversar com ela. Espero que não seja

nada de grave... – Robert estendeu a mão e finalizou: – Boa-noite e passe bem.

– Boa-noite e obrigada... – respondeu dona Joana ao cumprimento do diretor.

Os dois homens saíram frustrados e com sentimentos diferentes. Robert, chateado porque queria ver a doutora e saber se ela iria cooperar com a missão. John perguntando-se se a doença da jovem estava relacionada ao beijo. Sem trocarem opiniões, os dois despediram-se e seguiram caminhos opostos. Contudo, o agente, incomodado com o fato, deu a volta e retornou à casa da jovem. Bateu à porta e aguardou.

Joana abriu a porta e, surpresa, perguntou:

– Aconteceu alguma coisa, meu filho?

– Não comigo, dona Joana. Estou preocupado com Angeline. Quero saber se é sério o que ela sente.

Joana mostrou um belo sorriso de satisfação, colocou-o para dentro e explicou:

– Não, John, não é sério. Apenas não se sente bem. Hoje fomos fazer uma visita a uma clínica de reabilitação e às vezes, Angie volta muito cansada. Ela sabia da visita de vocês, porém, prevendo que não estaria cem por cento, pediu que eu desmarcasse e adormeceu. Mas minha cabeça me trai o tempo todo...

– Fico mais sossegado em saber. Tive receio de que a doutora pudesse estar assim por minha causa – expôs John, sem pensar.

– Por sua causa? – indagou a senhora, surpresa.

John se deu conta da mancada e, tentando consertar, respondeu:

– Ontem, quando vim trazê-las, nós discutimos e acabei não ligando para me desculpar. Fiquei apreensivo, com medo de que, devido à sensibilidade da doutora, seu mal-estar estivesse associado ao fato.

A senhora sabia ao que o jovem se referia, no entanto disfarçou e respondeu, feliz:

– Não tem com o que se preocupar. Embora eu fique feliz em saber que é um homem distinto e que se preocupa com minha neta.

Nesse momento, Angeline, que havia acordado e escutado vozes, adentrou na sala sem reconhecer a voz do agente. Ao ve-lo , estancou, pousando um agudo olhar no agente. John levantou-se imediatamente e cumprimentou-a, cortês:

– Boa-noite, doutora!

– Boa-noite. Pensei que a minha vó tivesse desmarcado... – disse olhando para Joana.

– Sim, ela o fez. Contudo, sabendo que você não estava bem, resolvi saber pessoalmente o que estava acontecendo... – explicou, isentando Joana, que preferiu se calar diante da resposta do jovem. A avó de Angeline aproveitou a deixa e, com um pretexto qualquer, se retirou, deixando-os sozinhos.

Ela sentia-se verdadeiramente contente com a preocupação de John e, mais gentil, disse:

– Agradeço a atenção! Agora estou melhor, só com um pouco de dor de cabeça...

– Fico feliz em saber! A propósito, quero me desculpar pelo que aconteceu ontem à noite. Não que eu me arrependa, mas poderia ter evitado... – tratou de se redimir, analisando a reação da jovem.

Angeline não sabia ao certo se havia gostado ou não do que escutara. No entanto, disfarçou o antagonismo de sentimentos e aquiesceu:

– Tudo bem, John! A culpa não foi apenas sua, eu deixei que acontecesse. Mas agora já passou.

– Que bom que pense assim... – assumiu uma postura distante, dirigiu-se à porta e despediu-se: – Agora tenho que ir! Boa-noite e melhoras!

– Boa-noite e, mais uma vez, obrigada pela atenção!

Ele saiu, deixando a doutora um tanto incomodada com sua distância. Entretanto, tentou convencer a si mesma que era melhor assim. John deixou a casa de Angeline igualmente incomodado, porém, assim como ela, teve o mesmo pensamento.

Joana entrou na sala logo em seguida e, não vendo mais John, perguntou, desapontada:

– Que pena que John já foi, ia convidá-lo para jantar conosco!

– Vó, nós mal conhecemos esse homem! Não podemos estar com essa amizade toda com ele... – retrucou exasperada.

A senhora respondeu com uma pergunta:

– Está falando isso de coração ou simplesmente porque está fugindo?

– Do que a senhora está falando? – replicou, desconfiada.

– Do sentimento que está experimentando e do qual tem medo. Não acha que deve dar uma chance a você, minha filha?

Angeline sentiu vontade de contestar e dizer com convicção que a avó estava enganada, mas sabia que não podia mentir para ela. Com os olhos rasos d'água, sentou-se, engoliu em seco e finalmente falou:

– Vó, bem sabe que não posso me envolver com mais ninguém! Não vou mentir e dizer que ele não mexe comigo, mas não posso!

– Não está sendo dura demais com você, Angie? Quem sabe não dá certo com esse rapaz? Ele parece gostar de você também! – argumentou.

– Não, vó! Não quero mais passar de novo por tudo que já passei. Fiz minha escolha e ela me pede que eu fique sozinha! No início tudo são flores, depois eles vão se aborrecendo com o meu trabalho, com a minha faculdade, com as minhas limitações... Sem falar que fica impossível uma vida saudável. Não posso pedir a ninguém que aceite meu estilo de vida – contra-argumentou Angeline, triste.

– Eu entendo as suas razões, mas discordo de você! A renúncia não deve ser algo doloroso, mas consciente. Quando você optou por não ter uma vida social badalada, por exemplo, isso lhe trouxe paz. Fez essa escolha por razões bem definidas. Agora, abrir mão de algo por medo, essa não é uma decisão sábia, minha filha.

– Vó, eu não posso! Não é medo, é prudência! Esse rapaz perdeu a esposa, teve uma filha que ele nem sabe que não era dele, tem uma

profissão muito difícil e talvez traga muitos problemas guardados em si. Ele merece uma mulher normal, que lhe dê paz, que lhe dê filhos. Eu nem sei se posso ser mãe! – desabafou, entre lágrimas.

Joana lançou um olhar indulgente à neta, observando a sua autopiedade, e rebateu, enérgica:

– Não tenha pena de si mesma, Angie! Você não é uma coitada! É uma mulher muito bonita, inteligente e bem-sucedida. Quem tem que escolher o que quer é ele, não você! Problemas, todo mundo tem, você não é privilegiada, e pare de usar sua faculdade como desculpa para não enfrentar os seus medos. Olhe, minha filha, você está longe de ser uma Madre Tereza de Calcutá, portanto, aja como uma mulher normal porque é isso que você é!

Sem entregar os pontos, Angeline replicou:

– Sei que estou muito longe de ser uma missionária; meu passado fala por mim. Contudo, se eu estiver sozinha, terei mais condições de ajudar, sem estar presa a ninguém e sem prender ninguém também. Eu posso viver sem um romance, não vou morrer por causa disso.

– Ninguém precisa de romance, Angeline, todos precisam de amor! Renúncia de verdade promove a serenidade e fortalece o homem. Todavia, você está sofrendo e isso não é renúncia, é tortura! Isso não é saudável e a qualquer momento lhe causará mais sofrimentos! Mas respeito sua decisão... – explicou. Depois pediu licença e saiu.

Angeline escutou sem mais condição de contestar. No fundo, não queria admitir que sua avó pudesse ter razão. Sozinha, alimentou a angústia com pensamentos eloquentes. Grossas lágrimas caíram em sua face, molhando o pranto da saudade de algo que nem ela mesma conhecia. Lembrou-se do beijo que trocara com o agente, fazendo vibrar as fibras mais íntimas do seu coração. Fechou os olhos e disse:

– Vou focar no meu trabalho! Isso sim me dá paz!

# 18. A missão

John não demorou a chegar à sua casa. Ao estacionar o carro, viu Noah, que o esperava sentado no jardim. Aproximou-se do colega e perguntou, preocupado:

– Aconteceu alguma coisa, Noah?

– Nada que não possamos resolver tomando uma cerveja – respondeu sorrindo.

John entendeu o recado e convidou o amigo para entrar. Na cozinha, abriu duas cervejas, entregou uma ao amigo, sentou-se, pedindo que o colega fizesse o mesmo, e perguntou:

– Então, Noah, qual o motivo da visita?

– Você já se acertou com Turner?

– Já. Conversei com ele e está tudo certo. Embora eu não concorde com o que ele quer fazer, estou dentro do plano. Esse pessoal é da pesada, Noah. Essa gente teve a coragem de querer assassinar um federal!! Acho que Turner está expondo demais Angeline!

– Por quê, John? Você está gostando da doutora?

O agente pousou o olhar no amigo e pensou um pouco antes de responder:

– Essa é uma boa pergunta, cara! Eu não sei lhe responder! Desde a morte de Ellen, eu nunca me interessei por mais ninguém. Toda vez que chego em casa, ainda penso que irei encontrá-la. É difícil!

– Mas você mudou! Parece que se tornou outro homem depois que essa doutora apareceu em sua vida. – interrompeu Noah.

– Isso é verdade! Ela me devolveu a vida! Todos acreditavam que eu havia me tornado um alcoólatra irrecuperável, mas a verdade é que eu bebia porque, quando estava alcoolizado, parecia que eu conversava com Ellen. Sentia-me culpado por não ter protegido as duas. Na minha cabeça, refazia todo o sofrimento dela e a morte de Eve em seus braços! Só que eu não estava lá! Minha função é proteger os cidadãos de meu país, e não consegui proteger minha própria família! Porém, quando Angeline deu pistas do assassino, parece que me libertei. A possibilidade de ver aquele bandido preso ou morto refez meu ânimo – desabafou John.

– E hoje? Você não pensa mais em Ellen?

– Penso, sim, mas como algo bom que passou. Concentro-me no trabalho e vou vivendo... É uma saudade sem dor, sem culpa, ainda que algumas vezes a falta que sinto dela seja muito grande... – sorveu um gole da bebida, lançou um olhar no vazio e continuou: – A doutora me faz sentir bem. Ela tem cheiro de casa nova! Quando estou com ela, parece que o tempo passa rápido demais! Contudo, ela é muito estranha, já sofreu muito e acho que não quer mais ninguém. Sinceramente, Noah, não tenho mais idade para isso... Não vou correr atrás de ninguém!

– E Kayla? Ela gosta de você, sabia? – indagou, interessado.

– Kayla é uma mulher muito bonita, atraente e eu adoraria ficar com ela. Mas não posso fazer isso. Ela merece alguém que goste dela de verdade e eu não sou esse cara. Além de perder uma amiga, arranjaria uma inimiga ferrenha. Prefiro tê-la como amiga e perto de mim do que como inimiga e nas minhas costas... –tomou outro gole na bebida e, sabendo do sentimento do colega, completou: – Ela precisa de alguém como você, que arrasta um trem por ela.

– E eu que pensei que ninguém percebia! Você faz jus ao codinome que lhe deram: Águia, visão além do alcance! Bem, quem não tenta não sabe o fim! Vamos ver no que vai dar... – respondeu o colega levantando um brinde. Conversaram mais um tempo e, antes de ir embora, Noah questionou:

– John, e o Kaiden? O resultado daquela investigação chegou?

– Amanhã vou ter a resposta, mas tenho certeza de que vou colocar aquele crápula na cadeia. Contudo, algo me intriga! Eu observei nele muita confiança e deduzi que isso pode ser muito maior do que imaginamos!

– Como assim?

– Ele deve ter alguém infiltrado ou alguém muito forte por trás dele. Além, é claro, do irmão político na Irlanda.

– Você acha que alguém dá cobertura a ele aqui nos EUA?

– Exatamente. Fico me perguntando: se ele é suspeito de terrorismo, por que está aqui e trabalhando? Por que a CIA não interditou as suas finanças?

Em todo caso, vamos ter cautela. Amanhã terei algumas dessas respostas na mão... – concluiu, despedindo-se do colega.

No dia seguinte, John acordou ansioso e, depois de ajeitar-se, seguiu direto para o escritório. O encarregado de trazer o resultado do grampo já o aguardava.

– Bingo, John! Você estava certo, o criminoso tem um telefone oculto. Contudo, não deu para escutar muita coisa, não, acho que foi destruído. A maioria das ligações é da Irlanda, por isso solicitei uma tradutora. O chefe pediu que o grupo todo se reúna para escutar as gravações e checar a tradução.

– Quantos dias de escuta? – indagou o agente, seguindo para a sala indicada.

– Uma semana. Acho que ele não fica muito tempo com o mesmo celular. Deve ser uma estratégia. Ou, então, ele desconfiou da investigação.

– Entendo. Muito bom, Christian, isso pode salvar a pátria! – respondeu, entrando na sala de reunião. Robert e Kayla já o aguardavam. O jovem cumprimentou a todos, sentou-se e perguntou ao diretor:

– Então, muitas novidades?

– Eu ainda não escutei a gravação nem li a tradução. A tradutora passou a noite trabalhando e o material só ficou pronto hoje pela manhã. Deu muito trabalho, pois havia interferência, mas, segundo ela, deu para entender quase tudo – explicou o diretor, demonstrando cansaço.

Noah chegou e tomou seu lugar. Sem perder tempo, deram início ao trabalho. Atentos, eles escutavam as ligações várias vezes, liam a transcrição das gravações traduzidas e faziam suas anotações. Ao término, todos fizeram suas considerações e chegaram a uma conclusão:

– Isso não dá para condená-lo! Temos que ter mais provas – comentou Noah.

– Também acho! A gravação do telefone é uma prova que pode ser contestada. Não dá para colocá-lo atrás das grades – concordou Kayla.

– E o que você acha, John? – perguntou Robert, curioso, observando o agente ainda muito quieto.

– Acho que isso é muito maior do que pensamos. Veja bem: o que o irmão dele quis dizer quando lhe perguntou se a mercadoria havia chegado? Essa palavra pode significar muita coisa: drogas, armas... Não estamos tratando apenas de assassinato. Esse buraco é muito mais fundo! Essa pessoa que não foi identificada, à qual ele fez ameaças aqui nos EUA, deve ser alguém que tem muito a perder. E o principal: quem é o bispo que ele pergunta se caiu? Eu desconfio que eles estejam falando do senhor e concluo que o atentado está ligado ao Kaiden – disse o agente, convicto.

– Concordo com o John. Teremos que ter paciência e aguardar o próximo passo dele. Colocaremos um agente dia e noite em sua cola. Quem sabe não descobrimos algo a mais? Deveremos agora dar continuidade à nossa segunda missão: prender Zugno. Vamos nos mudar e assumir a tarefa. Deveremos ir na próxima semana. Passaremos por um período de adaptação

com a nova identidade, para não haver erro. Soltarei uma nota informando que iremos fazer reciclagem por causa do atentado. Assim, justificaremos a nossa ausência. Ainda hoje falarei com a doutora. Alguém tem mais alguma consideração a fazer?

– Se a doutora não aceitar? – perguntou Kayla, sisuda.

– Seguiremos com o plano de forma convencional, sem Angeline, mas, de qualquer maneira, a missão deverá acontecer. Por ora é isso; na sequência, colocarei todos a par dos novos acontecimentos. Acredito que daqui a uma hora já terei essa resposta. A doutora me ligou hoje pela manhã e disse que viria até aqui. Preparei algumas informações que possam sensibilizá-la – voltou-se para John e convocou-o: – Quero você aqui comigo, John.

O agente não se pronunciou verbalmente, apenas confirmou com um leve aceno de cabeça sem demonstrar emoção.

Angeline havia acordado especialmente pensativa. Olhava para um ponto imaginário quando foi tirada de sua abstração por sua avó, que lhe perguntou:

– Está tudo bem, minha filha?

– Estou aqui tentando entender um sonho que tive. Será que tem alguma ligação com esse trabalho para o qual o FBI quer minha ajuda? – interrogou a jovem, curiosa.

– Como foi o sonho? – sondou sua avó.

Ela, como se revivesse o sonho, narrou:

– Fui levada por alguém a alguns locais. Observei mães que oravam por suas filhas e filhos. Cada uma delas do seu jeito, mas todas traziam uma carga emocional muito forte. Pareciam desesperadas! Eram de várias nacionalidades. Ao final, um senhor pediu-me, emocionado, que eu ajudasse o seu neto. Ele narrou que o menino estava perdido, colocando a sua grande tarefa aqui na terra no lixo. Era tão real, vó!

– Minha filha, você bem sabe que alguns sonhos são desdobramentos e que, dada a sua mediunidade, é possível que tal sonho possa, sim, estar ligado a esse trabalho. Quando você irá conversar com eles?

– Hoje, daqui a pouco. Telefonei há pouco marcando com o senhor Turner. Talvez a senhora tenha razão... – fez uma breve pausa e desabafou: – Queria ser como o Chico, vó. Ele tinha sempre certeza do que fazer, conversava sempre com o seu amigo espiritual. Já eu, nem sempre consigo respostas para mim. Talvez seja porque, apesar de toda minha mediunidade, sou muito imperfeita.

– Não vamos fazer comparações, meu bem! Chico teve uma missão grandiosa não só no Brasil, mas no mundo inteiro. É uma referência. Você, com certeza, tem sua própria missão e o importante é que a está cumprindo. Talvez ainda não esteja preparada para tamanho testemunho! A vida de Chico foi mais do que a sua mediunidade! – explicou a senhora cordialmente, tentando confortar a neta.

– Como sempre a senhora está correta, vozinha! – abraçou Joana e beijou-a com carinho. Depois disse, mais animada: – Agora irei até o FBI

ver do que se trata. – Joana sorriu, constatando uma mudança em seu humor, e agradeceu a Deus no silêncio de seu coração.

Uma hora depois, Angeline entrava no escritório federal. A doutora foi conduzida a uma sala, acomodada e orientada a aguardar. Segundos depois, um tanto abatido, Robert entrou na sala e, ao ver a jovem, desmanchou-se em cordialidade, feliz em revê-la.

– Bom-dia, doutora! Espero que esteja cem por cento.

– Bom-dia, Sr. Turner. Estou bem, graças a Deus, obrigada! – respondeu, cortês.

Instantes depois, o agente Moore entrou na sala. Cumprimentou a doutora com educação, embora demonstrasse certa frieza que foi percebida por ela imediatamente. Angeline disfarçou o desapontamento e aguardou a explicação dos federais. O diretor, procurando sensibilizar a médium, iniciou com uma preleção, tendo como recurso principal algumas imagens de jovens, vítimas dos diversos tipos de drogas.

– Como pode comprovar, doutora, não são apenas as famílias que lutam contra esse terrível mal. Nós, há muito tempo, travamos uma verdadeira guerra que já esfacelou muitas famílias. Sabemos da dificuldade da nossa luta, porém, temos a convicção de que não podemos parar, e é por isso que a senhora está aqui, mais uma vez, sendo convocada a unir-se a nós para colocar na cadeia um dos maiores traficantes deste país.

– Como poderei ajudar? – interrogou, curiosa.

– Eu tracei um plano muito audacioso, mas talvez o único que pode dar certo... – respirou fundo, olhou para John, que permanecia em silêncio, e em seguida esclareceu todo o plano idealizado por ele. A doutora não deixou de se espantar com a ideia:

– Tenho que admitir que é um plano muito difícil, ainda mais para mim, que não sou profissional da área. Posso muito bem colocar tudo a perder!

– Por isso que estarei com a senhora o tempo todo. Com a sua ajuda, isso poderá acabar rapidamente. Todos acreditam na sua faculdade, principalmente eu, que estou aqui graças a ela.

Angeline ficou sem saber ao certo o que dizer. Tinha tantas perguntas sem respostas dentro de si que não ousava externar... Entendia a gravidade da questão. Pousou os olhos em John, que permanecia em silêncio, e quis ouvir a sua opinião:

– O que você acha?

O agente, que não esperava a pergunta, olhou para ela surpreso, porém feliz com a consideração que ela demonstrava ter ao dar importância à sua apreciação. Fitou o diretor, visivelmente insatisfeito, e, tentando ser profissional, respondeu, contido:

– Doutora, desde o início fui contra. Todavia, cheguei à conclusão de que a sua resposta tem que ser o veredicto final.

Os olhos de Angeline encararam os de John com espanto.

– Por que foi contra?

– Não que eu coloque em xeque a sua faculdade, de modo algum; ela já se mostrou séria, assim como você! Acredito que nesse ponto o diretor tenha total razão: a sua ajuda seria muito valiosa. A minha única resistência foi em relação à sua segurança – suas palavras e o olhar dirigido a ela exprimiram certa emoção que John não soube disfarçar.

Angeline conteve a alegria que sentiu ao saber do cuidado que ele tivera consigo. Desviou os olhos do agente com receio de trair a sua emoção e apenas balbuciou:

– Entendo... – respirou fundo, fechou os olhos, apreensiva, sem saber o que responder. De repente se lembrou do sonho e, novamente, viu as mães chorando em oração pelos seus filhos e a aflição no rosto de cada uma delas. Olhou para o diretor e, firme no que decidira, respondeu:

– Eu irei ajudá-los. Só espero que tudo corra a contento.

Robert vibrou interiormente, contudo se manteve discreto. com um aperto caloroso de mão, selou a parceria:

– Seja bem-vinda à equipe, doutora! Será um prazer trabalhar mais diretamente com a senhora. Amanhã faremos outra reunião para traçarmos as diretrizes.

Angeline apertou a mão do diretor e viu nitidamente uma mancha escura logo atrás dele, que a princípio não soube identificar. Discreta, disfarçou e observou melhor. Segundos depois, soube que Robert Turner estava doente e que não seria ele a ir com a equipe. Contudo, manteve-se em silêncio e despediu-se.

# 19. Evangelho no lar

Angeline despediu-se e seguiu direto para o estacionamento. Antes de chegar ao local, John a alcançou e questionou-a:

– Angeline, você tem certeza de que quer fazer isso?

– Tenho sim. Por quê? – replicou, interessada.

– O diretor está obcecado por esse caso e não tiro sua razão; contudo, é muito perigoso para você! Essas pessoas não são de brincadeira!

– John, agradeço de coração a sua preocupação, mas sei que devo ajudar! Vai sair tudo bem. Vamos confiar em Deus! – explicou, realmente grata pelo cuidado do agente.

– Bem, depois não reclame de que não foi avisada, doutora, e...

O homem parou de falar, escutando uma voz bastante familiar gritando a certa distância:

– Águia! Águia!

O agente voltou-se e viu, espantado, sua mãe aproximando-se rapidamente. Era uma senhora de meia-idade, alta, um pouco acima do peso, faces bem coradas, olhos azuis. Ela chegou sem dar tempo para qualquer cumprimento. Levantou sua voz aguda, quase estridente, e começou a bater nos braços e nas costas do filho, reclamando sem parar:

– Finalmente o encontro, filho ingrato! Como teve coragem? Acaso é filho de chocadeira? Pois saiba que ainda tem mãe e pai! Quase dois meses, John, sem uma notícia!

O rapaz defendia-se como podia, levantando os braços dos tapas que levava de sua mãe. Angeline a princípio ficou sem reação, depois achou muito divertido e não deixou de dar risada. Os outros agentes, que acompanhavam de longe, também se puseram a rir do colega.

– Mãe! Mãe, pelo amor de Deus! Pare já com isso! A senhora está me envergonhando... – dizia John, entre um tapa e outro.

– Vergonha você deveria sentir por nos deixar sem nenhuma informação! Nem o telefone você atendia! Foi seu primo quem me tranquilizou depois que eu quase tive um ataque, de tão nervosa que eu estava.

O jovem conteve a mulher segurando-a pelos braços com firmeza:

– Pare com isso! Ficou louca? Eu não recebi ligações da senhora! Eu ia ligar, mas estou com muito trabalho! A senhora bem sabe!

A expressão do rosto corado da senhora tornou-se mais branda; ela bateu suas pestanas e, emocionada, abraçou-o:

– Meu Deus, você está bem! Deus seja louvado! Glória, Jesus!

John retribuiu o abraço de sua mãe e olhou para Angeline, que se divertia do jeito espalhafatoso da senhora. Ele também sorriu, afastou sua mãe, beijou-a na fronte e perguntou:

– A senhora não veio até aqui apenas para me ver, não foi?

– Não. Viemos para o aniversário de seu primo, esqueceu? – respondeu.

– Aniversário do Julian? Claro que esqueci, mãe!

– Vocês ainda com essa bobagem! É amanhã e ele me pediu que o convidasse sem falta.

– Agradeça ao meu querido primo por mim e aproveite bem a festa.

Quando a mãe do agente ia replicar, notou a presença de Angeline, que tentava se despedir. Olhou-a sem reserva e perguntou-lhe:

– Você é uma agente?

– Não, senhora!

– Essa é a doutora Angeline Lewis, mãe! – apresentou John.

– Prazer, doutora. Espero que seja médica de cabeça e dê um jeito na cabeça do meu filho.

Angeline sorriu e corrigiu a senhora com delicadeza:

– Não sou médica, senhora. Sou doutora em Ecônomia Financeira!

– Nossa, mexe com números? Deve ser doida também! – tornou a senhora examinando a jovem.

John não deixou de rir e, passando a mão nos ombros de sua mãe, disse, indulgente:

– Esta é a senhora Elinor Moore, Angeline!

– É um prazer muito grande conhecê-la, dona Elinor! Agora vou deixá-los a sós, tenho que ir. Até logo, John!

– Quero que pense no que lhe falei! Qualquer mudança de opinião, nós iremos entender. Porém, se quiser ir adiante, tenha certeza de que o diretor

não permitirá que nada lhe aconteça. *Nem eu*... – completou, dando ênfase no final.

Angeline compreendeu o que ele quisera dizer. Antes de retirar-se, disse simplesmente:

– O senhor Turner não irá. Ele está doente... – saiu sem dar tempo para qualquer questionamento por parte de John.

Os olhos do agente assumiram um tom de surpresa e angústia, mas não houve possibilidade de verbalizar, a jovem se retirara rapidamente. Ele, voltou à realidade com a ladainha interminável de sua mãe:

– Você me escutou, Águia? Parece que está no mundo da lua!

– Pare de me chamar de Águia, mãe! – repreendeu, voltando-se para a senhora e tirando-a dali: – Está na hora de a senhora ir embora. Onde está hospedada?

– Na sua casa! Onde mais? Esqueceu que tenho uma cópia da chave? Aliás, como deixa sua casa daquele jeito? Já dei até uma arrumadinha! – explicou Elinor se dirigindo ao carro.

O agente suspirou olhando para o céu. Caminhou até o carro de sua mãe e disse, despachando-a:

– Mãe, vá para casa. Não me espere para o jantar, pois vou chegar tarde. Amanhã prometo que almoço com a senhora e o pai – beijou-a na face e deu-lhe as costas. Antes, porém, que ele saísse, sua mãe ainda disse, entusiasmadamente:

– Estou feliz em vê-lo, meu filho!

Os lábios do agente abriram-se em um sorriso sincero deixando-se envolver pelo carinho materno:

– Eu também mãe, do meu jeito, mas estou!

O dia passou rápido e John não conseguiu tirar da cabeça o que a doutora havia falado do diretor. Estava distraído com os seus pensamentos e sobressaltou-se com o chamado de Noah:

– John! Em que planeta você está? Esta é a terceira vez que o chamo. Já sei, não diga! – aproximou-se mais do colega e disse baixinho: – Aposto que estava pensando na doutora!

John se voltou para o colega e corrigiu-o, circunspecto:

– Você acertou, mas não é pelo que você está pensando – encarou-o com semblante preocupado e deixou-o saber: – Hoje, depois da reunião com o Turner, conversei com Angeline e sabe o que ela me disse? Que ele não vai para a missão porque está doente.

– Tem certeza? – questionou Noah, desconfiado.

– Bem, foi isso que escutei... – declarou. – Vou tirar essa dúvida. Vou falar com a doutora agora.

Os dois homens saíram da sala e pegaram o elevador juntos.

– Não vai ligar para ela avisando? – indagou Noah.

– Se fizer isso é bem capaz de ela dizer que não está. Peço desculpa e digo que não tive tempo... – saíram do elevador dirigindo-se ao estacionamento.

– Soube que sua mãe esteve aqui – disse Noah sorrindo.

– Adivinha onde ela acampou com meu pai?! Mas não vou reclamar, estava até com saudades! Ela veio para o aniversário do meu primo Julian. "O ilustre político" disse que faz questão da minha presença na festa! Hipócrita! Não vou *mesmo*! – John adquiriu um olhar sombrio ao lembrar-se do parente.

– O senador? Por que não, John? Se eu fosse você, não só iria como convidaria a bela doutora para me acompanhar. Já imaginou você entrando na festa acompanhado de uma beldade daquela? Acho que ele iria bufar de inveja! Também, com a mulher que tem... – ironizou Noah.

– E você acha que ele conseguiu essa cadeira no Senado como, meu amigo? Foi por causa do patinho feio da Elisabeth. O pai dela é um dos políticos mais respeitados deste país. E ela, viúva, feia, bem mais velha do que ele, se encantou imediatamente pelo meu galanteador e ambicioso primo – explicou, enojado.

Noah parou ao lado do seu carro e concluiu:

– Aposto que ele pensa que você ainda está no fundo do poço! Pense nisso! E, se a doutora não aceitar, convide a Kayla. Ela irá flutuando... – deu a mão e entrou no carro, saindo sem esperar pela resposta do amigo.

Os lábios de John esboçaram um meio sorriso, analisando a proposta do colega. Entrou no carro e seguiu até a casa da doutora. Bateu e aguardou. Para sua alegria, quem atendeu à porta foi a avó da jovem.

– Mas que surpresa maravilhosa, meu filho! Por favor, vamos entrar! – convidou Joana, solícita, olhando para ele com sincera simpatia.

– Obrigado, dona Joana! Como sempre, a senhora muito gentil... Esse jeito caloroso da senhora deve ser atributo da sua nacionalidade. Além de ser conhecido por suas belezas naturais e por seu futebol, o Brasil é conhecido também pela alegria e pela afabilidade do seu povo.

– Isso é verdade! O povo brasileiro é apenas uma, se não a maior, maravilha do meu país. Embora eu ame igualmente esta nação que me acolheu tão bem e que me presenteou com a razão maior para eu estar aqui: o meu querido marido...

Curiosa, a avó de Angeline aproveitou para indagar o rapaz:

– Conhece o Brasil, John?

– Não como eu gostaria! Fui lá apenas a trabalho. Mas quem sabe um dia... – respondeu o agente, cordial.

– Se você quiser, um dia terei o maior prazer em lhe apresentar aquele país lindo. Todavia, espero que não demore muito a decidir. Estou no fim da vida!

– Prometo pensar a respeito com carinho, dona Joana! Mas não diga mais que está no fim da vida porque isso não é verdade!

Nesse instante, Angeline adentrou na sala chamando sua avó:

– Vó! Esqueceu? Hoje é dia do evange... – parou quando viu John. O rapaz, assim que a viu, levantou-se imediatamente e cumprimentou-a.

– Boa-noite, doutora! Desculpe vir sem avisar, tanto trabalho que nem pensei a respeito...

– Boa-noite, John! Tudo bem, não tem problema.

John e Joana entreolharam-se intrigados com o jeito afável da jovem. Antes de o rapaz se pronunciar novamente, a senhora teve uma ideia e convidou-o:

– John, nós iremos realizar o evangelho no lar, você não gostaria de participar?

– Bem, eu não sei... Não vou atrapalhar? – arguiu, sem jeito.

– De jeito nenhum, não é, Angie? É um prazer, meu filho. Você sabe do que se trata?

– Por se tratar de evangelho, acredito que vão orar. Minha mãe é protestante e às vezes se reunia com as irmãs da igreja – explicou.

– É mais ou menos isso. O Espiritismo nos incentiva a realizar uma vez por semana, em dia e hora previamente escolhidos, a leitura e a discussão de uma passagem do evangelho. Isso ajuda na preservação das boas energias e na proteção da nossa casa, e pode ajudar ainda muitos espíritos, sem que possamos perceber. Sem falar que nos ensina a viver melhor, com mais harmonia.

– Entendo. Se não estiver sendo inoportuno, gostaria de acompanhar vocês! Não sou religioso, mas respeito a religiosidade de cada um.

Angeline se manteve em silêncio. No fundo, estava feliz em compartilhar com ele aquele momento que para ela e sua avó era tão importante. Minutos depois, sentiu um estremecimento e sua visão espiritual se apresentou. A médium viu adentrarem na sua casa vários

espíritos necessitados, bem como o responsável por aquele lar. Olhou para sua avó e chamou-a, séria:

– Vamos, vó! Está na hora.

Acomodaram-se na sala e deram início com a leitura de um livro de Emmanuel, intitulado *Fonte Viva*, psicografado por Chico Xavier. Depois, dona Joana fez a prece inicial, em seguida sua neta leu uma passagem do *Evangelho Segundo o Espiritismo* e deu início a uma pequena preleção.

Angeline viu, então, o responsável espiritual trazer à reunião a esposa de John. Ellen mostrava sinais de melhora, mas ainda se encontrava muito debilitada. Ela conteve-se e, inspirada pelo responsável do lado espiritual, concluiu a explicação:

– Quantas vidas são eivadas pela indisponibilidade do homem em observar procederes éticos, que anulariam situações difíceis e vexatórias que vivem algumas famílias... Não falamos de religião, falamos de gestos simples do cotidiano: não mentir, respeitar as diferenças, cuidar do bem público, já que é um direto de todos, e entender que o próximo jamais agirá como você quer. Somos uma individualidade e não mudaremos isso, embora vivamos em coletividade. Contudo, Deus, o supremo criador do universo, nunca fecha as portas para seus filhos. Onde houver dor, sofrimento, desesperança, angústia, lá estará também a divina providência a nos observar e fazer de tudo para nos auxiliar. Para tanto, o primeiro passo que devemos dar é nos perdoar e travar uma batalha, para que possamos perdoar também a quem nos fez mal. A nossa paz dependerá da luta que

empreendermos para essa conquista. Tudo que falamos aqui se aplica aos dois lados da vida.

Sem que Joana nem John pudessem ver, Ellen chorava copiosamente, sem se dar conta da presença de seu marido. Ao fim da pequena explanação, outro espírito adentrou no recinto sorrindo e abraçou Angeline. A médium viu uma bela jovem envolvê-la em uma energia de paz e ouviu-a dizer:

– Não me reconhece? Eu vim lhe agradecer por tudo que está fazendo por aqueles que foram meus pais aqui na Terra. Essa é a maravilha de ser médium: a possibilidade de ajudar, sem que ninguém perceba ou até acredite. Veja como mamãe está melhor! Agora ela poderá ir comigo! Obrigada! Que Deus a abençoe!

Angeline reconheceu Eve, que, apesar de se mostrar crescida, trazia consigo a docilidade e a ternura de criança. Foi informada de que a menina se mostrava daquele jeito para não perturbar sua mãe.

Envolvida pelas boas energias, Angeline começou a chorar. John, preocupado, olhou para dona Joana sem saber o que fazer. A simpática senhora balançou a cabeça negativamente, tranquilizando o rapaz.

# 20. A festa

Depois de encerrar o evangelho no lar, Joana examinou o rapaz e, com uma desculpa para deixá-los a sós, informou:

– Vou colocar mais um prato à mesa. Você irá jantar conosco, John. Faço questão! – saiu sem dar tempo de o rapaz discordar.

– Você está bem? – questionou, estudando a jovem.

– Sim. Muito bem, graças a Deus! – respondeu Angeline sorrindo, sem dar maiores pistas.

– Curioso, Angeline! A você acho que posso dizer. Eu não sou e nunca fui religioso, nem sei se posso dizer que acredito em Deus! Porém, na hora da prece inicial, pedi por Ellen e Eve, e, já no final, senti um perfume que me remeteu a elas. Ellen usava os perfumes de Eve . Foi apenas uma impressão, mas muito forte – explicou, impressionado, pousando a vista sobre a jovem.

– Não se preocupe, elas receberam suas preces!

– Você viu algo? Desculpe! Normalmente não tenho essa curiosidade, mas sei que você vê pessoas que já morreram.

– Ninguém morre, John. Continuamos nossa vida em outro plano – corrigiu-o sem arrogância e disse com um ar gentil:

– Sim, eu as vi. Elas estiveram aqui. Eve veio buscar a mãe.

– Buscar? Para levar pra onde? – perguntou, interessado.

– Acredito que ela será levada a um posto de socorro, que é uma espécie de emergência. Ela não se encontrava muito bem. Contudo, está bem melhor do que no primeiro dia em que a vi. Às vezes essa passagem é difícil, uma vez que alguns relutam em aceitar a morte do corpo, querem ficar próximo de quem amam e isso dificulta. Foi assim com sua esposa. Ela se culpa e quer muito o seu perdão – explicou Angeline, com cuidado.

– Eu nunca a culpei de nada. Ela foi uma vítima daquele infame! – respondeu num tom menos calmo.

– Talvez possam existir outras questões que ela gostaria de ter lhe dito, mas não deu tempo. O importante é você se lembrar dela com carinho. Onde estiver, ela estará recebendo esse carinho e isso certamente a ajudará.

John fitou-a com um ar desconfiado, mas decidiu não perguntar nada. Contudo, as palavras iniciais de Angeline fizeram com que ele se perguntasse: *"Será que Ellen tinha algum segredo?*".

Joana adentrou na sala e comunicou:

– O jantar está servido! – em silêncio, dirigiram-se à mesa. O agente sentou-se, olhou para os pratos com curiosidade e perguntou, divertido:

– O que temos?

Joana, solícita, explicou sorrindo:

– Você irá experimentar alguns pratos da culinária brasileira. Desde quando Angie era pequenininha, meu marido decidiu que, um dia por semana, dedicaríamos para que ela e o irmão conhecessem o meu país.

Nesse dia só comíamos comida brasileira e falávamos o idioma português. Decidimos continuar com esse costume depois que ele nos deixou. Minha irmã me envia alguns dos ingredientes. Vou lhe explicar o que vem a ser cada um desses pratos!

Estendeu a mão e, um a um, nomeou os quitutes: – Isto é tapioca. Ela é feita de polvilho doce, uma massa especial. Isto é queijo de coalho, muito conhecido e apreciado na região nordeste do Brasil, e, por fim, temos banana frita com canela, conhecida lá como "cartola". Esta é uma versão muito simples, pois é noite e não podemos abusar, mas você se surpreenderia se visse como os brasileiros fazem esse prato por lá. Fica uma delícia, posso lhe garantir.

– Agora só me resta experimentar. Por onde começo? – indagou, lançando um olhar simpático para Angeline, que retribuiu com um belo sorriso.

O jantar transcorreu em um clima muito agradável. John olhava em volta se questionando como, em tão pouco tempo, conseguia sentir-se tão à vontade. Era como estar em casa... Contudo, foi trazido à realidade com a pergunta de Angeline:

– John, veio até aqui por causa da missão? Eu já decidi, irei ajudar.

– Não. Na verdade, vim perguntar sobre Turner. Você me disse que ele não iria porque estava doente. Vim saber a respeito – explicou.

– Sim, é verdade. O senhor Turner está doente e não irá.

Seus olhos demonstraram inquietação e indagou:

– Você viu algo nele?

– Sim, eu vi.

O agente percebeu que Angeline não queria se estender na resposta e calou-se sem querer ser indiscreto. Ele se lembrou então da sugestão que Noah lhe fizera e, aproveitando a presença de Joana – ele a *tinha como uma aliada, não sabia por quê* –, fez o convite, evitando a princípio dizer de quem se tratava.

– Além disso, vim convidá-las para o aniversário de meu primo amanhã. Por isso que minha mãe está aqui. Quero ter o prazer da companhia das duas.

Angeline imediatamente se voltou para sua avó, que também a olhou surpresa. Joana foi a primeira a se pronunciar, desculpando-se:

– Lamento, John, agradeço muito o convite. Após a passagem de meu marido, não me sinto à vontade para ir a festas. Mas, se Angie aceitar, irá me representar à altura... – explicou, dando uma olhada sugestiva para a neta, que fingiu não ver.

Sem saber o que responder, não querendo ser indelicada com o agente, Angeline indagou:

– Amanhã! A que horas?

– Eu não sei ao certo, porque, para falar a verdade, também não fazia planos de ir. Entretanto, se tiver uma boa companhia, aí a coisa muda de figura. Então, o que me diz?

– John, não gosto muito de festas. Não me sinto à vontade em lugares com muita gente. Não vou ser uma boa companhia... – tentou recusar, porém o agente, fazendo planos de ficar a sós com ela, insistiu.

– Quanto a isso, não se preocupe, não me demorarei. Na verdade, não gosto do meu primo e queria ir apenas por causa de meus pais. Minha mãe ficará no meu pé se eu não comparecer. Se você for comigo, tenho uma boa desculpa para me retirar quando você quiser.

– Então você quer me levar para eu servir aos seus propósitos? – interrogou Angeline, com fingida indignação.

– Bem, pensando friamente, sim. Todavia, só há uma chance de eu ir para essa festa: se você vier comigo, ou seja, a sua companhia é muito importante – um sorriso malicioso brilhou em seu rosto.

– Presumo que devo me sentir lisonjeada? – respondeu, irônica.

– Claro! Você e apenas você será responsável pela minha presença nessa festa – seu olhar convergiu enigmático para o belo rosto da doutora, que se mostrou embaraçada.

– Acho justo, Angie. Ele está sendo sincero... – interveio Joana.

– Por favor, vó! A senhora não fique do lado dele... – reclamou a neta.

– Por favor, Angeline! Eu prometo que, na hora em que você quiser se retirar, eu não hesitarei em atendê-la. Você estará fazendo uma caridade, não só a mim, mas principalmente à minha mãe. Você conheceu a fera hoje. Ela não me dará folga se eu não for a essa maldita festa!

– Ai, meu Deus, era só o que me faltava! Não me chantageie, agente Moore! – seus lábios esboçaram um leve sorriso.

– Mas funcionou? – prosseguiu ele, brincalhão.

– Tudo bem. Irei com a condição de que, na hora em que eu quiser sair, você irá acatar minha decisão – intimou contundente.

– Combinadíssimo! – consentiu John, com uma alegria visível no rosto.

– Qual o traje?

– *Black-tie* – respondeu meio sem jeito.

– O quê? Quem é seu primo? – perguntou, espantada.

– O senador Julian Moore.

– Nossa! Desculpe-me, John, mas não tenho roupa adequada... – disse Angeline, desistindo rapidamente do acordo.

– Nada disso, minha querida. Isso não será problema! Amanhã faço questão de ajudá-la a encontrar algo bem apropriado para a ocasião – interferiu sua avó, piscando para o jovem, que sorriu feliz com a ajuda.

John, temendo que Angeline desistisse, despediu-se:

– Amanhã ligo e informo a hora que virei apanhá-la.

Como havia prometido, no dia seguinte Joana acordou cedo. Ela e sua neta foram juntas às compras. Depois de muita relutância, a jovem se decidiu por um belo vestido de uma grife famosa.

– Meu Deus, Angie, você está linda! Ficou magnífico! – disse, admirando a neta.

A vendedora olhou-a e elogiou-a também:

– Ficou perfeito em você!

Angeline olhou-se no espelho e gostou do resultado. Havia escolhido um vestido longo preto. No colo, um generoso decote em V, que ia quase até a cintura, deixava um pouco à mostra o belo busto da doutora e era sobreposto por um tule transparente. A cintura era marcada com um fino cinto dourado; a saia do vestido era composta de *chiffon* plissado, dando leveza sem muito volume. Nos pés, uma sandália dourada de salto agulha completava o traje.

A noite chegara rapidamente. Como havia prometido, o agente ligara informando o horário. Angeline ainda dava os últimos retoques quando John chegou à sua casa. Joana atendeu ao rapaz, solícita como sempre:

– Meu Deus, John, você está lindo!

– Obrigado, dona Joana. Não posso fazer feio, afinal, minha acompanhante é sua neta – disse, meio sem jeito, ajeitando seu *smoking*.

– Você é muito gentil, mas tenho que concordar com você! Vou chamar Angie. Ela chegou há pouco do cabeleireiro, mas acredito que já deva estar pronta. Com licença!

O rapaz não respondeu, apenas meneou a cabeça em sinal afirmativo e ficou aguardando, ansioso. Joana seguiu até o quarto da neta e entrou sem bater, encontrando Angeline no *closet* dando uma última olhada no espelho. A doutora havia feito um coque trançado valorizando o colo e os belos brincos de rubi que faziam par com uma fina pulseira. Ao ver sua avó, perguntou apreensiva:

– Vó, essa maquiagem não ficou muito pesada?

– Não, querida. Você está linda! Está tudo perfeito! Um rapaz muito bonito lhe aguarda... – informou, sorrindo feliz em ver sua neta desfrutando de um momento de lazer.

Angeline experimentou o coração bater mais forte; seus olhos reluziram um brilho de ansiedade. Tentando disfarçar a emoção, segurou sua pequena bolsa dourada entre as mãos e disse:

– Então, não vamos fazê-lo esperar! – seguiu para a sala, onde John aguardava sentado lendo uma revista. O rapaz, ao vê-la entrar, levantou-se imediatamente. O brilho dos seus olhos revelou o que seus lábios não conseguiam exprimir, embora sua mente rapidamente desse seu parecer: "*Meu Deus! Como pode essa mulher ser tão linda!?", pensou o agente, simplesmente encantado.*

Os olhos de Angeline esquadrinharam o rapaz no seu elegante *smoking* preto tradicional. Meio sem jeito com o olhar do agente, cumprimentou-o:

– Boa-noite, John! Estou pronta.

– Boa-noite! Eu não tenho palavras para descrever você! Tudo que falar será pouco diante de sua beleza – disse, afinal, visivelmente impressionado.

– Pronto, já disse. Você também está muito bonito. Agora, podemos ir? – respondeu Angeline, envergonhada.

– Claro! Por favor! – disse, fazendo um gesto para que ela o seguisse. Assim que entraram no carro do agente – um Toyota Corolla preto –, ele tornou a olhar para ela e mais uma vez a elogiou:

– Hoje vou fazer inveja a todos os homens da festa. Tenho que ficar com você o tempo todo, caso contrário, corro o risco de voltar sozinho para casa. Ainda mais com esse perfume!

– Não se preocupe, não corre esse perigo... – respondeu, convicta.

– Por quê? Acaso é imune a homens? – provocou, dando partida no carro.

– Não é essa a questão. Simplesmente sei o que quero e o que não quero.

– Eu daria muita coisa para saber o que você quer! – rebateu o rapaz.

Ela preferiu silenciar e encerrar aquela conversa, tinha medo de onde aquele assunto poderia chegar. John entendeu o silêncio e procurou se calar também.

Longos minutos depois, os dois chegaram a um bairro nobre da cidade. Com um forte sistema de segurança, o carro do agente foi parado. Um homem perguntou o nome de ambos e escreveu em um *ipad*; segundos depois, foram orientados a seguir para um lado do estacionamento. Depois, seguiram a pé até uma portaria onde havia outra barreira.

Outro segurança usou o detector de metais em Angeline e pediu que ela avançasse, porém, quando o usou em John, o aparelho apitou imediatamente. Antes de o segurança perguntar algo, o jovem mostrou sua credencial federal. O segurança, então, contatou alguém e, segundos depois, deixou-o passar.

Angeline olhou-o assustada e perguntou:

– Você está armado?

– Sou um agente especial do FBI, não ando desarmado – respondeu.

Ela silenciou e, intrigada pelo forte esquema de segurança, questionou:

– Essa segurança toda é necessária?

– Acredito que o presidente deva comparecer ao local – respondeu, circunspecto.

– Nossa! Agora entendo por que o *black-tie*. Seu primo tem prestígio! – comentou, surpresa.

– Quem está oferecendo a festa é o sogro dele. Tudo isso é por causa dele, não do Julian. Além de já ter sido político, o sogro de Julian é dono de muitas empresas e um homem muito respeitado nos EUA.

Angeline percebeu o tom de desagrado com que John falava do parente, mas fingiu não ter notado.

A mansão em estilo neoclássico era rodeada por um jardim imenso. A bela casa estava toda iluminada e guias orientavam os convidados a seguir até suas mesas, dispostas dentro e fora da mansão. Os pais do agente já os aguardavam, ansiosos. A família do político fora colocada em um imenso salão dentro da residência.

Todos se voltaram admirados para Angeline quando ela e o agente, segurando-a pela cintura, aproximaram-se. O pai de John aproximou-se do filho e cumprimentou-o, cordial:

– Meu filho, estávamos aguardando vocês.

– Boa-noite, pai! – voltou-se para a jovem e apresentou-a: – Pai, esta é a doutora Angeline Lewis. Doutora, este é meu pai, o Dr. August Moore.

– Muito prazer! – cumprimentou, simpático, o senhor.

– O prazer é também meu, Dr. Moore... – Angeline apertou a mão do senhor, simpatizando-se com ele imediatamente.

O agente percebeu os olhares surpresos de todos da família que se faziam presentes. Prevendo que a doutora ficaria incomodada, segurou firme em sua mão e lhe disse:

– Vamos sentar.

Angeline assustou-se com a atitude, porém não impôs resistência e seguiu com John até duas cadeiras que estavam vazias. No caminho, o agente cumprimentava os parentes com discrição, não deixando de perceber os olhares de admiração para Angeline, o que lhe causava visível satisfação. Sentaram-se e imediatamente um garçom veio servi-los. John pegou dois *cocktails* de fruta sem álcool, serviu um a Angie e ficou com o outro. Depois lhe disse baixinho:

– Ainda bem que sentamos longe de minha mãe. Caso contrário, era bem capaz de você pedir para ir embora o mais rapidamente possível.

Ela não deixou de sorrir olhando para o agente que, ao vê-la rindo tão espontaneamente, falou, admirando-a:

– Meu Deus, finalmente eu fiz você sorrir! E posso lhe garantir que fica bem mais bonita! Se é que isso é possível...

– É impressão minha ou você irá me pedir algo a mais hoje? – indagou, irreverente.

– Não entendi... – replicou, confuso.

– Você já me elogiou tanto hoje, que acho que devo me preparar. Vai me pedir algum favor... – explicou, brincalhona.

– Nada que não esteja a seu alcance, doutora! – rebateu, lançando-lhe um olhar enigmático.

Angeline sentiu o coração acelerar, entendendo o recado. Desviou o olhar, acanhada, sorvendo a deliciosa bebida.

# 21. Julian

A festa transcorria sem imprevistos. John e Angeline conversavam descontraídos, vez por outra sendo interrompidos por parentes do agente que vinham falar com ele. Incomodado com a situação, John convidou-a para um passeio. Os dois seguiam na direção do jardim quando ouviram um chamado. O agente olhou de lado ao escutar seu nome e seu semblante mudou, instantaneamente, ao ver de quem se tratava.

– John, há quanto tempo... Que bom que veio! – cumprimentou-o um homem de aproximadamente 50 anos, alto, calvo, que trazia no rosto um olhar irônico e tinha a fala arrastada. John apertou-lhe a mão e respondeu, indolente:

– Olá, Julian. Pois é, aqui estou!

– Fico feliz que tenha se recuperado! – alfinetou-o propositalmente.

– Não me lembro de ter estado doente... – rebateu ranzinza.

– Não, claro que não! – disse Julian, sorrindo cinicamente. Percebendo Angeline, olhou-a com cupidez e indagou, impertinente: – Não vai me apresentar?

John, visivelmente exasperado, olhou-a e, a contragosto, apresentou-os:

– Esta é a doutora Angeline Lewis. Angeline, este é meu primo Julian Moore.

– *Senador* Julian Moore! – corrigiu o político, estendendo a mão para Angeline com exagerada cordialidade. Angeline tentou não demonstrar seu espanto ao perceber que o homem à sua frente era o mesmo da visão que tivera com Ellen. Ela rapidamente uniu os fatos. Com uma enorme sensação de mal-estar, cumprimentou-o com discrição, segurando brevemente sua mão:

– Prazer, excelência, e parabéns!

– Obrigado. Devo admitir, John, você tem um talento apuradíssimo para mulheres bonitas! – comentou o político olhando, malicioso, para Angeline, que fechou a cara.

Julian, percebendo a frieza da jovem, tentou mudar o rumo da conversa, sem, contudo, deixar de ser impertinente, o que parecia ser impossível para ele:

– Qual a especialidade da senhora? Tenho dores de cabeça constantes...

– Sou doutora em Econômia Finaceira, excelência! Logo, não tenho como ajudá-lo... – retrucou, incomodada.

– Não me diga! Acredito que possa, sim, me ajudar em alguns negócios! – insistiu o político com a visível intenção de provocar o primo.

– Não faço consultas particulares! Se desejar algum serviço de consultoria, posso indicar alguns bons profissionais... – objetou Angeline, contundente.

– Entendo! – retrucou o senador, agastado com o jeito firme e frio da jovem. John esboçou um sorriso de satisfação com a postura de Angeline e

aproveitou a oportunidade para sair dali:

– Julian, lamentamos, mas estávamos nos dirigindo à pista de dança. Afinal, a festa que seu sogro está lhe proporcionando está muito bonita e animada. Parabéns! – disse irônico.

O político não respondeu, limitando-se a dar um sorriso amarelo para o casal.

– Babaca! – resmungou o senador assim que o primo se retirou.

– Canalha! – rosnou John, baixinho. Segurando a doutora pela mão, levou-a até a pista de dança. Uma orquestra embalava a festa ao som de músicas antigas e românticas. Com uma das mãos, segurou-a pela cintura, e, com a outra, levou-a ao seu peito , iniciando, assim, a dança. A raiva que sentira havia poucos instantes, desapareceu imediatamente quando sentiu o perfume dela. Estreitou-a mais em seus braços e comentou em seu ouvido, desculpando-se:

– Perdoe-me, Angeline, dançar foi a primeira coisa que pensei para sair da companhia indesejada de meu primo. Mas veja, estou me tornando um pé de valsa...

Nervosa, sentindo-se envolvida pelos braços fortes do agente, experimentando seu perfume masculino, ela apenas replicou, com medo de entregar suas emoções:

– Tudo bem, John! Eu entendo...

O agente desconfiou que ela estivesse chateada, silenciou. Sentindo-a em seus braços, John desejava que a música não acabasse tão cedo e

diminuiu ainda mais o pouco espaço que existia entre ambos.

Sem perceber, o casal já embalava a terceira música quando o agente sentiu uma mão em seu ombro. Voltou-se, surpreso, reconhecendo Kayla e Noah. A colega, sem o menor pudor, sugeriu, sorrindo:

– Vamos trocar de par?

John, irritado, olhou para Angeline, que consentiu, tentando evitar uma situação ainda mais constrangedora. Kayla abraçou-o , demonstrando contentamento. John, contudo, conservou certa distância da inoportuna colega. Notando a atitude de distanciamento, Kayla disse, ferina:

– Está com medo de mim, John? Não passava nem pensamento entre você e a doutora há pouco.

– Você estava dançando ou olhando para mim e a doutora? – perguntou irritado.

– Você bem sabe que sou ótima observadora. Fazia as duas coisas ao mesmo tempo... – respondeu, trazendo o agente mais para perto de si. John, ao tomar Kayla em seus braços, percebeu a diferença das emoções. Observou o quanto a colega estava perfumada e muito sensual em seu vestido longo, que delineava muito bem o seu belo corpo. Entretanto, não conseguia ter por ela qualquer outro sentimento. Kayla, por sua vez, desfrutava de uma felicidade ímpar ao sentir-se nos braços do colega.

Noah, percebendo o mal-estar gerado, disse, olhando para Angeline e tentando mudar o clima:

– Doutora, a senhora está... – pensou um pouco, depois concluiu: – Estonteante!

– Esse é um excelente adjetivo para uma mulher, Noah! – respondeu Angeline, simpática, percebendo o quanto o federal tentava ser gentil. Antes de a música acabar, pediu:

– Noah, não me leve a mal, não é por você, mas, para evitar as provocações de sua colega, podemos seguir até o jardim?

Ele atendeu prontamente e seguiu até o belo jardim da casa, em um canto mais reservado. Ela respirou fundo e disse:

– Aqui está muito melhor! Ar puro é sempre bom!

– Kayla a incomoda tanto, doutora? – inquiriu curioso.

Percebendo que o rapaz gostava de Kayla, em vez de responder, Angeline lhe fez outra pergunta:

– Você gosta dela, não é?

– É tão visível assim ou está usando seus poderes? – brincou Noah, disfarçando o embaraço da pergunta.

– Nem uma coisa nem outra. Apenas sou boa observadora. Imagino que ela tenha vindo por causa de John e que você aceitou acompanhá-la para que ela não ficasse sozinha. Então, presumo que goste dela...

– É uma mulher de muitos talentos, doutora! Sim, o tio de Kayla é empresário e, quando ela soube que John vinha, deu um jeito de estar aqui também... – explicou. – Contudo, ela só tem olhos para ele! Na verdade, estava me perguntando por que aceitei vir até aqui...

– Porque tem esperança de que possa surgir algo entre vocês! – respondeu Angeline, de pronto.

– E posso ter alguma esperança? – indagou Noah, interessado.

– Essa consulta é mais cara! – brincou e depois explicou: – Infelizmente, não posso lhe responder isso, porque simplesmente não sei. Quem faz as oportunidades da vida somos nós. A sua vinda até aqui foi construída para uma colheita no futuro, então está lutando pelo que quer. Se o fim será como você almeja, isso só o tempo responderá. O importante é plantar!

O federal fitou-a admirado e comentou sorrindo:

– Conversar com pessoas inteligentes é outra coisa, doutora! – percebendo que a música tinha acabado, pediu licença, com a desculpa de que iria pegar bebida, e saiu à procura de John e Kayla.

Angeline anuiu e ficou olhando em volta, apreciando a bela casa sem perceber que estava sendo observada de longe. Julian, ao ver a jovem sozinha, aproveitou a oportunidade e aproximou-se rapidamente, perguntando atrás dela com uma voz sedutora:

– Bonita não é, doutora?

Ela sobressaltou-se. Voltou-se e viu a indesejada presença do político. Sem disfarçar seu desgosto nem segurar sua irritação, Angeline respondeu, percebendo o jogo que o senador queria fazer:

– Já vi mais bonitas, excelência, porém não deixa de ser uma bela casa.

As palavras da doutora não pareceram incomodá-lo, seus olhos fitaram-na com malícia e seus lábios satirizaram um meio sorriso. Com fingida

indiferença, buscou outra estratégia:

– Acho que John andou falando de mim para a senhora! Não acredite em tudo que lhe falam! Às vezes, quem fala mal quer apenas prejudicar o brilho do outro.

– Engana-se, excelência! John nunca mencionou seu nome e não vejo qualquer motivo que o levasse a pensar tal coisa. Quando se tem brilho, ninguém pode apagá-lo, diferentemente de quando não se possui! – disse intrépida.

O político fulminou-a com um olhar sombrio e exasperou:

– A senhora tem uma língua afiada, doutora! Será que ainda não se deu conta de que está conversando com um senador? Não lhe ensinaram como se comportar diante de uma autoridade?

– Acredito que quem está perdendo o decoro seja o senhor, quando não se coloca no seu posto de autoridade e não age como uma – cuspiu, indignada com a atitude do político. Pediu licença e tentou sair. Porém, enfurecido, ele segurou-a pelo braço e vociferou baixinho, disfarçando com um sorriso nos lábios:

– Quem a senhora pensa que é para me responder desse jeito dentro da minha própria casa? Coloque-se no seu canto ou mando retirá-la!

Antes de Angeline responder, John aproximou-se e, vendo o primo segurando-a pelo braço, lançou-lhe um olhar gélido e rosnou:

– Retire suas mãos dela, Julian!

O senador soltou-a imediatamente. O agente se voltou para a jovem e indagou: – O que está acontecendo aqui?

Angeline ignorou a pergunta e rebateu o político, exaltada:

– Não se dê ao trabalho, excelência, estou de saída! – voltou-se para John e pediu:

– Gostaria que me levasse para casa, por favor!

– Com muito gosto! Vamos! – segurou-a pela mão e saíram sem se despedir de ninguém.

O senador olhou para o casal afastando-se e retrucou entredentes:

– A senhora terá notícias minhas em breve, "doutora"! Esses dois se merecem! Babacas! – retirou um celular do bolso e fez uma ligação. O número chamado atendeu quase que imediatamente e o político pediu, irritado:

– Levante informações sobre a nova companhia de meu primo John Moore, uma doutora que se chama Angeline Lewis! –desligou e dirigiu-se sorrindo a um casal, como se nada tivesse acontecido.

John e Angeline entraram no carro e o agente pegou a estrada em silêncio. Depois de breves minutos, ele perguntou irritado:

– Ele tentou dar em cima de você, não foi?

– Mais ou menos! – respondeu-lhe, abrindo o vidro do carro e deixando o vento bater em seu rosto.

O federal observou que ela não se sentia bem e indagou preocupado, lembrando-se do que sua avó dissera a respeito dela:

– Você está bem?

– Vou melhorar!

– Quer comer algo? Estou com fome.

– Prefiro comer em casa, John, obrigada! – recusou.

Ele reduziu a velocidade do carro, ligou o som deixando a voz de Nat King Cool inundar o ambiente e dirigiu em silêncio pela cidade, sem, no entanto, voltar para casa de imediato. Longos minutos depois, apertou um botão na direção do carro e fez uma ligação. O número chamado atendeu:

– Noah, por favor, avise a minha mãe que já me ausentei da festa.

– Por que já foi embora, John? – perguntou o outro, surpreso.

– Depois falo com você! – respondeu, sem querer entrar em detalhes.

– Ok. Darei seu recado – desligou em seguida.

O federal, tentando arrancar algo da discreta companhia, iniciou um desabafo:

– O canalha do Julian sempre dava em cima de Ellen. Ela sempre colocava panos quentes, evitando um confronto. Apesar de nunca responder a ele como você fez, ela conseguia afastá-lo... – silenciou um pouco e, percebendo que ela o escutava com atenção, continuou: – Ellen era doce, tinha um sorriso lindo! Tinha um coração muito grande e não sabia dizer não... Era inteligente e muito boa no que fazia... Se não confiasse nela, poderia até pensar que o pulha do meu primo tinha alguma chance. Ela gostava de *glamour*, de festas, de riqueza. Mas sempre foi uma mulher correta e eu confiava minha vida a ela. O que muitos não sabem é que a

maioria daqueles poderosos estão atolados até o pescoço de sujeira! Se fôssemos fazer uma investigação, poucos se livrariam da cadeia.

Angeline sentia seu coração opresso e angustiado ao constatar que John sequer desconfiava da traição da esposa. Olhou para o belo homem e perguntou, mudando de assunto:

– E por que essa investigação não é feita?

– Por causa do sistema. O sistema controla boa parte do mundo, Angeline! Sou um agente federal porque gosto. Nunca vou ser rico com essa profissão, embora ela me possibilite uma vida boa. Às vezes é duro ver que até mesmo no nosso país, cujo símbolo maior é a justiça, tenha tanta injustiça. Temos uma das melhores forças policiais do planeta, se não a maior: a mais bem preparada, a mais bem equipada... No entanto, tudo isso é relegado por pessoas que fazem parte da sujeira que controla boa parte dos países.

– Eu sei bem o que é isso, John. Trabalho em uma financeira e a quantidade de tentativas de suborno que recebo, você nem imagina. "Homens falíveis não podem erguer obras infalíveis", alguém disse isso e eu concordo! – exclamou triste.

– Meu pai sempre gostou muito do presidente Kennedy. Meu nome foi uma homenagem que o velho quis fazer a ele. Quando eu era adolescente, sempre que conversávamos, ele citava uma frase de John Kennedy: "Se você agir sempre com dignidade, talvez não consiga mudar o mundo, mas

será um canalha a menos". Cresci com isso e hoje vejo que é uma verdade simples – explicou.

Angeline fitou o belo homem ao seu lado e desculpou-se:

– John, desculpe pelo que aconteceu! Eu realmente fui muito rude com o seu primo. Tenho um temperamento difícil, nem sempre consigo me controlar! Diferente do que pensam, sou muito imperfeita, por isso nem sempre sou uma boa companhia.

– Não se desculpe pelo óbvio, Angeline! Qualquer pessoa sensata e inteligente não suportaria as sandices do "senador" Julian. Ele é um completo idiota! – replicou irritado.

Ela indagou curiosa:

– Além de ele ser um idiota, por que você tem tanta raiva dele?

John entrou com o carro na rua em que Angeline morava e estacionou diante de sua casa. Olhou para a bela mulher e negociou:

– Terei a maior satisfação em responder, se você me convidar para entrar e me preparar um belo lanche. Estou com fome e não quero voltar para casa agora. É uma bela troca, não acha?

– Certamente! – consentiu feliz em passar mais algum tempo com o federal.

# 22. No hospital

Os dois entraram sem fazer muito barulho e dirigiram-se à cozinha.

– O que você vai fazer? – perguntou John, sentando-se em um banco na ilha da cozinha.

– Algo que não seja muito pesado, afinal é noite – respondeu Angeline, dirigindo-se ao refrigerador. Escolheu os ingredientes e informou:

– Batatas gratinadas com azeite, ricota, palmito, brócolis e azeitonas pretas... – lavou as batatas e levou-as ao micro-ondas, marcou dez minutos e deixou, depois se voltou para o agente e intimou-o:

– Bem, pode começar a falar. Trato é trato.

Ele a observou com um ar divertido e, bem devagar, iniciou o relato:

– Eu não sei ao certo como ou por que começou, mas, desde que eu era pequeno, eu não gostava dele, nem ele de mim. O Julian é 17 anos mais velho do que eu. Quando eu tinha 10 anos, estávamos na casa de nossa avó para passar o Dia de Ação de Graças. Eu brincava na varanda quando, do nada, apareceu o cachorro da vizinha. Com medo, corri até a porta, puxei-a com força e percebi que ela estava fechada. Então, vi o Julian por dentro, olhando para mim dando risada, segurando a porta. O cachorro cravou os dentes em minha perna e me sacudiu como se eu fosse uma folha de papel. Não me lembro como consegui, mas só sei que peguei o chicote do meu avô

e, com toda a força que eu tinha, bati no animal. Felizmente ele saiu correndo. Com raiva, sem me dar conta de que estava ferido e sangrando, dei a volta e vi Julian sentado, gargalhando. Aproximei-me e dei-lhe umas boas chicotadas. Ele avançou para me bater, mas meu pai chegou na hora e enfrentou-o. Se já não gostava dele, depois disso, passei a odiá-lo e ele a mim. Muitos diziam que, quando crescêssemos, essa animosidade passaria, mas não passou. Hoje, apenas por civilidade nos aturamos, mas tenho a nítida sensação de que ele está sempre armando algo contra mim – concluiu pensativo.

– Eu lamento John!

– Não lamente. As pessoas são como são e não podemos mudar isso. Cada um escolhe o tipo de pessoa que quer ser – respondeu lacônico.

– Isso é verdade – confirmou, retirando as batatas do forno. Levou-as até uma bancada, fez um corte no centro, retirando um pouco de dentro, depois as recheou com os demais ingredientes e levou-as novamente ao forno. John ficou observando a jovem, admirando-a. Angeline, sentindo o olhar dele sobre ela, pediu:

– Será que o senhor poderia fazer o suco?

– Suco?! Eu quero uma cerveja, um vinho! – reclamou.

– Lamento informar, mas não temos nenhum tipo de bebida alcoólica em casa – explicou rapidamente.

– Isso sim é para lamentar, Angie!

– Deixe de reclamar e ajude! O material está em cima da bancada. Coloque tudo dentro do processador e bata. Eu vou colocar a mesa. Antes, lave bem as mãos! – ordenou irreverente.

John, fazendo careta, retirou o paletó e a gravata, depositando-os em uma cadeira, depois seguiu até a bancada e, olhando para os ingredientes, disse, perplexo:

– Água, gelo, abacaxi, laranja, gengibre e couve? Isso não é suco, é uma bomba! Angeline, eu não vou beber isso! – informou, olhando-a. Ela arrumava a mesa e fez de conta que não escutou o protesto. Ainda olhando para ela, o agente disse sorrindo:

– Bem, pelo menos vamos jantar de *black-tie*!

Ela não conteve o riso e soltou uma boa gargalhada. Aproximou-se e disse, animada:

– Você perde o amigo, mas não perde a piada!

– A culpa é sua. Eu não era assim! Sempre fui um homem muito sério. Ellen não me reconheceria!

– Tenho certeza de que, se ela estivesse aqui, iríamos ser amigas! – disse Angeline com naturalidade.

John olhou fixamente para ela, pensou um pouco, depois respondeu sério:

– Não, ela não iria ser sua amiga...

Surpresa, a jovem indagou confusa:

– Ora, por que diz isso?

– Porque Ellen me conhecia... – disse ele, olhando enigmático para a jovem. Angeline entendeu o recado imediatamente, desviou o olhar e, com o coração acelerado, foi dar uma olhada no forno, tentando disfarçar o nervosismo. Ao contrário da doutora, John calmamente colocou os ingredientes no processador e bateu.

Sem que eles notassem, Joana, que escutara o barulho de vozes, resolvera averiguar. Vira os dois e decidira não incomodar. Tivera tempo, contudo, de escutar a declaração cifrada do jovem, sorriu e voltou ao seu quarto.

O jantar ocorreu sem problemas, e, ao final dele, John admitiu:

– Você é excelente na cozinha, e o suco, surpreendentemente, é muito bom. Agora o que vamos fazer?

– Como o que vamos fazer? Dormir é claro! – respondeu Angeline, retirando seu prato da mesa. O homem levou também seu prato e sua taça à pia e ficou parado logo atrás dela. Ao depositar os objetos na pia, com um sorriso nos lábios, estendeu as mãos, passando-as pela cintura da doutora. Satisfeito, sentiu a respiração alterada da jovem. Depois se afastou, olhou o relógio e disse:

– Ainda é cedo! Não quero voltar para casa e encontrar minha mãe acordada. Se você for dormir agora, vou dar uma volta para passar o tempo.

Angeline virou-se e deu de cara com o agente à sua frente, com os braços cruzados, olhando-a intensamente. Nervosa, aquiesceu:

– Tudo bem, John Moore, vamos conversar um pouco.

Ele sorriu, aproximou-se devagar e, surpreendendo-a, beijou sua face demoradamente e disse bem próximo dela:

– Boa decisão!

Angeline ficou paralisada, pensando que ele iria beijar-lhe os lábios. Segundos depois, voltou a si e seguiu nervosa para a sala de TV. Retirou as sandálias e, para surpresa do agente, pegou algumas almofadas, deitou-se no carpete e ligou o aparelho baixinho. Ele fez a mesma coisa, deitou-se ao seu lado, olhou para ela e perguntou surpreso:

– Vamos assistir à TV?

– Não, vamos ver um filme! *The Lovely Bones* (Um olhar do paraíso) – explicou.

– Isso é nome de filme erótico e deve ser antigo! – brincou. – A sua sorte é que sou um homem sério e o máximo que pode acontecer será eu lhe abraçar e assistirmos ao filme juntinhos!

– Não. A minha sorte é que eu sei quem coloco dentro de minha casa e nada de abraços – rebateu. – Agora faça silêncio e assista. Tem a ver com sua profissão e com minha faculdade.

Ele ficou curioso com a informação da jovem e concentrou-se no filme.

Duas horas depois, totalmente envolvido pela trama, o agente voltou-se para Angie e disse:

– Tenho que concordar com você, é muito bom mesmo, mas... – parou e observou que a jovem dormia. – Você dormiu! – ficou, então, olhando-a embevecido.

Delicadamente, fez um carinho em seu rosto e disse baixinho: – Parece um anjo dormindo! – olhou para o relógio e disse para si mesmo: – Tenho que ir... – fitou-a novamente e chamou: – Angie! Angie!

Angeline abriu os olhos bem devagar e, ao vê-lo olhando carinhosamente para ela, ficou sem jeito e perguntou ao rapaz:

– O filme já acabou?

– Sim e tenho que ir embora. Lamento acordá-la...

Angeline levantou-se imediatamente, gesto esse que foi imitado pelo agente, e disse ainda sonolenta:

– Desculpe ter adormecido!

– Não precisa se desculpar! Já é tarde mesmo! – respondeu ele, saindo da sala e dirigindo-se à cozinha, onde havia deixado o paletó e a gravata. Angeline o seguiu, tomou um copo de água e levou-o até a porta. O agente olhou para a bela mulher e despediu-se:

– Obrigado pela noite! Foi maravilhosa, apesar de tudo!

– Sou eu que tenho que lhe agradecer! Também gostei muito. Boa-noite, John!

Ele ficou parado alguns segundos olhando enigmaticamente para ela. Tomou a iniciativa e abraçou-a fortemente, levantando-a do chão. Ficou assim por alguns segundos sentindo o perfume da jovem. Lentamente, sem soltá-la, desceu-a e disse ao seu ouvido:

– Angie, eu lamento, mas não vou atender ao seu pedido.

A princípio Angeline não entendeu. Porém, logo descobriu o significado daquelas palavras. Ele aproximou seus lábios e beijou-a intensamente, comprimindo-a em seus braços. A bela mulher não resistiu e retribuiu o beijo, entrelaçando os dedos nos cabelos do agente. Longos segundos depois, olhando fundo nos olhos da doutora, John disse, ofegante:

– Você me faz bem!

Ela sentiu uma forte emoção e não conseguiu dizer nada. Com o controle de suas emoções, o agente estreitou-a novamente em seus braços e disse, beijando-lhe o colo:

– Angie, seu cheiro é maravilhoso!

Ela fechou os olhos, sentindo suas forças faltarem, mas de repente, como se despertasse de um sonho bom, lembrou-se da missão e lentamente se desvencilhou do agente, ponderando:

– John, nós vamos trabalhar juntos e não podemos ter qualquer envolvimento que não seja profissional.

Ele se empertigou, lançou-lhe um olhar contrariado e exasperou, mudando de semblante:

– Como sempre, você tem razão! Mas não vou lhe pedir desculpas desta vez. Desde que a vi hoje senti vontade de fazer isso e acho que você também. Entretanto, agora lhe dou minha palavra de que esta foi a última vez. Não dou chance para mulher nenhuma me dar mais de um fora. Boa-noite, doutora! – saiu sem esperar resposta.

Angeline fechou a porta devagar com os olhos cheio de lágrimas e disse, triste, para si mesma:

– Isso é para seu próprio bem, John...

Ele entrou no carro e deu partida rapidamente, falando consigo mesmo:

– Agora, se quiser um beijo meu, terá que me pedir! – soltou uma lufada de ar e admitiu triste:

– O pior é que ela tem razão! Isso pode ser muito difícil, uma relação amorosa pode muito bem comprometer seriamente o trabalho...

No dia seguinte, toda a equipe foi reunida para uma reunião definitiva. Para espanto de Noah e John, lembrando-se do que Angeline havia dito, o diretor apresentava um aspecto enfermiço, tossindo muito e parecendo cansado, porém definiu as diretrizes da reunião:

– Todos estão de posse de suas novas identidades. Noah, Kayla e John ficarão no suporte, irão aparecer quando necessário. Uma pessoa viajará para o Brasil usando o nome da doutora. Para todos os efeitos, ela não estará aqui nos EUA. Sua família no Brasil será comunicada que a senhora irá passar férias viajando pelo litoral do país. Assim, sua identidade não será descoberta. Nós seremos irmãos e devemos treinar muito, pois, a partir da próxima semana, teremos que nos tratar apenas e unicamente pelas novas identidades. Sairemos na segunda-feira pela manhã, portanto, aproveitem bem este final de semana... – parou um pouco, cansado, depois se voltou para Angeline, que lia atenta sua nova identidade, e observou:

– Doutora, eu sei que pode parecer estranho, mas quero que tenha umas aulas de tiro e defesa pessoal.

– Eu não vou atirar em ninguém, senhor! – respondeu a jovem.

– Não, claro que não. É apenas por precaução... – explicou o diretor.

– O senhor não entendeu. Eu não vou aprender a usar uma arma de jeito nenhum – assegurou decidida.

Robert olhou para a bela mulher e não insistiu, notando que ela não iria agir diferente. Com muita dificuldade, o diretor tentava ir adiante com a reunião, todavia, seu estado piorou e ele quase desmaiou. Preocupados, decidiram levá-lo imediatamente a um hospital e ficaram aguardando, ansiosos, um parecer médico.

Angeline, percebendo a frieza e o distanciamento de John, optou por esperar sentada um pouco afastada dos demais, que mantinham uma conversa entre si. De repente, sua visão se ampliou, possibilitando-lhe observar por outra perspectiva o trabalho de socorro. Com clareza, via o vai e vem constante de espíritos dos mais variados estados. Havia os doentes que gemiam, gritavam e pediam socorro, como se ainda estivessem “vivos”; havia outros que caminhavam pelos corredores, como se estivessem sonambúlicos ou conhecendo o local; outros havia que mais pareciam monstros a espreitar suas vítimas, insultando, gritando palavrões... Entretanto, o que mais a emocionou foi uma grande equipe que, desveladamente, tentava auxiliar os sofredores de todas as formas possíveis. Estes podiam ser identificados, facilmente, pela vestimenta que usavam,

que variava entre o verde, o azul e o branco, e pelo cuidado com que tratavam alguns doentes. Através das mãos, aplicavam energias em alguns, fazendo-os dormir, acalmavam outros e afastavam aqueles mais rebeldes.

A médium observava também macas entrando e saindo, com doentes e aparelhos dos mais variados tipos sendo usados. Havia, ainda, outros espíritos que se mantinham ao lado de muitos "vivos". Alguns auxiliavam, outros se locupletavam dos pensamentos e desejos inferiores deles.

Alguns socorristas sorriam para a doutora, numa saudação discreta e respeitosa. Angeline olhava tudo com profunda consideração e algumas vezes com piedade. Contudo, algo lhe chamou a atenção: uma jovem chorava compulsivamente ao lado de uma senhora, do outro lado da sala. Angeline fixou seu olhar e acompanhou o drama das duas mulheres. A mais nova gritava aos prantos sem, no entanto, ser escutada:

– Mãe! Mãe! Fale comigo! Eu estou aqui! – a senhora se mostrava nervosa, apertando suas mãos entre as pernas, e, a cada enfermeira que passava, dirigia-se a ela, pedindo informação:

– Por favor, Adrya, minha filha, como ela está? – a resposta era sempre a mesma; uma desculpa e pedido de paciência. Minutos depois, um senhor de branco adentrou na recepção com uma prancheta nas mãos, conversou a sós com uma enfermeira e depois se dirigiu à senhora. Com cuidado, deu a notícia:

– A senhora é mãe de Adrya Kelly?

– Sim, doutor, sou eu mesma. Como está minha filha?

– Infelizmente, senhora, não podemos fazer mais nada. Sua filha chegou aqui com traumatismo craniano severo, fizemos tudo ao longo dessas oito horas, mas, infelizmente, ela não resistiu. Eu lamento! Uma enfermeira providenciará tudo para a senhora. Com licença... – respondeu o médico e, de cabeça baixa, deixou o local.

A senhora engoliu em seco. Com a face lívida de um terror sem precedentes, como se não escutasse nem enxergasse mais nada, sentiu o chão faltar em seus pés e deixou-se cair novamente sentada, fechou os olhos, levou a mão ao coração e, balançando a cabeça negativamente, gritou sua dor em desespero:

– Não! Minha filha não está morta! Não, não! O que vou fazer sem minha filha? – a mulher parou por um momento e, como se se lembrasse de algo, disse com raiva: – A culpa é daquele marginal que bebeu e foi dirigir! Assassino! Ele tem que morrer! – a mulher e os presentes, exceto Angeline, não podiam assistir, mas, a cada palavra proferida com ódio, a jovem ao seu lado se descontrolava. Como se vivesse o acidente novamente, levou a mão à cabeça e percebeu que estava fraturada. Assustada, sentiu o sangue escorrer e começou a gritar descontrolada:

– Socorro! Eu não quero morrer! Mãe me ajude!

Embora olhassem penalizados para a mulher que chorava desesperadamente, todos se resguardavam de ir consolar a pobre mãe. A enfermeira saíra para buscar um calmante para a senhora. Sensibilizada com

a cena dos dois planos, a doutora levantou-se num impulso e aproximou-se da mulher, abraçou-a e, com extrema piedade, disse-lhe:

– Calma! Sua filha não morreu! Não existe morte! Não se revolte! Confie em Deus! Ela precisa agora da sua fé! Não perca as forças!

A mulher olhou para a bela jovem e, recebendo suas boas energias, aquiesceu um pouco, depois perguntou, ainda chorando:

– O que vou fazer sem minha Adrya? Eu tenho apenas ela! Minha vida acabou moça! Acabou!

Angeline segurou as mãos da senhora e com carinho garantiu-lhe:

– Não acabou, não! Eu perdi meus pais de uma vez só, depois perdi pessoas amadas de uma hora para outra e ainda estou aqui. A senhora precisa ser forte, ainda tem seu marido e pode dedicar seu amor a outras crianças. Quando tudo parece perdido e sem cor é que testamos a nossa fé. Confie na divina providência que a ninguém abandona! Sua filha está sendo ajudada! E ainda precisa de sua ajuda! Por mais difícil que possa ser, não guarde revolta em seu coração!

Todos ficaram surpreendidos com a atitude de Angeline. Kayla, Noah e John assistiam admirados o gesto da doutora em ajudar aquela pobre senhora que ela sequer conhecia. Ouvindo Angeline falar, John experimentou um sentimento profundo, lembrando-se também de suas próprias perdas.

Eles não podiam enxergar, mas trabalhadores espirituais fizeram um círculo em volta de Angie, da senhora e da jovem que gritava perto da mãe,

em total desequilíbrio. Em prece e de mãos dadas, oraram a Deus com fervor. Luzes dos mais diversos matizes se desprendiam de cada um e dirigiam-se à jovem que, aos poucos, foi se acalmando até adormecer. A recém-libertada do corpo carnal foi colocada em uma maca e levada por outros espíritos. A mãe, embora ainda chorasse, também fora beneficiada pelas boas energias, acalmara-se um pouco, e, agradecida, abraçou Angeline sem conseguir pronunciar palavra alguma.

Nesse instante um senhor adentrou no local, parou, procurando alguém, e, ao ver a senhora sendo consolada por Angie, aproximou-se e perguntou nervoso:

– Como está Adrya?

A mulher observou o marido, voltou-se para ele e, com o coração inflamado de dor, balançou a cabeça negativamente, abraçando-o com carinho. O homem caiu em prantos, sendo amparado pela esposa. Angeline afastou-se para um local mais reservado. John, preocupado, aproximou-se e perguntou atencioso:

– Você está bem?

Ela voltou-se para o agente com lágrimas salgadas descendo pela sua face e relatou, de modo que apenas ele escutasse:

– A filha dela foi ajudada! Eu a vi, John! Ela vai ficar bem! – surpreendendo o agente, abraçou-o chorando. Ele retribuiu o gesto com desvelado carinho, envolvendo-a em seus braços e beijou-lhe os cabelos. Experimentou uma sensação de serenidade, acreditando que naquele

instante a estava protegendo e ofertando-lhe um pouco do que ela dera à desconhecida senhora, momentos antes.

Kayla, ao ver a cena, sentiu o ciúme tomar conta do seu coração e fez menção de levantar-se. Entretanto, Noah, percebendo a atitude da colega, segurou-a pelo braço e, enérgico, ordenou:

– Fique onde está! Você é melhor do que isso, Kayla. Ajude-se, ou esse sentimento irá ser sua ruína!

A agente olhou para o colega, percebendo que ele não estava brincando. Atenuou o ímpeto e retrucou:

– Noah, você não manda em mim! Não faça mais isso!

– Não tenho a mínima vontade de mandar em você! Minhas vontades são muito diferentes dessas! – rebateu, olhando-a nos olhos.

– A que está se referindo? – indagou confusa.

– Você é bastante inteligente para descobrir... – concluiu Noah.

Ela calou-se, não sabia o que responder. De esguelha, olhou para Noah, sentindo certa alegria. Nunca havia observado que ele sentia algo diferente por ela. Respirou fundo e voltou seu olhar novamente para John, o que fez com que sua raiva voltasse imediatamente.

# 23. O aviso

John não se afastou mais de Angeline e permaneceu em silêncio ao lado da jovem. Uma enfermeira aproximou-se do casal que acabara de perder a filha a fim de prestar-lhe assistência. O pai da jovem começou a passar mal e foi levado à enfermaria para ser mais bem atendido. Antes de acompanhar o esposo, a senhora aproximou-se de Angeline e agradeceu:

– Obrigada, minha jovem, por sua generosidade! Você me ajudou muito hoje!

– Fico feliz, senhora! –sorriu, retirou um cartão de dentro da bolsa, entregou-o à mulher e pediu: – Se a senhora precisar conversar com alguém, irá encontrar pessoas prontas a auxiliá-la.

– Obrigada mais uma vez! – voltou-se para John, que se mantinha em silêncio, e concluiu: – Sua esposa é uma pessoa especial!

Ele não procurou desfazer o engano, apenas balançou a cabeça em sinal afirmativo, olhando com doçura para a doutora. Angeline desviou o olhar, sem jeito. Minutos depois, a esposa de Robert adentrou no hospital, preocupada. Avistando John, aproximou-se, aflita:

– Como ele está John? Eu já havia pedido que ele fosse ao médico! Eu sabia que aquela tosse e aquele cansaço não eram normais.

– Infelizmente, Abby, não tivemos mais informações. O médico apenas nos avisou que ele está sendo avaliado e que quando tiver um parecer, virá conversar conosco. Só nos resta aguardar – respondeu gentil.

A mulher do diretor fitou Angeline e indagou surpresa:

– Por que ela está aqui?

John, sem querer entrar em detalhes, respondeu firme:

– Ela está comigo, Abby.

A mulher, mais surpresa ainda, olhou para o agente, admirada, mas preferiu não perguntar mais nada. Angeline observava tudo em silêncio. Longos minutos depois, o médico veio falar com todos e informou:

– O senhor Turner está com pneumonia química. O quadro dele é grave! Ele demorou muito a procurar ajuda. Nós o havíamos alertado da existência desse risco, todavia, como não ficou exposto muito tempo à fumaça, ele não achou que fosse necessário procurar ajuda médica. Ele está medicado e teremos que entubá-lo, já que sua deficiência respiratória é muito grande. Ele ficará em coma induzido para responder melhor ao tratamento que, advirto, poderá ser prolongado.

– Por quanto tempo ele ficará sedado? – perguntou Noah.

– Tudo dependerá da resposta que seu organismo der ao tratamento.

– Doutor, o quadro é tão grave assim? – perguntou Abby nervosa.

– Sim. É bastante grave! Antes de ser sedado, ele deseja falar com vocês. Só peço que sejam breves! – advertiu o médico.

Todos entraram no quarto em que o diretor estava sendo assistido. Robert olhou para todos e falou com dificuldade:

– Quero pedir a vocês... que deem continuidade à missão. Reformulem o plano e... peguem aquele maldito! – finalizou.

Todos prometeram fazer um bom trabalho e saíram do recinto. Menos Angeline, que ali permaneceu a pedido do diretor. Robert perguntou-lhe, triste:

– Doutora, eu vou morrer?

A jovem fitou-o com piedade e respondeu-lhe com sinceridade:

– Morrer, todos vamos, senhor. Contudo, acredito que não agora. Vejo muitos amigos espirituais ajudando na sua recuperação. Só lhe peço uma coisa: avalie suas condições emocionais. O amor é uma construção de todos os dias que deve ser feita pelas partes envolvidas. Não devemos delegar responsabilidade apenas a uma parte. Assim como o senhor, sua esposa pode estar direcionando sua atenção a outras pessoas. Lembre o que os uniu! Fique com Deus e pense a respeito! – finalizou, despedindo-se e saindo da sala.

No corredor, Abby aguardava; ficara chateada com o pedido do marido para que a doutora permanecesse mais um pouco no quarto para conversarem a sós. Quando viu a doutora sair da sala, aproximou-se e indagou ríspida:

– Qual o assunto que meu marido queria ter com você?

Angeline percebeu ondas escuras envolvendo a mulher. Lançou-lhe um olhar calmo e respondeu:

– Ele queria saber se vai morrer...

Como se tivesse levado um balde de água fria, Abby perdeu imediatamente o ar de raiva, percebendo o papel ridículo que estava desempenhando, baixou o olhar com vergonha e desculpou-se:

– Perdoe-me! Estou nervosa! Sei que ele deve a vida a você! – enxugou uma lágrima e novamente se desculpou: – Me desculpe mesmo!

– Não se aflija por isso! Eu entendo sua reação! – tranquilizou-a.

– Posso perguntar o que você respondeu?

– Que todos iremos morrer um dia, porém, acredito que ainda não tenha chegado a hora dele. Todavia, quem decide tudo é Deus... – antes de sair, Angeline olhou para Abby e disse cordata: – Senhora, não entenda isso como uma intromissão, apenas como um aviso: aproxime-se de seu marido e lembre-se por que vocês estão juntos. Dê ouvidos ao seu coração e não a amigos, que acreditam que sabem mais de vocês do que vocês mesmos. Pense nisso! Tenho certeza de que sabe a que me refiro.

Abby traduziu no olhar o espanto que as palavras da médium lhe haviam causado, meneou a cabeça afirmativamente, já que entendera muito bem a que a jovem se referia. Angeline retirou-se em seguida. John a aguardava, juntamente com os demais, e perguntou gentil:

– Você está bem? Posso levá-la para casa?

– Obrigada, John! Estou bem e posso dirigir.

– Tudo bem, então. Mais tarde posso passar em sua casa? Gostaria de conversar... – pediu solícito.

– Claro! Só peço que chegue depois das 9 horas. Mais cedo estarei no centro comunitário.

Kayla, ao escutar a conversa, fechou a cara e retirou-se, dirigindo-se ao seu carro.

Noah, que havia vindo com a arredia colega, disse:

– Kayla, eu voltarei com John.

Ela sequer lhe respondeu, dando partida no carro. John também seguiu em direção ao escritório. Noah, a sós com John, perguntou preocupado:

– John, você acha que daremos conta da missão?

– Sinceramente, eu não sei. Mas devemos fazer isso pelo Turner. Vamos ter que pegar aquele canalha de um jeito ou de outro – replicou.

– Hoje eu entendi por que a doutora está sozinha! Ela é uma alma sensível e conviver com isso não deve ser nada fácil! – olhou para John, que se mantinha em silêncio, e disse: – Sei que já lhe perguntei isso, mas vou perguntar novamente: Você está gostando dela?

O colega voltou-se e respondeu com cuidado:

– É como eu já lhe disse da outra vez, Noah; eu não sei ao certo o que ela desperta em mim. Eu sempre achei que nunca iria gostar de mais ninguém como gostei de Ellen. Entretanto, o sentimento que tenho por Angeline é diferente do que o que tinha pela minha mulher. Eu gostava de Ellen, mas olhava para outras mulheres e até as desejava, apesar de nunca

ter traído minha esposa. Com Angeline, eu olho para outras mulheres, mas não as vejo.... Quando estou com ela, sinto vontade de ser um homem melhor... – suspirou e confessou ao amigo: – Eu adoro seu cheiro! Quando estou ao seu lado, parece que uma fagulha se acende! É inebriante! Ela desperta em mim uma memória afetiva que não sabia que possuía. Acredita que estou estudando a respeito dessa faculdade que ela possui? Comprei alguns livros e, devagar, estou conhecendo um pouco a respeito.

– Então, meu amigo, a situação está pior do que imaginei! Desejo sorte! – disse o colega sorrindo.

As horas passaram-se rapidamente. John, evitando voltar para casa e ter que responder às infindáveis perguntas de sua mãe, ficou no escritório até mais tarde, analisando algumas provas do caso Kaiden. Já havia fechado a pasta quando Kayla adentrou na sua sala e convidou-o:

– Que tal uma cerveja?

– Não posso, já estou de saída... – respondeu John, levantando-se. Saiu da sala e dirigiu-se ao elevador.

– Já sei, vai para a casa da doutora! – retrucou irônica, seguindo-o.

– Isso mesmo! – respondeu, sem dar importância ao sarcasmo da colega, e entrou do elevador.

Kayla acompanhou-o visivelmente contrariada, pensou um pouco e perguntou de pronto:

– Você está apaixonado, John?

John lançou-lhe um olhar intrigante, saiu do elevador e respondeu como se constatasse algo a si mesmo:

– Não, Kayla, não é paixão. Boa-noite!

A colega ficou parada observando-o distanciar-se e refletindo sobre sua resposta. Sentiu um vazio na alma e não pôde evitar as lágrimas. Enxugou o rosto com raiva e tomou uma decisão. Pegou seu celular e fez uma chamada. Não demorou muito a ser atendida:

– Noah, onde você está? – escutou a resposta e tornou a falar: – Posso ir até aí? – escutou novamente a resposta e finalizou: – Chego em pouco tempo.

John não demorou a chegar à casa de Angeline. Joana o recebeu com a alegria de sempre e informou:

– Angie está tomando banho. Chegamos há pouco tempo.

O agente aproveitou a oportunidade para conversar um pouco com a senhora:

– D. Joana, eu comprei as cinco obras de Allan Kardec e estou lendo devagar. Quero entender melhor a respeito dessa faculdade.

– Que notícia maravilhosa, John! Você não só irá aprender sobre mediunidade, mas verá que a doutrina espírita nos esclarece sobre muitos outros assuntos. Você é uma pessoa inteligente e irá fazer uma reflexão a respeito do assunto – respondeu Joana, feliz com a notícia.

– Eu confesso que cada vez mais esse assunto me interessa...

No quarto, alheia à presença do federal em sua casa, Angeline terminava de aprontar-se quando seu celular tocou. Era sua secretária na empresa em que trabalhava:

– Oi, Maylla, aconteceu algo?

– Infelizmente, sim, doutora. Nem sei como dizer à senhora! Não estou ligando da empresa. Faz de conta que eu não falei nada para a senhora, entendeu? – respondeu Maylla, demonstrando apreensão.

– Não se preocupe; ninguém saberá! Não pela minha boca. O que está acontecendo? – interrogou apreensiva.

– Hoje o Dr. Charles recebeu a visita de um político, um senador. Eles passaram um longo tempo conversando e assim que o senador foi embora, o Dr. Charles pediu que fosse enviada a sua demissão para o setor de Recursos Humanos – explicou a mulher com cuidado.

Angeline ficou atônita diante de tal informação. Imediatamente ligou os fatos; sabia que o senador era o primo de John. Abalada, perguntou:

– Você sabe dizer o motivo alegado para minha demissão?

– Não, doutora, eu não tive acesso a essa informação! Só quis avisar a senhora para que já venha preparada e não seja pega de surpresa.

– Eu agradeço Maylla, pela consideração. Você me prestou uma grande ajuda. Obrigada! – desligou com uma sensação de sufocamento. Levou as mãos aos cabelos e indagou, preocupada:

– E agora? Eu preciso desse emprego! Como vou me virar com as despesas? – suspirou, como se os pensamentos fossem um peso muito

grande. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Meu Deus, isso não podia ter acontecido! Não agora! – exclamou, aflita.

Sem suportar ficar de pé, caminhou até a cama e sentou-se, transtornada. Olhou para um ponto no vazio observando um lampejo de esperança se esvair.

Longos minutos depois, Angeline seguiu até a sala. Ao ver John conversando com sua avó, sentiu ímpetos de abraçá-lo e dizer o que o odiado primo dele havia feito, mas tentou parecer o mais normal possível e cumprimentou-o:

– Boa-noite, John!

Ao vê-la, o agente percebeu imediatamente que ela não estava bem. Contudo, disfarçou e respondeu-lhe, gentil:

– Boa-noite, Angeline!

– Teve mais notícias do senhor Turner?

– Sim. Conversei com Abby. Ele está sendo submetido ao tratamento e, pelo menos por enquanto, está reagindo bem.

– Que bom!

– John, não aceito recusa, irá jantar conosco... – intimou Joana.

– Eu ficaria muito feliz, dona Joana, mas já jantei no escritório. Obrigado! Por favor, fiquem à vontade, eu posso esperar... – respondeu sem fazer cerimônia.

– Bem, então vou pedir licença e colocar a mesa. Mas pelo menos aceite um suco... – sem esperar resposta, dona Joana saiu da sala.

Assim que se viu a sós com Angie, John esquadrinhou-a e perguntou de pronto:

– O que aconteceu?

– O quê? Nada! Não aconteceu nada, John. Só estou cansada... – respondeu, disfarçando a surpresa com a sagacidade do agente.

– Angie, minha formação e meus treinamentos me permitem ver de longe quando alguém está mentindo, principalmente quando esse alguém não sabe fazer isso de jeito nenhum. Sei que aconteceu algo e pelo jeito é sério, porque você chorou... – rebateu John sem tirar os olhos dela.

– Como você sabe disso? – indagou espantada.

O federal levantou-se, aproximou-se, segurou o rosto da doutora, delicadamente, passando o polegar abaixo de seus olhos e respondeu:

– Seus olhos ainda estão úmidos, Angeline... – percebendo que ela ficara nervosa, arrematou: – Deve ser algo sério! Por que não confia em mim?

Angeline estava desconcertada. A lembrança da notícia que acabara de receber a fez hesitar, então respondeu vacilante:

– Claro que confio em você, John! É verdade, ocorreu algo, sim, mas, se eu lhe contar, com certeza você não irá gostar. Então, prefiro me acalmar e resolver isso outro dia.

Ele cravou os olhos nela, analisando-a. Fez uma breve pausa e, como se lesse seus pensamentos, perguntou firme:

– Foi Julian, não foi?

Angeline espantou-se novamente e não soube o que dizer. No entanto, sem esperar que ela respondesse, ele exclamou:

– Eu sabia! O meu ilustre primo é muito previsível! O que foi que ele fez?

– Não, John! Não tem nada com o seu primo... –ainda tentou omitir, mas não adiantou e o agente retrucou:

– Não tem problema, eu descubro. Depois conversaremos Angeline! – saiu sem esperar resposta.

Preocupada com o que John poderia fazer ao descobrir o que o primo lhe aprontara, correu atrás dele. Alcançando-o, segurou em seu braço e disse apreensiva:

– John, pelo amor de Deus, pare, não vá! Eu falo tudo que você quiser saber. Eu prometo! Mas lhe peço, não faça nada, pelo menos por enquanto!

Ele a encarou, exasperado, e perguntou seco:

– O que ele fez?

– Fui demitida. Uma pessoa de minha confiança me ligou há pouco e me disse que minha carta de demissão já está pronta à minha espera no departamento pessoal. E isso aconteceu depois de uma visita de um político hoje na empresa... – relatou triste.

– Canalha! Isso não vai ficar assim, Angie, eu não vou deixar! – saiu apressado entrando no carro.

Angeline novamente correu, entrou no carro do lado do carona e, nervosa, pediu:

– Por favor! Eu lhe imploro, não faça nada! Por favor, John! – percebendo que não ia adiantar, a doutora, numa atitude de desespero, abraçou-o pedindo com lágrimas nos olhos: – Não vá! Eu lhe imploro! Não faça nada! Eu sei o que estou lhe pedindo!

Ao sentir a jovem em seus braços, John observou que ela estava tremendo e imediatamente se conteve. Abraçou-a com carinho e disse ao seu ouvido:

– Fique calma, não se aflija! Ele não vai mais lhe fazer nada. Eu prometo!

Angeline afastou-se um pouco, encarou-o e disse convicta:

– Não me preocupo com o que ele possa mais fazer comigo. Estou preocupada com o que ele pode fazer com você!

John, ao escutar a resposta, ficou visivelmente mexido. Fitou-a por alguns segundos sem soltá-la totalmente, conteve a vontade de beijá-la e replicou, mais calmo:

– Tudo bem, vamos entrar e conversar a respeito.

– Quero lhe pedir mais uma coisa: não conte ainda à minha avó. Ela iria ficar muito preocupada. Ela tem problemas de saúde e isso não seria bom.... – solicitou desvencilhando-se do agente.

– Claro! Não se preocupe.

# 24. Em treinamento

Depois do jantar, Joana conversou um pouco e logo se retirou, com uma desculpa qualquer, para que os dois pudessem ficar a sós. John, curioso, perguntou:

– Acaso você viu algo acontecendo comigo e é por isso que ficou tão nervosa?

– Não. Não vi nada, apenas tenho dentro de mim a certeza de que é a você que seu primo quer atingir. Mais do que nunca, devemos nos preocupar com a missão a que nos propusemos – respondeu, com sinceridade.

Mais uma coisa intrigava o agente:

– Angeline, por que você ficou tão preocupada com a sua demissão? Com o currículo que você tem, não será difícil conseguir outro emprego.

Angeline teve que admitir que ele era mesmo muito bom no que fazia. Impressionada, concluiu que não poderia ocultar o real motivo de sua aflição e resolveu desabafar:

– Você tem razão, não é simplesmente a demissão que me aflige. O problema é outro... Eu e minha avó ajudamos o centro comunitário há muito tempo. Há cinco meses os dirigentes receberam um aviso de que teriam que desocupar o local. O prédio é particular e o aluguel estava atrasado havia

seis meses. Quando fiquei sabendo, quitei a dívida, mas o proprietário me informou que iria vender o imóvel e que até já havia uma pessoa interessada. Sabe, John, lá nós assistimos muitas famílias e aquele prédio é perfeito para o trabalho que realizamos, sem falar que dificilmente encontraríamos outro imóvel com as mesmas características e no mesmo bairro. Pensei muito e resolvi comprá-lo. Fiz um empréstimo e doei o imóvel ao centro comunitário, com um termo de compromisso de que ele sempre se destinaria a trabalhos sociais.

– E, claro, usou o seu cargo numa empresa grande como seguro para o empréstimo, não foi? E agora está com medo de que o banco possa revogar a decisão, quando souber da demissão. É isso? – perguntou o agente.

– Exatamente! Até agora só paguei uma parcela. Sem esse emprego, não tenho condição de continuar pagando. Sem falar que não sei o motivo que apresentarão para justificar a minha demissão; dependendo do que eles alegarem, será mais difícil conseguir algo do mesmo nível.

– Entendo! – exclamou, admirado com o gesto da jovem. John acabava de concluir que, por mais que conhecesse a natureza humana, aquela mulher o desafiava o tempo todo. Quando acreditava saber um pouco a respeito dela, eis que a doutora o surpreendia. Olhou-a com carinho e confessou:

– Eu ainda não consigo entender muito bem você, Angie. Entretanto, quanto mais a conheço, mais gosto do que descubro! Você colocou tudo o que conquistou em prol de pessoas que mal conhece! Eu não sei traduzir isso em palavras...

– Necessidade, John! Não me veja como uma benfeitora, porque eu não sou. Faço tudo isso em prol de mim mesma! Eu estou longe de ser essa pessoa que você pensa que sou. Um dia você irá entender! – replicou, deixando claro que não queria falar sobre o assunto. O federal entendeu o recado e afirmou:

– Não se preocupe, Angie, você irá conseguir algo muito melhor! Para ter aberto mão de uma funcionária como você, essa empresa deve ter rabo preso. Das duas uma: ou o senador ameaçou o seu chefe, ou cobrou dele algum favor ilícito que já lhe prestou. Logo, não merece tê-la.

– Que visão pragmática! Contudo, agradeço o elogio, mesmo que indiretamente. Agora vamos mudar de assunto: o que queria falar comigo? – indagou um pouco menos tensa.

– Muito bem, doutora. Quero pedir que você aceite que eu lhe dê algumas aulas de defesa pessoal nos próximos dois dias. Sei que você não irá usar de violência com ninguém; é apenas por prevenção. Somente na segunda-feira saberemos quem ficará com você na casa no lugar do Turner. O vice-diretor me ligou e informou que irá estudar o caso; na segunda, ele fará as adequações necessárias para que possamos prosseguir com o trabalho – informou, sem deixar à mostra suas impressões.

– Não acho necessário, John – rebateu Angeline.

– Angie, não vou ensiná-la a bater em ninguém. Como o próprio nome diz, é “defesa pessoal”. Até porque, só teremos dois dias! O que vou lhe ensinar é, digamos assim, “o básico do básico”. Você terá algumas aulas

quando chegarmos lá, mas seria bom já demonstrar algum conhecimento – argumentou.

Angeline analisou a proposta e, sentindo naquelas palavras um cuidado amoroso, acabou consentindo, sem muita convicção. E assim foi feito. Na manhã seguinte, logo cedo, John já estava na casa dela.

– Meu Deus, você leva isso muito a sério. O dia amanheceu faz pouco tempo! – reclamou Angeline, por ter sido tirada da cama tão cedo.

– Bom-dia para você também! A senhora irá perceber que dois dias é muito pouco – respondeu, montando uma espécie de tatame com alguns colchonetes nos fundos da casa. Entregou um equipamento de segurança a ela e começou a ministrar a aula de defesa pessoal.

Angeline tentava se concentrar com a proximidade e as pegadas do agente que, muito seriamente, ensinava o básico para ela. Logo Angie começou a gostar e, para surpresa do federal, a aprender tudo com certa facilidade. O dia passou rapidamente e a noite chegou com um céu claro e uma temperatura agradável. Depois de tomarem um reconfortante banho, John e Angeline se encontraram na sala.

– Amanhã, acho que vou acordar toda dolorida. Meu Deus, você pegou pesado comigo! – reclamou, sentando-se diante dele, que lhe respondeu, sorrindo:

– Acredito mesmo que você poderá acordar dolorida, a não ser que... – silenciou propositalmente. Ela olhou para ele desconfiada e perguntou curiosa:

– A não ser o quê?

– Que você deixe eu lhe fazer uma massagem... – respondeu, sério.

– Você, além que me machucar inteira – sim, porque estou roxa! –, ainda quer se aproveitar de mim? – indagou, perplexa.

– Eu sabia que você iria pensar isso! Você às vezes é tão previsível, Angeline! Não quero "me aproveitar" de você. Estou apenas lhe sugerindo uma massagem.... Mas é você quem decide – encolheu os ombros com desdém.

Interessada, Angeline perguntou:

– Como seria?

– Nada demais, apenas uma massagem. Porém, o ideal é que seja antes de dormir. Quem me ensinou foi Ellen – explicou.

– Bem, então, até na hora de ir dormir eu decido... Agora eu quero comer. Hoje é dia da sopa de ervilha com pão sírio da dona Joana. Não perco por nada! – disse dirigindo-se à cozinha.

– Sopa de ervilha? Essa não! – reclamou fazendo uma careta. Jantaram conversando animadamente e depois lavaram a louça juntos. Joana, com a intenção de promover a união dos dois, comunicou à neta:

– Querida, vou ficar um pouco com Mary. Hoje Lilly precisará sair e prometi ir visitá-la. Volto mais tarde. Qualquer coisa, estou a duas casas daqui... – fitou o agente e pediu: – John, você pode tomar conta dessa bela jovem até eu chegar? Vou fazer companhia a uma vizinha...

– Com muito prazer! Cuidarei dela com afinco... – lançou um olhar de pura satisfação à avó de Angeline.

– Disso eu não duvido! – respondeu a senhora, piscando para ele.

– Eu não sei quem é mais maluco dos dois! – comentou Angeline, olhando ora para sua avó, ora para o agente.

– Bem, antes que você me obrigue a assistir a outro filme, convido-a para um passeio. Afinal, é sábado, eu estou de folga e a noite está linda....

– Muito bem, aproveitem! Até logo mais! – despediu-se Joana, saindo em seguida.

– Aonde você quer ir? – perguntou Angie, curiosa.

– Primeiro, quero ir comer. Adorei a sopa de sua avó, mas preciso de um sanduíche bem caprichado. Depois poderemos ir olhar a lua e as estrelas de um local especial. Tenho certeza de que você irá adorar.

– Confio em você! Vou pegar uma jaqueta... – minutos depois, a jovem voltou de roupa trocada. O agente não deixou de admirar as belas pernas da moça, expostas em uma saia jeans, acompanhada de uma camiseta branca, uma jaqueta de couro sintético mostarda, uma bela bota marrom, um lenço colorido em volta do pescoço e uma pequena bolsa completando o *look*.

– Nossa! Não era só uma jaqueta?

Angeline não respondeu, apenas sorriu e dirigiu-se à porta. Esperou o homem sair e trancou a casa, para, em seguida, tomarem a estrada. Depois de alguns minutos dirigindo, o agente entrou no estacionamento de uma famosa lanchonete. Antes de descer, colocou o coldre axilar, sua arma,

vestiu uma jaqueta preta por cima de sua camiseta branca e seu jeans, descendo em seguida. Angeline o seguiu, sentando-se a uma mesa disposta no lado de fora. O local não estava lotado. John varreu o ambiente com o olhar. Duas mesas depois da sua, três rapazes, que haviam chegado quase no mesmo instante que eles, e estacionado o carro ao lado do deles, olhavam admirados para Angeline, o que não passou despercebido ao agente. Um deles disse algo para os demais. John disfarçou, pegou o cardápio e escolheu um lanche. Depois se voltou para a doutora e disse:

– Não vou nem perguntar se quer comer, porque já sei a resposta. Por que não toma um sorvete? O clima está ótimo para isso.

– Desta vez vou aceitar a sugestão, mas só porque concordo com você... – respondeu de bom humor. Fizeram o pedido e aguardaram, conversando animadamente. Sem que Angeline percebesse, John observava os três homens que continuavam a olhar, insistentemente, para a doutora. Com a intenção de entender o que acontecia, o agente pediu licença, dizendo que iria ao banheiro, porém se manteve em um local estratégico. E não foi surpresa quando um deles se levantou, dirigindo-se à mesa da jovem.

Ao se aproximar, disse, sem preâmbulos:

– Boa-noite, doutora! Que prazer reencontrá-la...

Angeline fitou o homem sem reconhecê-lo, e cumprimentou-o com reserva:

– Boa-noite! Desculpe, mas de onde eu o conheço?

– A senhora foi minha professora há dois anos. Sem querer constrangê-la, a senhora está mais bonita do que nunca. Será que posso pagar uma bebida para a senhora? – disse o homem, de pronto, fazendo com que Angeline respondesse imediatamente, sem acreditar no que escutava:

– Não bebo e estou acompanhada. Obrigada!

– Entendo. Desculpe-me se estou sendo inconveniente, mas sempre a achei perfeita e encontrá-la hoje foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido... – o homem retirou um cartão do bolso e fez menção de entregá-lo. Todavia, John se aproximou rapidamente, puxou o cartão da sua mão e perguntou, ríspido:

– Algum problema, amigo?

Ele encarou John, surpreso com sua rapidez, e respondeu:

– Não. Problema algum. Já estava de saída... – voltou-se para Angeline e despediu-se: – Até logo, doutora! Foi um imenso prazer reencontrá-la. Qualquer coisa, estou sempre à disposição.... – encarou o agente e saiu em seguida.

John sentou-se, leu rapidamente o cartão, entregou-o e perguntou:

– Seu aluno?

– Ele disse que sim, mas não consigo me lembrar... – respondeu ela, intrigada, lendo no cartão de visita: Martin Miller, diretor financeiro.

John fez de conta que não tinha importância, pediu licença novamente, foi ao estacionamento e, sem ser percebido, anotou a placa do carro do

jovem. Imediatamente passou a uma equipe de plantão, que ficou de dar o retorno.

Os jovens não demoraram muito a se retirar. Minutos depois, John recebeu por mensagem as informações que havia solicitado e confirmou suas suspeitas. O carro pertencia a uma das muitas empresas de um suposto contrabandista de armas. John não dividiu a informação com Angeline. Comeu seu lanche, acertou a conta e, sem esperar que Angeline terminasse de tomar seu sorvete, convidou-a a ir embora.

– Impressão minha ou você ficou apressado de repente?

– Impressão sua. Quero apenas aproveitar a noite. Você pode terminar o sorvete no carro – respondeu, levantando-se e obrigando-a a fazer o mesmo. Angeline acompanhou-o, sem, no entanto, se convencer da sinceridade daquela resposta. O carro seguiu célere pelas ruas. Algum tempo depois, John observou que estavam sendo seguidos e, sem poder mais esconder os fatos da doutora, disse, frio, com o semblante alterado:

– Estamos sendo seguidos. Segure-se!

Angeline fitou-o espantada e, percebendo a expressão séria em seu rosto, perguntou, tentando manter o controle:

– Quem está nos seguindo?

– Seu aluno... – respondeu sem olhar para ela. Assumindo todos os seus dotes de homem da lei, ele acelerou, entrando e saindo de ruas na tentativa de despistar o carro que o acompanhava com destreza. Seguro do que fazia, John passou um rádio para a polícia. Identificou-se e deu todas as

informações a respeito do perseguidor. Minutos depois, três carros de polícia se juntavam à caçada. Percebendo que estava encurralado, o motorista tentou de todas as maneiras se salvar, mas não obteve êxito: numa manobra arriscada, capotou o carro.

Rapidamente, o carro foi cercado por policiais armados, que retiraram de dentro dele os três ocupantes com apenas algumas escoriações e os algemaram. John estacionou, calçou luvas pretas, olhou para Angeline e disse:

– Não saia do carro. Deixe as portas trancadas. Volto num instante! – sem esperar resposta, saiu do carro e se dirigiu ao local. Identificou-se aos policias e, olhando para o suposto aluno da doutora, perguntou-lhe, ríspido:

– Qual era o plano?

O homem cuspiu sangue, sorriu irônico e respondeu, jocoso:

– Nunca vai saber, agente!

John encarou-o com frieza no olhar, depois seguiu até o carro virado, abaixou-se, deu uma checada, observando que ali havia armas de grosso calibre, arrastou-se até o porta-luvas, abriu-o e dele retirou alguns papéis e uma pequena pasta. Ao abri-la, seu corpo sentiu um estremecimento: havia uma foto de Angeline. Levantou-se, fez uma ligação, depois se aproximou dos policiais e informou:

– Senhores, informo que esses homens estão, a partir de agora, sob a responsabilidade do FBI, acusados de atentado a um agente federal e sequestro de outra agente. Algumas unidades devem comparecer em

minutos. Agradeço o bom trabalho de vocês e peço que se mantenham aqui até as unidades chegarem.

Os policiais aquiesceram sem problemas. John se aproximou do bandido, encarou-o novamente e, firme, vociferou:

– Agora vamos ver se você não fala! Seu chefe está com os dias contados! – sorriu, irônico, e retornou a seu carro.

# 25. Plano desfeito

Antes de chegar ao seu carro, John viu ao longe uma picape preta se aproximar pela contramão. Antevendo o que iria acontecer, voltou correndo ao local e gritou para os policiais:

– No chão! Todo mundo no chão! Protejam-se! – sem esperar, jogou-se ao solo, virou-se, sacou a arma e atirou em direção aos pneus do carro preto, sem sucesso. O carro desconhecido acelerou, fez um giro de 180º, parando logo em seguida. A porta do passageiro foi aberta e um homem encapuzado saiu, portando uma submetralhadora. Com o alvo certo, atirou nos três bandidos, acertando dois mortalmente. Depois entrou novamente no carro e saiu cantando pneus. John levantou-se, observando o estado dos bandidos; dois já estavam mortos e um agonizava com um tiro no peito. Um policial fora ferido sem gravidade.

– Droga! – gritou o agente. Retirou, então, o celular do bolso e fez outra ligação, chamando uma ambulância. Lembrou-se de Angeline e correu até seu carro. Abriu a porta do passageiro e viu a doutora deitada com as mãos sobre a cabeça em estado de choque. Ele fez um carinho em seu braço e disse:

– Angie, está tudo bem!

A jovem levantou-se, olhou-o e atirou-se em seus braços tremendo e chorando:

– Meu Deus! Meu Deus, John!

– Calma! Já passou! Assim que o reforço chegar, irei tirá-la daqui – disse abraçado à doutora, tentando acalmá-la. Minutos depois, três viaturas do FBI chegavam ao local, acompanhadas da ambulância. Imediatamente tomaram conta do local. Kayla e Noah tinham vindo, a pedido de John. Observando que Angie estava um pouco mais calma, foi conversar com o colega, deixando-a sozinha.

– Você anotou a placa do carro, John? – indagou Noah.

– Sem placa, Noah. O carro era blindado, o bandido estava encapuzado e fortemente armado. Só nos restam as câmeras de segurança – olhou para os lados, certificando-se de que ninguém mais escutava, e disse: – A foto de Angeline estava com eles. Eles planejavam sequestrá-la. Eu não quero nem pensar se isso ocorresse! – seu olhar se transformou em dor.

– Como ela está? – indagou o amigo, preocupado.

– Nervosa! Isso é muito maior do que pensamos! Tenho certeza de que envolve gente alta, meu amigo. Só que, dessa vez, eles não vão sair ilesos. Seja quem for que está por trás, irá pagar. Eu vou até o inferno trazer esse demônio e despachá-lo para as trevas de uma vez.

– E a missão?

– Angeline tá fora! Não vou colocar sua vida em perigo de novo, de jeito nenhum! Isso é uma decisão tomada, quer ela aceite, quer não. Vamos

dar um jeito de tirá-la do país, sem alarde. Ela ainda corre perigo. Hoje, ela ficará em minha casa; amanhã, pedirei uma reunião com o vice-diretor e decidiremos como fazer. Quero também que providencie uma equipe para ficar protegendo a casa dela. Esse animal é capaz de tudo! – considerou o agente, decidido.

– Acho prudente, John. Bem, se você quiser ir embora, pode ir. Eu e Kayla assumiremos o caso – nesse momento, Kayla aproximou-se e comunicou:

– O bandido foi socorrido e, apesar de estar muito mal, ainda está vivo. Ele foi levado em segredo para o hospital. Para a imprensa, que acabou de chegar, todos foram mortos. Dois agentes ficarão no hospital guardando o quarto. Agora só resta a esperança de que esse infeliz sobreviva e abra o bico... – silenciou, olhou séria para o colega e perguntou: – Como está a doutora?

– Vai ficar bem... Agora vou indo. Qualquer coisa, estarei em casa. Mais tarde ligarei para saber se há novas informações – saiu rapidamente, preocupado com Angeline. Já no carro em direção à sua casa, John olhou para a doutora em silêncio e comunicou:

– Angie, você ficará em minha casa. Ligue para sua avó e peça que também não retorne para sua residência. Se achar melhor, poderemos ir buscá-la e vocês duas ficarão comigo.

A jovem olhou surpresa para o agente e indagou, preocupada:

– Por que isso, John? O alvo era eu?

– Não. Apenas por medida de segurança. Uma equipe ficará montando guarda em sua casa – respondeu, tentando demonstrar segurança para que ela não desconfiasse de nada.

Cansada e ainda amedrontada, Angeline não quis questionar. Aquiesceu, gostando da ideia de não ficar sozinha. Fez uma ligação e, sem muitas explicações, convenceu sua avó a passar a noite na casa da vizinha, prometendo explicar tudo no dia seguinte. Minutos depois, chegavam à casa de John. O federal colocou o carro na garagem e pediu que só saísse quando o portão estivesse totalmente fechado. Adentraram na casa e Angeline percebeu a mudança no local. A residência estava limpa e muito bem ajeitada, diferente de quando estivera ali pela primeira vez. Como se lesse a mente da doutora, ele disse sorrindo:

– Essa é a vantagem de ter mãe em casa. Ela se foi, mas, antes, fez questão de deixar tudo limpo e arrumado.

– É muito bom ter mãe!

– Bem, vamos tomar um banho. Se não se incomodar, poderá usar uma blusa minha e um *short* de Ellen. Ela era um pouco mais magra que você, mas acredito que servirá.

Angeline fez cara de poucos amigos, mas não disse nada. O agente percebeu e indagou, tentando descontrair o ambiente:

– A não ser que queira ficar apenas de camiseta ou vestir um *short* meu. Você decide....

– Eu aceito o *short* de Ellen, obrigada – respondeu a doutora.

– Foi isso que pensei.

Longos minutos depois, Angie encontrou o federal na cozinha preparando algo. Ao ver a jovem vestida com sua blusa, disfarçou a atração que sentiu por ela e pediu, solícito:

– Será que poderia me ajudar?

– O que está fazendo? – perguntou Angie aproximando-se.

– Panquecas. Espero que goste, pois não sei fazer outra coisa. Isso tudo me deu fome.

– O importante é o recheio.

– Então, essa parte fica com você.

O lanche transcorreu sem problemas, com John fazendo de tudo para que a doutora não ficasse pensando no grave incidente. Depois os dois seguiram até a sala. Angeline, então, olhou para ele e perguntou sem rodeios:

– Será que agora o senhor pode me explicar por que estou aqui? Não sou nenhuma idiota, John! Eu estou em perigo?

O agente decidiu falar apenas uma parte:

– Houve mudanças no plano. Você está fora da missão. Vamos dar um jeito de tirá-la do país sem que...

Angeline não esperou que ele concluísse e contestou firme:

– Não podem fazer isso! Quem me tirou?

– Não importa quem a tirou, Angie, o importante é que você não poderá ir de jeito nenhum! – explicou contundente.

– Foi você, não foi? Você não me consultou, John! Pois saiba que vou! Você não tem o direito! – disse, contrariada.

– Não vou colocar sua vida em risco e isso já está decidido – rebateu enérgico.

Angeline levantou-se e disse, alterada:

– Minha vida não é mais importante do que a sua ou a de qualquer outra pessoa. Eu quero ir! Você não pode fazer isso!

– Posso e já fiz! Não tem volta! – exasperou.

– John, você não entende, eu...

O agente, agastado, interrompeu-a:

– Quem não entende é você! Eu não vou permitir que arrisque sua vida. Eu não quero perdê-la! Eu nunca me perdoaria se acontecesse algo com você! – passou as mãos nos cabelos com um olhar de assombro, como se se lembrasse de algo muito ruim.

Ela fitou-o e disse, decidida:

– Não irá me acontecer nada! Vocês precisam de mim!

Ele contestou imediatamente:

– Nada do que você disser irá me fazer mudar de ideia.

– Pare de me tratar como se eu fosse uma menina mimada que precisa de cuidados! Eu sei me cuidar e não sou nenhuma idiota! Você só está pensando em você! Tem medo de que algo me aconteça, então, não conseguiria viver com essa culpa, por que se culpa também no caso de

Ellen e Eve! Pois eu lhe garanto que você não será culpado de nada! – redarguiu Angeline, bastante contrariada.

– Você acha que esses seus poderes lhe dão o direito de julgar os outros? Eu nunca lhe achei idiota, mas agora você está agindo como uma. Você não me conhece, doutora, e fico me perguntando por que esses seus poderes nunca funcionaram comigo. Você me olha e vê aquilo em que quer acreditar, para dar respostas funcionais aos seus próprios questionamentos. Guarde suas ideologias psicológicas para você mesma! Essa questão está decidida! Você está fora! – contrapôs, alterado.

– Eu não tenho poderes e não o estou julgando! Você fala daquilo que não sabe. É igual a todos! – gritou, raivosa.

John perdeu a paciência, aproximou-se, segurou a jovem pelos ombros e, olhando-a nos olhos, indagou, furioso:

– Mas que droga é essa, Angeline? Será que não consegue ver o óbvio? O que aconteceu hoje foi apenas a ponta de algo muito maior!

A doutora, com lágrimas nos olhos, respondeu, baixando o tom e olhando firme para ele:

– Minha vida toda desejei ver apenas o óbvio! Ninguém imagina o que é carregar esse fardo de ter esses “poderes” a que você se referiu. Por várias vezes desejei ser normal. Eu preciso trabalhar, ajudar os outros para não sucumbir aos sentimentos mesquinhos que carrego. Fazer desses “poderes” algo bom é a minha cura! – silenciou com as lágrimas descendo por seu rosto.

Surpreso com o seu desabafo, o federal desarmou-se por completo. Respirou fundo, abraçou-a com carinho, beijou-lhe a fronte e desculpou-se:

– Eu não tive a intenção de magoá-la, Angie, desculpe-me! Você não precisa de cura nenhuma. Você é uma pessoa boa e já ajuda muita gente. Eu sou uma prova disso.

A doutora balançou a cabeça negativamente, desvencilhou-se do federal e, olhando-o triste, respondeu:

– Pessoas boas não magoam, não desrespeitam, não sentem inveja, não odeiam, não planejam vingança, não atentam contra a própria vida... Eu estou longe de ser uma pessoa boa, John!

– Do que você está falando? Sinceramente, não consigo entender... – indagou inquieto.

Angeline baixou os olhos, respirou fundo, sentou-se, sendo acompanhada pelo agente, e voltou a falar:

– Eu vou resumir para você. Desde muito cedo, essa faculdade se manifestou em mim. No início não era tão complicado, eu era apenas uma criança. Contudo, à medida que crescia, ia ficando muito difícil conviver com esses "poderes". Eu era motivo constante de brincadeiras na escola, na rua, e resolvi ficar sozinha. Não posso dizer que tive amigos. Quando comecei a ajudar algumas pessoas com a minha faculdade, senti uma ponta de satisfação; por alguns meses, minha vida mudou: de menina estranha, passei a heroína. Todos queriam falar comigo, ficar perto de mim... Apesar de todos os conselhos de meus avós, eu me envaideci, até um dia em que

minha faculdade falhou e não consegui ajudar a encontrar uma menininha que havia desaparecido. Quando ela foi encontrada morta, horas depois, alguns se revoltaram e muitos me culparam... – Angie engoliu em seco, revivendo a cena em sua cabeça. Fechou os olhos e continuou o relato:

– Tivemos que nos mudar. Eu só tinha 13 anos e novamente me recolhi ao meu silêncio. Uma revolta foi tomando conta de mim e me tornei uma pessoa amarga, distante, fazendo meus avós sofrerem. Estudava mais que todos apenas para ridicularizá-los e sentia prazer nisso. Meu irmão era muito querido por todos na escola, era um garoto popular. Eu sentia tanta inveja dele... Perguntava-me por que eu e não ele. Quando, por infelicidade, descobriram que eu tinha tal faculdade, me apelidaram de "Carrie, a estranha" –enxugou as lágrimas que lhe caíam pela face, fazendo um esforço grande, como se aquelas lembranças lhe abrissem feridas profundas; respirou fundo e voltou a relatar:

– Fizeram um abaixo-assinado para que eu não pudesse ir ao baile de formatura, alegando que eu iria colocar fogo no local... Foi tão difícil! Eu culpava Deus, culpava meus pais por terem morrido e descontava minha rebeldia em meus avós. Novamente tivemos que nos mudar. Apesar de tudo o que eu fazia meus familiares passarem, eles me apoiavam e me amavam. Meu irmão deixou de ir a muitos locais, deixou de ter amigos, apenas para ficar comigo. No início, aquilo me incomodava: na minha cabeça, era para ele me odiar! Eu aprontava, mas ele ficava sempre do meu lado, me perdoando! Com o passar do tempo, a inveja que eu sentia se transformou

em admiração e amor... Foram incontáveis as vezes em que ele brigou por minha causa, para me defender... – suspirou, esboçou um riso doloroso, olhou para John, que escutava tudo atentamente, e prosseguiu: – Ele aprendeu a lutar por minha causa... – levantou-se, andou um pouco e continuou a narração:

– Quando nós nos mudávamos, fazíamos de tudo para esconder a minha faculdade, até que alguém descobria, não sei como. Certa vez, fazia pouco tempo que havia entrado na universidade. Alguns jovens se reuniram num Dia das Bruxas, ajeitaram uma sala com imagens, panos, monstros e deram um jeito para que eu pudesse ir até lá. Trancaram-me, apagaram as luzes e, com sons terríveis, riam do meu desespero. Eu gritava desesperada e isso era motivo para mais gargalhadas. Meu irmão já não podia me ajudar, ele havia ido para outra faculdade. Só me lembro de ter pedido muito a Deus que me ajudasse. A porta de repente se abriu, um rapaz entrou, se aproximou de mim e, com carinho, me estendeu a mão, me tirando daquele local. Depois disso, minha vida mudou completamente. Nós nos tornamos amigos e, meses depois, namorados. Eu mudei... A amargura acabara e a solidão também. Charles, juntamente com os meus avós, estudou sobre minha faculdade e comecei a entender o que acontecia comigo. Passamos cinco anos juntos; íamos nos casar, quando ele morreu em um acidente de moto... – Angeline silenciou, passou as mãos nos cabelos, enxugou novamente as lágrimas que caíam insistentes, sentou-se, mirou o agente e revelou:

– Sem conseguir suportar a dor que a falta dele me fazia, resolvi me matar, meses depois. Ingeri vários medicamentos, mas minha avó chegou a tempo e me salvou. Com medo de que eu tentasse novamente o suicídio, ela me levou para o Brasil, numa tentativa desesperada de me ajudar. Fomos morar na cidade em que vivia um médium muito conhecido, Chico Xavier. Quase à força, minha avó me levava ao centro espírita. Ela me dizia que o Chico tinha uma faculdade muito maior que a minha e nem por isso era infeliz. Fiquei curiosa e coloquei à prova a faculdade dele, sem que ninguém soubesse. Certa noite, antes de sair de casa, desafiei-o em meus pensamentos; disse que, se ele tivesse mesmo tal faculdade, que me chamasse. O local reunia, por dia, milhares de pessoas em busca de ajuda. Bem, nós seguimos até o centro. À medida que a hora avançava e ele não me chamava, eu me convencia mais e mais de que ele era um impostor; porém, quando já estávamos de saída, um senhor tocou no meu ombro, convocando-me a entrar para falar com Chico, pois ele me aguardava... – Angeline calou-se, como se aquela lembrança lhe fizesse bem. Depois continuou o relato:

– Eu não sei ao certo o que senti, mas meu coração bateu forte, minhas pernas fraquejaram... Foi o percurso mais longo que fiz, apesar da curta distância. Entrei numa pequena sala com uma mobília humilde e olhei para a figura à minha frente; um senhor já de certa idade, muitas rugas no rosto, roupas simples... Entretanto, quando seu olhar me alcançou, foi como um sol que varre sombras, tamanha era a ternura que transmitia. Sem forças, caí

a seus pés chorando! Parecia que naquele momento meu choro expurgava todo o mal que havia em mim. Ele, carinhosamente, passou a mão em meus cabelos e pacientemente aguardou que eu me acalmasse... – respirou fundo, olhou para um ponto imaginário e continuou a falar:

– Quando consegui olhá-lo novamente, vi ao seu lado um senhor distinto, sério, de feições calmas... John, em torno dos dois, envolvendo-os, havia um feixe de luz tão grande e forte que parecia um farol! Nunca vi algo assim! A sala se transformou, consegui vislumbrar um local enorme, de uma paz tão grande... Esse senhor me disse que se chamava Emmanuel e que auxiliava o Chico. Explicou-me a respeito da minha faculdade. Ele me deu uma aula maravilhosa! O interessante é que parecia que passara muito tempo, mas, quando "retornei" à sala do Chico, haviam se passado somente poucos minutos. O Chico olhou para mim e disse sorrindo: "Não somos melhores que ninguém, mas temos mais responsabilidade por possuirmos tal faculdade. Estude, trabalhe e exercite o amor ao próximo todos os dias. A felicidade está ligada ao bem que espalhamos!". Eu não tinha falado nada a meu respeito e, no entanto, ele sabia tudo. Senti-me tão feliz, como nunca pensei que me sentiria na vida. Chico me convidou algumas vezes para ir à sua casa, onde tive o imenso prazer de conversar sobre muitas coisas, fiz muitas perguntas e, com uma lucidez tremenda, ele ia me explicando tudo pacientemente. Decidi que queria ser pelo menos parecida com ele...

– Diferente da minha – prosseguiu a doutora –, a sua faculdade era motivo de respeito. Todos o idolatravam. Foram inúmeros os casos que

presenciei em que ele usava sua faculdade para auxiliar pessoas sofredoras e desesperadas. Descobri, então, que o Chico não era admirado apenas pela mediunidade que possuía, mas pelo bom uso que fazia dela. Assim, resolvi voltar e assumir meu trabalho de ajuda ao próximo por meio da minha faculdade. Tentei várias coisas, até me decidir pelo anonimato, visto que, comparando os brasileiros e os americanos, o certo é que se trata de povos e necessidades diferentes. E agora estou aqui, lutando para acertar... – concluiu.

John ouvira tudo com bastante atenção, mas não sabia bem o que pensar. Porém, uma coisa o intrigava e, curioso, indagou:

– Você disse que esse médium tinha um espírito, um senhor, que o auxiliava. Você não possui um também?

– Fiz essa pergunta ao Chico, já que nunca vi ninguém comigo. Ele me explicou que, quando eu estivesse preparada, com certeza conheceria o meu "anjo" ou "amigo espiritual"; ele me garantiu que eu sou, sim, auxiliada, mesmo sem perceber ou sentir isso. Apesar de os médiuns poderem ver, ouvir, sentir espíritos, cada um tem suas particularidades. Acredito que, devido à minha inferioridade moral, eu não tenha a assistência que o Chico tinha. Assim como eu, desde criança, ele sempre teve mediunidade, porém, diferente de mim, sempre foi um espírito obediente e bom. A vida dele foi muito difícil, mas nenhuma dificuldade foi capaz de desviá-lo dos seus propósitos. O que não se aplica a mim, John. Toda assistência que temos de

Deus depende, primeiramente, de nós mesmos. Hoje, espero estar no caminho certo...

# 26. Outras explicações

John lançou-lhe um olhar indulgente, reconhecendo que sua vida havia sido dura. Contudo, tinha muitos questionamentos a fazer e continuou a perguntar:

– Angie, tem algo que me confunde. Há pouco quase ocorreu uma tragédia; apesar disso, você não previu nada. Você consegue salvar os outros, mas não consegue salvar a si mesma?

Seus lábios esboçaram um sorriso e ela respondeu, complacente:

– Acaso estamos feridos? Tenho uma faculdade que não controlo e que não serve à minha vontade, nem às minhas prioridades. Sou uma pessoa como outra para Deus! Os espíritos não são meus empregados. Todos nós temos nossa proteção a partir de nós mesmos. Nada acontece por acaso. Nossas ações e nossos pensamentos desencadeiam energias que atraem energias afins. Se eu fizer o bem, recebo o bem ou o equivalente ao que mereço. Funciona como um rádio que, quando modulado, passa a transmitir na faixa sintonizada.

– Você está me dizendo que atraímos tudo quanto nos acontece?

– Para o bem ou para o mal. E não só desta existência, mas carregamos conosco o nosso pretérito; logo, somos os construtores de nossas vidas. Nada, absolutamente nada, fica sem uma resposta do universo. Por isso,

tenho que trabalhar hoje mais que ontem, por ter consciência das minhas faltas. Comparar minha mediunidade à do Chico é colocar uma névoa escura sobre a faculdade dele. O Chico era um homem espiritualizado; ele via, ouvia, sentia, escrevia, tinha total consciência de tudo à sua volta, conversava com espíritos constantemente... Isso porque ele vivia tudo em plenitude. Sua vida era fazer o bem! Tenho que me aprimorar muito; sou rebelde, egoísta, orgulhosa... Apesar de tudo, sinto Deus em mim quando consigo ajudar alguém, quando sou usada pelos espíritos para fazer o bem, quando sirvo aos propósitos de Jesus – concluiu a doutora.

– Outras questões me intrigam: você nunca viu nenhum parente seu morto? Você nunca gostou de outro homem, depois desse Charles? – prosseguiu.

– Não, John, nunca vi ninguém de minha família. Chico me disse que, talvez por medo, bloqueei possíveis visões, mas me relatou que foi minha mãe que me salvou da morte quando tentei o suicídio. Aliás, foi ao lado do Chico que a vi muito rapidamente uma única vez – fez uma pausa, depois continuou: – Se eu não os visse, era como se não tivessem morrido. No fundo, acho que não queria admitir a morte deles. Quanto a Charles, eu me culpei por não prever a sua morte, mas entendi, depois, que tudo segue uma sequência divina – explicou.

O agente insistiu, interessado:

– Você não me respondeu: já gostou de outro homem?

Angeline entendeu muito bem o teor da pergunta. Baixou os olhos para não ter que o encarar e, tentando encontrar a resposta certa, explicou:

– Diferente do que ocorria em relação aos outros poucos namorados que tive, minha faculdade parecia nula com Charles. Não conseguia ver ou sentir absolutamente nada a seu respeito. Não me pergunte por quê, pois não saberei responder. Ele era diferente, pelo menos para o meu coração. Quase todos os dias a lembrança dele me vinha à mente, até... – Angeline foi interrompida pelo toque do telefone do agente. O federal fez uma careta e, irritado, atendeu:

– Moore!

– John, onde você está? – perguntou uma voz masculina do outro lado da linha. O agente reconheceu imediatamente a voz do vice-diretor e respondeu, distanciando-se de Angeline, que respirou aliviada com a intromissão:

– Estou em casa, senhor. Algum problema?

– A doutora está com você?

– Sim, está, senhor.

– Muito bem! Amanhã cedo, quero todos no escritório. Vamos responder a esse ataque. Isso já foi longe demais! – o homem fez uma pausa, depois perguntou sem preâmbulos: – Qual a sua relação com essa jovem, John?

O agente, pego de surpresa, olhou para a bela mulher e respondeu, firme, tentando convencer o superior:

– Profissional, senhor.

– Assim espero, porque já temos problemas demais. Um envolvimento emocional não ajudaria em nada. Confio em você.

– Entendido, senhor. Eu fiz um pedido ao Noah para que houvesse proteção na casa da doutora. A sua avó pode também correr perigo. Amanhã estarei cedo no escritório. Boa-noite, senhor! – desligou e olhou para Angeline, tendo que concordar com o diretor: ele tinha que se concentrar no caso. Aproximou-se, mas, antes que dissesse algo, a doutora pediu:

– John, por favor, estou cansada, queria descansar.

Ele não respondeu de pronto, fitou-a desconfiado e indagou:

– Fugindo, doutora? Tudo bem, vamos descansar! Amanhã teremos que estar cedo no escritório.

– Isso significa que ainda estou na missão? – tornou, ansiosa.

– Amanhã vamos ver o plano que deveremos seguir, então lhe darei a resposta – esclareceu, caminhando até o quarto de Eve, sendo seguido por Angeline. Abriu a porta, deu passagem à jovem e informou: – Estarei logo aqui ao lado; qualquer coisa, pode gritar e num pulo estarei aqui... – sua voz soou estranha, mas nada que a fizesse supor a que ele se referia: – Tenha uma ótima noite, Angie!

O olhar da jovem convergiu paro o rosto amável do agente e ela agradeceu:

– Obrigada, John, por tudo! Boa-noite! – inopinadamente, aproximou-se, ficou na ponta dos pés, abraçou-o e beijou-o no rosto. Ele precisou de um controle muito grande para não sucumbir à vontade de tomá-la nos braços e amá-la. Contudo, recebeu o carinho e saiu em seguida, deixando-a sozinha, entregue também aos seus pensamentos. Angeline fez sua higiene, sentou na cama e, como de costume, iniciou suas preces. Porém, tudo veio à sua mente, fazendo-a reviver as fortes imagens de momentos atrás. Grossas lágrimas banharam seu rosto:

– Por quê? Meu Deus, qual o sentindo de tudo isso? – não soube quanto tempo ficou sentada tentando controlar as fortes emoções, provocadas pelas lembranças de horas atrás. Deitou-se, mas não conseguiu dormir...

No quarto ao lado, John também revivia os momentos terríveis, todavia, suas preocupações eram outras... Sentado em sua cama, com o *notebook* acionava o circuito de segurança que havia projetado para sua casa e tentava descobrir mais a respeito do suspeito. Ele queria entender por que queriam a jovem e pensava alto:

– Será que eles sabem da sua faculdade e querem obrigá-la a trabalhar para eles? Eu não posso deixá-la vulnerável! Aquele crápula é um maldito de um psicopata! Tenho que encontrá-lo! Não consigo nem imaginar ele colocando aquelas mãos imundas em Angie... – cerrou os punhos e contraiu o maxilar, visivelmente alterado. Por mais que tentasse, não conseguia sentir sono. Olhou para o relógio e viu que já passavam das duas horas da madrugada. Levantou-se e seguiu direto até a cozinha, encheu um copo com

água e bebeu, sentindo o cansaço do dia. Já estava de volta quando escutou um chamado abafado, vindo do quarto em que a doutora dormia. Correu e entrou sem pedir licença. Assustado, viu Angeline sentada na cama, ofegante. Aproximou-se rapidamente, sentou-se e perguntou, nervoso:

– O que foi, Angie? O que aconteceu?

A doutora fitou-o com os olhos tristes e respondeu num sussurro:

– Ele vem atrás de mim, John! Ele quer me sequestrar!

Ele olhou-a sobressaltado e indagou:

– Quem?

– Kaiden! Esse é o nome dele!

Como se houvesse tomado um choque, John levantou-se imediatamente. Mudo, fitou-a, tentando entender como ela sabia de todas aquelas informações. Pensou um pouco, sentou-se novamente e questionou, curioso:

– Quem lhe disse isso? Como soube desse nome?

– Eu vi. Ele disse que viria atrás de mim, que era uma questão de tempo... – fez uma breve pausa, olhou para um ponto imaginário e, lembrando-se de algo, continuou a falar: – Eu vi uma casa grande, com a fachada amarela e uma porta branca de número 56 L; no jardim havia um canteiro de gerânios coloridos que se destacava pela beleza – voltou-se para o agente e perguntou, nervosa: – Aqueles homens queriam me sequestrar, John?

– Isso é muito estranho, Angie! Vou anotar essas informações. Você lembra como era fisicamente esse homem? – o agente ignorou a pergunta

dela fazendo-lhe outras, a fim de tentar entender o que estava acontecendo. Foi a uma mesa, pegou um pequeno bloco de anotações e escreveu o que a jovem descrevera.

– Eu tive uma visão clara desses fatos! Sim, eu o vi! –ela silenciou, pensou um pouco e descreveu o homem com riqueza de detalhes. A cada palavra, o espanto dele era maior, já que reconhecia claramente o homem descrito. Angeline, ao ver as feições do federal, soube imediatamente que John o conhecia e perguntou:

– Foi ele quem matou Ellen?

– Sim. Foi ele! – admitiu, sem poder negar. Tentando acalma-la e refletir em tudo que escutara, propôs-se a pegar um copo de água para ela. Na volta, indagou: – Por que o psicômetra é capaz de ver, ouvir e sentir além do seu espaço físico?

A doutora sorveu a água, respirou fundo e respondeu, já um pouco mais calma:

– Para lhe responder essa questão, recorro a uma médica, estudiosa e escritora brasileira: doutora Marlene Nobre. Ela informa que o médium tem a facilidade de libertar a sensibilidade e a motricidade, dissociando ou desarticulando as forças anímicas de certos núcleos, como, por exemplo, a audição e a visão, transferindo a potencialidade para as próprias oscilações mentais. Nesse caso, o que tive é chamado de clarividência, que é a possibilidade de ver a distância.

Ainda confuso, John voltou a investigar:

– O que é essa dissociação? Quando ocorre e como o médium é capaz de fazer isso?

– Dissociar significa libertar centros de força ou *chakras* do corpo físico. Isso acontece involuntariamente, deixando, assim, o médium com maiores possibilidades, visto que está mais livre, ficando com suas percepções mais apuradas. Ele não está aprisionado totalmente pelas forças do corpo físico, logo, entra em contato com o ambiente, tendo uma visão mais ampla. Ele consegue receber por inteiro as impressões do ambiente – ela pensou um pouco e continuou a explicação: – Essa dissociação das forças anímicas permite a experiência fora do corpo, a dupla vista ou clarividência – o que acorreu comigo há pouco –, bem como a psicometria. No caso do psicômetra, ele desenvolve o tato, porque, através desse sentido, o médium entra em contato com o meio que necessita.

– É tudo ainda muito novo pra mim, Angie! – admitiu o agente.

– Entendo. André Luís, um espírito que escrevia por intermédio de Chico, informa que a matéria assinala sistemas de vibrações diversos criados pelo contato com os homens e com os seres da natureza. Cada objeto é um medianeiro e cria registros de fatos da natureza.

Ele anuiu positivamente, dando-se por satisfeito com a explicação, e, mudando de assunto, indagou:

– Você está mais calma?

– Sim, obrigada! Devemos tentar dormir, estou tão cansada...

– Claro! Você tem razão! Boa-noite! Qualquer coisa, por favor, me chame... – deixou-a sozinha novamente e foi para seu quarto tentar descansar.

Angeline deitou-se buscando o sono, contudo este não vinha e ela rolava de um canto a outro da cama, até tomar uma atitude. Levantou-se e seguiu até o quarto do agente. Entrou e observou uma tênue luz que iluminava parcamente o cômodo, mas o suficiente para se locomover. Sem fazer barulho, foi até a cama de John, com receio de acordá-lo. Entretanto, ele não dormia e viu, surpreso, a jovem aproximar-se. Apreensivo, perguntou, assustando-a:

– Aconteceu mais alguma coisa, Angie?

– Não. É porque não estou conseguindo dormir. Pensei que você já estivesse dormindo... – respondeu, olhando para ele com vergonha, sem dizer qual a sua intenção.

John entendeu o que a doutora queria, afastou o lençol e chamou-a:

– Deite-se... E antes que me peça, já lhe digo: vou tentar não encostar um dedo em você, embora não possa prometer nada!

– Eu vou ficar bem quietinha... – assegurou Angeline, deitando-se num canto da cama e enrolando-se toda com o edredom. Seu coração batia acelerado, aos poucos, porém, foi relaxando, a presença dele deu-lhe a segurança de que precisava para adormecer.

John olhava para a jovem deitada ao seu lado e a advertência do seu chefe vinha à sua cabeça, bem como a história de sua vida – “Ela é muito

forte!”. Respirou fundo, lutou contra a vontade de abraçá-la e sentir seu perfume e, deixando-se vencer pelo cansaço, também adormeceu.

# 27. Tomando decisões

Angeline acordou, atingida por uma pequena claridade que irrompia da janela e que a deixou, momentaneamente, com a vista opaca, aos poucos, porém, as imagens foram se delineando e ela já podia visualizar os móveis. Observou o belo homem a seu lado, dormindo profundamente, uma sensação de carinho tomou conta de seu coração; sorriu, sentindo vontade de fazer-lhe uma carícia, mas desistiu e, com cuidado, escorregou da cama. Caminhou até uma cômoda sobre a qual havia fotografias da família. Ao lado, uma almofada redonda sobre uma poltrona de couro, trazia bordado: John e Ellen.

"Ele deve sentir muito a falta dela!" – pensou. Olhou novamente para o federal e saiu em seguida, dirigindo-se ao outro quarto, com os sentimentos confusos. A doutora conferiu a hora no celular e percebeu que dormira mais do que o esperado. Temerosa, observou que havia uma mensagem no aparelho, mas, ao lê-la, ficou mais calma:

– Ainda bem que resolveram alterar o horário da reunião! – aproveitou e ligou para sua avó, pedindo que dona Joana só voltasse para casa quando ela fosse buscá-la. A contragosto, a senhora aquiesceu. Com o corpo dolorido, a doutora seguiu até o banheiro e entrou no chuveiro.

John acordou e viu que a jovem não mais estava na cama. Olhou para o relógio no criado-mudo e deu um pulo ao ver que estava muito atrasado. Passou a mão no celular ao lado, com a intenção de ligar para o escritório, mas nele também havia uma mensagem comunicando o novo horário da reunião, o que fez com que ele se acalmasse. Aliviado, seguiu até o cômodo ao lado e escutou o barulho do chuveiro no banheiro. Retornou ao seu quarto e deitou-se novamente, pensativo:

"Quem diria, heim? Dormir ao lado de uma mulher como essa e não acontecer nada... Não sei se é bom ou ruim..." – o agente continuou divagando mais algum tempo até resolver tomar um banho...

Angeline, devidamente trocada, observou que a casa do agente era maior do que supunha. Havia um escritório, uma biblioteca, um *living*, todos os cômodos muito bem equipados. Foi então para a cozinha. Preparava algo para comer em uma bancada de granito quando se virou e quase caiu de costas ao ver o agente parado, encostado na parede, com os braços cruzados sobre o dorso nu, vestindo apenas uma calça preta, os cabelos molhados, exalando um perfume delicioso de balsamo pós-barba; ele a observava em silêncio. Fazendo um enorme esforço para desviar os olhos do peitoral musculoso do agente, Angeline o saudou, tímida:

– Bom-dia! Meu Deus, você ainda vai me matar de susto! Estou tentando fazer algo para comer... – notando que John permanecia em silêncio, continuou a falar, nervosa: – Desculpe, John, invadir sua cozinha,

mas não queria acordá-lo. Fomos dormir ontem tão tarde, que achei melhor deixá-lo dormir um pouco mais...

O homem olhava para a bela mulher, mas não a escutava; sua mente estava tomada pelas lembranças persistentes do último dia em que vira sua esposa com vida: “Uma hora, estamos aqui, e em outra...” – um sentimento de apreensão tomou conta de seu peito. Alheio a tudo, caminhou até ela, segurou-a pela cintura, levantou-a sem esforço algum e sentou-a na bancada de granito. Com os olhos nublados, disse-lhe:

– Angie, eu não vou deixar nada lhe acontecer! Não vou deixar esse psicopata lhe causar nenhum mal! Eu lhe prometo! Eu vou pegá-lo!

Angeline percebeu a forte carga emocional nas palavras do agente, deduzindo que ele havia se lembrado de Ellen. Comovida, respondeu-lhe:

– Eu sei, John! Confio em você, sei da sua competência. Sinto-me segura ao seu lado!

Os belos olhos verdes do agente estavam marcados por sombras escuras, demonstrando o quanto as lembranças o atormentavam. Suspirou, como se os pensamentos exigissem dele um grande esforço. Depois, sem reprimir mais a atração que sentia pela jovem, abraçou-a e beijou-a apaixonadamente. Angeline retribuiu o beijo com a mesma intensidade, até serem interrompidos pelo toque da campainha. O agente desvencilhou-se da doutora, ofegante, olhou-a nos olhos e comentou:

– Quando tudo acabar, vamos entender isso aqui... – sem dar tempo de a doutora replicar, segurou-a novamente na cintura e recolocou-a no chão.

Em seguida, seguiu até uma tela de *led* presa na parede da cozinha e observou. Tratava-se de um sistema moderno de monitoramento. Na tela, dava para ver que toda a casa estava sendo vigiada por câmeras de segurança, divididas por quadrantes. Ele viu que se tratava de Kayla. Apertou um botão em outro aparelho preso na parede ao lado e respondeu:

– Um momento, Kayla! – saiu em direção ao seu quarto, vestiu uma camisa e foi abrir a porta.

Angeline procurava se recompor da emoção, preocupada com a presença da agente. Retomou o que fazia minutos antes e aguardou. Não demorou muito até Kayla adentrar na cozinha com um ar de desconfiança. Fitou Angeline e disse sarcástica:

– Vejo que já está bem à vontade, doutora...

– Bom-dia para você também, Kayla! – respondeu no mesmo tom.

John, que vinha logo atrás, interferiu nas ironias, indagando:

– Quais as novas, Kayla?

A colega voltou-se para ele e, adquirindo uma postura mais profissional, informou:

– As notícias não são boas, John! Infelizmente, o outro bandido não resistiu. Voltamos à estaca zero.

– Droga! Isso era tudo que não poderia ter acontecido. Maldito! Eu tenho quase certeza de que o chefão do tráfico está ligado ao psicopata do Kaiden! Essa missão mais do que nunca tem que ocorrer!

– Também acho, John! Equipes 24 horas estão monitorando os suspeitos. Não vai ser fácil, eles são muito bons no que fazem.

– Ninguém é infalível! Ele deve estar possesso porque seu plano falhou. Essa é uma hora boa de agir. Ele não gosta de perder, dessa forma, vai procurar investir novamente, e será aí que teremos uma boa chance de capturar esse demônio.

Com a conversa sempre em torno de trabalho, comeram os sanduíches de atum que a doutora preparara e seguiram logo depois para o escritório central do FBI. A reunião foi tensa; muitas sugestões e poucas provas. Contudo, a missão ficou acertada e, em dois dias, a equipe composta por Noah, John, Kayla, Angeline, Stefano (especialista em computadores) e Jennifer (psicóloga forense) – os dois últimos não tinham conhecimento da faculdade da doutora – se deslocaria para o estado da Califórnia. Com um plano ousado, eles almejavam prender um dos maiores traficantes do país. John havia se convencido de que a presença de Angeline era mesmo imprescindível e desistira de proibi-la de participar da missão.

– Muito bem! Conto com o trabalho de cada um de vocês. Desta vez não pode haver erros – advertiu o vice-diretor. Depois se voltou para Angeline e disse: – Doutora, o seu trabalho pode ser decisivo para o sucesso dessa missão! – deu a reunião por encerrada. Sem que os demais percebessem, o vice-diretor chamou Noah: – Me acompanhe!

O agente, surpreso com o convite, seguiu o chefe até outra sala e aguardou. Sem demora, o vice-diretor mostrou algumas imagens em um

monitor, deu pausa e perguntou:

– Reconhece?

– É o Kaiden! – respondeu, surpreso. O agente olhou mais um pouco e assegurou, espantado: – Mas essa festa é a do primo do John, o senador Julian. Estive lá e não me recordo de tê-lo visto em momento algum, senhor.

– Isso porque ele chegou bem mais tarde e entrou por uma área de segurança destinada a autoridades. Foi um contato nosso que nos informou e nos forneceu essas imagens que são restritas. Por isso ainda não quero mostrá-las ao John.

– Entendo, senhor! – disse o agente, preocupado com o teor das informações e pensando: "Isso ainda vai feder!".

Angeline sentiu o peso da responsabilidade sobre os ombros. Fazia uma pequena retrospectiva de sua vida e, apesar de tudo que já vivera, por algum motivo nunca antes se vira diante de sentimentos tão contraditórios: um misto de medo, euforia e ansiedade, acrescido de uma sensação estranha de solidão. Fitou John e foi tomada por um imenso temor de perdê-lo. Balançou a cabeça, como se quisesse expurgar aqueles pensamentos, e deu comandos repetidos à sua mente: "Focalizar na missão! Focalizar na missão!".

– Você está bem? – indagou John, preocupado.

– Estou, obrigada! Apenas sentindo o peso da responsabilidade... – respondeu, sem querer entrar em detalhes sobre o que sentia.

– Angie, vou resolver algumas coisas por aqui e logo depois iremos buscar sua avó – informou, distanciando-se um pouco.

Angeline aguardava John sentada em uma ampla sala de reunião, lendo uma revista científica, em uma das extremidades da mesa de pelo menos 20 lugares. O agente trabalhava com um *notebook* e um celular, enviando e recebendo mensagem, e fazia anotações em um bloco. Longos minutos depois, a porta foi aberta. Stefano e Jeniffer, os agentes designados para missão, adentraram e aproximaram-se do agente:

– John, o material da bomba foi comprado nesta loja! Estou indo com Noah até lá tentar obter mais informações – disse Stefano.

– Duvido que vocês encontrem alguma coisa que possa ligar Kaiden ao atentado. Naquele dia, ele foi flagrado por várias câmeras, o que lhe dá um álibi seguro. Ele fez questão de se mostrar. Atitude infantil, mas que funciona como prova a seu favor. Tenho quase certeza de que aqueles dois que foram mortos são os compradores do material. Queima de arquivo, meu amigo!

– Eu também desconfio disso. Mantenho você informado... – Stefano saiu, deixando Jeniffer com o agente.

A bela negra, de cabelos longos, pretos e cacheados, olhos pequenos e vivos, disse ao agente, puxando assunto:

– Fiquei muito feliz com a sua melhora, John! Só lamentei o fato de não ter ido conversar comigo.

O agente, consciente da presença de Angeline, tratou de mudar de assunto imediatamente, entendendo aonde a mulher queria chegar:

– Você já traçou o perfil de Kaiden?

– Estou ainda estudando, mas posso lhe dizer que ele é um homem frio, manipulador, não gosta de se sentir acuado e tem conhecimento em várias áreas – explicou a bela psicóloga.

– Nenhum ponto fraco?

– Ele é ansioso e impulsivo. São dois defeitos que dão a ele certa previsibilidade e ao mesmo tempo o deixam vulnerável, mas tenho que estudá-lo melhor.

– Então faça isso! – tornou, encerrando a conversa. Contudo, a colega não se deixou intimidar e, sensual, pousou sua mão em cima da mão do colega e disse, com intimidade:

– Quando isso tudo acabar, vamos marcar uma conversa particular?

Seus olhos convergiram para o rosto lívido de Angeline, que acompanhava tudo. A doutora, tomada por uma raiva incontrolável, largou a revista em cima da mesa e saiu rumo ao banheiro, pisando firme. Nem bem entrou no recinto e já havia se arrependido de ter sido tão explícita em seu ciúme.

Minutos depois, saiu do toalete e encontrou John esperando-a no corredor. Circunspecto, sem tocar no assunto, perguntou:

– Podemos ir?

– Claro – respondeu Angeline, sem olhar para ele e seguindo até o elevador.

Ela controlava a curiosidade em relação àquela "colega" e principalmente em relação à resposta que John havia lhe dado sobre a "conversa particular" que a psicóloga havia sugerido. John, por sua vez, estudava as reações dela e divertia-se com a evidente crise de ciúme, mas se mantinha impassível.

O trajeto até a sua casa foi feito em silêncio, cada um entregue aos seus próprios pensamentos. Ao chegar, Angeline entrou rapidamente, seguida pelo agente. Os dois explicaram a Joana parte do plano. A senhora a princípio não gostou da ideia, porém sabia que teria que cumprir sua parte.

– Deixe eu ver se entendi: eu vou ter que sair de minha casa e ir para um apartamento alugado pelo FBI; outra pessoa, usando o meu nome, irá para o Brasil em meu lugar e também no lugar de Angie. Angie irá viajar com você, John, e, até isso terminar, estarei sob a proteção do FBI. É isso?

– Exatamente, dona Joana. Isso tudo é para a segurança da senhora.

– E posso saber o porquê disso tudo? – indagou, desconfiada.

John olhou para Angeline, pedindo autorização para falar a verdade. A jovem entendeu, voltou-se para sua avó e explicou:

– Vó, ontem à noite dois homens tentaram me sequestrar. Graças ao John, não conseguiram. O FBI acredita que seja o mesmo homem que matou a esposa dele. Ele é muito perigoso, por isso não querem dar chance para que nada possa sair errado.

– Meu Deus, Angie! – ela voltou-se para John e inquiriu: – John, ela vai estar em segurança?

– Claro! Jamais deixaria que acontecesse nada a ela, dona Joana. Fique tranquila, ela não estará na linha de ação. Ficará junto com outra equipe, assessorando com a sua faculdade.

– Tranquila, eu não posso ficar, meu filho, mas sei que essa pode ser a missão dela e só peço a Deus que a proteja!

– Entendo, dona Joana! Agora, vamos, façam suas malas e vistam estas roupas. Dois agentes ficarão aqui na casa da senhora, garantindo que ninguém possa vir bisbilhotar. Câmeras de segurança serão instaladas e, quando voltarem, estará tudo do mesmo jeito – informou o agente.

A senhora não respondeu, apenas anuiu e seguiu para seu quarto, sendo acompanhada por sua neta. Longos minutos depois, em silêncio, todos se dirigiram ao escritório central do FBI. John observava que a doutora ainda se mantinha distante, contudo evitou conjecturas.

# 28. Kami, o indiano

No escritório central, na entrada do imponente prédio, Joana olhou para uma placa onde se podiam ler, logo abaixo da sigla FBI; Fidelidade, Bravura e Integridade, ao lado da qual tremulava uma bandeira norte-americana. Ela voltou-se para sua neta e disse, emocionada:

– Eu nunca pensei que entraria aqui, Angie. É incrível!

A neta deu-lhe um meio sorriso e segurou na mão da simpática senhora. John levou as duas a uma sala e informou:

– Dona Joana, as duas agentes que seguirão para o Brasil no lugar da senhora e de Angie estarão embarcando daqui a duas horas. Até isso acontecer, ficaremos aqui, e é por isso que vocês vestiram essas roupas. As agentes estarão vestidas exatamente como vocês e sairão daqui com o mesmo carro em que chegamos, para o caso de estarmos sendo seguidos. Entramos em contato com o sobrinho da senhora que é delegado federal no Brasil. Ele conhece parte do plano e fará a guarda das duas agentes. Ele estará aguardando por elas no aeroposto. Todos os americanos que chegarem ao Brasil, mais exatamente no estado de São Paulo, a partir desta data, estarão sendo monitorado para evitar surpresas desnecessárias. E o seu outro neto está sendo também vigiado por dois agentes.

– Nossa, vocês pensam em tudo! – exclamou a senhora, surpresa.

– Trabalhamos com risco, não podemos errar!

– Entendo, meu filho, e fico mais tranquila; sei que minha neta estará em boas mãos!

O agente não respondeu, apenas anuiu, pediu licença e saiu, dizendo que iria trazer um café, porém seguiu até a sala de monitoramento e lá ficou vendo e ouvindo o que as duas mulheres conversavam.

Dona Joana aproveitou e indagou, curiosa com a mudez da neta:

– Angie, aconteceu algo? Você está tão quieta. Algo a aflige, minha filha?

– Não, vó. Só estou pensando em tudo! Às vezes é difícil estar aqui.

– É difícil viver, minha querida! Faça o que tem que fazer! Jesus a ajudará! Confie! Sem falar que confio em John, ele a protegerá! – brincou a senhora, procurando desanuviar o semblante fechado da neta.

– Se a senhora fosse o papa, canonizava o John! – tornou, irônica, dando uma olhada para a câmera, no intuito de indicar que sabia que ele estava assistindo à cena.

John sorriu, sendo acompanhado por um colega que, sarcástico, proferiu:

– É, meu amigo, você tem muito prestígio com a vó... Agora falta ter com a neta...

O agente voltou-se para ele, tocou em seu ombro e disse, confiante:

– Aprenda uma coisa, novato: quem desdenha quer comprar! – em seguida saiu, deixando o rapaz pensativo. Depois voltou à sala com dois

cafés. Fazendo de conta que não escutara nada, introduziu uma conversa com Joana por alguns minutos. Depois pediu licença e permaneceu na sala trabalhando, enquanto as duas conversavam. Vez por outra ele era interrompido por um colega que vinha trazer dados ou pedir alguma informação. Assim ficou até o momento em que a senhora já podia seguir para o apartamento em que ficaria.

– Dona Joana, agradecemos muito a colaboração da senhora; ela é imprescindível! As duas acabaram de embarcar e estão a caminho do Brasil. Pretendemos resolver isso o quanto antes. Infelizmente, a senhora ficará incomunicável nesse tempo. Tentaremos lhe proporcionar todo o conforto possível. Quanto aos trabalhos voluntários que a senhora e Angie fazem, já resolvemos isso também. Eles foram avisados de que vocês duas se ausentarão por algumas semanas por problemas de força maior. Por ora, só lhe peço que tenha paciência e siga todas as instruções do agente que ficará com a senhora – comunicou, sério, despedindo-se.

Dona Joana, emocionada, apenas balançou a cabeça afirmativamente, voltou-se para sua neta e abraçou-a fortemente, sem conseguir conter as lágrimas. Angeline, por sua vez, retribuiu o carinho com a mesma intensidade, também chorando muito:

– Vó, estaremos ligadas pelo coração! Ore por todos nós! – pediu a neta entre uma lágrima e outra.

– Claro, querida! Deus irá protegê-la! – beijou-lhe a fronte, depois se voltou para John e, carinhosamente, abraçou-o também, e, em seu ouvido

disse: – Cuide dela, pense no futuro!

O agente sorriu, entendendo o recado, beijou-a na fronte e respondeu:

– Farei isso com o maior prazer!

Joana seguiu em um furgão blindado com o agente que iria ficar com ela. Saiu sem ser notada, escondida no carro. John, preocupado com a doutora, aproximou-se e, observando sua tristeza, disse:

– Vai dar tudo certo! Ela estará protegida!

Angeline apenas meneou a cabeça positivamente. Sem se importar com os demais, o agente abraçou-a com carinho. Nesse instante, Kayla e Noah adentraram na sala e informaram:

– A nossa viagem foi antecipada, partiremos dentro de três horas.

– Mas por quê? Houve algo? – indagou a doutora, surpresa.

– Sim! Conversaremos na viagem! – respondeu Kayla, ríspida.

– Você já sabia? – perguntou a John.

– Sim. Kaiden está na Califórnia. Ele está sendo monitorado.

Três horas depois, todos voavam em um avião da agência em direção à Califórnia. Angeline se mantinha distante de John. Sozinha, pensava na própria vida que, novamente, em tão pouco tempo, tomara um rumo nunca antes imaginado. O tumulto em sua mente era agora dolorosamente grande e questionamentos surgiam o tempo todo:

“Será que estou certa em usar a minha faculdade nesse trabalho? E se eu não puder colaborar com eles? E se minha faculdade não funcionar?” – um temor começou a tomar conta dela; seu corpo pôs-se a tremer, seu coração

saltava do peito acelerado, um suor frio banhava suas mãos... Fechou os olhos, tentando manter o pouco equilíbrio que ainda lhe restava. Arriscou fazer uma prece e não conseguiu, em sua mente vinha a imagem da garotinha que anos atrás não conseguira salvar, como um fantasma a assombrá-la. Sua respiração começou a faltar, e lutava para não demonstrar nada...

Logo atrás, e do lado oposto, John conversava com a psicóloga, que fizera questão de sentar ao lado dele. Tentando barrar as investidas da mulher, o agente perguntou, interessado:

– O que você pode me dizer da doutora?

A mulher fitou-o, desconfiada, e respondeu com sinceridade:

– A princípio, diria que é uma pessoa muito reservada, tem um olhar inteligente, observadora, mantém sempre uma postura distante... Sem dúvida é uma pessoa difícil. Parece que tem uma sensibilidade à flor da pele. É séria demais para a idade dela... – concluiu a psicóloga.

John ficou em silêncio. Sabia que a colega não tinha conhecimento da faculdade da doutora. A pedido do vice-diretor, quanto menos gente soubesse, mais segura Angeline estaria.

Angeline, apesar de todo esforço, não conseguiu se controlar e teve um ataque de pânico. Levantou-se da cadeira respirando com dificuldade, chamando pela avó e pelo antigo namorado. John imediatamente se aproximou dela. Segurou em suas mãos e observou que estavam gélidas e

suadas. Procurando acalmá-la, deu alguns comandos firmes, tentando passar segurança e controle:

– Angie, sou eu, John! Você está no avião! Acalme-se! Você está segura! Nada irá lhe acontecer! Procure respirar bem devagar! Eu estou aqui, não deixarei nada acontecer! Você está segura, Angie! Vá respirando bem devagar! Sente-se, você ficará melhor.

A doutora olhava para o agente e, sentindo firmeza em suas palavras, tentava obedecer às suas recomendações, apesar do caos em que seu corpo e sua mente haviam se transformado. Ela sentou-se, ainda respirando com dificuldade.

– Isso, Angie! Respire! Baixe sua cabeça entre as pernas e continue respirando. Eu estou aqui ao seu lado e não sairei daqui. Você está protegida! – ele começou a passar a mão em suas costas em um movimento ascendente e descendente. Kayla e Noah entreolharam-se, preocupados. Conhecendo a faculdade da jovem, perguntaram-se no olhar se ela havia tido algum aviso sobre algo. Os demais se mantiveram um pouco distantes, deixando John no controle e observando que ele estava tendo êxito.

Jennifer tentou identificar o que Angeline tivera e disse aos demais:

– A doutora pode está tendo uma crise do pânico, o que na psiquiatria se chama “transtorno do pânico”.

– Como assim? – indagou Kayla, curiosa.

– Bem, temos a ansiedade que é normal, própria dos indivíduos, mas existe a ansiedade patológica que causa sofrimento e prejuízo. O transtorno

do pânico é uma forma de ansiedade patológica – explicou a profissional.

– Como identificar uma e outra? – questionou a agente, interessada.

– A ansiedade é um estado emocional normal, que nos faz ficar acordados até mais tarde quando nos defrontamos, por exemplo, com uma entrevista de emprego ou com qualquer outra coisa importante que vamos fazer. O medo de que algo saia errado é uma espécie de estado de alerta do indivíduo. A ansiedade patológica é desproporcional ao contexto. O transtorno do pânico é como se a pessoa estivesse sujeita a algum tipo de perigo, sem que esse perigo exista realmente.

– Quais as causas? – Kayla continuou com os questionamentos.

– Antes de responder a essa pergunta, é bom que saibamos que qualquer pessoa está sujeita a isso, mas as pesquisas apontam para o sexo feminino as maiores incidências. Não se tem ainda conhecimento de onde vem, mas algumas hipóteses indicam a existência de fatores genéticos; outra hipótese é que portadores desse mal poderiam ter uma disfunção neurológica no sistema de alerta, ou seja, não se trataria de uma doença meramente psicológica. As causas mais desencadeantes são: estresse, mudança de vida, ter passado por alguma experiência traumática, morte de parentes, entre outras possibilidades. A pessoa precisa procurar um médico e fazer esse diagnóstico, uma vez que sua vida pode sofrer mudanças drásticas por conta desse mal. Alguns ficam totalmente limitados: não saem mais de casa, perdem o convívio social por medo de sofrer uma crise de pânico durante o

evento, e, em casos mais graves, acabam recorrendo ao álcool, às drogas, entrando mesmo em depressão profunda.

– Há tratamento para isso?

– Sim. Tanto por meio de medicamentos, quando por meio de terapias. Meditação, atividades físicas – tudo isso também pode ajudar. Eu diria até que a melhor terapia é você comandar sua mente com uma postura positiva de vida. Como sou cristã, acho que seguir uma religião ou algo que lhe ofereça alguma espécie de suporte é um grande aliado – a mulher deu uma olhada de soslaio e concluiu: – Acredito que essa crise da doutora, se ela nunca teve antes, foi até moderada, ela aceitou bem as sugestões de John, o que é difícil nesses casos.

Kayla se calou e olhou para Noah, que também se manteve em silêncio tentando avaliar as explicações. Ao lado de Angeline, alheio à conversa dos colegas, John observava que a jovem dava sinais de melhora. Aos poucos, Angie foi voltando ao estado normal. Olhou envergonhada para John e, com voz fraca, concatenou algumas palavras:

– Desculpe, John! Não sei o que correu comigo! Obrigada!

– Não pense nisso. O importante é que você está bem. Eu vou buscar um calmante para que você possa dormir. Quando acordar, estará se sentindo bem melhor... – segurou em sua mão e disse, cuidadoso: – Volto num instante! – saiu em seguida sem esperar resposta.

Angeline fechou os olhos. Mais calma, conseguiu dirigir uma prece a Deus. Alguns segundos depois que dera início à sua prece, viu um senhor

alto, magro, pele morena, trajando uma roupa indiana branca, ao seu lado.

O homem postou as mãos à altura do peito, fez uma reverência e saudou-a:

– Olá, Angeline. Gostaria que se acomodasse melhor na cadeira. Precisamos conversar. Deite-se e esvazie sua mente.

A doutora sentiu uma grande paz e automaticamente obedeceu. Ajustou a cadeira e fechou os olhos. O indiano fechou os olhos também, elevou suas mãos ao alto, numa prece, e depois as dirigiu à jovem por alguns segundos, até Angeline adormecer. Minutos depois, John chegou com um medicamento e um copo de água. Surpreso, constatou que a doutora dormia profundamente. Diferente de momentos atrás, seu lindo rosto parecia sereno; ele sentiu um carinho especial por ela. Depositou o medicamento no bolso, bebeu a água e sentou-se ao seu lado.

Ele não podia saber, mas o espírito da jovem doutora saíra do corpo, com o auxílio do indiano. O homem, para evitar que a jovem se desconcentrasse, plasmara um ambiente diferente. Angeline se viu em uma sala ampla, clara e bem iluminada. O indiano identificou-se:

– Olá, minha filha! Eu me chamo Kami. Sou o que vocês chamam de "orientador espiritual". Estou muito feliz em auxiliá-la, agora mais próximo a você.

– O senhor ficará comigo? – indagou Angeline, surpresa.

– Eu sempre estive com você, porém, agora, se assim você permitir, estarei a seu lado de maneira mais efetiva... – respondeu, solícito.

– Por que nunca vi o senhor antes?

– Porque aqui trabalhamos de modo diferente. Antes, você não estava preparada; agora, nós acreditamos que sim.

– O senhor quer dizer que antes eu não merecia, por tudo que fiz?

– Se for melhor ao seu entendimento, podemos dizer que sim. O importante é o agora, esqueçamos o passado.

– Sim, senhor. Eu quero a sua ajuda e quero ajudar também. Tenho muitas perguntas ao senhor.

– Teremos muito tempo, de agora em diante. Agora quero que preste atenção no que vou lhe falar: cumpra a tarefa que lhe foi confiada e nunca se esqueça de que não existe tarefa pequena ou grande. Todo trabalho feito com louvor e seriedade é uma dádiva dos céus. Não tema, reforce sua fé na abnegação ao trabalho e no sacrifício, muitas vezes de si mesma. Nunca é fácil. Para muitos se torna impossível. A estrada com o Cristo é, na maioria dos dias, solitária. Portanto, força e coragem é o lema; fé e caridade é o brasão que devemos cravar em nossos corações.

– Se o senhor acha que estou pronta, fico feliz com a confiança.

– Sigamos, então, com fé, pois muito trabalho nos aguarda!

Alheio a tudo que ocorria com a doutora, John ajeitou sua cadeira e preparava-se para dormir quando Jennifer foi até ele. A bela psicóloga constatou que a doutora dormia e, de maneira sensual, convidou o colega:

– John, estou me sentindo tão sozinha... Vamos conversar um pouco? Aposto que você não está com sono.

O agente desconsiderou o pedido e respondeu, circunspecto:

– Você está errada. Estou cansado e vou dormir um pouco. Sugiro o mesmo a você. Teremos muito trabalho pela frente.

A mulher torceu a boca, chateada, e se retirou. Sentou-se resmungando algo inteligível. Kayla olhou para ela e, irônica, disse:

– Não tente competir com a doutora, certamente irá perder. Ele está totalmente enfeitiçado.

– Acontece que não quero me casar com ele, Kayla. Quero apenas me divertir e disso não abrirei mão – rebateu a colega.

– Bem, depois não diga que não avisei... – disse isso e virou-se, folheando uma revista e dando o assunto por encerrado.

Em frente às duas mulheres, Noah escutava a conversa fingindo dormir e sentiu uma pontada de satisfação ao perceber a colocação de Kayla. Observou que a colega ou havia desistido de John ou estava tentando fazê-lo. Não conteve um sorrisinho de satisfação.

# 29. Tudo pronto

Longos minutos depois, Angeline acordou em estado de graça, lembrando-se de tudo que acontecera. Sentiu-se feliz com a perspectiva de ter um orientador espiritual. Mentalmente, agradeceu a Deus pela confiança e pela ajuda num momento tão oportuno e difícil. Olhou para o lado e acreditou que o agente dormia, seu coração se rendeu brevemente à sensação de carinho. Sorriu e, sem controlar o ímpeto, aproximou-se, passou a mão no rosto de John e beijou-o nos lábios suavemente.

Sonolento, ele abriu os olhos devagar e viu a doutora olhando-o. Sem entender a sua atitude, interrogou-a, confuso:

– O que foi isso?

– Um agradecimento pela ajuda... – respondeu simplesmente.

– Assim não vale, eu estava quase dormindo! – brincou percebendo que Angeline estava muito bem.

Sem se fazer de rogada, ela segurou o rosto dele e novamente o beijou, sem se importar com os demais. John, surpreso com o novo beijo, retribuiu-o, um tanto preocupado com os colegas.

– Nossa! Se não tivesse visto, diria que você tomou algo antes de dormir. Esse sono foi transformador! – exclamou, certificando-se de que os colegas não haviam visto a cena, ao menos aparentemente, todos dormiam.

Ela sorriu e respondeu:

– Você não imagina o quanto!

Ele a examinou por alguns segundos, aproximou-se mais um pouco e disse baixinho, de modo que apenas ela escutasse:

– Bem que você poderia ter tomado essa atitude ontem, quando foi dormir na minha cama...

– Aí você já está querendo demais! – replicou Angeline sem perder o bom humor.

– Posso saber o que aconteceu? – perguntou curioso.

– Para você, eu posso contar, mas que fique entre nós... – fez uma breve pausa e informou sorrindo: – Eu estive há pouco com um senhor indiano de nome Kami. Ele disse que será o meu orientador espiritual e que a partir de agora irá me auxiliar. Estou tão feliz!

John ficou sem saber ao certo o que dizer ou pensar. Ainda sem muita familiaridade com esses assuntos, buscou na irreverência uma resposta:

– Não se preocupe, não direi a ninguém. Até porque, ninguém iria acreditar e eu ainda passaria por louco... – fez uma pausa observando o quanto aquilo era gratificante para ela, segurou em sua mão e disse: – Fico feliz por você, Angie, sei que isso é muito importante para você!

– Obrigada, John! Isso é mesmo muito importante.

– Não me beije de novo, ou terei que me explicar! – brincou. Depois comentou: – Eu nunca imaginei que um dia fosse fazer tal pedido a você.

Quando isso tudo acabar, vou lhe cobrar! Pretendo lhe dar muitos motivos para me agradecer e de maneira mais efetiva.

– Não vou contestar. Estou muito bem para dar a resposta merecida! – replicou Angeline, sorrindo.

Fingindo dormir, a bela psicóloga assistiu a tudo e, mesmo sem escutar o que conversavam, sentiu ciúmes da doutora. Fechou os olhos com raiva pensando: "Doutora, não pense que será tão fácil! Eu cheguei primeiro! Depois, quando eu não quiser mais, deixo para a senhora!".

Quase cinco horas depois, o avião da agência fez um pouso suave em Sacramento, capital do estado. Eles já eram aguardados e seguiram direto para o escritório de campo. O FBI tem hoje 56 escritórios de campo ou divisões de investigação nas principais cidades metropolitanas do país e Porto Rico. O agente especial responsável recebeu-os:

– Espero que tenham feito uma boa viagem. Chamo-me Paul Martin e quero que saibam que é muito bom tê-los aqui. Sejam bem-vindos! – cumprimentou-os um senhor de meia-idade, negro, alto, magro, olhos pretos, rosto afilado, impecavelmente vestido em um paletó chumbo, muito bem barbeado, demonstrando sobriedade ao falar.

– Obrigado, senhor Martin! É uma satisfação conhecer esta divisão. Chamo-me John Moore, sou o agente responsável. Esta é a nossa equipe... – um a um, apresentou-os. Depois, Paul Martin levou-os para conhecer a sede do escritório.

Nos dias que se seguiram, todos se empenhavam no trabalho, ora estudando o local, ora monitorando os bandidos, ora treinando a nova identidade. Angeline não mais ficaria na casa como anteriormente havia sido cogitado. Por determinação de John, ela ficaria em uma sala de monitoramento, longe de qualquer perigo, juntamente com Stefano, Kayla e Noah. Na casa alugada pelo escritório central, ficariam ele e Jennifer.

A rotina era exaustiva. John e Jennifer atendiam agora por outros nomes e todos deveriam chamá-los apenas por essas novas identidades.

Angeline estudava o local quando foi interrompida:

– Doutora, desculpe-me se estou sendo impertinente, mas ainda não entendi a sua função – interpelou Stefano.

– Por enquanto, minha função é observar, apenas isso – respondeu vagamente.

O agente não insistiu, percebendo que a bela jovem não queria discorrer a respeito do assunto. Angeline passava a maior parte do tempo analisando fotos e vídeos dos acusados e o local onde John e Jennifer iriam morar, disfarçados, como um casal. Entretanto, não conseguia ver ou sentir nada a respeito. Desde que tivera o encontro com Kami, sua faculdade havia se tornado mais estável. Via desencarnados com frequência; contudo, mantinha-se calma e, com a ajuda do seu orientador, lia todos os dias em seu quarto uma passagem do evangelho. Kami conduzia vários espíritos necessitados para perto de Angeline, a fim de que escutassem aquelas leituras, o que não só os beneficiava, mas também tornava o ambiente mais

sereno e harmônico, o que, consequentemente, auxiliava também os encarnados.

John evitava ficar muito próximo de Angeline, tentando incorporar o personagem que iria viver, mas não a perdia de vista, observando que ela se mostrava mais retraída e séria. Vez ou outra, seus olhares se encontravam, numa linguagem muda, porém repleta de palavras não ditas. Jennifer não perdia um só lance, aproveitava a situação e, sutilmente, tentava provocar Angeline. O que a bela psicóloga não sabia é que a percepção da doutora ia além do conhecimento psicológico que ela tinha. Quase sempre a médium via, ao lado de Jennifer, um homem de trejeitos esquisitos que se locupletava de seus pensamentos mais inferiores, tornando-se cúmplice de suas atitudes equivocadas. Angeline evitava a mulher como podia, já que sentia ciúmes da bela negra e isso a incomodava sobremaneira.

Era noite e quase todos já haviam ido dormir. Angeline lia em seu quarto, no amplo apartamento alugado pelo escritório. O imóvel ficava em um bairro considerado de luxo na cidade. A segurança do prédio fora reforçada, de modo que ninguém percebesse. Câmeras e microfones haviam sido instalados nos elevadores, na portaria, no *hall* de entrada; qualquer pessoa que se aproximasse do apartamento poderia ser detectada com antecedência. Uma sala fora isolada e revestida acusticamente, impedindo a entrada e a saída de som, tornando-se a central de monitoramento. Havia telas que mostravam todos os lugares fora e dentro do prédio, possibilitando a realização de reuniões para tratar de assuntos relacionados ao caso.

John permanecia na sala analisando as últimas informações, já que no dia seguinte iria se mudar em definitivo para o condomínio do suposto traficante. O agente escondia a intenção de ir conversar com a doutora e esperava que Stefano e Noah fossem dormir. Para sua alegria, não teve que esperar muito, os dois resolveram ir para cama logo em seguida. Esperou mais algum tempo e seguiu em silêncio até o quarto da jovem. Abriu a porta sem fazer barulho e adentrou no recinto. Notou que Angeline ainda estava acordada, lendo, sentada na cama. Com cuidado, chamou-a:

– Angie!

Ela voltou-se imediatamente, reconhecendo a voz do agente. Levantou-se, surpresa, e perguntou:

– Oi! Aconteceu algo?

– Eu queria falar com você... – respondeu aproximando-se. Angeline fitou-o em silêncio, aguardando.

Ele sentiu o perfume suave da jovem, notou sua bela camisola que, apesar de discreta, não lhe tirava a sensualidade. Respirou fundo e falou:

– Amanhã, como sabe, estou indo em definitivo para o condomínio. Sinceramente, não sei qual o final de tudo isso, só espero que seja o melhor. Quero dizer que foi muito bom conhecer você; na verdade, foi a melhor coisa que me aconteceu! Não estou me despedindo, nem sendo pessimista, mas estou disposto a dar minha vida se for preciso para despachar aquele infame para a cadeia ou para o inferno. A segunda opção é mais aprazível! Contudo, quero que saiba...

Ele foi interrompido abruptamente. Com lágrimas nos olhos, ela abraçou-o dizendo:

– Não fale assim! Vai dar tudo certo! Eu vou orar e Deus irá protegê-lo! Deus sempre escuta as orações sinceras!

Ele correspondeu ao abraço, comovido, estreitando-a mais ainda em seus braços, levantando-a do chão. Fechou os olhos sentindo o cheiro suave dela e um enorme bem-estar tomou conta dele. Permaneceu assim por alguns segundos, colocou-a no chão bem devagar, afastou uma mecha de cabelo de seu rosto e disse, ainda fazendo um carinho na sua face:

– Você me faz bem! Isso para mim é curioso e empolgante ao mesmo tempo. Nós vamos conseguir, não vamos?

Angeline não sabia ao certo o sentido daquela pergunta, contudo respondeu de modo profissional:

– Claro que vamos! Você sabe o quanto é bom na sua função, aliás, todos aqui são excelentes profissionais.

– Sempre saindo pela tangente, não é, doutora? Bem, na verdade eu vim me energizar!

– Como assim? – uma sombra de dúvida surgiu em seu olhar.

– Assim! – sem mais palavras, segurou-a pela cintura e trouxe-a para perto de si, beijando-a apaixonadamente. Ela correspondeu com a mesma intensidade. Longos segundos após, soltou-a, relutante, e, ainda bem próximo dela, falou:

– Você é muito importante para mim!

– Você também é muito importante para mim! – sussurrou.

O agente sorriu, passou as mãos no cabelo e, controlando o desejo que sentia por ela, afastou-se um pouco e informou:

– Se eu não for embora agora deste quarto, corro o risco de perder a hora amanhã!

Ela sorriu e calmamente ponderou:

– Boa-noite, “Jimmy”! Cuide-se, por favor!

Ele suspirou, fitou-a como se quisesse imprimir cada detalhe do seu rosto. Aproximou-se dela novamente, segurou seu rosto entre as mãos e beijou seus lábios, depois saiu.

Seguiu direto para o quarto que dividia com os outros colegas. Em silêncio, deitou-se pensando em como sua vida havia mudado desde que conhecera Angeline. Por mais que sentisse a morte de sua esposa, não se via mais pensando nela. Cada vez mais seus pensamentos eram tomados pela doutora. Dizia a si mesmo que não podia apressar as coisas, porém não tinha como negar o quanto a bela mulher mexia com suas emoções. Ainda podia sentir seu cheiro, o seu corpo delicado em suas mãos... Ele respirou fundo, virou-se na cama e balançou a cabeça tentando mudar os pensamentos, voltando-se para a missão. Viu a imagem de Kaiden e seu rosto adquiriu aspecto de revolta e ódio. Sua intuição aguçada lhe dizia que tudo aquilo ainda lhe reservaria muitas surpresas...

No seu quarto, ao ver o agente sair, Angeline sentiu uma enorme tristeza tomar-lhe o coração. Ainda não entendia o fato de sua faculdade ser nula

com algumas pessoas. Afundou-se na cama, fechou os olhos e sentiu-se ainda nos braços de John... Grossas lágrimas molharam seu rosto. Não podia negar o seu envolvimento com o agente, ele reacendera em seu íntimo a vontade de compartilhar sua vida com alguém. Entretanto, reconhecia naquele sentimento um antagonismo, uma vez que lutava como podia para não se deixar levar pelas sensações que o contato com o agente despertava em seu coração. Sabia o quanto era difícil manter um relacionamento com alguém devido à dedicação à sua tarefa mediúnica. Inicialmente tudo eram flores, mas com o passar do tempo os espinhos apareciam e ficavam maiores que as flores... Suspirou profundamente, sentindo-se presa a algo que na verdade ainda nem tinha começado.

– Não turve seu íntimo com emoções desnecessárias, Angeline. Tudo tem sua hora – ponderou Kami, ao lado de sua cama.

Ela voltou-se rapidamente e, feliz em vê-lo, replicou:

– Eu sei, senhor! Contudo, nem sempre consigo! Às vezes me pergunto por que tenho essa faculdade!

– Simples! A mediunidade é, na maioria dos casos, para criaturas imperfeitas; logo, não há controvérsia alguma.

– Por que não consigo ver, sentir, ouvir absolutamente nada de algumas pessoas?

– Como se comportaria se enxergasse que o irmão que toma seus pensamentos fosse desencarnar?

Angeline levantou-se bruscamente. Angustiada, questionou o espírito:

– Ele vai desencarnar?!

Serenamente, Kami olhou-a com compaixão e respondeu:

– Sua pergunta está respondida?

Angeline emudeceu, receosa de que o espírito pudesse estar tentando lhe dizer algo em relação a John. Sem coragem para perguntar novamente, sentou-se na cama com o coração batendo forte.

– Minha filha, cada dia o homem pode escrever algo diferente em sua trajetória; logo, não cabe a nós decifrar o futuro de ninguém. Veja além do óbvio, já que as suas perspectivas são bem mais abrangentes... – ponderou Kami, lendo os pensamentos da pupila.

– Desculpe, senhor! Ainda não aprendi a "perder", mesmo já tendo convivido com muitas perdas... – replicou, envergonhada.

– O hábito faz o monge! Contudo, ninguém vira anjo do dia para a noite. Devemos trabalhar e viver cada dia, esforçando-nos para fazer o nosso melhor, sem culpas nem desculpas – concluiu, desaparecendo.

Angeline entendeu o chamamento do orientador. Sabia muito bem por que estava ali e não cabia naquele momento questionamentos pessoais, poderiam comprometer o trabalho. Voltou seu pensamento numa prece por todos e foi dormir.

# 30. Começa a missão

No dia seguinte, John e Jennifer, depois de uma verdadeira transformação, tornando-se irreconhecíveis, despediram-se de todos e seguiram para sua nova vida. A bela casa ficava em um condomínio de luxo, em um bairro nobre da capital. Segundo investigações, o condomínio de casas era controlado pelo empresário e suposto traficante Zugno Lopez. Havia câmeras de monitoramento em todos os lugares. O escritório já estava monitorando o local havia pelo menos seis meses. Na casa em que os agentes iriam morar, tinham sido instaladas secretamente câmeras de monitoramento que transmitiam informações em tempo real para o apartamento onde o restante da equipe estava.

Zugno era um empresário do ramo de laticínios, possuindo quatro grandes empresas e pelo menos 20 lojas espalhadas pelo país. Fizera fortuna rápido, levantando suspeitas das autoridades. Por três vezes fora denunciado por fraude fiscal e, “sem provas concretas”, fora inocentado. Agora estava sendo investigado por uma suposta ligação com um cartel de drogas; havia 180 dias que o FBI monitorava todos os seus passos a fim de juntar provas suficientes para efetuar sua prisão e interromper sua escalada de atos criminosos.

John e Jennifer, agora Jimmy e Estela Myer, chegaram à sua nova moradia. Jimmy, para todos os efeitos, era analista de sistema e Estela, psicóloga. A casa do casal ficava de frente para a residência do suposto criminoso.

– Chefe, o casal acabou de chegar... – informou um homem pelo radiotransmissor na portaria do luxuoso condomínio, assim que o carro do casal passou, depois de se identificar.

– Ok! – desligou e fez outra ligação, que foi atendida rapidamente: – O casal chegou. Fique de olho! Apesar de toda informação necessária que já temos, eles estão ainda em observação.

– Entendido, senhor! Pode deixar, estarei de olho – respondeu um homem que circulava pelo condomínio numa moto, prestando serviço de segurança.

John estacionou um belo Honda CR-V na garagem de sua nova residência. Desceu com Jennifer e assumiu o seu novo papel.

– Querida, vou retirar o material do porta-malas, abra a casa.

Antes de a mulher responder, uma moto estacionou em frente a casa e um homem negro, de porte atlético, com a cabeça brilhando como se houvesse sido lustrada devido à sua careca, trajando um paletó preto bastante usado veio na direção do casal. O homem tinha os olhos expressivos e um olhar penetrante. Com voz grave, apresentou-se, encarando John:

– Bom-dia! Vocês devem ser os novos moradores da casa 21, não? Sou Nill, o chefe da segurança do condomínio.

John percebeu o tom de intimidação que o homem tentava empregar. Assumindo seu novo papel, mostrou certa satisfação e cumprimentou-o efusivamente, estendendo a mão e falando com um sotaque típico de outro estado do país:

– Muito prazer, senhor! Sou Jimmy e esta é minha esposa Estela. Bom saber que estamos protegidos 24 horas.

– Disso o senhor não tenha dúvida! Este condomínio é o mais seguro desta cidade – confirmou o homem, apertando propositalmente com força a mão de John e dando uma olhada sugestiva para Jennifer, admirando seu corpo coberto por um vestido justo e curto que valorizava o seu belo físico.

O olhar astuto de John não perdia um só lance, contudo não demonstrou nenhuma emoção. Olhou para a "esposa" e interpelou-a:

– Isso é ótimo, não é, querida?

– Claro! Fico muito feliz com essa informação! – respondeu abraçando o "marido" e olhando para o segurança de modo provocativo.

Nill reagiu imediatamente ao olhar dela e deu um sorriso irônico voltando-se para Jimmy. Depois se despediu e foi embora pensando: "Esse é corno!".

Os dois sabiam que estavam sendo monitorados tanto por câmeras do condomínio, como pela central de informações. O gênio da informática Stefano conseguira o sinal de ambas. A psicóloga, sabendo disso e

lembrando-se de Angeline, segurou o rosto do colega e beijou-o nos lábios com a desculpa de estar encenando. John retribuiu, mas em seguida a afastou rapidamente.

Na central, Kayla deu uma olhada sugestiva para Noah, depois para Angeline, que se mantinha impassível apreciando tudo. Noah, contudo, percebia o quanto aquilo incomodava a doutora. Tentando quebrar a tensão, disse, em tom de brincadeira:

– Jennifer incorporou o papel mesmo!

Kayla deu de ombros e rebateu, ferina:

– Ela está se aproveitando, isso sim! – saiu em seguida, contrariada.

Angeline fazia muito esforço para não demonstrar o mal-estar que sentia e procurou se concentrar no seu trabalho. Olhou em volta e pediu a Stefano, que monitorava a câmera:

– Você consegue me mostrar o jardim da casa em frente?

– Claro! – rapidamente, encontrou novos ângulos captados por outras câmeras e indagou, curioso: – O que você procura?

– Gerânios! – respondeu enigmática, olhando com atenção para a tela à sua frente.

Ele levantou a sobrancelha, voltou-se para a ela e perguntou, surpreso:

– Gerânios! Por quê?

– Não posso revelar ainda. Mas, pelo que vejo, não é essa a casa. O número dela também não bate – disse fazendo mistério.

O agente olhou para Noah sem entender nada. O colega não fez comentários, suspeitando que a médium já tivesse alguma pista e que em breve teria essa resposta.

Os dias passavam sem muitas novidades. John vigiava a casa de Zugno como podia, descobrira a hora em que ele costumava estar em casa, já sabia que o tempo todo havia um grande movimento de carros de luxo, entrando na mansão e dela saindo, descobrira também que alguns figurões da sociedade costumavam visitar o lugar com frequência.

Certa noite, o empresário ofereceu um jantar de gala. O condomínio estava muito movimentado. John estudava pistas, quando foi surpreendido pelo toque da campainha. Viu pela tela de monitoramento que se tratava de Nill. Sem pressa, foi abrir.

– Boa-noite, senhor Myer!

– Boa-noite, Nill. Algum problema?

– Na verdade, há, sim. Como o senhor sabe, o senhor Lopez está oferecendo um jantar para muitas pessoas. Infelizmente, não há mais local dentro do condomínio nem na nossa rua para estacionamento. Como está para chegar um convidado muito especial, gostaria de perguntar se o senhor não faria a gentileza de ceder parte de sua garagem.

John silenciou por alguns segundos, pensando na dimensão da proposta. Jennifer, que acompanhava tudo pelo equipamento de monitoramento, veio rapidamente em seu socorro.

– Quem é, meu amor? Não conhecemos ninguém por aqui ainda... – aproximou-se, fingindo surpresa ao ver o segurança. Abraçou o "marido" e perguntou: – Qual o problema?

– O nosso vizinho da frente está solicitando parte de nossa garagem... – explicou, ganhando tempo para pensar com cuidado.

– De quem se trata, senhor? – questionou a mulher com ar de exagerada curiosidade.

– O nome dele é Kaiden O' Kelly. Trata-se de um alto executivo do ramo da energia eólica – explicou o segurança, sorrindo para Jennifer.

John sentiu uma fisgada no estômago ao escutar aquele nome, porém disfarçou e, olhando para a "esposa", indagou:

– Tudo bem por você, querida?

– Claro, meu amor! Cederemos com prazer, senhor! – respondeu olhando para o segurança, que se divertia com seus trejeitos exagerados.

– Obrigada, senhora! Vou encaminhar o motorista até aqui.

– Vou abrir a garagem – informou John, saindo em seguida, com o coração envolvido em sombrias lembranças. Seguiu até a garagem e esperou. Ele tinha um autocontrole invejável, mantendo-se impassível à espera do convidado, ainda que em sua mente se passasse o assassinato de sua esposa e a morte de sua filha. Em questão de segundos, ele fez uma retrospectiva da tragédia e sua raiva do assassino só aumentou.

Na central de informações, Noah chamou Kayla e Angeline, que estavam ausentes, compreendendo o delicado momento. As duas mulheres

não demoraram. Ciente do que acontecia, Kayla questionou:

– Noah, você não acha que o John vai se expor muito? Não era melhor ter dito ao segurança que não podia emprestar a garagem? Esse homem é muito bem treinado.

– Se eu conheço o John, ele não vai perder a chance de olhar para aquele infeliz de jeito algum. Era inviável dizer o contrário a Nill. Iria levantar suspeitas. O que nos resta é aguardar.

Angeline olhava, aflita, o desenrolar da situação.

O belo carro preto não demorou a se aproximar. O motorista estacionou prontamente em uma vaga na garagem, desceu e abriu a porta para o ilustre passageiro, que desembarcou altivo. Kaiden, impecavelmente vestido em um *smoking* preto, mostrava-se mais magro desde o último encontro com o agente, a face rosada mostrava rugas de expressão, os cabelos só cresciam agora para os lados destacando sua calvície. John, propositalmente, ligou uma luz que se dirigia diretamente ao estrangeiro e a luminosidade instantaneamente o cegou, fazendo com que ele levasse a mão aos olhos. Ele controlou a vontade que sentia de matar o assassino, disfarçou e apagou a luz, desculpando-se:

– Perdoe-me, senhor, liguei a lâmpada errada.

O homem não respondeu. Com o aspecto sempre reservado, olhou para o dono da casa, intrigado, analisando-o alguns segundos. Circunspecto e conciso, respondeu:

– Está perdoado. Agradeço a gentileza de ceder sua garagem.

John ficou calado, sua “esposa”, no entanto, aproximou-se e, tomando a palavra, disse com afetada cordialidade:

– É um prazer ajudar o nosso vizinho. Não iremos fechar a garagem para que fique à vontade em relação ao horário.

O homem fitou a mulher detalhadamente, depois, ainda discreto, replicou, curioso:

– Obrigado pela delicadeza, senhora...

– Myer, Estela Myer! – aproximou-se com olhar sedutor e estendeu a mão ao convidado, que a segurou com esmero e beijou-a. Depois voltou para perto de seu “marido”, abraçou-o e concluiu: – Boa-noite, senhor, e boa festa!

– Boa-noite e, mais uma vez, obrigado! – saiu em seguida com uma sensação estranha, pensando: “Aquele olhar do marido dessa fogosa senhora não me é estranho! Ele me olhava como se me conhecesse! Mas de onde?”. Pensou mais um pouco, contudo, sem encontrar respostas, resolveu, por ora, deixar quieto e acreditar ser apenas uma coincidência.

Jennifer, percebendo o olhar fixo de John e com receio de que o criminoso desconfiasse, segurou o rosto do agente virando-o para si, beijou-o nos lábios e disse sorrindo:

– Vamos entrar, meu amor?

Ele não respondeu, aquiesceu e entraram abraçados.

Na central, tensos, todos assistiram ao inesperado encontro. Kayla olhou para Stefano e perguntou:

– Você gravou?

– Claro!

– Volte no momento em que Kaiden saiu... – solicitou a agente.

O colega atendeu-a prontamente. Com um comando de “pare”, o jovem deu pausa imediatamente e a agente explicou:

– Vejam a expressão dele! O infeliz desconfiou de algo! Esse homem foi treinado pelo IRA. John não pode vacilar!

– Agora vamos aguardar, não podemos nos precipitar – rebateu Noah, cauteloso.

Angeline olhava para o criminoso e seu coração estava disparado, percebendo que era o mesmo que vira através de sua faculdade. Um frio percorreu seu corpo em fração de segundos e uma sensação de mal-estar se apoderou dela. Pediu licença e retirou-se.

Kayla deu uma olhada sugestiva para Noah, que fingiu não ver. No entanto, Stefano indagou, curioso:

– Qual é a da doutora? O que ela faz aqui conosco? Para mim, ela não tem utilidade alguma.

– Caso de segurança nacional, meu amigo! Melhor nem saber! – respondeu a colega em tom de ironia, saindo em seguida.

O jovem gênio dos computadores fitou o colega e interrogou-o mais curioso ainda:

– Segurança nacional? O que isso significa?

– A doutora é especialista em mentes. Ela tem uma capacidade fantástica de identificar muita coisa apenas com um olhar. No momento certo ela irá lhe mostrar – explicou Noah, sem mentir nem falar a verdade.

O colega mirou-o surpreso, porém não emitiu qualquer comentário.

# 31. No condomínio

Os dias se passavam sem muitas novidades. A apreensão entre os federais aumentava, já havia se passado mais de um mês e os dados colhidos eram insuficientes.

– Noah, eles são muito bem preparados! É como se soubessem que estão sendo monitorados. Nenhum telefonema comprometedor, a casa do traficante muito bem frequentada, as empresas aparentemente lícitas. Isso está sendo muito mais difícil do que imaginávamos! O pior é o tempo, que, para nós, se esgota... – reclamava Kayla, andando de um lado para outro.

Noah escutava a colega e, apesar de não tecer nenhum comentário, sabia que ela tinha razão. Contudo, Angeline, que também se encontrava no local, disse, convicta:

– Eles irão receber um convite para uma festa na casa de Zugno. Preparem um disfarce para mim. Chegou a minha vez de fazer o meu trabalho. Eu irei até lá! – saiu, sem mais uma palavra e sem esperar qualquer contestação.

Stefano foi o primeiro a se manifestar, perguntando, perplexo:

– O que foi isso? Do que ela está falando? Eles não receberam convite algum. Que festa é essa?

Noah voltou-se para Kayla com certa satisfação, depois fitou o colega e disse, sem entrar em muitos detalhes:

– Acredite, meu amigo, essa festa irá acontecer e eles receberão esse convite! –fez uma ligação telefônica e, enquanto aguardava que alguém atendesse, comentou, sorrindo: – Agora o jogo começou de verdade! – segundos depois, a chamada foi atendida e o agente pediu: – Olá! É Anthony! Vou precisar dos serviços da manicure. Ficarei aguardando – desligou em seguida.

Stefano olhou para Kayla que, sem nenhuma outra explicação, retirou-se da sala pensando: "John não vai permitir que ela vá até lá!".

Uma hora depois, um especialista já se encontrava na central de comando, acertando os detalhes de como iria ser o disfarce da doutora. Todavia, não chegavam a um consenso. Angeline calmamente sugeriu:

– Eu serei a irmã de Jimmy, Amanda Myer. Estarei indo conhecer a nova casa de meu irmão e chegarei dentro de cinco dias. Providencie uma conta de *e-mail*, uma identidade e tudo quanto eu possa precisar. Informe da minha chegada ao meu irmão. Apressem-se, pois a festa ocorrerá no próximo final de semana.

– Duvido que Jimmy queira sua querida irmã por perto... – rebateu Kayla, irônica, olhando-a .

– Acontece que ele não tem alternativa. Vocês irão apenas informá-lo de minha chegada, não se trata de um pedido de permissão – explicou séria.

Kayla voltou-se para Noah, depois para Angeline e replicou, dando de ombros:

– Bem, depois não digam que não foram avisados!

Todos silenciaram sem saber ao certo o que falar. John foi avisado da chegada de sua nova irmã e, acreditando que esta seria Kayla, já que não fora avisado do plano na íntegra, aceitou sem problemas e se mostrou feliz com a presença da "mana". Contudo, seu sorriso morreu nos lábios ao receber a mais nova integrante na casa. Apesar da mudança brusca na aparência, trabalho realizado com maestria pelos profissionais do FBI, o agente reconheceu Angeline assim que a viu. Sabendo que tudo era monitorado pela facção criminosa, disfarçou e recebeu "Amanda" com satisfação:

– Que bela surpresa, maninha! Deveria ter me dito a hora para que eu fosse esperá-la no aeroporto... – disse abraçando-a e beijando-a no rosto.

Angeline, ao sentir os braços do agente em volta de si, segurou a emoção e retribuiu com cautela:

– Não queria vê-lo com raiva logo cedo... Sei o quanto você detesta esperar, e o meu voo, como eu previa, atrasou muito... – desviou do intenso e raivoso olhar dele voltando-se para Jennifer e cumprimentando-a:

– E aí, cunhada, gostando da casa nova?

– Adorando! E ficou melhor agora, que você está aqui, só assim podemos explorar tudo isso muito mais... Você bem conhece seu irmão: ele

detesta sair – respondeu a psicóloga com certa ironia, reconhecendo também a doutora.

O "irmão" pagou a corrida do táxi e juntos entraram conversando animadamente. Entretanto, uma vez dentro da casa, John depositou a mala na sala e, sem uma palavra, segurou-a pelo braço e carregou-a para dentro de um banheiro, isolado acusticamente. Empurrou-a para dentro do cômodo, trancou-o, encostou-a na parede e, ficando bem próximo a ela, disse, sério:

– Que ideia foi essa? Eu não quero você aqui!

– Agora é tarde! Eu estou aqui porque preciso. Nosso tempo está acabando! – retrucou, nervosa com a proximidade dele.

– Você não sabe do que fala! Eu já havia conversado com você. Que droga! Será que você não consegue entender?! Você irá embora!

– É você quem não está entendendo! Eu vou fazer o que é preciso e você não irá me impedir! – rebateu enérgica.

Ele estreitou os olhos e pressionou os lábios com expressão contrariada, fitou-a longamente e, sem argumentos diante de sua determinação, concluiu:

– Pois muito bem. Agora faça o que digo e não ouse me contrariar, pois sou capaz de ser um irmão muito ruim! Pego você pelos cabelos e a mando de volta para o lugar de onde nunca deveria ter saído! – abriu a porta e saiu em seguida, deixando a doutora sozinha.

Jennifer, sentindo um ciúme violento de Angeline, quando viu o "marido" sair do banheiro, disse, ferina:

– Pensei que tivesse escorrido pelo ralo, querido! Espero que você controle esse sentimento de posse que tem por sua irmã, afinal ela só veio nos visitar...

– Da minha irmã cuido eu, querida! Cuide de suas responsabilidades! – bufou o "esposo", ríspido.

Na central de comando, Kayla lançou um olhar para Noah e alfinetou, com uma pontada de ciúmes:

– Isso está me cheirando mal! Afinal, eles são irmãos... – o colega não fez qualquer comentário, deixando-a ainda mais irritada.

Angeline tratou de sair do banheiro. Dirigiu-se a Jennifer perguntando onde seria seu quarto. A contragosto, a psicóloga levou-a até o cômodo. Com os sentimentos confusos, mas a razão firme, ela tratou de dar prosseguimento ao plano. Retirou de sua mala alguns papéis que traziam as informações necessárias ao plano que arquitetara. Foi até a sala e entregou uma cópia a John e outra a Jennifer, que leram com atenção, em silêncio. Eles sabiam que havia, em alguns pontos na casa, escutas clandestinas. O condomínio era monitorado como se fosse um *reality show* sem o aval de seus moradores. Contudo, um banheiro tinha sido isolado acusticamente e, em alguns casos, eles conversavam por bilhetes.

Mesmo sem aprovar o plano de Angeline, John não podia negar que sentia certa felicidade por poder vê-la novamente. Apesar do disfarce, ela

continuava encantadora. Fitou-a por alguns minutos em silêncio, depois puxou assunto:

– Como vai o trabalho, Amanda?

– Fui demitida! – respondeu Angeline, sabendo que o agente procurava interromper o silêncio.

– De novo? Quando é que você irá tomar juízo? Já não é mais uma mocinha!

– Ora, me deixe, Jimmy! Vou aproveitar um pouco a folga, depois irei procurar algo que me satisfaça... – contrapôs, seguindo com o disfarce e assumindo uma identidade que estava longe de possuir.

– Sabe o que lhe falta? Um homem que tome as rédeas de sua vida! Vou torcer para que isso aconteça o quanto antes... – argumentou John, malicioso.

Angeline entendeu o recado e desviou o olhar rapidamente. Jennifer entendeu a indireta e rebateu, raivosa:

– Essa é boa! Não sabia que agora você é casamenteiro!

– Isso é apenas um desejo. Espero que Amanda encontre alguém assim, igual a este irmão dela aqui! Então estará bem! Vai dizer que ela não tiraria a sorte grande, meu bem, se encontrasse um homem como eu?

– Bem, isso é verdade... Sou testemunha de quanto seu irmão é bom, Amanda, *em todos os aspectos*... – ilustrou Jennifer, sarcástica, olhando para o "esposo", que imediatamente se arrependeu do comentário, entendendo a mensagem explícita da "esposa" para a doutora.

Angeline, com dissimulado sorriso e estudada tranquilidade, explicou:

– A conversa está boa, mas vou me deitar um pouco... – saiu sem olhar para John, que lançou um olhar cortante para a colega, que fingiu não ver.

Dentro do possível, os três tentavam manter o disfarce. John mantinha-se mais distante de Jennifer, com receio de que a psicóloga continuasse provocando Angeline. No dia seguinte, no final da tarde, um funcionário do condomínio veio entregar um convite para uma festa na casa de Zugno, cortesia do próprio pela gentileza de "Jimmy" em doar a sua garagem para seu ilustre convidado na festa anterior.

– Nossa, que maravilha, meu amor, uma festa! Adoro festas! Veja, Amanda, vamos conhecer muita gente importante! Fomos convidados a comparecer a um jantar na casa do empresário Zugno Lopez amanhã. Traje social ou passeio completo... – dizia "Estela", lançando olhares significativos para o colega e a doutora.

John olhou para Angeline, que retribuiu o olhar com certa apreensão.

– Bem, pelo jeito não vou poder recusar ou corro o risco de ser linchado – respondeu John, preocupado. Sabia o quanto poderia ser perigoso para a médium, porém, reconhecia também uma excelente oportunidade de descobrir algo relevante.

– Que bom, eu também adoro festas! – tornou Angie fitando John e disfarçando o nervosismo.

– O que nos resta fazer é ir às compras, Amanda!

– Claro! Quando cheguei, observei que aqui no condomínio há algumas lojas. Poderemos dar uma olhada por aqui mesmo e, se não gostarmos de nada, aí, sim, seguiremos para outras... – sugeriu Angeline, planejando andar pelo condomínio.

– Combinado! Vamos agora! Afinal, a festa será amanhã!

John fez um sinal com a cabeça para Angeline, pedindo que ela o seguisse. Ela atendeu prontamente, respondendo à psicóloga, que assistia a tudo irritadíssima.

– Vamos, Estela. Vou só pegar minha bolsa! – saiu logo atrás do agente, que entrou no banheiro e trancou a porta.

– Por favor, tome muito cuidado! Em todos os lugares aqui há câmeras, escutas e *scanner*. Você será escaneada. Mas Stefano está no controle, qualquer coisa diferente para eles é sinal de muita investigação. Afinal, ainda não conseguimos o que pretendemos porque eles são muito bem preparados – alertou John, visivelmente preocupado.

– Tudo bem! Eu estudei todo o local antes. Vai dar tudo certo! – assegurou Angeline, tentando acalmá-lo.

Ele, então, abraçou-a forte, não resistindo à vontade de fazer isso desde que a vira chegar. Ela retribuiu ao abraço, com o coração acelerado. Depois de alguns segundos, John a soltou e saiu do banheiro. A doutora respirou fundo, passou a mão nos cabelos e seguiu para a sala ao encontro de sua "cunhada".

– Foi confeccionar a bolsa, Amanda? – retrucou a agente com raiva.

– Eu não a estava encontrando. Estou pronta! Vamos?

Sem mais uma palavra, as duas mulheres ganharam as belas ruas do condomínio, dirigindo-se a um sofisticado espaço de lojas e restaurantes que havia na entrada do condomínio.

– Seu irmão é tão volúvel, Amanda! Adora um rabo de saia! – disse a psicóloga, atacando a doutora.

– Bem, você se casou sabendo quem ele era, Estela, agora não pode reclamar... – replicou Angeline, calma, não entrando no jogo na outra.

– Mas não estou reclamando! Afinal, ele faz direito o que gosto... – contrapôs sarcástica.

Angeline fechou a cara e retrucou, ríspida:

– Não estou interessada em suas intimidades, Estela.

Jeniffer se calou com satisfação, percebendo que havia atingido seu objetivo. As duas deram uma trégua e andaram mais um pouco. A doutora olhava com atenção para todas as casas, buscando algo, contudo, nada encontrou e elas deram continuidade ao passeio forçado, percorrendo todas as lojas à procura de vestidos adequados àquela festa grã-fina.

Sem novidade alguma, cerca de duas horas depois, as duas voltavam para casa, quando de repente Angie parou, observando uma senhora idosa, que andava com dificuldade, amparada por um cajado. Jennifer estancou também, olhando ora para Angeline, ora para a idosa, que chamara tanto a atenção da doutora a ponto de fazê-la parar apenas para observá-la.

– O que foi, Amanda? – indagou, curiosa.

Angeline não respondeu e continuou observando o caminhar lento daquela senhora. O que a psicóloga não sabia é que a médium vislumbrava um verdadeiro cortejo de espíritos infelizes que seguiam a idosa, esbravejando, falando palavras de baixo calão e atirando verdadeiras flechas fluídicas. Angeline assistia à cena aterradora, sentindo fortes vibrações. Sua cabeça e seu estômago reagiram rapidamente àquela descarga fluídica.

– Vamos sair daqui o mais rápido possível! – ordenou a médium, olhando para a psicóloga. Sem esperar resposta, mudou o curso do trajeto e seguiu por outra rua, sendo seguida por Jennifer. Curiosa, a psicóloga se perguntava o porquê daquela súbita reação. Ela de fato não entendia e se questionava com frequência qual era a função daquela estranha doutora! Contudo, seguiu em silêncio até a casa.

Alheia aos sentimentos da colega, Angeline entrou na residência e seguiu direto para o quarto. Fechou a porta, esquivando-se de qualquer questionamento. Observou seu corpo formigar, sentou-se na cama e fez uma prece. Lentamente, o mal-estar foi dando lugar a um forte torpor. Ela deitou-se e adormeceu rapidamente.

Jennifer teve ímpetos de seguir Angeline até o quarto, mas sentiu-se intimidada. Observou que John não se encontrava. Andou até o quarto da doutora, parou, colocou o ouvido na porta, porém só conseguia escutar o barulho da sua própria respiração. Voltou até a sala, sentou-se contrariada, sem entender o que acontecia.

Na central de comando, Noah, percebendo a atitude da doutora, falou consigo mesmo:

– Ela viu algo! – fitou Stefano, ansioso, e questionou: – Você gravou aquela senhora?

– Sim – respondeu, sem entender o interesse do agente.

– Volte e mostre novamente.

O agente assistiu várias vezes à cena, mas não conseguia ver nada de anormal. Como se pensassem em voz alta, disse: – Só mesmo a doutora poderá nos dizer alguma coisa.

– Dizer o quê? Era apenas uma velhinha! – tornou Stefano ingenuamente.

Noah olhou para o rapaz e silenciou.

Entretanto, a cena fora vista também pelas câmeras do condomínio e a atitude da médium não passara despercebida. Um olheiro de plantão, que revira a cena várias vezes e de vários ângulos, atestara que Angie parara e ficara longo tempo observando a senhora idosa. Convicto, fez uma ligação.

– Senhor, estou enviando um vídeo para sua análise.

– Ok, estou à espera! – disse a voz do outro lado, desligando em seguida. Minutos depois, o homem via e revia a mesma cena. Interessado, ordenou a outro funcionário:

– Quem é essa jovem? Levante tudo sobre ela.

Na central de comando, Stefano alertou, surpreso:

– Estão acessando os dados da doutora, Noah.

Noah aproximou-se rapidamente, sentou-se em outra cadeira e comentou, preocupado:

– Eles observaram a cena também. Isso só mostra que a doutora viu algo mesmo. Ela nunca erra! Agora somos nós a investigar. Mande uma foto dessa senhora para a central em Washington, D. C e peça que façam uma varredura. Com certeza irão encontrar algo. Eu disse que com ela lá o jogo começaria para valer!

Impressionado, o gênio dos computadores atendeu ao pedido imediatamente, sem ainda entender qual era o talento da doutora.

# 32. A festa

Jennifer, impaciente, aguardava John chegar.

No seu quarto, minutos depois de ter adormecido, Angeline deixou seu corpo e, em espírito, encontrou-se com o seu guia espiritual. Olhando com carinho para ela, o indiano convidou-a:

– Vamos trabalhar, minha filha! Acompanhe-me! –ela o acompanhou sem nada lhe perguntar, encontrando outros trabalhadores com os quais seguiu, sob o comando de Kami, até uma casa que mais parecia uma prisão, nela adentrando.

Ao ver o cenário, Angeline estancou na entrada da casa, temerosa em cruzar o resto dos cômodos: jovens de ambos os sexos jaziam deitados num piso imundo, dividindo o espaço com ratos, baratas e outros insetos. Eles gemiam, gritavam, choravam, esbravejavam... Alguns vomitavam com frequência.

"Nem mesmo Dante, em sua descrição sobre os nove círculos do inferno em sua obra espetacular, conseguiria imaginar um cenário desses..."[1*] – pensou Angeline, sem conseguir distinguir se os espíritos eram encarnados ou desencarnados. Ela, então, sentiu um odor muito forte penetrar em suas narinas e sua reação foi imediata; sentiu nojo e seu corpo começou a tremer.

Kami olhou-a com compaixão. Os outros se voltaram para o mestre indiano e disseram:

– Mestre Kami, ela vai retornar ao corpo! Não está preparada.

Kami aproximou-se e tocou-a na nuca por alguns segundos. Aos poucos o tremor foi cessando e sua protegida fitou-o com vergonha, sabia que ele conhecia o porquê de seu mal súbito.

– Angeline, estamos aqui para auxiliar e não para julgar! – informou enérgico.

– Desculpe-me, senhor Kami! Voltarei meus pensamentos ao alto!

– Se você se deixar envolver por qualquer outro sentimento dessa natureza, será levada – asseverou o indiano.

– Sim, senhor! – consentiu, já refeita.

Em silêncio, Kami, Angeline e uma caravana de 18 espíritos deram início a diversos trabalhos. Alguns aplicavam passes revigorantes, outros colocavam aparelhos que faziam limpeza nos espíritos e no ambiente, outros se mantinham em prece, desenvolvendo um forte círculo de proteção. Kami aproximou-se de sua protegida e pediu:

– Concentre-se naquelas três irmãs.

Ela voltou seu olhar na direção indicada e viu três jovens que pareciam muito doentes. Mirou fixamente seu olhar e observou que, dentre todos os presentes, elas eram as únicas das quais nenhum espírito se aproximava, apesar do estado deplorável em que se encontravam. Por uma fração de segundos, Angeline escutou uma voz feminina orando fervorosamente,

pedindo por suas três filhas. Imediatamente reconheceu a senhora do seu sonho e lágrimas caíram livremente sobre seu rosto. Voltou seu olhar para o seu benfeitor e disse:

– É a mesma do meu sonho, senhor Kami!

O indiano não respondeu, apenas meneou a cabeça e solicitou novamente:

– Não se desconcentre! Aproxime-se e olhe para elas.

Angeline aproximou-se e novamente fixou seu olhar sobre as jovens. Segundos depois, observou que os órgãos de todas as três funcionavam de forma precária; suas células emitiam parca luminosidade, demonstrando que o desencarne se fazia iminente. Comovida, sentiu seu peito apertar e escutou a voz de Kami lhe explicando:

– Elas desistiram de lutar e pedem a morte, porém as orações de sua mãe as sustentam. Agora chegou a sua vez de trabalhar, converse com elas e as oriente a continuar lutando pela vida... – parou de falar e deu permissão a outros espíritos que se faziam presentes.

Cinco trabalhadores estenderam suas mãos em torno das jovens e, numa prece silenciosa, formaram um círculo de luz que se dirigiu às enfermas, numa tonalidade de um verde muito bonito. À medida que as energias tocavam-lhes o corpo em forma de minúsculos pontos de luz, elas conseguiam respirar melhor e, aos poucos, o organismo físico das três reagia de forma positiva, deixando-as mais lúcidas. Sob o chamado de Kami, os espíritos das jovens deixaram seus corpos físicos. Atordoadas,

olharam para o ambiente totalmente diferente, sentiram uma paz lhes envolver e o medo foi sendo substituído por um enorme bem-estar.

Angeline aproveitou o momento e, num comando do indiano, cumprimentou-as:

– Olá, minhas amigas! Que bom estar com vocês! Que Jesus possa nos abençoar! – as três se voltaram para a bela jovem e sorriram, acreditando ser um anjo.

Sem perder tempo, Angeline, sob a orientação do seu amigo espiritual, deu continuidade:

– Sou apenas uma voluntária no trabalho com o Cristo e vim pedir que não desistam da vida. As preces diárias da mãezinha de vocês fizeram com que a esperança não morresse. Ela aguarda por vocês em casa. Elevem vocês também seus pensamentos ao alto e acreditem na misericórdia infinita de Deus. Lutem pela vida e confiem em dias melhores! Em breve, Jesus mandará ajuda! Fiquem com Deus!

Em questão de segundos as três retornaram a seus corpos físicos, acordando sobressaltadas. Olharam em volta, reconhecendo o local de sempre, mas se sentindo mais fortes. Em breve conversação, descobriram que haviam tido o mesmo sonho e, apesar de toda tristeza em volta, sorriram felizes. Angeline olhou para o indiano e indagou:

– Elas serão socorridas, senhor Kami?

– Já estão sendo, minha filha! Agora você precisa voltar.

Cerca de uma hora depois, John estacionou o carro na garagem. Entrou em casa e deu de cara com Jennifer, que olhou para ele, apreensiva.

– Onde você se meteu, meu querido?

– Fui comprar um terno, afinal, tenho que ir apresentável a esse jantar... – respondeu, notando algo estranho e perguntando, na tentativa de disfarçar:

– E vocês? Encontraram algum vestido adequado? Onde está Amanda?

– Infelizmente, não gostamos de nada. Teremos que ir à cidade. Quando voltávamos, Amanda sentiu-se mal e seguiu direto para o quarto... – respondeu gesticulando.

Tentando disfarçar o nervosismo, John respondeu:

– Ela tem isso mesmo! De vez em quando se sente meio mal... Vou ver como está... – deixou a sala, aflito, em direção ao quarto da doutora. Abriu a porta e entrou. Sem fazer barulho, seguiu até a cama e observou que Angeline dormia. Examinou-a por alguns segundos. Quando ia se retirar, ela abriu os olhos e, vendo John, sentou-se, perguntando:

– Aconteceu alguma coisa?

– Espero que não. Você está bem? Estela disse que você se sentiu mal; fiquei preocupado – indagou apreensivo.

Angeline observou no rosto do federal as indagações que não podiam ser feitas diretamente e respondeu, tentando acalmá-lo:

– Não foi nada. Apenas um mal-estar, você sabe que tenho isso de vez em quando... Agora está tudo bem.

Ele observou-a mais alguns instantes e, tentando evitar especulações, arrematou:

– Ainda bem que está tudo bem... Vou tranquilizar a Estela... Sua cunhada ficou preocupada com você... – saiu deixando-a sozinha. Imediatamente Angeline voltou seus pensamentos ao que vivenciara havia pouco. Ainda podia sentir as fortes impressões do seu desdobramento. Ao mesmo tempo em que sentia alegria por ter podido ajudar, experimentava uma estranha sensação de retraimento. Suas percepções apuradas lhe diziam que não ia ser fácil e que aquela missão iria exigir dela, muito mais do que suas faculdades medianímicas. Fechou os olhos e orou.

Na sala, John satisfazia a curiosidade da "esposa".

– Ela estava dormindo! Disse que está tudo bem, foi apenas um mal-estar. Bem, vamos tratar de nos ajeitarmos... – disse, tentando mudar de assunto, mas a psicóloga não achara nada daquilo normal. Dera-se conta de repente de que não conhecia nada da doutora e muito menos o porquê de ela estar naquela missão. Resolveu ficar atenta e observá-la melhor.

Não muito longe dali, em um belo e requintado escritório, um homem conversava com Zugno:

– Não encontramos nada sobre a jovem, senhor Lopez, as escutas também não revelam nada. Pode ter sido apenas um mal-estar mesmo, como ela relatou.

– Não acho. Revi a cena diversas vezes e não me pareceu mal-estar. Fiquemos atentos. Quero vigilância em cima dela e dos demais – ordenou o

homem, desconfiado.

– Certo, senhor. Providenciarei isso agora mesmo – saiu apressado, deixando o patrão sozinho, pensando alto:

– Isso é muito estranho... Um homem como eu não pode confiar nem na própria sombra! Quero eu mesmo conversar com essa jovem amanhã.

O dia passou rápido e sem mais comentários sobre o ocorrido. Todos estavam ansiosos, aguardando o jantar com grande expectativa e ansiedade. Na hora marcada, John aguardava as duas mulheres na sala, andando de um lado para outro na tentativa de diminuir a tensão. Ele sabia que Kaiden estaria presente e que poderia reconhecer Angeline, mesmo sem nunca tê-la visto pessoalmente. Sabia que o bandido certamente já devia ter tomado todas as informações possíveis sobre a doutora. Teria que protegê-la... Estava absorto em seus pensamentos e sobressaltou-se com o chamado da "esposa":

– Como estou, meu bem? – perguntou, exalando sensualidade em seu vestido longo vermelho-carmim, justo e bastante decotado na frente e nas costas. Os cabelos escovados e soltos, um brinco, um grande anel dourado, juntamente com uma bolsa de mão e uma boa maquiagem, completavam o *look* da psicóloga.

O agente não deixou de admirar sua "esposa"e respondeu-lhe com sinceridade:

– Com certeza será muito cobiçada esta noite, minha querida!

– Que bom! Mas só quem pode usufruir disto tudo é você, meu amor! – respondeu *sexy*, ao perceber a aproximação de Angeline, que, contudo, fingiu não ouvir, embora sentisse uma pontada de ciúme observando o quanto a psicóloga estava bonita.

Alheio aos sentimentos das duas, John ficou embevecido ao ver a sua bela doutora usando um vestido longo azul-turquesa; um tomara que caia grudado no corpo, deixando à mostra as belas curvas e pernas de Angeline, através de uma generosa fenda lateral. Faziam ainda parte do elegante traje: delicados brincos, pulseira, uma maquiagem requintada e uma bolsa de mão. Os cabelos estavam presos em um bonito coque.

– Estou pronta. Podemos ir? – indagou Angeline envergonhada, percebendo o olhar do agente sobre ela, o que também não passou despercebido à psicóloga que, fingindo não ver, tentava de todas as formas disfarçar a raiva e a inveja que sentia.

– Vamos, então! Não vejo a hora! – adiantou-se Jennifer, tomando o braço do "marido" de forma provocativa. Entretanto, ele ofereceu rapidamente seu outro braço à sua suposta irmã, dizendo:

– Venha, Amanda. Você está linda! Tenho que ficar de olho em você hoje ou vou ter problemas!

A médium aceitou com gosto o elogio e segurou o braço dele, não sem antes responder ao "irmão":

– Não tem a menor necessidade disso, Jimmy!

– Concordo com você, Amanda! – retrucou Jennifer, raivosa.

John mudou de postura imediatamente, sentindo o peso da responsabilidade que a noite lhe reservara. Tirou o sorriso do rosto subitamente e, em silêncio, seguiu até a casa da frente onde morava o bandido. Lá, eles foram submetidos a uma revista completa; um pequeno carimbo de cor azul foi posto em seus pulsos com uma numeração, depois seguiram por uma alameda de *flamboyants* que, especialmente naquela época do ano, estavam lindos e floridos. Ao término dessa alameda desceram uma escadaria e ingressaram em um jardim muito bem cuidado. À esquerda, uma piscina com uma bela cascata iluminada, ostentava todo o poder econômico do traficante. Convidados conversavam animados em mesas dispostas ao longo de todo o imenso jardim, embalados por uma suave canção de Ray Charles. Discretamente, John advertiu as duas mulheres, baixinho:

– Não bebam nem comam nada que seja trazido para a mesa. Peguem o que quiserem das bandejas dos garçons.

Uma mulher os recebeu com cortesia, olhou o pulso de cada um e indicou-lhes uma mesa, previamente reservada. Angeline agradeceu a Deus por ter ficado no lado de fora e próximo à piscina, pois sabia do poder regenerador que a água possuía. Sua intuição foi acionada e, imediatamente, a médium observou que o vaso de flor que ornava sua mesa era maior do que os das demais mesas .Com um olhar sugestivo, conseguiu passar essa informação a John. O agente no mesmo instante deduziu que havia uma escuta naquela mesa e que eles estavam sendo monitorados. Experimentou

uma enorme tensão, que passou a tentar controlar para não se trair em nenhum momento. Angeline, fingindo tranquilidade, comentou:

– Nossa, que casa bonita! Nem me imagino morando em um lugar assim!

– Verdade, Amanda, ela é muito linda mesmo! – concordou Jennifer, olhando em volta. Discretamente, John enviou uma mensagem pelo celular para a colega, que rapidamente a leu. Os três conversavam mostrando uma descontração que estavam longe de sentir e observavam tudo em volta, principalmente os convidados. Com a intenção de mandar imagens de alguns convidados para a central de monitoramento, o agente solicitava das duas jovens poses para fotos.

A recepção transcorria sem contratempos, até que uma bela moça se aproximou e, dirigindo-se a Angeline, pediu gentil:

– Senhora, por favor, o senhor Lopez solicita a sua presença dentro da casa.

Angeline sentiu um frio súbito, olhou para John e nada respondeu. O agente friamente, sem demonstrar qualquer alteração, indagou:

– Posso saber o que ele quer com minha irmã?

– Infelizmente eu não posso responder senhor, pois não sei informar.

– Eu lamento moça, mas, sem querer ser indelicada, não vou sair daqui e deixar meu irmão e minha cunhada sozinhos. Agradeça o convite e envie-lhe minhas sinceras desculpas – respondeu calma.

A moça fez menção de contestar, uma vez que sabia que o chefe não gostava de receber recusa. Contudo, sentiu a firmeza da voz de Angeline e se retirou. Os três fizeram comentários triviais a respeito do ocorrido para não levantar suspeitas, mas seus olhares demonstravam a preocupação que sentiam diante daquela delicada situação. John sentia um frio percorrer sua coluna, seu instinto lhe dizia que, se eles ainda não soubessem quem era Angeline, certamente estavam desconfiados e não iriam demorar a descobrir o que desejavam. Sentia que precisava tirá-la daquele lugar o mais rápido possível.

Contudo, antes que ele pudesse tomar qualquer decisão nesse sentido, Zugno em pessoa veio até eles. Ele era um homem alto, negro, de porte atlético, tinha um rosto marcado por duas grandes cicatrizes na fronte e uma verruga logo abaixo da boca. Com um olhar duro e demonstrando contrariedade, aproximou-se da mesa com passos decididos e disse:

– Eu não aceito recusa, senhora, por isso vim pessoalmente me desculpar e convidar todos a me fazerem companhia também.

Contendo a tensão, John manteve-se frio e constatou que Zugno não era o verdadeiro chefe da organização, uma que vez que fora enviado até eles. Levantou-se e, sem escolha, respondeu-lhe, cumprimentando-o:

– Não tem por que se desculpar, senhor Lopez! Agradecemos o convite e nos sentiremos honrados em aceitá-lo. Sou Jimmy Myers, esta é minha esposa Estela e esta é minha irmã Amanda.

O homem sentiu-se mais à vontade e cumprimentou a todos, levando-os em seguida para dentro da bela e confortável casa. Não foi surpresa nenhuma para os agentes encontrarem Kaiden, que os olhou com interesse. Sem cerimônia, aproximou-se e cumprimentou-os, fixando seu olhar em Angeline.

– Que bom reencontrá-los! Contudo, não conheço essa bela jovem...

– O prazer é todo nosso, não é Jimmy? – adiantou-se "Estela", estendendo a mão para o homem, que gentilmente a beijou.

– Certamente, querida! – respondeu, ajeitando os óculos de grau que faziam parte do seu disfarce. Depois se voltou para a doutora e apresentou-a: – Esta é minha irmã senhor, Amanda Myers.

O homem estendeu a mão pedindo a mão de Angeline, enquanto olhava intensamente para ela. Ela estendeu a mão e cumprimentou-o com discrição. John percebeu que o bandido havia desconfiado de algo, pois olhava para Angeline fixamente, tentando lembrar-se de algo. Corroborando o pensamento do agente, o homem aproximou-se mais da médium e indagou-lhe, puxando assunto:

– Eu não sei o porquê, mas tenho a sensação de conhecê-la.

– Deve ser porque sou uma pessoa comum, senhor... – Angeline respondeu com fria polidez.

– Não! Certamente está longe de ser uma mulher comum... Está de visita ou veio ficar um tempo com o seu irmão? Já conhecia a Califórnia? – interrogou, tentando conhecer mais sobre a jovem.

Angeline começou a sentir sua cabeça doer e viu uma forte névoa escura em torno do bandido, que logo se espalhou pelos cômodos, traduzindo uma atmosfera pesada e sufocante. Viu que o coronário dele emitia fortes chispas vermelhas manchadas, fruto da sua intensa atividade mental desvirtuada. Orou em silêncio e, com bastante tranquilidade, respondeu-lhe:

– Vim conhecer a casa nova da qual minha cunhada falava tanto. Mas já estou de volta na próxima semana. É minha primeira vez aqui na Califórnia.

– Ainda bem que conseguiu uma folga no trabalho. A propósito, trabalha em quê? – provocou, sabendo, pelas conversas que ouvira, que a jovem estava desempregada.

Angeline sabia muito bem o que o homem pretendia e disse, sem entrar em maiores detalhes:

– No momento estou desempregada. Mas trabalho na área de *marketing*.

John acompanhava a conversa, admirado como a doutora mantinha o controle da situação, conhecedor que era da extrema sensibilidade da jovem.

---

1 Em seu poema *A Divina Comédia*, escrito no século XIV, o escritor, poeta e político italiano Dante Alighieri (1265-1321) descreve a topografia do inferno e os seus nove círculos infernais.

# 33. No cárcere

A médium lutava contra o mal-estar que experimentava. Respondia a todos os questionamentos do homem, que insistia em permanecer a seu lado. Enquanto isso, John fazia uma varredura com o olhar por todo o local, observando câmeras espalhadas por todos os lugares e seguranças fortemente armados. Ao fundo do grande salão, uma porta azul vigiada deu-lhe a certeza que aquela era a entrada para o lado "pesado" da festa, onde certamente havia todos os tipos de drogas, mulheres e sexo.

Jennifer conversava animadamente com o suposto chefão, recebendo cantadas dele a todo momento. Contudo, desconversava, fazendo o tipo de mulher fútil. De repente, todos ficaram em estado de alerta, pois Kaiden indagou, desconfiado:

– Curioso! Nenhum de vocês bebe?

– Eu bebo, mas estou impossibilitado devido a um medicamento que estou tomando por causa de um problema de coluna. Minha irmã não bebe e minha esposa, por compaixão, optou por me acompanhar... – respondeu John friamente, olhando para Kaiden.

– Que pena! Não sei passar sem meu uísque... – contrapôs, encarando John com ironia.

Angeline não conseguiu mais controlar o mal-estar. Sentia uma ânsia de vômito muito forte, olhava em volta e, com clareza, via inúmeros espíritos se locupletando com os encarnados em atitudes esdrúxulas. Segurou, então, no braço do agente e pediu, pálida:

– Me leve para fora, Jimmy, por favor!

Sem pestanejar, John envolveu a cintura de Angeline e rebocou-a rapidamente para fora da casa, no que foi acompanhado por Jennifer e Kaiden. Notando que o bandido estava próximo, John voltou-se para a "esposa" e disse, irritado:

– Vamos embora, Estela! Amanda teve outra crise – sem esperar, saiu rapidamente. Entretanto, antes de deixar a festa, a psicóloga despediu-se, agradecendo o convite. Kaiden perguntou, desconfiado:

– Qual o problema de sua cunhada?

– Ela tem fobia social. Não consegue ficar muito tempo em lugares fechados e com pessoas que não conhece. Fazia tempo que não acontecia isso, mas parece que ela teve uma recaída. Infelizmente! – despediu-se mais uma vez e foi embora.

O homem ficou olhando o trio se distanciar, com muitas perguntas sem respostas. Mesmo não constatando nenhuma controvérsia em suas vidas, algo lhe dizia que havia qualquer coisa ali que não se encaixava.

– E aí, descobriu algo? – indagou Zugno logo atrás de Kaiden.

– Não. Mas está tudo muito certinho demais para ser verdade... A irmã desse Jimmy... há algo errado com ela! Meu faro nunca me engana, e vou

descobrir o que é o quanto antes. Amanhã vou ter uma conversa particular com essa tal Amanda – explicou.

– Você acha prudente?

– Claro que sim! Eu sei o que faço!

Distanciando-se do local, John falava para a médium, preocupado:

– Estamos quase em casa, Amanda, aguente firme.

Sem entender o que acontecia, em silêncio, Jennifer seguia os dois, contrariada, buscando respostas. Minutos depois, adentraram em casa. O agente seguiu com a doutora até seu quarto. Angeline, sem suportar mais, seguiu até o banheiro e vomitou bastante. Trocou de roupa e retornou ao quarto, deitou-se na cama e, com o corpo tremendo de febre, agasalhou-se. John, já sem o paletó, percebeu o estado delicado dela e ordenou à colega, que observava tudo, surpresa com o que presenciava:

– Estela, traga panos limpos, uma bacia com água fria e um antitérmico – aproximou-se, colocou a mão em sua fronte e constatou a alteração de temperatura. Fez um carinho em seus cabelos e disse, afetuoso:

– Vai ficar tudo bem! Eu estou aqui!

Uma hora depois, a médium dormia com a febre controlada. Jennifer olhou para o colega e, com um aceno de cabeça, chamou-o até o banheiro à prova de sons. Uma vez lá dentro, agastada, interrogou-o:

– O que está acontecendo? O que causou essa reação tão desproporcional? Quem é essa mulher e o que ela tem?

John sabia que não podia esconder mais e, com cuidado, revelou:

– Angeline tem uma capacidade extrassensorial muito forte. Ela provavelmente absorveu energias ruins e seu corpo reagiu.

– Capacidade extrassensorial?! Ela é um tipo de paranormal?

– Isso mesmo!

– Meu Deus, o que você me fala! Estamos nas mãos de uma paranormal! É isso? – indagou cáustica.

– Tome cuidado com o seu tom de voz, você não a conhece! Só estamos aqui porque antes ela nos ajudou. Portanto, fique na sua e faça a sua parte! Ou então desista e vá embora! – aborrecido, ele saiu do banheiro, deixando a colega pasmada com a informação e ao mesmo tempo chateada com a repreensão. Olhou para a câmera que servia de comunicação com a central e indagou:

– Estou sem palavras! Vocês já sabiam disso ou sou a única enganada aqui? – saiu batendo a porta do banheiro.

Noah olhou para Kayla, preocupado. Depois os dois voltaram-se para Stefano que, pensando alto, balbuciou:

– Isso explica muita coisa!

John estava inquieto. Sabia que o bandido não iria engolir aquela história e traçava um plano para tirar Angeline de lá o quanto antes. Seguiu até o banheiro e, olhando para a câmera, ordenou à central:

– Vamos tirar Angeline daqui. Ela irá embora, preparem tudo sem demora. Ela está correndo perigo!

Stefano olhou para Noah ao lado e indagou:

– Como ele sabe?

– Acredite, ele sabe! Vamos providenciar tudo! – respondeu o agente fazendo ligações...

O dia amanhecia claro, o sol aos poucos dispersava as nuvens cinzentas. Angeline acordou sentindo-se bem. Pelo silêncio, concluiu que os demais ainda dormiam. Fez sua higiene e resolveu correr, com o propósito de dar uma olhada nas casas do condomínio. Vestiu uma calça de moletom cinza, uma blusa de moletom branca e um tênis. Retirou da bolsa um relógio que tinha uma pequena câmera espiã, pedido seu a Noah. Fez alguns ajustes e colocou-o no pulso, escondendo-o por dentro da manga. Prendeu os cabelos e saiu do quarto sem fazer barulho. Seguiu até o banheiro e, olhando para a câmera, disse:

– Kayla, estou com a câmera. Vou dar uma volta!

Na central, Kayla ouviu o recado e falou consigo mesma, surpresa:

– Como ela sabe que sou eu que estou de plantão? – balançou a cabeça tentando afastar os pensamentos e rapidamente foi chamar Stefano:

– Acorde! Venha modular o sinal da câmera da doutora; ela foi dar um passeio.

Angeline deixou o banheiro e dirigiu-se à cozinha, tomou um suco e foi até o *living*. Observou que John dormia profundamente no sofá, fitou-o com carinho e, sem perder tempo, saiu pelas arborizadas ruas do condomínio. Ligou seu *ipod* deixando ecoar pelos fones as músicas de Carpenters –

adorava a banda. Decidiu caminhar em vez de fazer sua corrida como de costume; seria melhor para procurar o que queria...

John acordou sobressaltado com um aviso de mensagem em seu celular. Sentou-se, olhou para o relógio e notou que havia dormido mais do que esperava. Respirou fundo e leu a mensagem. À medida que lia, seu rosto ia ganhando uma expressão de horror. Levantou-se imediatamente, seguiu até o quarto de Angeline, constatando que ela não estava, seguiu até o quarto de Jennifer, sacudiu-a sem emitir sons, acordando-a. Quando viu que a mulher abriu os olhos, fez um gesto de silêncio e mostrou-lhe a mensagem. A psicóloga levou a mão à boca, assustada com a informação. A um sinal do agente, ela se levantou imediatamente. Tentando transparecer normalidade, perguntou, consciente de que estavam sendo ouvidos:

– Querido, será que você poderia me deixar na clínica? Já estou atrasada. A doutora abriu uma exceção e irá me atender hoje.

– Claro, tenho que passar na loja de ferragens... – John tentava ao máximo não demonstrar o que sentia. Seu coração estava tão apertado dentro do peito que chegava o doer. Era como se ele tivesse rebobinado uma fita e estivesse passando novamente pela dor que já passara um dia, quando perdera a esposa e a filha que tanto amava. Fechou os olhos, enxugou o suor frio que descia por seu belo rosto, cerrou os punhos, engoliu em seco, contraiu o maxilar, como se aqueles gestos fossem de alguma maneira trazer-lhe o controle. Sentou um pouco, tentando encontrar o equilíbrio de suas emoções.

A psicóloga observava a aflição vivida por ele e, tentando ajudar, chamou-o:

– Vamos, querido, estou pronta. Vamos deixar Amanda dormir; depois daquela crise, ela precisa descansar. Ligo pra ela da clínica...

Sem mais uma palavra, os dois agentes saíram do condomínio o mais rápido possível.

Meia hora antes, Angeline caminhava olhando as casas de cada rua até parar em frente a uma, onde reconheceu os gerânios e o número. Era a mesma que vira quando estivera na casa de John através do fenômeno de clarividência. Aproximou-se devagar, até parar na entrada da casa; lentamente, abaixou-se, tocou o piso de mármore de um degrau que dava acesso à porta e fechou os olhos. Passados alguns segundos, sentiu como se estivesse sendo transportada para outro local e viu várias jovens presas em quartos, outras deitadas em camas, seminuas, servindo a propósitos degradantes, outras fazendo uso de drogas... Como se recebesse uma descarga elétrica, a jovem tirou a mão do piso rapidamente, levantando-se. Assustada, olhou em volta, sabendo que tinha que ir embora. Pegou o caminho de volta, mas foi cercada por um carro preto. Um homem desceu e, com um olhar sombrio e uma voz gutural, ordenou:

– Entre no carro.

A doutora sentiu as pernas fraquejarem, seu coração respondia ao medo que sentia batendo forte, ela fitou o homem e, sem discutir, atendeu à sua

ordem. Não foi surpresa encontrar Kaiden aguardando-a. Ele fitou-a e, com um sorriso no canto da boca, cumprimentou-a, sarcástico:

– Bom-dia, Amanda! Conhecendo o local? A propósito, parece bem melhor!

– Bom-dia! Cuidando da saúde e me exercitando. Para onde estamos indo? – indagou com a voz trêmula.

– Vou lhe dar uma carona, mas antes quero conversar um pouco com você. Tem alguma objeção?

– Já que perguntou antes, me dando a chance de recusar, terei muito prazer em conversar com o senhor...

– Gosto muito de mulheres bem-humoradas e intrépidas... – retrucou, irônico, encarando-a.

No centro de comando, os agentes, aflitos, tentavam pensar em algo para ajudar, pois, alarmados, haviam acompanhado o rapto de Angeline pelas muitas câmeras do condomínio.

– Meu Deus! Eu sabia que esse psicopata era muito bom no que fazia. John vai enlouquecer! Vou avisá-lo.

– Calma! – disse Stefano, buscando manter o equilíbrio. – A doutora está com a câmera; por algum motivo, ela ainda não a ligou. Vamos aguardar.

Kayla olhou para Noah, aflita.

Minutos depois, John entrou no centro de comando, transtornado. Em polvorosa, disse em voz alta, olhando para todos:

– Como isso ocorreu? Vocês têm alguma pista de onde ela está?

– Não. O carro saiu do condomínio, estamos às cegas. Stefano está tentando conectar com as câmeras da cidade e ver se pegamos o trajeto do carro. Ainda bem que deu tempo de saírem de lá... – respondeu Noah, aflito.

Antes que alguém respondesse, Stefano gritou:

– Há um áudio! A doutora ligou a câmera!

Todos acorreram ao local e, boquiabertos, escutaram.

Angeline fora levada a uma sala escura, tinham-na colocado em um canto do cômodo, em pé, e jogado um holofote sobre ela, obrigando-a a fechar os olhos, tamanha era a intensidade da luz.

Sua respiração era difícil, seu coração não tinha como bater mais forte, suas pernas tremiam, mas ela resistia bravamente ao temor que sentia. Voltou seus pensamentos ao seu amigo espiritual pedindo ajuda e aos poucos foi encontrando algum alívio.

Sem que ela visse, Kaiden entrou na sala, sentou-se em uma cadeira, cruzou as pernas, fitou-a friamente e perguntou, calmo:

– Se me responder tudo, vou liberá-la rapidamente. Primeiramente: qual é o seu verdadeiro nome? Alguém sabe que você havia ido caminhar?

– Por que pergunta meu nome? Não. Ninguém me viu quando saí de casa... – imprimia calma na voz, surpreendendo a si mesma ao manter o controle.

O bandido a estudava minuciosamente. Depois continuou a sabatina:

– O que fazia naquela casa?

– Estava tentando ajudar alguns irmãos...

Alguém entrou na sala interrompendo o interrogatório, entregou um papel ao homem e saiu. Ele leu e seus olhos piscaram de surpresa. Levantou-se, deu a volta em uma mesa de madeira tosca, aproximou-se de Angeline ficando de frente para ela e, com um olhar sombrio, disse bem devagar:

– Dra. Angeline Lewis, como pôde acreditar que iria me enganar? Agora você é minha!

# 34. A verdade

Na central de informações, embora não pudesse ver as imagens, pois a câmera estava escondida, só possibilitando a liberação do áudio, John ouvia tudo com desespero e horror. Esmurrou a mesa, levantou-se e gritou, enfurecido, passando as mãos pelos cabelos, num gesto de desequilíbrio:

– Não! Eu tenho que tirar Angie de lá! – olhou para Stefano e vociferou: – Encontre-os! Ele não pode encostar *um dedo* nela!

– Eu estou tentando! Estou tentando! – respondeu o jovem, mexendo freneticamente nas teclas do PC.

John voltou-se para Noah e, tentando voltar à ação, ordenou:

– Veja de quem é a casa onde ela se deteve. Alguma coisa ali chamou a atenção de Angie. Kayla, prepare uma força-tarefa! Mande que se posicionem! Ninguém sai daquele condomínio nem entra nele! Vamos estourar aquilo de uma vez. Posso até ir para o inferno, mas garanto que levo pelo menos meia dúzia comigo. Preciso também do número do telefone de Kaiden.

Todos, como se tivessem sido plugados a uma tomada, iniciaram freneticamente suas ações. John voltou a escutar a gravação da câmera oculta que a doutora levava consigo.

Na sala, Angeline engoliu em seco diante da descoberta do bandido. Fitou-o bem nos olhos, sentiu de repente uma segurança que nem entendia de onde vinha e falou, convicta:

– John virá atrás de você!

– Eu sei e estou esperando por ele! John se acha muito esperto, mas é um perfeito idiota. Ele será responsável por mais uma morte! A sua! – fez uma pausa, aproximou-se mais um pouco da doutora e, a poucos centímetros dela, sussurrou, passando os dedos em seu rosto:

– Uma coisa, eu tenho que admitir: ele tem um gosto fantástico para mulheres... Uma pena que eu tenha que me livrar de você mais cedo. Ellen me serviu por mais tempo....

Angeline sentiu o forte hálito de café do bandido, tamanha era sua proximidade. Sua respiração estava alterada e um pavor começou a se apoderar dela. Fechou os olhos, ofegante, e, quando voltou a abri-los, escutou uma voz ao seu lado que identificou imediatamente como sendo de Kami: “Concentre-se, minha filha, confie em Deus!”. Ela percebeu que não estava sozinha e aos poucos foi controlando a respiração. Essa garantia lhe devolveu confiança e, recebendo as orientações do indiano, disse, sabendo que todos da central também a escutavam:

– Ellen não fez o que você pediu! Esse foi o motivo pelo qual você a matou, mas deixou John pensando que a culpa foi dele.

O bandido deu um passo para trás, pasmado com a revelação.

– Como você sabe disso? Aquele agente cretino também conhece a verdade?

– Ele sabe que você estava chantageando Ellen, para que ela o ajudasse a desenvolver a fórmula de uma arma química. Ele apenas juntava provas. É uma questão de tempo para você ser preso.

Na central, John nem piscava diante do equipamento, escutando a triste revelação. Com dificuldade, perguntou a Stefano:

– Você está gravando isso?

– Claro! – respondeu o colega, fazendo um sinal aos demais agentes para que se aproximassem.

Na sala, a doutora prosseguia fazendo as revelações que davam as provas necessárias para a prisão do bandido.

– A carreta que está vindo do México trazendo a carga que vocês estão esperando pela I-5, vai ser interceptada. Tudo irá cair! Nenhum mal dura para sempre!

Kaiden não conseguia disfarçar o espanto e o terror que vivia naquele momento. Aproximou-se da médium e gritou bem alto, assustando-a:

– Tem alguma coisa errada! Como John sabe disso tudo e nunca agiu? O que vocês estão escondendo? Fale ou eu acabo com sua vida agora! Por que ele ainda não fez nada com aquele maldito primo dele? Acaso achou bom ser corno?

Angeline ficou tensa, sabia que John escutava. Resistiu ao olhar encolerizado e inquisidor dele, respirou fundo e continuou a falar, orientada

por Kami:

– Porque ele sabe também que você usou o senador. Apesar de ter errado, o senador desconhecia sua ligação com o tráfico de armas, drogas, pessoas e agora com ações terroristas. Julian se deixou levar pela vaidade e pela ideia de vingança contra John. Você se aproximou do senador para que toda a culpa recaísse sobre ele, se um dia tudo isso viesse à tona. Apenas se esqueceu de um detalhe: tudo que fazemos fica registrado. Não existe crime perfeito porque o erro já é um sinal da nossa imperfeição e da nossa primeira culpa! Por mais que demore, um dia a nossa máscara cai, para tombarmos, vergonhosamente, nas nossas falhas.

O bandido escutava o que ela falava como se estivesse preso no concreto e não conseguia se mover. Sua vida passou em sua mente em uma fração de segundos e um arrepio frio tomou conta do seu corpo de baixo para cima...

Na central, John tentava digerir tudo que escutara, fazendo conexões rápidas em sua mente. Um silêncio se fez dentro dele e o barulho à sua volta foi abafado pelo seu estado de espírito, só retornando à realidade quando Kayla segurou firme em seu ombro e gritou:

– John! Volte!

Ele piscou algumas vezes e disse, com as feições sombrias:

– Estou bem...

– O condomínio está cercado. Você virá conosco?

– Não! Vou pegar o Kaiden – respondeu, olhando fixamente para a colega.

Kayla olhou para Noah e este balançou a cabeça afirmativamente, dando seu aval. Sem demora, eles deixaram o local, em companhia de Jennifer, rumo ao condomínio. No elevador, Kayla indagou o colega:

– Será que desta vez ele se recupera? Coitado! Como Ellen foi capaz disso? São revelações assustadoras!

– A verdade é sempre libertadora, Kayla. Ele é forte. Agora vamos fazer o nosso trabalho. Equipes já estão se deslocando para I-5 em busca dessa carreta. Vamos ao condomínio! Você e Jennifer seguem até a casa suspeita e eu me encarrego de Lopez – fez uma pausa, preocupado, e comentou em seguida: – Espero que John consiga chegar a tempo de salvar a doutora. Ela não merece um fim trágico! Nem ele, pois, se não conseguir salvá-la, não sei o que será do nosso amigo...

Kayla silenciou concordando com o colega e deu uma olhada para Jennifer, que não conseguia pronunciar uma só palavra.

Stefano, na central, gritou, eufórico, para John:

– Consegui! Tivemos sorte. Aqui estão o carro e o endereço.

John anotou, vestiu um colete à prova de bala, recarregou sua arma e ordenou, frio:

– Envie uma equipe para lá! – seguiu em disparada ao local.

Na sala, Kaiden olhou para Angeline sem poder esconder o espanto diante de todas aquelas revelações. Deu um passo em sua direção e desta

vez perguntou com certa ansiedade, olhando bem dentro de seus olhos e exigindo uma resposta franca:

– Quem é você? Como sabe de todas essas coisas? Isso tudo foi um plano? Por que não vieram antes? É tudo muito contraditório! O que está me escondendo? Por que eles ainda não estão aqui?

Já mais adaptada àquela terrível situação, Angeline pensou um pouco antes de responder e disse estoicamente:

– A verdade está em sua frente! Seus atos e suas escolhas deixam marcas mostrando quem realmente você é. Tudo poderia ter sido diferente, mas você fez sua opção quando desistiu de escutar sua mãe, entrando para o submundo. Eu sei que, no fundo, por vezes você se arrependeu de não a ter escutado. Você se culpa pela morte dela... – enxugou uma gota de suor que percorreu seu rosto e continuou calmamente: – Saiba que ela não tem o menor ressentimento. Há muito tempo que o perdoou e tenta ajudá-lo.

O homem, cada vez mais transtornado com o que a jovem dizia, balançou a cabeça afastando-se um pouco, meio tonto. Com o rosto desfigurado pela dor, sacou a arma que trazia consigo e, apontando para a cabeça da doutora, gritou:

– Cale essa sua maldita boca! Você não sabe nada de mim, sua bruxa dos infernos! Minha mãe era uma tola, acreditava que gente honesta pudesse sobreviver neste mundo de lobos e morreu por... – o bandido foi interrompido. Um homem abriu a porta e aos berros avisou:

– Eles estão aqui! Há um helicóptero! Estamos perdidos! Como nos encontraram? Acabamos de receber um telefonema do condomínio! Lá está tudo cercado! O que vamos fazer? Nos entregar?

Kaiden, sem tirar os olhos da doutora, berrou de volta:

– Cada um por si! Vão embora antes que os outros cheguem! Quanto a mim, eu tenho a minha passagem direta para fora daqui... – ordenou, com a intenção de confundir os federais, obrigando-os a seguir os comparsas e ficando mais livre para sair sem ser notado. Fechou, então, a porta e avançou em Angeline segurando-a com força.

O outro bandido saiu da sala e, encontrando os demais, cuspiu:

– Vamos sair daqui enquanto os outros não chegam. Vamos de carro e depois nos dispersamos – entraram em um carro preto e saíram em disparada. O helicóptero que vigiava de cima, deu início à perseguição e orientou as viaturas que estavam a caminho.

John sentia seu sangue ferver, as revelações lhe vinham à mente em cascatas. Entretanto, lutava para concentrar-se em seu trabalho. A imagem de Angeline nas mãos do bandido o impulsionava. Minutos depois, chegou ao local. Tratava-se de uma fábrica de produtos químicos abandonada. O agente escutou pelo rádio o aviso da fuga, mas sabia que esse não era o estilo de Kaiden. Parou o carro e estudou o local, esperando a chegada de uma equipe para dar cobertura. Felizmente não se fizeram esperar; em poucos minutos o local estava totalmente cercado. Sete policiais com roupas especiais se colocaram ao lado de cada porta e janela. Atiradores de

elite se ajeitavam em cima de prédios. John, assumindo o comando, pegou o telefone e fez uma ligação. O número chamado tocou quatro vezes até ser atendido:

– John Moore! Enfim nos encontramos de novo! – disse Kaiden, jocoso.

– Kaiden, você não tem como escapar. Entregue-se! Será melhor para você! – respondeu friamente.

– Não vai perguntar como *ela* está? Claro que você sabe que ainda não a matei. Ela é meu passaporte; agora vamos ver o quanto ela vale, John! Eu quero um carro com vidros escuros daqui a 15 minutos no portão de descarga. Deixe o automóvel com a porta aberta, ligado e sem ninguém me seguindo! Se você não atender à minha exigência, eu a mato e em seguida a mim mesmo – disse isso e desligou o telefone.

– Droga! Psicopata dos infernos! – John andou dando voltas, apertando os punhos e tentando pensar em algo. Chamou um colega e pediu que trouxesse o que o bandido estava exigindo. Depois chamou outro que tinha a planta do local e perguntou se havia alguma passagem pela qual ele pudesse entrar sem ser visto.

– Essa fábrica é muita antiga, está desativada há anos. Contudo, é muito conhecida por ter um túnel que sai da antiga sala de máquinas até uma galeria, debaixo de um viaduto próximo. Só não sei se ainda está ativo.

– Vamos tentar. Leve-me até lá e me oriente, pelo ponto eletrônico, por onde devo seguir – apressados, seguiram até o túnel. Constataram que o

local estava sendo usado como esconderijo por delinquentes. John trocou de celular e orientou o colega:

– Se ele ligar, diga-lhe que estou providenciando o que ele pediu e que por isso tive que me ausentar. Tenho de ser rápido e surpreendê-lo. Agora vou entrar.

– Ok. Tenha cuidado. Eu vou orientando você. Boa sorte!

John meneou a cabeça em sinal positivo e entrou imediatamente. O local tinha um cheiro terrível de urina. Com a luz do celular, o agente ia iluminando o túnel à medida que entrava. Pensando em Angeline, seu coração apertava e, pela primeira vez em sua vida, fez uma prece.

Dentro da sala, o olhar de Kaiden pairava sobre Angeline, estudando-a. Com a intenção de provocá-la, o bandido disse:

– Seu namoradinho vai fazer tudo que peço! Só tem uma coisa que ainda não entendi nisso tudo! Quem de verdade é você? Se não é uma agente, porque a mandaram para essa missão? Qual a sua função nisso tudo? A propósito, ficou bonita com esse disfarce, mas, se quiser, pode tirá-lo... Prefiro seu cabelo a essa peruca – aproximou-se e, mostrando que estava no controle, afirmou: – Doutora, eu sei tudo sobre sua vida: conheço sua avó, seu irmão... Com um telefonema posso estragar os sonhos deles! Então, por que não me conta o que está por trás de tudo isso? – andou até uma cadeira e, ainda olhando para ela, aguardou.

Angeline sentiu um frio esquisito e, olhando para o marginal, ponderou, tentando ganhar tempo e despistá-lo de sua faculdade:

– Sabe, senhor, durante a minha vida, apesar de não ser longa, aprendi que tudo só ocorre se Deus quiser. Sou cristã. Mas vou responder-lhe mesmo assim. Eu sou uma professora e também consultora econômica, portanto trabalho com números, com riscos. Isso me dá a oportunidade de avaliar coisas e também pessoas com uma precisão impressionante. Por exemplo, estudando o caso do seu cúmplice, o senhor Lopez no FBI, percebi que os federais nunca encontraram nada na casa dele, que estava sempre limpa, dificultando o trabalho dos agentes. Logo percebi que ele deveria usar outra pessoa para isso, mas tinha que ser uma pessoa acima de qualquer suspeita. Outro dia, caminhando pelo condomínio, dei de cara com uma senhora que, fisionomicamente, me lembrava alguém. Retornei para casa e, depois de muito pesquisar no arquivo do FBI, descobri que aquela senhora, era mãe de Zugno, que constava como morta. O *scanner* foi preciso. Então a ficha caiu: quem iria desconfiar de uma pobre e doente velhinha? É ela quem esconde a mercadoria.

O homem olhava para ela com ironia, fingindo admiração.

– Nossa! Posso chamar você de gênio! É impressionante! Mas por que não me convenço? Ainda acho que existe algo a mais... – aproximou-se novamente, passou o polegar pelos lábios dela segurou seus cabelos com força e, com um sorriso torto, sacolejou-a, gritando:

– Mentirosa! Pensa que está lidando com algum idiota? Eu sei que tem poderes paranormais! Se fosse à época da inquisição, seria levada à fogueira! Se eu não disse antes é porque queria mais de você!

Angeline fechou os olhos, assustada com a agressividade do homem e orando no silêncio de seu coração.

Kaiden, enfurecido, esbravejava:

– Onde estão seus poderes que não lhe salvam? Eu vou matá-la! Que Deus é esse que não salva sua filha tão dileta? Você irá se arrepender de ter entrado nisso! Vou matar você, seu namoradinho, sua avó e seu irmão, então todos irão se encontrar no céu ou no inferno! – disse isso e soltou-a com força, fazendo-a cair. O homem caminhou até o celular que estava em cima da mesa e fez uma ligação que foi atendida imediatamente:

– Prepare o avião! Deixe em ponto de decolar! Faça a rota para o México! Dentro de 30 minutos estarei chegando! – desligou e fez outra ligação, dizendo, exasperado:

– Seu tempo acabou, John! Quero tudo e quero agora ou sua amada bruxa irá morrer! – sem esperar resposta, desligou. Caminhou até uma bolsa, retirou duas roupas de bombeiro idênticas e duas máscaras, voltou-se para Angeline, jogou uma sobre ela e ordenou, ríspido:

– Vista! – depois fez o mesmo.

# 35. Frente a frente

John apressou o passo chegando rapidamente à antiga sala de máquinas. Seguindo sempre as orientações do colega, obedecia ao seu roteiro. Sobressaltou-se quando escutou seu telefone vibrar e atendeu, sussurrando:

– O que é?

– Ele disse que não vai mais esperar! O que eu faço? – perguntou o colega.

– Aguarde só um pouco! Estou quase lá!

– Ok! – desligou em seguida. Sem demora, o agente caminhou mais um pouco até chegar a uma porta que dava para um grande galpão vazio. Não escutando nenhum barulho, ele foi entrando com cuidado e seguiu para a esquerda, onde deparou com uma porta. Aproximou-se em silêncio e pôde ouvir a voz de Kaiden gritando:

– Vamos! Vista-se rápido! – John olhou dos lados e, vendo dois pilares, imediatamente se escondeu atrás de um deles, passando, então, uma mensagem de celular para o colega pedindo que liberasse o carro para a fuga do bandido. Pouco tempo depois, escutou o telefone de Kaiden tocar duas vezes e ele atender. Depois, viu a porta ser aberta e duas pessoas saírem vestidas de bombeiro, usando máscaras. A pessoa de trás empurrou com força a da frente e esbravejou: – Ande, sua molenga!

John reconheceu Angeline imediatamente e aguardou que eles se distanciassem mais um pouco. Entre um empurrão e outro, com uma arma às costas, a doutora caminhava com dificuldade; a roupa de bombeiro ficara-lhe muito grande. Sem conseguir se equilibrar, ela tropeçou na barra da calça e foi ao chão. John aproveitou a oportunidade, veio por trás e deu uma rasteira em Kaiden, derrubando-o violentamente. Agilmente, o agente se lançou por cima dele, imobilizando a mão com a qual o bandido segurava a arma, travando com ele uma batalha corporal, enquanto gritava:

– Corra, Angie! Corra!

No fundo do galpão, uma claridade rompeu a pouca luminosidade do lugar e um carro foi deixado ao lado de uma grande porta, parado, ligado e com as portas abertas. Angeline retirou a máscara e, em desespero, levantou-se com dificuldade até conseguir correr em direção à luz. Próximo a ela, John conseguiu desarmar Kaiden, retirou sua máscara e socou-o sem piedade. Em questão de segundos, outros federais adentraram no galpão fortemente armados e retiraram John de cima do bandido, que sangrava pela boca e pelo nariz. Kaiden foi colocado de pé com violência e algemado. Antes de ser conduzido, ele ainda olhou para o agente, cuspiu sangue e praguejou:

– Corno! Sua mulher chifrou você com seu primo e eu a chantageei por meses, nas suas fuças! Sabe por quê? Porque Eve nunca foi sua filha, era filha do “pegador” do seu primo! Ela chifrou você na sua própria casa e na sua própria cama! – deu uma gargalhada estridente.

John, respirando com dificuldade, sacou sua arma, levou-a à cabeça do bandido e disse, cuspindo ódio:

– Vou mandar você para o inferno, de onde você nunca devia ter saído!

– Não, John! Ele tem muito a nos contar! Morrer é pouco para ele! Na cadeia, ele terá muito tempo para tentar entender como foi que você conseguiu prendê-lo! Pense! Morrer é o que ele mais deseja! Não vamos lhe dar esse gostinho... – disse o chefe local do FBI, tentando acalmar o agente.

John ofegava. Sem tirar a arma da cabeça de Kaiden, seus olhos ardiam de ódio, traduzindo seu estado de alma. Entretanto, as palavras do diretor falaram mais alto. Lúcido, retirou a arma da fronte do marginal, deixando que o levassem. Soltou uma lufada de ar, como se estivesse sem a substância essencial à vida. Lembrando-se do que Kaiden havia falado, passou as mãos nos cabelos como se o mundo novamente caísse sobre ele. Balançou a cabeça tentando não pensar nisso naquele momento, lembrou-se de Angeline e perguntou a um colega:

– Onde está a doutora?

– Está recebendo atendimento médico, na ambulância!

Imediatamente seguiu à procura da jovem. Encontrou-a recebendo atendimento, pois sofrera um corte no momento da queda. Contudo, ao ver John, Angeline correu em sua direção atirando-se em seus braços. Feliz, abraçou-a com força, levantando-a do chão.

– Que bom tê-la perto de mim novamente, Angie! – disse em seu ouvido, sentindo um grande bem-estar em meio àquele turbilhão.

– Que bom poder estar em seus braços, John! – respondeu emocionada. Depois de longos segundos, o agente a soltou e disse, fazendo um carinho em sua face:

– Você é uma heroína, sabia? Se não fosse você, não sei como iríamos prender aquele... – calou-se para não ter que dizer um palavrão. Depois continuou falando com carinho: – Agora termine esse curativo; depois quero você longe disso tudo e segura. Vou pedir a uma agente que a deixe no apartamento e, por favor, permaneça lá. Ainda vou ter que resolver muita coisa.

Ela concordou, porém, preocupada com tudo que ele sabia, indagou sem entrar em detalhes:

– Você está bem?

Ele entendeu o teor da pergunta e respondeu sem muita vontade:

– Vou ficar bem quando resolver tudo isso! – encerrando a conversa, deu um beijo no rosto dela e saiu. Não havia se distanciado muito quando o colega aproximou-se e entregou-lhe o seu celular:

– É para você! – John pegou o aparelho do agente que estava em seu bolso e devolveu a ele agradecendo com a cabeça ao mesmo tempo em que atendia ao telefone:

– Moore!

– John, estamos muito felizes que tenha prendido Kaiden, mas temos um problema aqui. Vasculhamos tudo e não encontramos nada na casa de

Zugno nem naquela em que a doutora supostamente viu algo. Precisamos de Angeline – disse Noah, do outro lado da linha.

– Como não encontraram nada? Droga, Noah! Não queria expô-la mais, ela passou por uma experiência muito forte! – conjecturou John, como se falasse para si mesmo.

– Eu lamento, John, mas ainda é ela a nossa esperança!

– Estarei aí o quanto antes; eu mesmo vou leva-la – desligou, passou as mãos nos cabelos, voltou-se para Angeline e, sem opção, aproximou-se novamente dela e falou triste:

– Angie, eu lamento, mas tenho que levá-la ao condomínio! Será que pode cumprir mais essa tarefa?

– Para isso estou aqui, John! Podemos ir quando você quiser! – respondeu solícita. Ele aquiesceu e minutos depois estavam seguindo em direção ao condomínio. Angeline deu uma olhada para ele, que se mantinha em silêncio por trás dos seus óculos escuros, e vislumbrou a terrível confusão mental que ele vivia. Respirou fundo sentindo compaixão.

Noah e Kayla aguardavam os dois e parabenizaram-nos pelo desfecho vitorioso. Depois Kayla olhou para Angeline e questionou:

– Doutora, revistamos a casa inteira e infelizmente não encontramos nada que pudesse comprometer aquela senhora, a não ser, é claro, o fato de ela ser a mãe de Zugno, dada como morta há anos e hoje vivendo com identidade falsa. O que viu na casa?

Angeline respondeu com um pedido:

– Podemos ir até lá?

– Claro! Venha comigo! – acompanhada por Noah e John, Kayla levou Angeline até a casa. Havia dois policiais no local que, ao verem os agentes, os cumprimentaram e saíram em seguida. Ela observou o local, sentou-se em uma mesa e pediu, assumindo uma postura concentrada:

– Traga-me um objeto dessa senhora. Qualquer um.

Em questão de segundos Noah trouxe uma peça de roupa que encontrou no quarto, entregou-a e afastou-se um pouco. Angeline segurou a roupa entre as mãos, fechou os olhos e assim permaneceu por alguns minutos. Os agentes percebiam, pela fisionomia da médium, que algo não muito bom acontecia, e entreolhavam-se em silêncio. Quando finalmente Angeline abriu os olhos, disse, consternada e entre lágrimas:

– Há um subterrâneo na casa... – baixou a cabeça e, com a voz embargada e mostrando apreensão, continuou: – Há muitos jovens presos e alguns estão mortos. Eles eram usados para tráfico de gente (escravos sexuais) e "aviões" de drogas – levou as mãos aos olhos e, sem conter mais a emoção, exclamou, chorando: – Meu Deus...

Os agentes estavam surpresos. John aproximou-se da doutora e lhe fez um carinho nos cabelos, confortando-a. Kayla, com cuidado, vendo o estado de Angeline, perguntou, ansiosa:

– Você pode nos indicar como chegar lá? Vasculhamos tudo e nada foi encontrado.

Seus olhos claros, agora vermelhos, voltaram-se para a agente, ela enxugou as lágrimas, levantou-se e pediu:

– Sigam-me... – saiu em direção ao sótão da casa. Desceu umas escadas, seguiu até um dispositivo de gás e girou uma alavanca. Um barulho forte foi ouvido e uma porta surgiu em uma parede ao lado. John olhou surpreso para Noah, que imediatamente disse:

– Vou chamar reforço, não sabemos o que iremos encontrar.

John voltou-se para Angeline e disse, preocupado:

– Angie, por favor, suba agora! Daqui para frente nós assumimos. Não quero você correndo perigo de novo!

Ela fitou-o e aquiesceu com a cabeça; no fundo, era aquilo mesmo que queria, estava cansada. Sabia muito bem o que os federais iriam encontrar. Saiu com o coração opresso diante de uma realidade tão dura. Minutos depois, John e muitos outros federais abriram a pesada porta indicada pela médium e desceram mais uma escada, até chegar a um imenso corredor, parcamente iluminado, e em condições de higiene desumanas. O local era úmido, cheio de lodo e exalava um cheiro asfixiante, só amenizado por dutos de ventilação nas paredes.

Percorreram alguns metros e chegaram diante de várias portas, que foram sendo abertas uma a uma, mostrando um terrível cenário de degradação: jovens de ambos os sexos, presos a camas como animais, dividiam o pequeno espaço com a mobília, pertences pessoais, alguma comida e bebida. Ao verem as portas sendo abertas, eles recuavam feito

bichos assustados, como se de alguma forma aquela atitude pudesse protegê-los. Alguns demonstravam problemas graves de saúde e outros já haviam deixado esta existência.

Os federais iam vencendo o horror inicial e aos poucos iam dizendo a todos que eles estavam salvos e ajudando-os como podiam... Cerca de uma hora depois, o túnel estava todo isolado e os sobreviventes haviam sido levados para o hospital. Haviam sido retirados de lá 36 jovens, sendo que 9 estavam mortos e 12, em estado grave. Dentro do carro, Angeline observava o desfecho daquela operação, sentindo o corpo tremer de febre, mas, ao ver as três irmãs saírem dali com vida, as lágrimas rolaram soltas por sua face e, num raro momento de alegria, a jovem agradeceu a Deus.

– Muito bem, minha filha! Lágrimas de agradecimento são sempre benditas! – disse o indiano, mostrando-se a ela, que lhe sorriu com singeleza e agradeceu:

– Obrigada, senhor Kami!

– Esse é o bom fruto do nosso trabalho, saber que somos ponte entre os homens e Deus, apesar de todas as nossas falhas... – explicou Kami, desaparecendo em seguida.

John se aproximou de Angeline e ficou preocupado ao perceber que ela não estava bem.

– Angie, Angie! Você está com febre! – observou, colocando a mão em sua testa. Correu até Noah, disse algo e depois voltou rapidamente.

– Vamos! Vou levá-la para casa! – segurou-a nos braços já quase desfalecida e levou-a para seu carro. Jennifer juntou-se a eles e os três, em velocidade, seguiram para o apartamento. Lá chegando, John retirou os sapatos da médium, os seus e carregou-a direto para o banheiro, abriu o chuveiro e, abraçado a ela, deixou a água cair sobre eles, dizendo em seu ouvido:

– Vai ficar tudo bem... Eu vou cuidar de você... – assim ficaram longos minutos até ela começar a reagir.

– Posso soltá-la? – perguntou atencioso. Angeline balançou a cabeça desvencilhando-se do federal e segurando-se à parede. Ele distanciou-se, pegou uma toalha, enxugou-se como pôde, olhou-a e perguntou:

– Você pode ficar sozinha enquanto arrumo toalhas e uma roupa limpa para você?

Ela novamente aquiesceu com a cabeça sem dizer nada, agachou-se sentindo as pernas fraquejarem e deixou a água continuar caindo sobre sua cabeça. John logo voltou, trazendo toalhas e roupas novas.

– Precisa de ajuda para trocar-se? – perguntou, carinhoso.

– Não é necessário, John, obrigada. Posso fazer isso sozinha...

Ele ficou mais um tempo olhando para ela com carinho e depois se retirou, fechando a porta do banheiro. Longos minutos depois, trocada, Angeline saiu do banheiro seguindo para seu quarto. Jennifer entrou sem bater e, solícita, perguntou:

– Posso ajudá-la a tirar essa peruca? É supercomplicado! Eles fazem um bom trabalho! Vejo que se desfez das lentes, dos cílios e dos outros acessórios.

Angeline não estava em condições de rejeitar; sentia-se muito fraca e aceitou de bom grado a ajuda. Com muito cuidado e trabalho, a psicóloga tirou a peruca que Angeline usara como disfarce. A médium agradeceu e deitou-se ainda sentindo muito frio. John, também devidamente trocado e sem disfarce, entrou com uma xícara de chá e um antitérmico. Sentou-se ao lado dela e pediu:

– Angie, beba isso. Você irá dormir e, quando acordar, estará bem melhor!

# 36. Alguns ajustes

Angeline atendeu ao pedido dele, depois se enrolou no edredom. O federal deitou-se ao seu lado e disse, fazendo um carinho em seus cabelos:

– Prefiro assim! Eu vou ficar ao seu lado, não se preocupe. Durma e descanse... –deu-lhe um casto beijo na testa. Ela não demorou a adormecer profundamente. John fitava-a com um sentimento confuso. Não queria nem imaginar se algo tivesse acontecido. Sabia que que gostava muito dela, mas agora tinha que trabalhar em sua cabeça todas aquelas revelações a respeito de sua vida íntima para poder assumir qualquer relacionamento. Seu semblante ficou sombrio. Era tudo tão absurdamente chocante... Saber que Ellen o traía com o seu maldito primo, dentro de sua casa, em sua cama, que Eve não era sua filha, que sua esposa era chantageada por um psicopata e terrorista...

Algumas horas se passaram. John começou a escutar vozes ao fundo que, aos poucos, foram ficando mais claras, até que ele finalmente abriu os olhos. Estendeu a mão ao lado de si e tocou em Angeline, que ainda dormia. O quarto estava escuro, ele conferiu o relógio de seu celular e se deu conta de que havia dormido, já passava das 20 horas. Sem vontade de se levantar, John continuou deitado, em silêncio. Respirou fundo e reconheceu a voz de Jennifer, que explicava:

– Ele não quis sair de perto dela, depois não tive coragem de acordá-lo. John vai precisar ser bem forte para enfrentar tudo o que descobriu.

– John é forte! Amanhã teremos uma reunião; o vice-diretor está vindo para cá. Finalmente conseguimos pegar todos eles! E devemos isso tudo à doutora! – a voz de Noah denotava satisfação.

Ele resolveu levantar-se. Com cuidado saiu da cama e surgiu na sala, juntando-se aos colegas.

– Foi tudo resolvido, Noah? E a carreta? – perguntou, fingindo não ter escutado nada.

– Sim. Graças a Angeline, estão todos presos. A carreta trazia mais jovens, muitas armas e pelo menos 50 quilos de drogas variadas. Amanhã teremos uma reunião. O vice-diretor está vindo para cá. Essa ação está em todos os jornais do mundo, meu amigo, como sendo uma das mais bem-sucedidas ações policiais. A casa e o escritório de Kaiden neste momento estão sendo vasculhados; temos quase certeza de que ele cumpria ordens do irmão que é político na Irlanda – parou, olhou fixamente para o colega e perguntou: – Como está a doutora?

– Dormindo! Quando acordar, acho que estará melhor. Ela fica muito fraca... – explicou sério.

– A imprensa do mundo inteiro está noticiando – disse Stefano, lendo a reportagem de um jornal *on-line*: "O FBI desarticulou uma das maiores quadrilhas de tráfico de pessoas, drogas e ligações terroristas. Foram presas até agora 50 pessoas, entre elas Zugno Lopez, empresário no ramo de

laticínios, e um alto diretor de uma empresa de energia eólia, o irlandês Kaiden O'Kelly, que pode ter ligação com o grupo rebelde IRA. Foram encontradas drogas e pelo menos 50 pessoas traficadas. Também foi descoberto um túnel que ligava a casa do empresário, em um dos condomínios mais luxuosos da cidade, até uma fábrica de sua propriedade que servia de logística para o despache da mercadoria...".

– Graças a Deus que não mencionaram o sequestro da doutora! – exclamou Noah, interrompendo o jovem.

– Eu pedi ao diretor que não deixasse vazar nada a respeito dela – assegurou John, circunspecto.

Todos estavam felizes, apesar do cansaço visível em cada rosto.

Três dias depois, todos retornaram a Washington D. C com a sensação de dever cumprido.

Angeline notara que John, apesar de muito atencioso, estava mais distante e ela sabia bem o porquê. Resignou-se. Agora teria outros problemas com que se preocupar e sua vida financeira era um deles. O avião aterrissou suavemente. O agente sentou-se ao lado de Angeline e disse, sério:

– Eu vou deixá-la em casa. Preciso conversar com você! –ela respondeu apenas com um aceno de cabeça. Para surpresa e alegria de Angeline, sua avó e seu irmão aguardavam por ela em uma sala reservada, para onde ela se dirigiu assim que desembarcou, sem ser percebida pela imprensa.

– Minha querida, que alegria! – sua avó avançou sobre ela, abraçando-a, emocionadíssima.

– Vovó! Que bom rever a senhora! – depois Angeline olhou para o seu irmão e, com lágrimas rolando, jogou-se em seus braços, dizendo: – Michel, você está aqui!

O belo homem abraçou-a e, tirando-a do chão, rodopiou com ela, beijando-a, feliz. John, que a acompanhava, cumprimentou dona Joana carinhosamente. Ainda não sabendo se tratar do irmão dela, observou a cena com reserva, sentindo um enorme ciúme.

Joana, notando a sua reação, tratou de explicar:

– John, este é Michael, o meu outro neto!

Ele olhou para dona Joana totalmente sem graça e, tentando disfarçar a vergonha, explicou:

– Nunca vi Angeline tão feliz...

Angeline segurou a mão do irmão e apresentou-o novamente:

– John, este é meu irmão Michael.

John apertou a mão do homem cordialmente:

– Prazer em conhecê-lo!

– Você deve ser o protetor da minha linda irmã! – respondeu Michael, sorrindo bondosamente.

– Tento ser... – replicou John, simpatizando-se com o irmão da doutora.

Michael era um belo homem de 38 anos, alto, olhos verdes, cabelos castanhos; ele trazia na fisionomia uma alegria vibrante, tinha uma conversa

fácil, um humor refinado... John, notando que a doutora ela estava muito bem acompanhada, resolveu deixá-la com seus familiares:

– Angie, acho que você já está muito bem acompanhada... À noite passo em sua casa. Tudo bem para você?

– Claro, John! Estarei esperando por você! Obrigada por tudo! – abraçou-o com carinho. Ele retribuiu o abraço, detendo-a mais um pouco em seus braços, depois segurou seu rosto entre as mãos olhando-a com carinho. Consciente da forte atração que sentia pela jovem por ela, mas também das presenças em torno deles, aproximou-se e, quase tocando sua boca, beijou-lhe a face.

– Até mais tarde, Angie! – afastou-se, deixando-a com as emoções abaladas. Ela respirou fundo e, sob os olhares discretos de sua avó e de seu irmão, seguiu com eles para casa.

O dia passou rápido. Como havia prometido, à noite John foi à casa da Angeline. Joana o recebeu com a velha alegria de sempre. Em seguida, Michael apareceu, apertou a mão do agente e informou:

– Olá, John! Minha irmã está terminando o banho, daqui a pouco virá – sentaram-se e iniciaram uma conversa até Angeline aparecer na sala. Ainda com o cabelo molhado, exalando um perfume de rosas, usando um vestido preto, acima do joelho de uma malha leve, ela cumprimentou-o feliz:

– Boa-noite, John! –observou que também ele se vestia informalmente, com um *jeans* e uma camisa de malha azul que deixava marcado o seu belo físico. John beijou-a na face bem devagar e disse:

– Boa-noite, Angie! Você está linda!

Joana, percebendo que os dois precisavam conversar, tratou de tirar seu neto de cena:

– Michael, será que você pode me acompanhar ao supermercado? Não queria ir sozinha...

– Claro, vó! – aquiesceu o moço imediatamente.

Angeline, vendo-se sozinha com o federal, perguntou, tentando introduzir uma conversa:

– Você quer beber algo? Já jantou?

– Obrigado! Já jantei... – ele se divertia, percebendo que a ela estava nervosa. De repente, porém, mudou de postura, lançou-lhe um olhar intrigado e perguntou, mostrando a que viera:

– Eu não vou fazer rodeios, Angie. Preciso que me responda com sinceridade: Você sabia a respeito de Eve?

Ela entendeu imediatamente a mudança de humor do agente. Fitou-o com indulgência e respondeu com tranquilidade: – Sim, John!

– A respeito de Julian?

– Também sim.

– Desde quando?

– Desde o dia em que fui à sua casa pela primeira vez. Eu vi Ellen e, através dela, vi o Julian, mas não sabia ao certo o que aquilo significava, eu não o conhecia... Depois juntei as peças.

– Por isso que, na festa de Julian, você foi tão rude com ele?

– Em parte isso contribuiu muito.

Ele levantou-se, andou um pouco, passou as mãos nos cabelos, depois se voltou para ela e indagou, irritado:

– Por que não me contou, Angie? Por que deixou que eu fizesse papel de idiota todo esse tempo?

– John, a princípio não achei ético. Eu nem sequer sabia quem era aquele homem, até vê-lo naquela maldita festa. Depois, sua esposa estava morta e sua filha também; por que aumentar sua dor? Você já havia sofrido demais!

– E achou ético eu descobrir daquela forma? – questionou, ríspido, lançando-lhe um olhar duro.

– Não, John. Se eu soubesse que seria daquele jeito, certamente eu o teria poupado de tudo aquilo! – respondeu com tristeza.

– Droga, Angie! Você não podia ter escondido essas coisas de mim! – andou um pouco pela sala, depois se voltou para ela e, angustiado, desabafou:

– Sou um agente federal, Angie! Sou treinado para reconhecer pequenos deslizes, para perceber quando estão mentindo... e de repente descubro que minha mulher teve um caso com meu primo, dentro da minha própria casa, que minha filha na verdade não era minha filha e que minha mulher ainda era chantageada por um maldito terrorista! Como vou conviver com isso? Nem na minha maldita casa consigo mais ficar! – silenciou, mostrando no

semblante a dor que carregava, depois voltou a falar: – Como vou me deitar em minha cama de novo?

– John, eu... –tentou argumentar, mas foi interrompida bruscamente.

– Nada de John, Angie! Eu fui malditamente chifrado e, depois de tanto tempo de solidão, sofrendo por quem não merecia, a pessoa que finalmente fez meu sangue voltar a ferver mentiu para mim deliberadamente. Ou, se não mentiu, ocultou de mim talvez a verdade mais importante da minha vida!

Ela baixou os olhos sentindo toda frustração na voz dele. Respirou fundo e tentou explicar suas razões:

– O que você queria que eu fizesse? Que eu contasse para você toda essa sujeira? O que iria mudar? Se não é fácil para você, não foi para mim também! Tenho certeza de que você faria o mesmo!

– Não! Claro que não! Eu lhe contaria! Jamais iria deixá-la na ignorância de um fato como esse! Não diga o que você não sabe! Não venha usando seus poderes comigo, porque eles não funcionam comigo! – gritou, totalmente transtornado.

Angeline juntou as sobrancelhas num claro sinal de raiva e, deixando a postura calma, levantou-se e reagiu, ríspida:

– Pare já com isso! Você sabe muito bem que fez de tudo para me proteger, passando inclusive por cima da minha vontade. Pois bem! Foi isso que fiz também, tentei protegê-lo! Se você não gostou, paciência! Entendo as suas razões e acho justas, mas não me faça alvo da sua raiva.

Com um olhar sombrio, John fitou-a e, sem abrandar seu coração, indagou sarcástico:

– Tergiversando, doutora?

– Ao contrário disso! Estou sendo muito clara nas minhas colocações! – respondeu Angeline, sustentando o olhar dele.

O federal desviou o olhar, passou as mãos nos cabelos, baixou os ombros numa atitude clara de relaxamento. Voltou-se e, mais calmo, ponderou:

– Angie, eu preciso de um tempo. Tenho que acertar contas com Julian e colocar minha vida novamente nos trilhos. Quanto a nós...

Angeline não o deixou terminar:

– John, você não tem que me dar satisfação alguma. Nós não temos nada. Somos apenas amigos! Sinta-se à vontade para fazer tudo que precisa em sua vida.

O federal estreitou os olhos, confuso; a sombra de um sorriso irônico cruzou seus lábios e, com uma expressão severa, deu um passo em direção à jovem. Percebendo a atitude hostil dele, instintivamente Angeline deu um passo para trás, esbarrando na parede. John posicionou-se de frente para ela e colocou os dois braços na parede, prendendo-a. Fitou seu rosto detalhadamente, sentindo a respiração dela ofegante por causa de sua proximidade, lentamente, seus lábios tocaram os de Angeline e uma urgência se apoderou dele, como se quisesse provar algo. Segurou em sua cintura e estreitou-a em seus braços, beijando-a intensamente.

A princípio, Angeline tentou resistir, mas acabou se rendendo e retribuindo o demorado e intenso beijo. Ela passou as mãos em torno do pescoço do agente entrelaçando seus cabelos. Depois de longos segundos, eles se separaram vagarosamente. John olhou fixamente para ela e murmurou, ofegante:

– Amigos não sentem isso, doutora!

Ela não conseguiu responder, apenas escutava sua respiração alterada. Vendo que não ia ser interrompido, afastou-se e disse:

– Eu vou resolver meus problemas, Angie. Preciso de um tempo para colocar tudo no lugar certo. Minha cabeça está muito confusa!

– Tudo bem, John. Eu entendo e acho louvável você fazer isso! Mas quero que saiba que não tem nenhum compromisso comigo, não me deve nada! Eu não vou cobrar nada de você! – insistiu ela, com o coração triste, mas entendendo que era importante deixá-lo livre para refletir com calma a respeito de todos aqueles dolorosos acontecimentos.

Como John não ponderou, Angeline continuou:

– Só lhe peço uma coisa: faça o que tem que fazer, mas evite se vingar de seu primo. Tudo o que ele fez foi por inveja de você, e veja como acabou; deve ter uma vida miserável, apesar do *glamour* dos bastidores! A vida de pessoas vazias é vazia também. Você é melhor que isso! Muito melhor!

Ele fez menção de dizer algo, mas desistiu, ficou olhando para ela por algum tempo e aquiesceu. Passou as mãos nos cabelos, aproximou-se

novamente da doutora, segurou seu queixo carinhosamente e disse, angustiado:

– Até outro dia, Angeline! – beijou-a nos lábios levemente e saiu em seguida, sem esperar resposta.

As palavras morreram na sua boca ,ela não conseguia sair do lugar e sentia um vazio enorme tomar conta de sua alma. Grossas lágrimas caíram em cascatas por seu belo rosto. Com receio de que sua avó e seu irmão chegassem, seguiu até seu quarto e, sem reserva, jogou-se na cama soluçando. Era um choro de solidão, de nostalgia. Não soube quanto tempo ficou assim, até sentir seu coração e seu corpo mais leves. Sentou-se na cama ainda triste, embora ciente de que tinha feito a coisa certa, o que de certa forma, amenizava sua dor. Respirou fundo sentindo-se invadir por um agradável bem-estar e reconheceu o indiano, que a olhou sorrindo:

– Deixar alguém livre não significa perder a sua estima, do mesmo modo que estar próximo não quer dizer que se é querido. Tudo é uma questão de perspectiva... – disse Kami, calmamente.

– Eu espero que ele fique bem e que consiga encontrar a sua paz, senhor Kami!

– Todos conseguem, minha filha, de um jeito ou de outro. Alguns mais rapidamente, outros nem tanto, cada um a seu tempo.

# 37. Acertando contas

John saiu triste e cansado da casa da doutora. A confusão mental que experimentava, o fazia recuar de seu sonho de felicidade ao lado de Angeline para tentar colocar sua vida no eixo novamente. Seguiu direto para casa de Noah e, meio sem jeito, pediu ao colega:

– Será que posso me hospedar aqui por algum tempo? Não consigo mais ficar na minha casa... Vou colocá-la à venda e comprar outra. Para todos os lugares daquela casa que olho, imagino aquele canalha com Ellen. Não quero ir para casa de familiares, pois seria uma sabatina infindável!

– Claro, John! Fique aqui o tempo que precisar! É bom ter companhia... – respondeu o amigo, solícito. Ofereceu-lhe uma cerveja e indagou, curioso:

– E a doutora?

– Estive com ela há pouco... – suspirou, tomou um gole da bebida e desabafou, consternado: – Tenho que resolver isso primeiro, Noah. Angeline mexe demais comigo, mas eu tenho que me focar em acertar minhas contas com o senador e em esvaziar esse lixo dentro de mim. Se ficar com ela agora, não vou ser uma boa companhia, estaríamos começando de um jeito errado. Estou ruminando essa porcaria o tempo todo, tentando entender como pude ser tão babaca e quando foi que deixei de ser um homem para que minha esposa se entregasse ao imundo do meu

primo – passou a mão nos cabelos e arrematou: – Cara, não consigo entender isso até agora!

Noah escutava o desabafo do colega e não deixava de sentir piedade, reconhecendo ser difícil o que ele vivia.

Nas semanas seguintes, o agente trabalhava dia e noite estudando as provas que muito já investigava contra o senador Julian Moore. Buscava no trabalho o refúgio para sua angústia. Sentia falta de Angeline, por vezes pegava o telefone para ligar para ela, mas desistia, mandava-lhe apenas mensagens instantâneas e voltava ao trabalho.

Angeline, por sua vez, se concentrava em resolver seus problemas, lutando com a vontade de ligar para John, limitando-se a responder às breves mensagens enviadas por ele. Mantinha-se distante do escritório federal e, algumas vezes, pedia à sua avó que mentisse que ela não se encontrava em casa, quando recebia telefonemas.

Numa tarde chuvosa e fria, Angeline estava numa agência bancária, onde fora amortecer sua dívida referente ao empréstimo que fizera. Pretendia adiantar algumas prestações com o dinheiro que recebera de sua rescisão de contrato. O gerente recebeu-a amigavelmente e, antes que ela dissesse qualquer coisa, entregou-lhe uma carta de quitação do empréstimo:

– Parabéns, doutora, o prédio é da comunidade!

Ela recebeu o documento com a boca aberta, tamanho foi o seu espanto. Gaguejando, indagou:

– Co... Como? Eu não estou entendendo!

– Doutora, um homem esteve aqui e quitou tudo.

– Quem? Que homem foi esse?

– Infelizmente, se a senhora não sabe, eu também não tenho autorização para dizer. O importante é que o prédio agora é da comunidade. Parabéns! – disse o gerente, sorrindo para a jovem.

Ela despediu-se e caminhou, atordoada, até seu carro. Ficou algum tempo parada olhando o papel sem acreditar. Ligou o carro e foi embora, decidida. Minutos depois, estacionou em frente ao escritório federal e adentrou. Identificou-se e, segundos depois, foi autorizada a entrar. Seu coração estava disparado. Deu uma olhada no espelho do elevador e gostou do que viu: usava uma blusa básica branca que ia até o umbigo; um cinto marrom logo abaixo segurava uma saia reta preta longa, de uma malha flexível. Calçava bota marrom; no pescoço, um cachecol laranja quebrava um pouco a neutralidade das cores. Seus cabelos lisos caíam em seus ombros nus, deixando-a ainda mais bonita. Segurava com as mãos trêmulas um casaco preto e uma bolsa. O elevador abriu e ela deparou com Robert Turner aguardando por ela no *hall*, ainda em estado de convalescência:

– Doutora, que prazer eu sinto em revê-la! – disse, olhando-a com admiração.

– Que surpresa encontrá-lo tão bem, senhor Turner! – respondeu, gentil, tentando disfarçar o nervosismo.

– Obrigado! Mas ainda estou me recuperando, começando tudo de novo... – explicou.

– Eu entendo! – pousou um olhar indulgente sobre ele e, meio sem jeito, pediu: – Eu gostaria de falar com John.

– Ah, sim... Ele está em uma reunião agora, mas, por favor, aguarde na minha sala. Assim que ele estiver livre, irá recebê-la!

Por longos 30 minutos, Angeline conversou com Robert a respeito da missão e já estava até mais relaxada quando John bateu à porta, entrando em seguida:

– O senhor mandou me cha... –ele parou de falar ao ver Angeline ali presente. Seus olhos brilharam surpresos e ele só conseguiu pronunciar: – Angie...

Ela fitou-o sorrindo e cumprimentou-o:

– Olá, John!

Robert tratou de explicar rapidamente:

– A doutora veio conversar com você, John, como você estava em reunião, pedi que me fizesse companhia... – voltou-se estendendo-lhe a mão e disse feliz: – Bem, doutora, despeço-me da senhora. Foi um prazer revê-la, espero ter esse prazer muitas outras vezes!

Angeline levantou-se, apertou a mão de Robert e respondeu gentil:

– O prazer foi meu também, senhor Turner! Faço votos que melhore ainda mais.

John olhou-a de cima a baixo e não pôde deixar de admirá-la. Agradeceu ao chefe e seguiu com Angie até sua sala. Uma vez lá, acomodou-a em uma cadeira, e de frente para ela, confessou:

– Que bom revê-la! Como sempre, está linda!

– Obrigada, John! Também estou feliz em vê-lo! – respondeu com um belo sorriso, porém, lembrando-se do que a levara até ali, disse: – Estou vindo do banco e o gerente me deu este documento... Você pode me explicar o que significa? – entregou o papel ao agente que o segurou, analisou e disse sério:

– Isso significa que você não deve mais nada ao banco e que o centro comunitário agora é de todos.

– John, você sabe que não posso aceitar isso! Meu trabalho é gratuito, não posso ser paga! – explicou convicta do que falava.

– Angie, não fui eu que paguei, foi a prefeitura em nome do escritório. Muitos dos bandidos que foram presos tinham recompensas para suas prisões. Sabia que não poderia envolver seu nome, então conversei com o vice-diretor e ele, numa conversa informal com o prefeito, solicitou a verba para a compra do centro comunitário. Logo, não foi você que recebeu o dinheiro, foi o povo que você tanto ajuda. Qual o problema? – indagou calmo.

Os olhos de Angeline traduziam felicidade ao ouvir as palavras de John. A firmeza de sua voz e a lucidez de seus argumentos impediram qualquer recusa que ela pudesse fazer. Emocionada, agradeceu:

– Obrigada, John! Não sei como lhe agradecer! Foi um gesto muito bonito! Que Deus o abençoe!

Ele se levantou, deu a volta na mesa e a abraçou carinhosamente, inalando seu perfume e dizendo ao seu ouvido:

– Somos *nós* que temos que agradecer! Estava com saudades de você! – depois a liberou, fitou-a com ternura e, fazendo um carinho em seu rosto, disse baixinho: – Minha doce Angie!

Antes que a jovem respondesse qualquer coisa, Noah entrou dizendo:

– John, estamos prontos! – estancou na porta e, sem jeito, desculpou-se: – Desculpe, não sabia que tinha visitas! Como está, doutora? Que bom revê-la! – cumprimentou-a, cordial.

– Olá, Noah! Não há por que se desculpar. Eu já estou mesmo de saída... – respondeu, afastando-se e pegando sua bolsa.

– Vamos acompanhá-la, Angie, estamos descendo também! – explicou John, gentil.

Fizeram o percurso conversando assuntos triviais. Na frente do escritório, ela estendeu a mão a Noah, depois a John e despediu-se:

– Até mais, John, e, mais uma vez, obrigada!

Ele apertou a mão da jovem e disse:

– Mande um abraço para seu irmão e sua avó! Até breve, Angie! – beijou sua mão e saiu com alma renovada. Encontrou Noah no carro e disse feliz:

– Este dia está melhor do que imaginei! E vai melhorar ainda mais quando eu colocar um par de algemas naquele ordinário do Julian.

– Só espero que se apresse em resolver logo tudo isso, porque uma mulher como essa, não fica muito tempo sozinha! Ela é espetacular, meu amigo!

John olhou para o colega, fez uma careta, mas não respondeu. Deu partida no carro e seguiu, agora concentrado no que iria fazer.

Angeline despediu-se seguindo direto até seu carro; sentia-se em estado de graça. Estava dando partida quando o celular tocou, vendo que se tratava de sua avó, ela atendeu imediatamente:

– Oi, vó!

– Oi, querida. Seu primo do Brasil ligou e quer conversar com você o quanto antes. É uma proposta de emprego muito boa.... – informou sua vó.

– Daqui a pouco estarei em casa, vó, e ligo para ele. Beijo! – desligou pensativa. Suspirou, deu partida no carro e saiu.

Minutos depois, John, Noah e mais duas equipes chegaram ao gabinete do senador Julian Moore. O local fora isolado por policiais. Os muitos repórteres que estavam no local aproximaram-se rapidamente, provocando uma balbúrdia, em busca de uma entrevista. O agente adentrou sem cerimônia na sala do político. Ao vê-lo, Julian assustou-se e se levantou imediatamente, praguejando:

– Que absurdo é esse? Quem você pensa que é?

Sem parecer escutar o que o político dizia, John pronunciou em alto e bom som, dirigindo-lhe um olhar gélido:

– Senador Julian Moore, o senhor está preso sob a acusação de corrupção – dinheiro ganho em troca de favores a empresas com interesse na administração pública –, peculato e ligação com terroristas. O senhor tem direito a um advogado e tudo que o seu alto cargo possa lhe oferecer – sem pestanejar, aproximou-se do político, virou-o rispidamente e algemou-o.

O senador olhava para John visivelmente assustado, sem conseguir pronunciar uma palavra. Os demais agentes recolhiam computadores, papéis e tudo que fosse necessário como provas. John segurou o homem bruscamente e levou-o até o carro, colocou-o no banco de trás e, antes de fechar a porta, vociferou:

– Pessoas como você são a escória da humanidade!

Ao fechar a porta do carro, para sua surpresa, John não sentiu o prazer que pensara que sentiria ao fazer aquilo e lembrou-se de sua família. Deixou as impressões de lado e deu duas batidas no carro, indicando que podia seguir. No fundo sabia que estava fazendo a coisa certa.

Angeline chegou em casa e imediatamente ligou para seu primo no Brasil. Com um português razoável, conversou:

– Oi, Matheus, tudo bem? Minha avó disse que precisava falar comigo...

– Oi, Angie! Tudo bem! Sim, é verdade. É a respeito de uma proposta de emprego. Um empresário que conheci está precisando de consultoria financeira. Falei a seu respeito e ele ficou bastante interessado. O contrato é de seis meses e o salário é muito bom. Tia Joana me falou a respeito de sua

demissão, então achei que você poderia se interessar. A questão é que ele está precisando disso *para ontem* – disse uma voz grave do outro lado da linha.

– Claro que me interessa, até porque, adiei minha ida ao Brasil, mas preciso retomar minhas aulas... Eu já estava mesmo para remarcar minha ida para aí.

Joana escutava sua neta ao telefone e sabia que aquela decisão estava ligada ao afastamento de John. Observava que, mesmo disfarçando, ela sentia muita falta dele. E mais uma vez iria fugir... Contudo, não a julgou; talvez fosse melhor, já que o federal também estava precisando de tempo para ajeitar sua vida.

Três dias depois, Angeline embarcou rumo ao *país do futebol*. Suas emoções traíam sua razão, porém fora a razão que falara mais alto. Evitara contar o fato ao agente com antecedência, já que ele poderia interferir em sua decisão, decidira fazer isso apenas quando já estivesse no aeroporto, por meio de uma mensagem de celular:

"Querido John, saudade é a boa lembrança que carregamos de quem gostamos. No caso da minha, ela aumentará não só pela distância geográfica que estará maior entre nós a partir de hoje, mas, pelo fato de não poder olhá-lo mais de perto se assim o desejasse. Espero que você resolva tudo que o está incomodando e que encontre o que tanto procura. Isso tudo é para dizer-lhe que neste momento estou embarcando para o Brasil. Recebi

uma proposta de emprego e aceitei. Mudanças de ares, mas as flores continuam a perfumar. Você é muito importante para mim! Beijos".

Seus olhos cheios de lágrimas denunciavam o quanto estava sendo difícil para ela. Depois de enviar a mensagem, desligou o celular imaginando que John iria ligar para ela. Suspirou e seguiu seu caminho pelo corredor de embarque.

Ele estava em sua sala quando recebeu a mensagem e seu rosto ficou lívido ao ler seu conteúdo. Imediatamente ligou para a jovem, mas a ligação caiu na caixa postal.

– Droga! Droga! – ligou para a casa de Angeline e, quando sua avó atendeu, perguntou de pronto, sem cumprimentá-la nem identificar-se.

– Dona Joana, em qual aeroporto Angie está? – a senhora, reconhecendo a voz do agente, respondeu imediatamente. Ele agradeceu, desligou, levantou-se, pegou seu paletó e saiu em disparada sob os olhares surpresos de alguns colegas. Entrou no carro, ligou a sirene e saiu voando em direção ao aeroporto indicado.

# 38. Novos ares

O federal correu como louco até chegar ao aeroporto. Para sua tristeza, viu no painel que o voo já tinha partido havia dez minutos. Passou as mãos nos cabelos e suspirou, exasperado:

– Por quê, Angie? – mordeu os lábios demonstrando o quanto estava contrariado. Sentou-se, pegou seu celular e respondeu à mensagem:

"Fugindo, doutora? Como sempre! Acho que não posso cobrar nada, afinal somos apenas 'amigos'... Então, como amigo, espero que tenha êxito em seu novo trabalho. Mudanças de ares?! Espero que façam bem a você. É verdade, as flores continuam a perfumar e os seus espinhos a perfurar (sem querer fazer aliteração). Seja feliz, Angie!".

Ele enviou a mensagem, colocou o celular no bolso do paletó e foi embora praguejando, prometendo que iria dar um jeito de esquecer Angeline.

Dois meses depois, John acabara de chegar à casa de Noah, onde ainda estava instalado. Observando que o colega conversava com alguém na porta de entrada, e sem querer incomodar, estacionou na lateral da casa e ligou para ele do celular:

– Noah, tudo bem se eu entrar, ou você está querendo privacidade?

– Tudo bem, John. A visita é para você... – respondeu o colega.

– Para mim? Estou descendo... – Ao entrar em casa, ele viu uma jovem loira muito bonita; olhos claros, corpo esguio, vestida elegantemente, que trazia na mão uma pasta executiva. Noah tratou de apresentá-la:

– John, esta é a corretora da imobiliária que você contatou.

John voltou-se e cumprimentou-a, gentil. Ela piscou para ele com graciosidade e disse:

– Bárbara Rodson! Desculpe ter vindo sem avisar; na verdade, eu tentei falar com o senhor ao telefone, mas não consegui, então resolvi arriscar.

– Não tem importância, senhora. Por favor, vamos entrar.

A mulher sentou-se no sofá, meio intimidada por estar diante de dois belos homens, mas, adquirindo um ar profissional, fitou o agente e disse:

– Senhor Moore, a imobiliária me passou o tipo e o valor da casa que deseja. Eu trouxe aqui alguns modelos e suas respectivas localizações. Mas gostaria de também agendar um dia para ir conhecer a casa que o senhor pretende vender. Eu já dei uma olhada por fora e confesso que gostei muito, principalmente do local. É um bairro muito bom, tenho certeza de que não haverá muito problema em conseguir um bom preço, mas tenho que ver por dentro. Consta na ficha que pretende vendê-la mobiliada. É isso mesmo?

– Sim, é isso mesmo. Não quero ficar com nenhuma mobília. Bem, prefiro ver as casas pessoalmente. Amanhã tenho um horário livre às 16 horas; se estiver bom para a senhora... – sugeriu sério.

– Por mim está ótimo! – respondeu a corretora de pronto, abrindo um sorriso. Levantou-se, estendendo a mão a ambos e despediu-se:

– Estarei esperando em sua antiga casa amanhã, pontualmente, às 16 horas! Boa-noite!

– Boa-noite, senhora!

John, ao se ver sozinho com o colega, voltou-se e observou:

– Nossa, que sorte! Ela é uma gata!

Noah sorriu, sem, no entanto, fazer qualquer comentário, depois lhe entregou uma cerveja e disse, observando-o atentamente:

– A doutora ligou.

Mais que depressa, indagou curioso:

– O que ela falou?

– Bem, ela me convidou para uma pequena comemoração que haverá no centro comunitário amanhã à noite, por causa da conquista do prédio.

– Então ela voltou? – tornou a perguntar, ansioso.

– Não. Ela disse que quem estará à frente do evento será a avó dela. Disse também que ligou para você, mas, como você não atendeu, deixou uma mensagem.

– Eu não vi nada. Meu celular descarregou, vou dar uma olhada... – conectou o celular e, minutos depois, leu a mensagem:

"Oi, John, saudades! Queria muito te pedir que comparecesse a uma pequena comemoração no centro comunitário, amanhã às 20 horas. Entre em contato com minha avó. Todos querem agradecer-lhe pelo nobre gesto. Espero que esteja tudo bem com você. Beijos".

Ele fechou o celular e ficou pensativo. Noah indagou, curioso:

– Não vai responder? Aliás, você não quis falar com ela desde que ela viajou. Posso saber por quê?

– O motivo é um só: ela vai viver a vida dela e eu, a minha.

– Não gosta mais dela, é isso?

– Bem que eu queria que fosse assim. Ela mexe mais comigo do que eu desejaria, posso ainda sentir o seu cheiro, o seu corpo em meus braços... – silenciou, passou as mãos nos cabelos e finalizou: – Mas não vou correr atrás de ninguém, Noah! Hoje não mais.

Noah ficou em silêncio, não querendo polemizar com o amigo. Por fim, perguntou:

– Você irá amanhã?

– Não sei. Amanhã eu resolvo.

– Sua família ainda está com raiva de você por causa da prisão do Julian? – mudou de assunto o colega.

– Ainda. Eu não me importo. Deixem que façam seus próprios julgamentos! Acham que tenho inveja daquele canalha! Não sabem da missa um terço e não serei eu a contar. Que morram com suas certezas! – exasperou.

O centro comunitário estava todo enfeitado. Recebera uma pintura nova. No alto, contornando portas e janelas, luzes de fada cercavam todo o local, deixando-o com um aspecto mágico. Pequenas lanternas de cordas redondas de aspecto rústico ajudavam na decoração do salão principal, onde estavam dispostas mesas com alvas toalhas e um belo arranjo marfim e violeta. Aos

poucos, todas as mesas foram sendo preenchidas. Noah, Kayla, Robert, Abby, Stefano e Jennifer se faziam presentes, impressionados com o ambiente. Uma música instrumental tocava ao fundo e garçons serviam bebidas e comidas.

– Noah, onde está o John? – perguntou Robert, intrigado.

– Ele deve estar chegando. Como o senhor sabe, ele está vendendo a casa, então marcou com uma corretora no final da tarde de hoje... – respondeu Noah, tentando justificar a ausência do amigo, no fundo, tinha receio de que ele não aparecesse, o que poderia magoar dona Joana e Angeline, quando esta ficasse sabendo. Minutos depois, para seu alívio, John chegou ao local e juntou-se a eles.

Ele olhou em volta e não pôde deixar de sentir falta de Angeline. Sentiu-se vazio, imaginando-a ali ao seu lado, sorrindo... John foi retirado de seu devaneio quando uma mão pousou delicadamente em seu ombro. Voltou-se instintivamente e, com alegria, reconheceu dona Joana. Levantou-se imediatamente, beijou-lhe as mãos e depois a fronte.

– Que bom vê-lo novamente, meu filho! – disse a senhora, sorrindo.

– Também estou feliz em revê-la, dona Joana.

A avó de Angeline cumprimentou os demais que estavam à mesa e, a pedido do agente, sentou-se com eles.

– Como está a doutora no Brasil, dona Joana? – perguntou Robert, interessado.

– Muito bem. Ela assumiu a função e está trabalhando muito. Lamentou por não poder estar aqui hoje, mas, mesmo distante, fez questão de acompanhar todos os preparativos. Foi ela que planejou tudo isto e, com a ajuda de valorosos amigos, ficou maravilhoso! – respondeu, emocionada. Retirou, então, seu celular de uma bolsa de mão que carregava e mostrou, orgulhosa: – Vejam! Ela mandou uma foto do seu novo escritório e de alguns funcionários, numa pequena comemoração de aniversário de um membro da equipe... – estendeu o celular e mostrou a todos.

Ao ver a Angie impecavelmente vestida em um terninho azul-marinho, John sentiu a saudade invadi-lo. Ao fundo do amplo escritório, dava para apreciar a bela vista através de grandes janelões de vidros, porém seus olhos estreitaram-se ao observar um belo homem alto, negro, ao lado de Angeline, segurando em sua cintura e olhando para ela com indisfarçável admiração. Ele fechou a cara imediatamente e devolveu o celular a dona Joana, sem uma palavra.

Diferente do colega, Jennifer, ao ver a foto, perguntou imediatamente:

– Quem é esse belo homem ao lado dela? Acho que a doutora já tem admiradores! Que local lindo! Em que andar ela trabalha?

Joana não deixou de observar que o agente ficara com ciúmes, mas não podia se furtar a responder às perguntas da psicóloga:

– Esse é o diretor administrativo da empresa, o chefe dela. Os demais são todos funcionários. Ela trabalha no vigésimo terceiro andar. Essa vista atrás é uma das muitas e belas praças que existem em São Paulo...

Joana foi interrompida por uma voz masculina que vinha do palco montado para algumas apresentações artísticas, dando início às festividades da noite. Um grande telão mostrou um pequeno documentário com fotografias de como tudo começara até o presente momento. Em algumas fotos, Angeline e Joana apareciam ajudando. Ao final, surpreendendo a todos, Angeline apareceu na tela dando um depoimento, no qual dizia de sua alegria por fazer parte de tudo aquilo, de sua tristeza por não poder estar presente, e agradecia a todos, especialmente ao agente John Moore.

John tentou esconder a emoção que sentiu ao escutar o que Angeline dissera a seu respeito. Para sua alegria, as atenções de todos foram desviadas com o início das apresentações artísticas dos alunos de música e instrumentos musicais. O federal pensou, no silêncio do seu coração:

"Quando eu encontrá-la, Angeline, você vai me pagar por tudo que está me fazendo passar, com juros e correções... Por essa saudade louca que estou sentindo, pela falta que me faz...".

Um mês depois, John vivia um momento de grande ansiedade, pois, enfim, seu primo ia ser julgado. No tribunal, tenso, ele ouviu a pergunta de Noah:

– Nervoso, amigo?

– Um pouco, Noah, mas estou confiante. Trabalhei duro nisso e acredito que temos provas suficientes para condená-lo. Desta vez o senador vai pagar pelos muitos crimes cometidos... – afirmou, convicto.

– Sim, mas o que a doutora falou é verdade: Não foi encontrado indício algum de que ele soubesse quem era realmente Kaiden, nesse aspecto, ele está limpo. Mas o idiota cometeu muitos outros crimes – disse Noah.

– Ela nunca erra!– concordou John, depois arrematou: – Mas foi nesses outros crimes que eu me foquei. E o próximo será o psicopata do Kaiden.

No Brasil, Angeline trabalhava dia e noite como forma de esquecer a saudade que sentia de casa e de John. Por várias vezes tentara entrar em contato com o agente depois da mensagem que recebera dele, porém todas haviam sido frustradas. De qualquer forma, ela ficara feliz em saber, por intermédio de sua avó, que John fora ao centro comunitário e que sempre ligava para falar com dona Joana.

Ela estava gostando muito de seu novo ambiente de trabalho. O fato de o brasileiro ser um povo prestativo e muito hospitaleiro vinha ajudando-a em termos de convivência com as pessoas. Sua sala era ampla, com uma bela mesa de madeira de lei, alguns sofás de *designer* moderno na cor branca e preta; um quadro enorme de um pintor brasileiro, conhecido por usar cores fortes e vibrantes, alegrava o ambiente profissional, tornando-o menos pesado. A sala era ladeada de janelas de vidro enormes, com uma vista deslumbrante para uma bela praça da cidade. Sob a orientação de Kami, uma vez por semana prestava auxílio a um pequeno centro espírita que lhe fora apresentado por sua secretária. Angeline escondia de todos a sua faculdade, ficando mais ligada aos trabalhos sociais da instituição. Três

dias por semana, à noite, ela dava aula como professora convidada para o mestrado em uma das muitas universidades da cidade.

Estava de saída do trabalho, já passara de sua hora, quando escutou uma batida à porta para logo sem seguida seu chefe entrar, no seu terno impecável, com um sorriso de orelha a orelha.

– Ainda por aqui, Angeline?

– Eu já estou de saída! – disse, pegando sua pasta executiva.

– Posso convidá-la para um jantar informal?

– Desculpe, não vou poder aceitar... Já marquei com meu primo; acho que ele até já está me esperando. Obrigada pelo convite! – mentiu, tentando escapar do belo homem. Ela sabia muito bem quais eram as intenções do chefe e, apesar de achá-lo muito atraente, não queria envolvimento algum com ele.

– Será que algum dia irá aceitar? – perguntou o homem, flertando.

A doutora, meio sem jeito, não respondeu, apenas sorriu e olhou para o relógio: – Queira me desculpar senhor, mas tenho que ir agora.

– Eu a acompanho até o estacionamento... – assim saíram, mantendo uma conversa agora mais profissional. Antes de chegar ao seu carro, seu celular tocou; vendo que se tratava de sua avó, Angeline atendeu imediatamente:

– Oi, vó! Tudo bem?

– Angie, meu bem, estou ligando para confirmar meu voo. Devo chegar aí amanhã à noite. A previsão é de 22 horas.

– Meu Deus, vó, que notícia maravilhosa! Estarei aguardando. Boa viagem e venha com Deus!

– Oh, querida, obrigada. Fique com Deus!

Angeline desligou, em estado de graça. Estava com tanta saudade da avó! – deu partida no carro, ligou o som, sintonizando uma música de Marisa Monte, intérprete brasileira que ela adorava, e saiu cantarolando de felicidade.

# 39. No Brasil

O julgamento do senador Julian Moore demorou horas. Para alegria da equipe do FBI, o senador foi condenado a oito anos de prisão em regime fechado, por crimes de corrupção.

O político, ao passar pelo primo, fulminou-o com o olhar e disse entredentes:

– Canalha! Isto não termina aqui. Você sabe que vou recorrer. Já você... Para você não tem saída, priminho querido: vai ter de conviver para sempre com a dor de ter sido chifrado!

John lançou-lhe um olhar glacial e, estoicamente, respondeu-lhe:

– Por várias noites eu me segurei para não ir até você e matá-lo ou pelo menos lhe dar uma boa surra. Hoje, nem gastar meu verbo com você eu quero mais. Amei minha ex-esposa e minha filha, sim porque Eve sempre vai ser *minha* filha! Já você... Você nunca teve nada de seu de verdade. Você não passa de uma sombra ruim de suas próprias ações – saiu altivo, com a sensação de dever cumprido.

Noah, ao entrar no carro com o colega, disse, batendo em seu ombro:

– Parabéns, John! Realmente aquele homem não vale nem o nosso desprezo.

O agente olhou para o amigo e disse, vislumbrando algo em sua mente:

– Fico pensando... Pessoas que têm a faculdade mediúnica que Angie possui, podem ver além da matéria. Imagino que possam ver, acompanhando Julian, uma corja de espíritos da pior espécie. Esse estudo é fascinante, Noah! Uma vez Angie me disse, que tudo que esse maldito fez foi por inveja, e que a vida de pessoas vazias é vazia também. Sabe, se Ellen estivesse viva, eu não sei qual seria minha reação. Hoje, nem sei se tenho qualquer sentimento por ela... Tudo o que tenho de bom agradeço à minha doce paranormal que me deixou. Mas uma hora ela vai ter que voltar...

– A doutora como sempre está certa! – ponderou Noah. Fitou o colega e disse com cuidado: – Isso merece uma comemoração! Eu e Kayla vamos sair hoje à noite, queremos que venha conosco.

Os lábios de John esboçaram um sorriso e ele disse feliz, dando partida no carro:

– Nossa, conseguiu, enfim, conquistar a Kayla? Nunca que eu vou segurar vela pra vocês! De jeito nenhum!

– Você não está saindo com a corretora? Leve-a! – sugeriu o colega.

– Não, Noah. Eu e a Bárbara temos apenas um lance casual, não quero dar-lhe falsas esperanças – explicou John.

O colega não quis contestar, sabia muito bem o porquê daquilo.

Um mês depois, John estava em sua sala, revisando provas do caso Kaiden, quando Noah adentrou, ofegante. O agente perguntou curioso:

– O que aconteceu?

– Acabei de escutar do Fred que o Brasil solicitou três agentes daqui para ministrar alguns cursos lá, e adivinha em que cidade? – explicou, tentando recuperar o fôlego.

– São Paulo?! Você tem certeza? – indagou John, ansioso.

– Absoluta! E ele disse que vai falar com Turner, porque tem interesse em ir.

John levantou-se imediatamente e, como Noah suspeitava, disse, saindo da sala em disparada:

– Só se for por cima do meu cadáver!

John seguiu até a sala de Robert com o coração batendo forte, bateu à porta e, sem esperar resposta, entrou, encontrando Fred já conversando com o chefe. Robert olhou curioso para ele e perguntou com um ar de riso, desconfiando do que fosse:

– Alguma urgência, John?

– Sim, senhor! Eu estou sabendo que o Brasil solicitou, junto à embaixada, três agentes... Gostaria de me incluir! – respondeu sério, olhando para o chefe.

Fred olhou surpreso para ele, mas não disse nada. Voltou-se para Robert e declarou:

– Bem, senhor, isso é tudo, obrigado – saiu em seguida.

Robert aquiesceu com a cabeça, depois se voltou para John e perguntou:

– Por que quer ir, John?

O agente fitou o chefe e respondeu, tentando convencê-lo:

– Eu queria voltar ao país e oferecer a eles minha ajuda. Da última vez em que estive lá, gostei bastante. É um belo país, senhor!

– Sei. Você sabe em qual cidade será? – indagou o chefe, fingindo acreditar.

– Sei, sim. Em São Paulo.

– Essa não é a cidade em que a doutora está?

– Sim, senhor – respondeu John, evitando o olhar do chefe.

– Suponho que isso *não tenha nenhuma influência* sobre essa sua repentina vontade de retornar ao Brasil, não? – indagou irônico.

– Eu preciso mesmo responder isso? – devolveu sério.

Robert olhou-o por alguns segundos, depois lhe respondeu com um breve sorriso nos lábios.

– Pois você está com sorte, John. Ao receber hoje o telefonema, eu já havia pensado em você, Noah e Kayla. Vocês devem partir daqui a cinco dias. Tudo bem pra você? Normalmente os preparativos levariam mais tempo, mas eles pediram em caráter de urgência. E eu acho que o escritório está devendo a vocês um prêmio, depois daquela missão. E esta é uma ótima oportunidade de trabalho que vocês fazem por merecer. Isso naturalmente renderá prestígio e uma razoável gratificação aos três. Por favor, comunique aos demais; caso eles não aceitem ou não possam, por favor, avise-se imediatamente. Depois faremos uma reunião para esclarecer o que especificamente vocês farão lá.

– Tudo bem, vou avisá-los. Obrigado, senhor! – saiu da sala e um sorriso iluminava seu rosto, enquanto pensava: “Agora, vamos acertar nossas contas, Angeline!”.

Cinco dias depois, John, Noah e Kayla desembarcavam no Brasil. Era quase final de tarde de uma quinta-feira, a cidade de São Paulo estava fria, caía uma neblina insistente. Eles foram recebidos por agentes federais e um representante da embaixada americana no Brasil. Depois, foram levados a uma sala onde eram aguardados pela delegada federal que ficaria encarregada dos agentes na cidade. A mulher de aproximadamente 40 anos aproximou-se, simpática, e cumprimentou os três com um inglês impecável.

– Sejam bem-vindos ao Brasil, senhores! Eu sou a delegada Carmem Aguiar e ficarei responsável pelos cursos que os senhores irão ministrar para delegados civis e policiais militares aqui em São Paulo. Recebemos do escritório de Washington D.C a lista de materiais e os equipamentos de que irão precisar, estão todos devidamente providenciados.

Os dois agentes não deixaram de admirar a beleza da delegada; loira, cabelo liso quase na cintura, olhos cor de mel, alta – se bem que o seu salto ajudava –, dona de um sorriso cativante e de belas formas. John cumprimentou-a cordialmente:

– Obrigado, senhora! Estamos felizes em voltar ao seu belo país.

Kayla observou os olhares de encantamento dos dois colegas em direção à mulher e não deixou de se aborrecer. Em voz baixa, enquanto se encaminhavam para o carro, voltou-se para Noah e perguntou irônica:

– Aceita um lenço?

Ele franziu a testa sem entender a que ela se referia.

– Para enxugar a baba que está caindo! – explicou, aborrecida.

Noah riu, percebendo que ela ficara enciumada, mas não disse nada. Os federais foram levados a um hotel de luxo da cidade, sendo alocados em quartos separados no mesmo andar. A delegada gentilmente informou:

– Amanhã um carro estará à disposição de todos a partir das 8 horas. O agente Rezende ficará responsável por isso. Todas as refeições podem ser feitas no restaurante daqui mesmo, se o desejarem. E se quiserem conhecer mais um pouco a cidade, é só avisar. Espero que desfrutem da estada e desta bela cidade. Posso ajudá-los em mais alguma coisa?

– Sim, gostaria de pedir um favor, senhora – John retirou um papel do bolso de sua calça *jeans* e perguntou: – Pode escrever para mim o endereço desta universidade?

A delegada leu o papel e respondeu gentil:

– Claro! E, por favor, nada de *senhora*, pode me chamar de Carmem. A propósito, sem querer ser curiosa, pretende ir à universidade ainda hoje?

– Sim. Pretendo apenas descansar um pouco, ainda tenho bastante tempo, já que só vou precisar sair às 20 horas.

– Posso lhe dar uma carona. Estou fazendo pós-graduação nessa universidade. Você só precisa me informar qual é o setor aonde quer ir e terei satisfação em levá-lo.

– Que bom! Muito obrigado! Vou me informar direitinho a respeito disso e às 20 horas estarei aguardando-a. Até mais tarde! – despediu-se e tomou o rumo de seu quarto. No seu amplo e confortável apartamento, o agente olhava a bela paisagem da janela e tentava imaginar como seria o seu encontro com Angeline. Ainda podia sentir o cheiro da jovem e isso o espantava. Suspirou, seguiu até a cama, retirou os sapatos, deitou-se e, pensando alto, disse:

– Como você está Angie?! Já faz quase seis meses desde que pedi aquele tempo... – a sombra de um mal-estar cruzou seu rosto. Ficara chateado com a forma como ela partira; sabia que Angeline nutria fortes sentimentos por ele, e às vezes não entendia por que ela lutava contra isso. Ainda pensando alto, arrematou: – Se ainda nutrir esses sentimentos, não vou deixar barato, doutora. Vou lhe dar uma boa lição! – sorriu, lembrando-se do último beijo que haviam trocado.

Cerca de uma hora e meia depois, John acordou com o telefone do seu quarto tocando insistentemente. Olhou para o relógio e, assustado, atendeu:

– Moore!

– John, eu e Kayla estamos descendo para jantar. Você vem também? – perguntou Noah.

– Claro Noah! Eu dormi... Vou tomar um banho e me junto a vocês daqui a 20 minutos – pulou da cama e foi direto para o banho. Escolheu uma calça *jeans* preta, uma camisa básica branca e uma jaqueta preta. Quinze minutos depois, estava pronto. Antes de sair, porém, pegou seu

celular, acessou um número em seus contatos, fez uma ligação, conversou por uns dois minutos, anotou algo em um pedaço de papel e saiu em seguida sorrindo.

Noah e Kayla o aguardavam no restaurante do hotel. O lugar era grande e com uma vista fantástica, já que ficava rodeado de janelas de vidro que deixavam à mostra a bela cidade à noite, com seus enormes arranha-céus e um tapete de luzes brilhando do alto. À chegada do agente, Kayla olhou-o, admirada, e brincou:

– Vestido para matar, John? Isso tudo é para a doutora?

– Isso tudo o quê? Estou normal! – respondeu sem querer especulação.

– Pelo que vejo, a delegada não mexeu tanto assim com você... Parece que ainda continua um a zero para a doutora... – ironizou a colega.

– Do que ela está falando, Noah? – perguntou John, fingindo inocência.

– Ciúmes, meu amigo! Ela disse que nós ficamos babando pela delegada... – respondeu Noah, sorrindo.

– Estamos bem encaminhados... Já está sentindo ciúmes do seu namorado? Muito bem, Kayla! Mas tenho que confessar: a delegada é mesmo de parar o trânsito! Faz jus à fama da mulher brasileira! E o melhor, não vi nenhuma aliança no dedo dela... – provocou, dando uma olhadela para Noah, que não parava de dar risada.

– Já observou até isso, John? Quero ver você sustentar isso na frente da doutora! – rebateu Kayla, de bom humor.

– Kayla, sou um agente do FBI, vejo tudo!

– A propósito, como vai encontrá-la? – indagou Noah, curioso, mudando de assunto.

– Através de minha parceira, dona Joana. Ela está aqui no Brasil há algumas semanas e combinei tudo com ela. Angie não sabe que estamos aqui. Farei uma surpresa. Acabei de confirmar, ela está na universidade dando aula... – explicou sorrindo.

Os três jantaram conversando animadamente e deliciaram-se com a boa culinária do hotel. Um pouco antes das 20 horas, John, Noah e Kayla desceram à recepção do hotel para aguardar a delegada, que não se fez esperar. John e Noah trocaram um breve olhar à chegada de Carmem Aguiar. Ela estava ainda mais bonita, vestindo uma calça de couro preta colada, uma blusa de seda verde-folha de mangas compridas e uma bota preta de salto e de cano curto. Seus cabelos soltos e um batom vermelho nos lábios deixaram a mulher extremamente sensual.

– Boa-noite! – cumprimentou-os, calorosa.

– Boa-noite! – John cumprimentou-a, cordial.

Kayla segurou com força a mão de Noah, que sorriu e, gentil, beijou-a na fronte, cumprimentando a delegada com discrição, o fato não passou despercebido pela delegada que se voltou para John e convidou-o:

– Podemos ir?

– Claro! – despediu-se e seguiu a mulher até seu carro de luxo.

Carmem não deixou de admirar o belo homem ao seu lado e, querendo saber mais a seu respeito, indagou:

– Posso chama-lo de *você*, não? Você é muito jovem para ser chamado de senhor...

– Por favor! Chame-me de John! – respondeu, sorrindo com simpatia.

– Bem, então, John, se não for muito inconveniente, posso saber o que vai fazer na universidade?

– Vou fazer uma surpresa a uma amiga muito querida... – respondeu, calmamente. – A propósito, aqui está o local exato – pegou o papel e entregou-lhe. A delegada leu e disse, sorrindo:

– O Departamento de Economia fica próximo ao meu – depois tratou de mudar de assunto, conversando sobre a cidade, sobre as belezas naturais do Brasil e sobre o curso que os agentes iriam ministrar.

# 40. Apenas um olhar

Angeline não desconfiava de nada. Sua avó havia combinado com John de não falar nada a respeito com sua neta; fizera isso porque torcia muito pelos dois. Ela estava em um anfiteatro, ministrando a aula por meio da exibição de um vídeo.

A delegada fizera questão de levar John até a sala, mais por curiosidade do que por gentileza.

– Bem, segundo o que você me passou, esta é a sala. Vamos conferir... – abriu a pesada porta e deu passagem ao agente. A sala estava escura, uma tela gigante projetava imagens de gráficos e números. O local tinha uma arquitetura similar à dos teatros gregos; o espaço era semicircular, no centro ficava o palco e os assentos eram dispostos em ordem decrescente, de modo que todos ouviam e viam sem problemas. Angeline, com uma caneta a *laser*, explicava os pontos dos gráficos com os números descritos.

O agente estava tão ansioso, que ficou aliviado com o fato de o ambiente estar escuro, assim pôde visualizar a bela mulher que alimentava seu coração havia alguns meses, sem ser visto por ela. Tentando se livrar da delegada, disse-lhe, baixinho:

– É ela! Obrigado pela gentileza!

Carmem sorriu e despediu-se, também em voz baixa:

– Que bom! Até amanhã, John – saiu sem esperar resposta, observando o olhar de admiração que ele lançara à suposta amiga.

John se sentou na última fileira no alto, de onde podia ver Angeline explicando inteligentemente cada ponto, ele sentia seu coração bater mais forte.

Angeline vestia uma saia envelope preta um pouco acima dos joelhos, uma blusa de alça de seda com estampa de oncinha, um *blazer* bege e um *escarpin* preto, seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo. Sem desconfiar da presença de mais um espectador na plateia, ela perguntou:

– Alguém tem alguma dúvida ou alguma colocação a fazer?

John não entendeu, já que ela falava em português, mas, deduzindo que ela fizera essa pergunta, indagou em inglês, em alto e bom tom:

– Eu tenho uma dúvida, doutora!

Todos imediatamente se voltaram para ele, mesmo no escuro. Angeline, ao escutar aquela voz, sentiu seu sangue sumir, olhou imediatamente para o alto e indagou, nervosa, em inglês:

– Quem falou?

– Eu! – respondeu ele sorrindo e levantando a mão. E arrematou: – Posso perguntar?

Reconhecendo que se tratava mesmo de John, Angeline respondeu, tentando disfarçar a emoção:

– Sim, pode.

Decidido, o agente continuou:

– O que merece uma pessoa que, inicialmente, omite verdades, depois, camufla fatos e, por último, abandona, digamos assim, *um amigo*?

Ela ficou parada no centro do palco, olhando para o local de onde vinha a voz de John e sentindo seu olhar sobre ela, queimando-a por dentro. Tentando não parecer nervosa, respondeu:

– Essa é uma longa discussão, uma vez que se trata de uma questão de semântica... – enquanto falava, caminhou até a parede ao lado e acendeu as luzes, olhando em seguida para a figura do belo homem sentado, confortavelmente de pernas cruzadas, com um sorriso nos lábios, olhando-a enigmaticamente.

Os alunos estavam em silêncio, olhando para os dois, ao passo que estes pareciam não mais notar a presença deles. De repente um aluno brincalhão quebrou o silêncio, sugerindo:

– Não vai apresentar seu amigo, doutora?

Ela se voltou para o jovem, constrangida, consciente de que boa parte de seus alunos falava inglês, e respondeu, enrubescida:

– Claro! Aquele é John Moore, agente especial do FBI! – houve um ligeiro burburinho na sala e o mesmo aluno disse, em inglês:

– Bem-vindo ao Brasil, John!

John, que não havia tirado os olhos de Angeline, voltou-se para o rapaz, deu um belo sorriso e agradeceu:

– Obrigado. É bom estar no Brasil!

– Veio prender os bandidos brasileiros? Aqui tem muitos e em todas as classes! – comentou outro aluno irreverente, também em inglês.

O agente, sem perder a graça, respondeu, olhando para garoto:

– Não. Tenho certeza de que a força policial daqui é bastante competente para isso.

Angeline tratou de acabar com o *show* e encerrou a aula:

– Muito bem, acho que ninguém tem nenhuma dúvida sobre a aula. Boa-noite a todos e até a próxima semana!

Em meio a sorrisos maliciosos, os alunos foram deixando o local. Algumas alunas passavam por Angeline e diziam sorrindo:

– Doutora, ele é um gato!

– Boa-noite para vocês também! – respondia também sorrindo.

Angeline fitou o agente, que continuava sentado, e explicou:

– John, eu já subo. Só vou pegar meu material... – virou-se e seguiu até uma mesa, controlando a emoção. Com as mãos trêmulas, foi guardando o material dentro de sua pasta de couro. Sem que ela percebesse, ele levantou-se e caminhou em silêncio até onde ela estava, aproximando-se dela, perguntou:

– Posso ajudá-la?

Angeline virou-se imediatamente, examinando-o através de suas longas pestanas, sorriu nervosa e, sem conter a vontade, tomou a iniciativa e abraçou-o. Ele retribuiu, estreitando-a ainda mais, sentindo o seu perfume

característico, percebendo que nada do que sentia havia mudado, a mesma sensação boa de estar em casa continuava, e disse ao seu ouvido:

– Angie... Angie... – lentamente soltou-a, mantendo, porém, as mãos em sua cintura.

– O Brasil lhe fez bem. Você está com o aspecto mais feliz, mais bonita!

Nervosa, Angeline respondeu, sorrindo:

– Posso dizer o mesmo de você! Há pouco deixou tanto moças quanto senhoras, suspirando... Meu Deus, eu não sabia que seu humor estava tão irreverente!

– Nem eu! Mas admita: você nunca iria imaginar eu aqui! Eu pensei que você fosse cair de costas diante dos seus alunos! – respondeu, gracejando. Depois assumiu um olhar intenso, levou uma mão ao rosto dela e tocando-o levemente disse: – Estava com saudades, Angie!

Antes de responder, eles foram interrompidos por um chamado já próximo a eles.

– Doutora, desculpe interromper, mas posso levar o equipamento? – perguntou um senhor, meio sem jeito.

– Claro, seu Lauro, por favor! – respondeu, separando-se do agente. Ela também tratou de terminar de arrumar suas coisas e saiu da sala na companhia de John. Curiosa, indagou:

– Mas agora me fale a verdade! O que o senhor faz aqui no Brasil? Tenho certeza de que não foi para me ver que veio!

– Você quer dizer que não foi *apenas* para vê-la. Acertou: vim com Noah e Kayla ministrar cursos para delegados e policiais civis e militares na sede da Polícia Federal aqui de São Paulo. Amanhã, faremos somente palestras sobre segurança e tecnologias. A partir de segunda-feira, começa o curso propriamente dito – explicou.

– Que bom que vieram todos juntos! Da última vez, vieram agentes de escritórios de vários estados.

– Acredito que nos convocaram por causa daquele nosso último trabalho que, com a ajuda de *uma certa pessoa*, foi um sucesso total. A propósito, o imprestável do senador foi condenado a oito anos! – disse, fechando o semblante instantaneamente.

– Cada um tem o que procura! – afirmou sem querer tecer mais comentários, sabendo que aquele assunto mexia muito com ele.

– Tudo para gente ruim é pouco! – praguejou.

Ela silenciou e, mudando de assunto, indagou curiosa:

– Como chegou até aqui?

Ele fitou-a com um sorriso malicioso nos lábios e disse:

– Sou um agente do FBI, doutora, como não... – e mais uma vez foram interrompidos, só que dessa vez por uma voz feminina, chamando por John. Era a delegada, que imediatamente explicou:

– Desculpe-me incomodar, mas esqueci de entregar-lhe isto – passou ao agente um aparelho de celular e continuou: – Achei melhor oferecer a vocês

um telefone com um *chip* daqui mesmo, caso precisem entrar em contato. Na agenda tem o telefone da sede, do agente Rezende e o meu.

John guardou o aparelho no bolso da jaqueta e agradeceu:

– Obrigado pela gentileza! – depois olhou para Angeline e fez as apresentações: – Angie, esta é a delegada federal Carmem Aguiar, que está nos auxiliando. Carmem, esta é a doutora Angeline Lewis.

Angeline cumprimentou Carmem com gentileza, sem, no entanto, deixar de notar o olhar investigativo da delegada sobre ela.

– Olá! Prazer!

– Prazer, doutora. É americana também? – indagou Carmem, curiosa.

– Nasci aqui, mas fui criada nos Estados Unidos.

– Fala muito bem o português – elogiou a delegada.

– Minha avó é brasileira – explicou.

– Está explicado então. Bem, boa-noite e até amanhã, John!

– Boa-noite, Carmem! – despediu-se o agente.

Quando a mulher se retirou, Angeline ironizou, visivelmente chateada:

– Bem, agora descubro quais as qualidades de um "agente do FBI". Meu Deus, você mal pisou em solo brasileiro!

– Eu não fiz nada! – levantou os braços, sorrindo.

– Claro que não! Homem algum faz! – saiu em direção ao seu carro.

John sorriu, divertindo-se com a cena de ciúmes. Seguiu-a até o carro e, procurando descontrair, disse, entrando do lado do carona:

– Estou passando por um teste de ferro: ser conduzido por mulheres no trânsito!

– Eu dirijo muito bem! – rebateu, enchendo o carro com uma bela canção erudita e dando partida.

– Eu nunca vi uma mulher que dissesse o contrário! Mas posso saber para onde a senhora está me levando?

– Para seu hotel. A propósito, onde você está hospedado? Você já jantou? – brincou.

– Vai me levar para o hotel? Você deve estar de brincadeira! Olhe que eu ligo agora mesmo para minha amiga delegada e peço para ela vir me buscar e me levar a algum lugar bacana... Sim, eu já jantei...

Angeline não respondeu; estreitou seus olhos numa clara atitude hostil, olhando-o firme. Ele não disse nada, apenas deu risada. Minutos depois, ela mostrava, explicando ao agente:

– Esta aqui é a famosa Avenida Paulista, o centro econômico e cultural da capital. Ela abriga muitos restaurantes, eventos culturais...

O agente admirou os belos arranha-céus, as lojas, os restaurantes, observando a intensa vida noturna da cidade. Angeline continuou mostrando outros pontos turísticos conhecidos da bela cidade: Catedral da Sé, Teatro Municipal, Estação da Luz, Parque Ibirapuera... John se sentia feliz por estar ao lado de Angeline. Parecia que sua vida adquirira cores novas. Perscrutava-a discretamente, contendo a vontade de tomá-la nos

braços e beijá-la, pois, desconfiando que ela também quisesse isso, pretendia castigá-la um pouco, adiando esse momento.

– Infelizmente, hoje só posso lhe mostrar de dentro do carro, mas, se você quiser, prometo neste final de semana fazer um *tour* com você. Há locais belíssimos aqui e parques maravilhosos. Quero lhe mostrar o Museu do Futebol, a Casa das Rosas, o bairro da Liberdade... Nossa, tem muita coisa pra ver!

John respondeu, provocativo:

– Eu vou adorar estar em sua companhia aqui no Brasil, Angie! – levou uma mão ao encosto do banco da jovem e fez um carinho em sua nuca; depois, sem que ela pudesse esperar, puxou o elástico que segurava o seu rabo de cavalo, deixando seus cabelos caírem sobre seus ombros:

– Prefiro assim... – disse.

Angeline engoliu em seco; seu rosto enrubescera, seus olhos tinham assumido um brilho especial e seus lábios haviam ganhado um sorriso de satisfação, em fração de segundos, parecia que uma corrente elétrica percorrera seu corpo. Ela permaneceu em silêncio, com medo de que suas pernas e sua voz lhe traíssem. John, estudando suas reações, perguntou:

– O que você vai fazer amanhã à noite?

– Amanhã irei ao centro. Estou frequentando um centro espírita pequeno. Todas as sextas à noite, nós levamos alimentos, roupas e outras coisas para doação a moradores de rua. Começamos por volta de 20 horas,

sem hora para terminar... – examinou a expressão desolada do agente e arrematou: – Acho que você não iria apreciar...

– Por que fala isso? – questionou, curioso.

– Você está aqui a trabalho e num momento de folga é justo que tenha lazer. Talvez Kayla e Noah queiram sair com você... – arranjou uma solução, já que não sabia bem o que responder.

Ele então lhe fez outra pergunta:

– Para onde está me levando agora?

– Para minha casa. Minha avó ficará muito feliz em vê-lo. Ela gosta muito de você, John! – sorriu com naturalidade.

– Eu também gosto muito dela. Ela é uma das poucas pessoas com quem consigo ficar à vontade – confidenciou.

Minutos depois, Angeline adentrou em um condomínio de apartamentos de luxo, em um bairro nobre da cidade, dirigindo até sua garagem no subsolo. Desceram e seguiram direto aos elevadores; ela apertou e aguardou. Olhou para ele e sorriu, fazendo menção de dizer algo, contudo seu sorriso morreu ao ver que, logo atrás de John, seu chefe surgia feito uma visão do além.

O agente percebeu e, discretamente, olhou em volta, notando um homem que se aproximava. Voltou o olhar para ela examinando suas reações e concluiu que ela estava desconfortável. John estudou o homem minuciosamente, sem que este percebesse.

– Boa-noite, Angeline! Que prazer encontrá-la! Meu elevador deu um problema... – explicou.

– Boa-noite, senhor! Elevadores sempre dão problema! – respondeu.

Depois se voltou para John e apresentou-o, em inglês:

– John, este é o diretor da empresa em que trabalho, Marcos Ferreira. Senhor, este é um grande amigo norte-americano, John Moore.

Os dois homens se olharam fixamente, estudando-se, e apertaram-se as mãos com firmeza.

– Prazer! – disse o federal, imperturbável.

– Prazer! – respondeu Marcos, com ar de aborrecimento. Depois, tentando aplacar o silêncio que caíra entre os três, perguntou, dirigindo-se a John em um inglês perfeito: – Está a passeio?

– Não. Vim fazer alguns reposicionamentos e a trabalho – respondeu, encarando o homem seriamente e passando-lhe algum tipo de recado velado, pois não havia gostado da maneira como ele olhava para Angeline.

O diretor sentiu-se meio intimidado pela firmeza do agente e, voltando-se para Angeline em uma atmosfera mais intimista, questionou-a:

– Já pensou a respeito na minha proposta, Angeline?

– Não, senhor, ainda não, mas garanto que quando for a hora certa irei dar-lhe minha resposta – respondeu, assumindo uma postura mais profissional, uma vez que ele fazia questão de trata-la mais informalmente.

– Espero que considere minha proposta com muito carinho.

– Fique certo de que o farei!

Nesse instante, o elevador chegou e todos adentraram em silêncio. Angeline apertou o 15º andar e em seguida apertou a cobertura para o diretor, que agradeceu com um sorriso. O silêncio caiu sobre eles, cada um podia escutar o som da sua própria respiração. John era o único a dissimular muito bem os sentimentos. O agente reconhecera que o homem era o mesmo da foto que vira no centro comunitário, percebera que ele estava interessado em Angeline, porém notara que ele não era correspondido. Isso o aliviara e dera-lhe a segurança de que precisava.

O elevador chegou ao 15º andar e a porta se abriu. John voltou-se para o homem, despediu-se, em seguida colocou a mão na cintura de Angie e puxou-a para fora. Angeline, surpresa com a atitude dele, deu apenas um sorriso para o diretor e seguiu-o rapidamente.

# 41. Lixo mental

John, no *foyer* do apartamento, sem soltar a cintura de Angeline, perguntou:

– Por que ele a incomoda, Angie?

– Impressão sua, John! Tenho com ele apenas uma relação profissional, não gosto de ficar íntima – respondeu, dirigindo-se à porta do seu apartamento.

Ele aceitou a resposta, depois olhou em volta e assobiou admirado com o luxo do local. O *foyer* não era grande, tinha uma poltrona na cor bege, um belo tapete, um centro com alguns pequenos artesanatos de excelente bom gosto, uma bela planta ao lado do estofado e, na parede, um quadro de uma paisagem urbana noturna. Nas laterais da porta principal, luminárias davam um charme especial e um toque de requinte ao local. Angeline disse sorrindo:

– O apartamento pertence à empresa. Vem com o *pacote*.

– É um por andar? – indagou.

– A partir deste andar, sim. Nos andares abaixo, são dois apartamentos por andar.

– Isso significa que você é uma funcionária *top de linha*, doutora – brincou.

Angeline não respondeu, abriu a porta e deu passagem ao agente, que novamente admirou o belo apartamento. Eram três grandes salas com varandas muito bem decoradas nas cores bege e branco. No fundo, uma cozinha muito funcional com uma ilha de mármore para seis pessoas; três luminárias em comprimentos diferentes davam ao ambiente um toque de modernidade. Plantas, quadros, esculturas e iluminação eram um capítulo à parte.

– Nossa, Angie, de muito bom gosto o local! – repetiu admirado.

Nesse momento, dona Joana surgiu num corredor, feliz ao ver o agente:

– Meu filho, que satisfação reencontrá-lo! Bem-vindo!

– A satisfação é minha, dona Joana! – abraçou a senhora com carinho e beijou-lhe a fronte.

– Se você quiser ficar aqui conosco, será uma grande alegria, não é, Angie? – sugeriu sua avó, com sinceridade.

– Claro, vó! Eu ia mesmo convidá-lo, John! – disse a doutora, meio sem jeito.

– Agradeço às duas, mas, infelizmente, não posso aceitar o convite. Eu, Kayla e Noah temos que estudar o que iremos passar no dia seguinte, por isso é importante que estejamos reunidos para traçar as estratégias – explicou.

Dona Joana aceitou a desculpa e, para surpresa inclusive de sua neta, foi à geladeira, de onde tirou um vinho branco, mostrando-o ao agente:

– Nós não temos o hábito de beber, mas, sabendo de sua chegada, olhe o que comprei! Não sou conhecedora de vinhos, mas o rapaz da loja me garantiu que este é muito bom.

– O quê? A senhora já sabia da vinda de John, vó? Eu devia ter percebido que isso era uma conspiração... – reclamou Angeline, gracejando.

John lançou-lhe um olhar triunfante, caminhou até Joana, beijou-lhe as mãos com carinho e agradeceu:

– É por isso que eu a amo, dona Joana! – segurou o vinho e comentou, feliz: – Um dos melhores! Agora vamos agradecer essa gentileza bebendo-o! – habilmente, abriu a garrafa, despejou um pouco em um cálice, saboreou e disse, maravilhado: – Um verdadeiro néctar dos deuses!

Os três sentaram-se na varanda e, com uma conversa animada, não observaram o tempo passar. De repente John olhou para o relógio e, pulando da cadeira, disse:

– Tenho que ir embora. Amanhã, ou melhor, mais tarde eu ligo para você. Você chama um táxi? – pediu, gentil.

– De jeito nenhum! Vou levar você! Seu hotel fica bem próximo daqui – replicou levantando-se.

– Não, Angie! Está tarde e é perigoso! – rebateu rapidamente.

– Aqui o senhor não manda! Minha avó irá conosco... – disse ela decidida, pegando a bolsa e dirigindo-se à porta. Ele aceitou a contragosto e seguiram pelas já desertas ruas da cidade. John não se esqueceu de anotar o número do celular de Angeline. Minutos depois, chegavam à entrada do

hotel. Antes de descer do carro, John aproximou-se da doutora, segurou-a pela nuca e, bem próximo a ela, disse:

– Eu quero vê-la amanhã! Eu ligo! – beijou-a lentamente dos dois lados da face bem próximo à boca, depois, com a sombra de um sorriso nos lábios e com promessas não ditas, despediu-se: – Boa-noite, Angie!

Angeline bem que tentou, mas as palavras não saíram. Aquiesceu com um aceno de cabeça olhando-o, sentindo o seu hálito doce de vinho e acreditando por segundos, que iria ser beijada. Quando o federal saiu, ela fechou os olhos, tentando recuperar o controle, escutando-o despedir-se de sua avó, que passou para o banco da frente. No fundo Angeline sabia que John estava tentando provocá-la e tinha que admitir que ele era bom nisso, pois, a vontade que sentira de beijá-lo quase a fizera sucumbir.

O dia voou. Já passavam das 18 horas e John ainda não havia ligado. Ela deixava seu escritório quando seu celular, enfim, tocou.

– Alô!

– Como foi o dia de minha paranormal preferida? – indagou John com uma voz cativante.

– Muito bem, graças a Deus! E o seu? Deu tudo certo?

– Tudo certo! Cheguei há pouco no hotel. Fomos dar uma volta pela cidade. Kayla e Noah vão sair à noite com o agente que está nos auxiliando; parece que vão a um local chamado Vila Madalena e insistem que eu os acompanhe. Resolvi atendê-los, mas com uma condição: quando terminar o seu trabalho voluntário, você vem se juntar a nós! Depois, vamos embora

juntos. Estou pensando em passar o final de semana com vocês duas, no seu apartamento. Tudo bem para você?

– Tudo bem, John! Assim que eu terminar o trabalho, ligo pra você e você me fala direitinho o local escolhido. Há tantos barzinhos na Vila Madalena...

– Então, combinado! Até mais tarde!

Horas depois, Angeline, juntamente com sua avó e mais 12 membros do centro espírita, dava início ao trabalho social da noite. Era enorme a quantidade de pessoas que dormiam nas ruas por diversos motivos, a maioria por causa do uso de drogas. Boa parte desses infelizes era composta por jovens que haviam deixado suas casas por não conseguir conviver mais em família, pelo uso frequente de entorpecentes de todo o tipo. Muitos não viam qualquer familiar havia muitos anos.

Essa realidade, infelizmente, faz parte da vida de inúmeras famílias que veem seus filhos tragados pelas muitas drogas ilícitas e lícitas, que aniquilam o maior bem do homem: a liberdade de escolha. O dependente, em muitos casos, perde totalmente a capacidade de eleger um caminho melhor para sua vida, e, acompanhado por inteligências não visíveis, torna-se presa fácil de agentes das sombras.

Angeline, através de sua mediunidade, atestava, em muitos casos, verdadeiras simbioses fluídicas entre encarnados e desencarnados. Era um cenário aterrador. Com a ajuda silenciosa de Kami, a jovem tentava sanar algumas influências, ajudando ambas as partes. Era um trabalho no qual

Angeline desprendia muita energia, e o fazia de modo que ninguém percebesse o que via nos dois planos da vida. Apenas o presidente da casa espírita e sua avó, conheciam o seu trabalho silencioso.

Já fazia mais de quatro horas que os voluntários estavam nas ruas quando deram por encerradas as atividades da noite. Angeline ofereceu carona a quatro trabalhadores, deixando um a um em suas casas. Quando pediu à sua avó que ligasse para John enquanto dirigia, já era mais de meia-noite. No local marcado, aguardavam por ela, fazendo companhia ao federal: Kayla, Noah, Rezende e a delegada, que se juntara a eles.

Angeline desceu do carro e cumprimentou a todos. John, ao vê-la, aproximou-se beijando-lhe a fronte e deixando a mão propositalmente em sua cintura, mantendo-a perto de si. Ela desconfiou que aquele gesto fosse um aviso para a delegada, que o fitou visivelmente incomodada, voltando-se em seguida para Angeline e examinando-a de cima a baixo com aspecto de reprovação. Ela vestia *jeans*, tênis e uma blusa branca com o logotipo da tarefa: duas mãos unidas segurando o planeta com a inscrição: “Amor, o único remédio”. Os cabelos presos em um rabo de cavalo deixavam à mostra os seus belos olhos verdes. O que a delegada não podia saber é que a médium atestava todo o sentimento que ela descarregava naquele momento. Fios cinza, pretos e vermelhos saíam de Carmem e dirigiam-se a Angeline com velocidade. Com ajuda de Kami, esses fluidos eram filtrados, e, sob a orientação dele, a doutora tratou de sair de lá o quanto antes, pois já

começava a sentir mal-estar. Entrou no carro e, em silêncio, foi dirigindo rumo à sua casa.

John observou que Angeline estava muito séria e concentrada e voltou-se para trás, pedindo ajuda a dona Joana, que, balançou a cabeça e fez um gesto de silêncio com a mão. Ao estacionar o carro em sua vaga, ela saiu o mais rápido que pôde, dirigiu-se a um depósito de lixo, abriu-o e vomitou muito. Intrigado, John fitou Joana ao seu lado e fez menção de ir até lá, mas foi contido pela senhora que disse, baixinho:

– Fluido ruim! Ela vai ficar bem! – Joana aproximou-se e entregou à neta uma caixinha de lenços. Angeline limpou-se, respirou fundo e voltou, ainda pálida.

John fitou-a com preocupação, passou as mãos no rosto frio da jovem e perguntou:

– Você quer que eu a leve nos braços?

– Não, não é necessário. Obrigada!

Carinhosamente, ele beijou sua fronte, passou a mão em sua cintura abraçando-a e levou-a até o elevador. Angeline não impôs resistência, descansou sua cabeça no peitoral forte do federal aspirando seu perfume e sentiu-se bem. Já no apartamento, ela seguiu direto para o banho, mas o mal-estar ainda se fazia presente. Vestiu um vestido leve e, tentando aplacar os sintomas, deitou-se um pouco e, sem querer, adormeceu profundamente.

Estranhando a demora da neta, Joana foi até ao seu quarto e constatou que ela dormia. Cobriu-a com carinho, depois seguiu para a sala e contou a

John, levando-o à cozinha:

– Angie adormeceu sem querer! Ela só melhora quando dorme.

– Dona Joana, esse trabalho não deveria fazer bem? Por que ela ficou mal? – indagou confuso.

– Acredito que não tenha sido por causa do trabalho que isso se deu. Normalmente ela fica cansada porque desprende muita energia, mas hoje foi feita uma limpeza. Ela deve ter absorvido muitos fluidos ruins ou, como chamamos, muito "lixo mental", e não foi no trabalho, meu filho... – explicou.

Ainda confuso, John levou um tempo tentando analisar as palavras de dona Joana e voltou a questionar:

– Será que esse lixo mental saiu de mim, por causa do ambiente?

– Embora você possa ter ficado impregnado de fluidos mais pesados, não acredito em hipótese alguma que o lixo mental tenha saído de você. Acho que, no caso, foi do *conjunto da obra*... – respondeu, com sinceridade. Percebendo que o agente não parecia satisfeito com sua explicação, ela tentou se fazer entender:

– John, o trabalho de Angie é muito relevante. Ninguém pode ver, mas, nesse pouco tempo aqui no Brasil, ela já ajudou muitos filhos de Deus! Cada visita que ela faz às ruas, com sua faculdade, auxilia tanto os encarnados como os desencarnados. Fora isso, sem os holofotes da publicidade, ela ainda assiste algumas famílias. Ela ficou responsável, recentemente, por cinco irmãos de uma mesma família, permitindo que

essas crianças voltassem a estudar. Estou falando isso para que você entenda um pouco o mundo da minha neta. O estudo e o trabalho, no caso dela, são imprescindíveis.

Ele ouviu com interesse e, por prudência, preferiu abster-se de qualquer comentário. Aceitou a correção sem contra-argumentar. Meio sem jeito, explicou:

– Dona Joana, eu gosto muito de sua neta! – hesitou, mas, por fim, continuou: – Ela é muito importante para mim e me faz muito bem! Eu quero ter a oportunidade de ampará-la, de protegê-la e quem sabe lhe dar um pouco desse amor que ela transmite a tantas pessoas... Eu pedi aquele tempo porque queria vencer sentimentos ruins que haviam se formado em mim. Não queria que ela fosse válvula de escape, estava confuso. Ainda hoje me pergunto: por que Ellen fez aquilo? Sempre tão amorosa, carinhosa... Como ela deixou aquilo acontecer? Mentiu deliberadamente! Eu fico me perguntando, como pude me enganar tanto em relação a uma pessoa? E olhe, se não fosse Angie, acho que eu estaria bem pior... Foi o sentimento que sinto por Angeline que me ajudou a enfrentar essa situação tão absurda para mim.

– John, às vezes a melhor coisa é não ter as respostas imediatas. Sua esposa por algum motivo deixou-se levar pelo erro, mas isso não faz dela uma pessoa sem coração. O erro atesta a nossa incapacidade de lidar com nossas falhas, que são temporárias. Um dia, todos aprenderemos o certo e não mais erraremos! Eu tenho certeza absoluta de que minha neta também o

ama, e faço muito gosto nesse relacionamento, porque tenho um carinho especial por você e sei que o seu sentimento por ela é verdadeiro! – dona Joana colocou um prato de salada na frente do agente e pediu, sorrindo, mudando bruscamente de assunto: – Por favor, me faça companhia, odeio comer sozinha!

Mesmo sem vontade, em respeito, considerou o pedido da avó de Angeline e comeu a deliciosa salada de folhas verdes com tomate, palmito e atum. Depois de conversarem mais um pouco, seguiu até o quarto a ele reservado, tomou banho, deitou-se e ficou pensando na conversa que tivera com dona Joana, até que adormeceu.

# 42. Novos ajustes

John acordou sobressaltado, sentou-se na cama com a respiração alterada, olhou para o relógio e constatou que eram 4 horas da manhã. Havia dormido pouco mais de duas horas apenas. Sentindo um gosto amargo na boca, foi até o banheiro e escovou os dentes duas vezes. Decidiu seguir até a cozinha; estava com sede, em consequência das bebidas que ingerira na noite anterior. Sem sono, caminhou até a sala, sentou-se numa bela cadeira reclinável, girando-a no sentido da porta de vidro da varanda, e lá permaneceu, refletindo em sua vida e no sonho que tivera havia pouco, enquanto contemplava a cidade acordar.

"Como perdoar alguém que fez da sua vida uma mentira, envolvendo a própria filha? Será que Ellen gostava pelo menos um pouco de Julian? Ou teria se tornado sua amante somente pelo fascínio que lhe causavam o dinheiro e a vida luxuosa do meu primo? Eu não consigo entender, por mais que me esforce! Como não percebi? Não vi sinais, não vi nada! Droga! Não posso ficar ruminando isso o resto de minha vida! Acabou! Tenho que pensar no agora, e meu agora está dormindo bem próximo a mim. Eu a amo demais... Amo o seu cheiro, o contato de seu corpo, o seu toque, a sua generosidade, a sua inteligência... Não posso nem imaginar algum babaca, como aquele chefe dela, tocando-a!" –ele dobrou-se por sobre os joelhos,

passando as mãos nos cabelos, contraindo o rosto, inquieto com os pensamentos.

Em seu quarto, Angeline acordou sentindo muita fome; olhou para o relógio que havia sobre o criado-mudo e viu que eram 4h30 da manhã. Observou que havia um recipiente térmico ao lado do relógio. Sorriu, comovida, sabia que aquilo era coisa de sua querida avó. No recipiente havia um sanduíche natural, que Angeline, mais que depressa, comeu com vontade. Depois seguiu até o banheiro, escovou os dentes e lembrou-se de John, havia adormecido sem ao menos falar com ele.

– Ele vai entender... – disse para si mesma, olhando-se no espelho. Voltou ao quarto, trocou o vestido por uma camisola longa de seda com renda branca, por cima da qual vestiu um *robe* igualmente de seda e seguiu até a cozinha para beber alguma coisa gelada. Já estava voltando para o quarto quando vislumbrou, na penumbra, John sentado, olhando fixamente para a noite, que se despedia dando lugar ao amanhecer. Sorriu, aproximou-se dele e o chamou a certa distância:

– John!

Ele rapidamente se voltou, ficando de pé e encarando-a, surpreso.

– Perdeu o sono? – indagou Angeline, observando o agente de pés descalços, vestindo uma calça de moletom cinza e uma camisa azul-marinho.

– Acho que sim... – respondeu ele em voz baixa. – Você está melhor? – indagou, preocupado.

– Estou. Acordei com fome e sede. Ontem adormeci sem querer... – explicou.

Os olhos do agente brilhavam enquanto observava a jovem detalhadamente. Por fim indagou, quebrando um pouco a emoção:

– Angie, quero lhe pedir desculpas! Acho que posso ter feito mal a você ontem! Acredite, não foi intencional!

– Do que você está falando? A última coisa que você faz na vida é mal para mim! – respondeu convicta.

Ele fitou-a com um brilho de satisfação nos olhos e disse, com voz provocativa, sem esconder um sorriso malicioso:

– Bom saber disso, doutora... – silenciou. Estudando a sua reação, soltou: – É tão bom estar com você de novo, Angie! Senti muito a sua falta! Você não deveria ter me deixado!

Ela sentiu a atmosfera mudar e ondas elétricas atravessaram seu corpo em fração de segundos. As palavras de John lhe deram a coragem a que antes não se permitira. Não conseguiu falar e, sem tirar seus olhos dos olhos dele, deixou os seus sentimentos aflorarem sem reservas. Venceu a pouca distância que os separava, jogou-se em seus braços e o beijou apaixonadamente.

Ele retribuiu com a mesma intensidade. Trouxe-a para bem perto de si, estreitando-a em seus fortes braços e beijando-a profundamente. Longos segundos depois, os dois afastaram-se um pouco, com as respirações

alteradas. John acariciou suavemente os cabelos de Angeline e disse, com ternura e gratidão:

– Angie, você é minha panaceia! – tocou os lábios da jovem com o polegar e novamente a beijou demoradamente. Notando que a resistência antes imposta por ela a si mesma havia sido derrubada, ergueu-a nos braços sem esforço e levou-a até o quarto dela.

Joana acordou bem disposta. Nunca acordava depois das 8, mas nesse dia dormira até as 9 horas da manhã. Levantou-se, fez sua higiene, trocou-se e resolveu ir ver se sua neta estava melhor. Observou que a casa estava em silêncio, deduzindo que todos ainda dormiam. Devagar, abriu a porta do quarto de Angeline e entrou, estacando ao ver o casal dormindo abraçado. Dona Joana levou a mão à boca, sorriu e saiu de lá o mais rápido que pôde. Seguiu, então, até a cozinha e fez o seu café matinal. Com uma xícara na mão, entre um gole e outro, olhando para o vazio, disse, com um sorriso divertido nos lábios:

– A noite de ontem foi muito longa e animada! Bem, espero que sejam felizes para sempre! Eles merecem! – depois adquiriu uma postura mais séria e orou: – Que o Senhor possa protegê-los, ajudando-os na sua missão! Agora posso morrer em paz!

Angeline acordou duas horas depois e viu um par de olhos verdes mirando-a, sem que o dono deles desse qualquer pista sobre o que estaria pensando. Ela sorriu timidamente.

– Bom-dia, senhora! Dormiu bem? Vejo que está com uma aparência excelente! – comentou, divertido, o federal.

Angeline notou que ele já se levantara, pois seu hálito era de creme dental. Sem responder, ela saltou da cama, dirigindo-se ao banheiro para fazer também sua higiene. Minutos depois, ao voltar, encontrou-o deitado de costas, com os braços cruzados sobre a cabeça, as pernas esticadas também cruzadas, sem camisa, vestindo somente a calça de moletom. Ela sentou-se ao seu lado na cama e disse, irônica:

– Acredito que o beneficio foi estendido ao senhor... Parece que dormiu com os anjos!

Ele sorriu e, sem que ela esperasse, puxou-a, trazendo-a para o outro lado da cama, o que a fez soltar um grito. Aprisionou-a em seus braços e pernas e disse sorrindo:

– Dormi com uma *anja* linda, de cabelos vermelhos, que ontem à noite me seduziu!

– Isso é totalmente questionável, senhor!

Ele sorriu e beijou-a apaixonadamente. Os dois foram interrompidos por batidas à porta. Ela olhou para ele e disse, atônita:

– Minha avó!

– Ela já esteve aqui mais cedo... – informou John, descontraído.

– Como você sabe?

– Porque a vi, mas fingi que estava dormindo...

Ela levantou-se e foi abrir a porta, meio sem jeito.

– Oi, vó, bom-dia!

– Bom-dia, querida! Não quero atrapalhar, mas estou de saída. Hoje é o aniversário de sua tia. Esqueceu? – perguntou a senhora.

– Esqueci, vó! Ainda tenho que comprar presente! Aonde a senhora vai? – questionou.

– Vou passar o dia com ela, já que fiquei de ajudá-la nos preparativos do jantar de hoje à noite. Esqueceu também que hoje ela vai comemorar com um jantar? Angie, sua memória está pior do que a minha! Bem, mas é uma ótima oportunidade de você apresentar seu namorado. Não é, John? Bom-dia! – indagou a senhora sorrindo e piscando para a neta.

– Com certeza, dona Joana. Estou ansioso para conhecer o resto da família. Bom-dia! – respondeu sorrindo, ainda deitado na cama.

Angeline também sorriu e, mudando de assunto, indagou:

– Será que eu poderia convidar Noah e Kayla para esse jantar, vovó? A propósito, a senhora vai sozinha à casa da tia Joice?

– Não, querida. Ela está vindo me buscar. Acredito que não deva haver problemas, só vou informá-la de que mais um casal estará presente. Bem, bom-dia a vocês e comportem-se! Até mais tarde, meu bem! – beijou a neta no rosto e saiu.

Angeline se levantou, deu uma rápida olhada no relógio e comentou:

– Já está quase na hora do almoço! Agora entendo por que estou com tanta fome! E ainda preciso lhe mostrar a cidade, ligar para Kayla e Noah e comprar um presente para minha tia.

John puxou-a, fazendo-a cair novamente na cama, e disse malicioso:

– Então, vamos começar por onde paramos para não atropelar esse planejamento... – beijou-a novamente.

A tarde passou rápido. Depois de almoçarem, fizeram um *tour* por alguns pontos turísticos da cidade, retornando ao apartamento no final da tarde.

– John, vou ao cabeleireiro aqui no condomínio mesmo e depois vou comprar o presente de minha tia... – aproximou-se, envolveu o pescoço dele, beijou-o nos lábios levemente e prometeu: – Vou tentar ser rápida!

Segurando-a pela cintura, John retribuiu o beijo e disse:

– Vou aproveitar que não tenho a sua presença para me distrair trabalhando um pouco.

– Muito bem, faça isso! Deus ajuda quem trabalha! – saiu sorrindo.

Quase três horas depois, Angeline entrou afobada, pois tinha demorado mais do que esperava. O federal estava na ilha da cozinha, sentado, consultando o *laptop*. Fitou-a e ponderou, confuso:

– Eu pensei que você estivesse fabricando um novo cabelo e você vem assim? – apontou os bobes que seguravam boa parte dos cabelos da doutora.

Ignorando o leve tom de repreensão, ela respondeu-lhe, apressada:

– Eu também senti sua falta! Mas agora teremos que nos apressar se não quisermos nos atrasar. Minha tia mora em uma cidade próxima, na verdade em um distrito muito charmoso, de arquitetura inglesa: Paranapiacaba. Fica

em cima de uma serra, portanto é friozinho lá. A que horas ficamos de passar no hotel?

John, sem levar muito em consideração o que ela falava, aproximou-se, puxou-a pela cintura prendendo-a em seus braços e disse, beijando-lhe o pescoço:

– Eu não sei se estou disposto a perdoá-la por ter me deixado sozinho tanto tempo! Isso não se faz! Apesar de estar lindamente maquiada!

Ela sorriu e disse ao seu ouvido, abraçando-o:

– Como posso me desculpar?

Ele estreitou seus olhos para ela, deu um sorriso vitorioso e respondeu:

– Por ora, vamos nos arrumar. Não quero causar má impressão à sua família chegando atrasado... Mas saiba que tenho muitas coisas em mente para suas desculpas... – deu um beijo casto em seus lábios e saiu.

Longos minutos depois, John aguardava a doutora impaciente na sala quando o telefone dele tocou. Era Noah:

– John, estamos prontos e aguardando.

Antes de responder, Angeline apareceu na sala em um vestido de veludo verde-esmeralda colado ao corpo, de mangas longas, com o comprimento bem acima dos joelhos – realçando suas belas pernas. Usava uma sandália alta prateada, brincos compridos de prata com pérola no final e uma bolsa de mão também prateada. Seu belo rosto, muito bem maquiado, era emoldurado pelos cabelos que caíam sobre seus ombros em cachos suaves,

seguros na frente por uma fina trança. Seu perfume inebriante aos poucos tomou conta da sala.

Os olhos dele brilharam com um ar de aprovação e, sem tirar os olhos admirados de cima da agora namorada, respondeu ao colega:

– Estamos de saída, Noah! – desligou em seguida. Ainda olhando para ela, deu um assobio, venceu a distância entre eles lentamente, segurou-a pela cintura e anunciou, sentindo o perfume da jovem em seu colo:

– Isto tudo é meu! Eu sou um cara muito sortudo! Você está linda! – passou a mão em suas costas, observando que estavam nuas por causa do decote do vestido, e a sombra de um sorriso irreverente cruzou seus lábios quando disse: – Angie, Angie! Minha mente está em verdadeira ebulição de pensamentos, planejando como você terá que se desculpar comigo mais tarde...

Ela sorriu e abraçou-o, aprovando também o seu belo traje. Ele vestia uma calça social jumbo, uma camisa de mangas compridas de linho, vermelha, dobrada até o cotovelo, um suéter preto por cima e sapatos pretos. Um perfume maravilhoso de loção pós-barba dava-lhe um toque ainda mais viril.

– Somos dois! Tenho que me preparar para o assédio da mulherada hoje! Você, além de muito bonito, sabe se vestir muito bem! – assegurou beijando-o de leve nos lábios e observando que, com a sandália alta que calçava, ficara da mesma altura do namorado.

Cerca de duas horas depois, os dois casais chegavam ao aconchegante distrito. A temperatura era de aproximadamente 19º. John estacionou o carro da namorada em um belo e espaçoso jardim já repleto de outros automóveis. A casa era antiga, mas bem conservada; a fachada estilo inglês guardava a beleza europeia dos séculos passados. Uma escadaria dava acesso à porta principal.

– Que bela casa! – admirou Kayla muito bem-vestida em sua calça de couro preta, blusa de mangas compridas de seda amarela, sandália alta e os cabelos presos em um bonito e sofisticado coque.

– Paranapiacaba tem uma arquitetura de estilo inglês. Teve seu surgimento como centro de controle operacional e residência para os funcionários da companhia inglesa de trens. Um dia vocês têm que vir aqui de manhã. É lindo! – explicou Angeline. John aproximou-se, segurou sua mão e subiram a escadaria, sob os olhares especulativos de Kayla e Noah. Foram recebidos por Joana, que estava ansiosa aguardando por eles.

– Boa-noite! Sejam bem-vindos! – disse a gentil senhora aproximando-se de sua neta e sussurrando: – Você está linda, querida!

A doutora devolveu a gentileza com um sorriso, dizendo:

– Devo ter puxado à senhora, que também está maravilhosa nesse vestido turquesa!

Nesse momento a anfitriã abriu caminho e veio falar com os convidados:

– Angie, minha querida, como você está linda! – disse sua tia-avó, beijando-a na face. Joice era uma senhora jovial, seus olhos azuis eram marcados por uma alegria contagiante, mais nova que Joana, porém já mostrando nas rugas as marcas do tempo.

– Obrigada, tia! Estes são meus amigos americanos Noah e Kayla e este é...

– Seu namorado John! Joana já me falou dele! – interrompeu a senhora apertando a mão do agente, ao mesmo tempo em que cumprimentava os demais num inglês não muito bom.

– Sejam bem-vindos! É uma satisfação recebê-los! Desculpem o inglês ruim.

Angeline lançou um olhar de repreensão para sua avó, que se retirou sem olhar para a neta. Kayla e Noah sorriram olhando para o colega, que também sorriu fitando a doutora. A alegre senhora conduziu-os para o quintal, onde estavam armadas enormes tendas brancas com mesas lindamente decoradas com toalhas de linho, intercaladas nas cores vinho e bege, sobre as quais havia arranjos padronizados. Nas duas extremidades, havia uma mesa de banquete repleta de iguarias. No centro e no alto das barracas, um globo de luz ainda desligado, brilhava e uma suave música ao fundo deixava todos conversarem sem problemas.

Para alegria de Angeline, sua avó havia reservado uma mesa para eles na extremidade, possibilitando mais espaço. Os visitantes se sentaram, admirando o espaço do local e o verde em volta.

– Muito aconchegante aqui! – assegurou Noah, acomodando-se ao lado de Kayla, seguido de John e Angeline. Na meia hora seguinte, primos, conhecidos, amigos foram falar com a doutora, com a clara intenção de conhecer seu namorado. Entre sorrisos, a jovem desculpou-se:

– Família é tudo igual! Eu não disse que você iria ser a atração da festa?

– Eu não me importo, Angie! Estou achando seus parentes muito simpáticos! – respondeu, gentil, em seu ouvido.

Garçons circulavam entre aproximadamente 50 convidados, abastecendo as mesas. A conversa fluía descontraída na mesa dos agentes, quando Angeline escutou seu nome atrás de si:

– Angeline!

Ela virou-se instintivamente, reconhecendo seu primo. Levantou-se para cumprimentá-lo, com enorme satisfação.

– Olá, Matheus! Que bom revê-lo! Tia Joice não me disse que você viria.

O homem de aproximadamente 45 anos, esguio, cabelo repartido ao meio, roupa impecavelmente passada no vinco, fala compassada, olhos observadores, uma figura um tanto incomum, deu um meio sorriso e explicou:

– Não tinha certeza se poderia vir. Meu voo chegou faz duas horas!

Angeline olhou para os demais na mesa e fez as apresentações:

– Este é meu primo Matheus, filho de tia Joice. Ele é delegado federal e trabalha no Rio de Janeiro. Estes são os agentes John, Kayla e Noah, do FBI

– todos se cumprimentaram. Ela convidou-o a sentar-se à mesa com eles e a conversa rumou para assuntos pertinentes à segurança, ao curso e coisas do tipo, tudo em inglês, já que os agentes não sabiam nada do idioma brasileiro. Minutos depois, uma figura inesperada foi trazida até a mesa. Angeline levantou os olhos e surpreendeu-se ao ver a delegada Carmem Aguiar, vestida em um belo macacão estampado, sorrindo para todos:

– Carmem, que bom que veio! – cumprimentou seu primo, levantando-se gentilmente, beijando a mulher no rosto e providenciando uma cadeira para ela.

A delegada cumprimentou-o, depois se voltou para o restante e fez o mesmo com os demais. Angeline não deixou de sentir certo mal-estar, mas disfarçou como pôde. Compartilhando da contrariedade de Angeline diante daquela presença desagradável, Kayla olhou de lado, com raiva. A delegada tinha sido convidada por Matheus, eles já haviam trabalhado juntos, tornando-se amigos. John, notando que a presença de Carmem chateava sobremaneira Angeline, tratou de demonstrar que estavam juntos, abraçando-a pelo ombro. Em meio à conversação da mesa, a delegada sondou a doutora, um tanto sarcástica:

– Angeline, Matheus me falou que você tem "poderes" e que foi graças a eles que o FBI conseguiu êxito num trabalho muito difícil e complicado...

Ela suspirou, como se o pensamento lhe exigisse um grande esforço, mas explicou enfática:

– Não. Se meu primo lhe disse isso, ele foi infeliz na colocação das palavras. Não tenho “poderes”, tenho uma faculdade que pode, sim, ajudar em alguns casos. Mas minha ajuda, nesse caso a que você se refere, foi ínfima se comparada ao trabalho dos agentes envolvidos. A missão teve êxito porque houve um trabalho em conjunto, um trabalho de meses, com pessoas bastante competentes.

Antes que alguém se pronunciasse, John interveio, afirmando:

– Angie está sendo modesta! Devemos, sim, o êxito da ação à magnífica faculdade que, corajosamente, ela colocou à disposição desse nosso trabalho. Sabemos que é verdade que foi um trabalho em equipe e que todos ajudaram, mas o papel dela foi decisivo. Cremos que somos hoje o país que tem uma das melhores equipes de segurança do mundo, mas não somos infalíveis, e uma ajuda tão nobre como a que Angie nos prestou, coroou nossa ação.

Angeline fitou o namorado sem palavras para contestar e sorriu indulgente. Contudo, a delegada, com ar de reprovação no rosto, redarguiu, persistente:

– Doutora, por que não ajuda aqui também, já que essa sua faculdade é tão especial?

– Países diferentes, necessidades diferentes. Há várias formas de ajudar. De alguma maneira, estou tentando fazê-lo – respondeu, sem entrar em detalhes.

Nesse momento, um homem ao microfone anunciou que o jantar ia ser servido, colocando um ponto final à conversa, para alívio de Angie.

# 43. Pontos preenchidos

Depois do jantar, as luzes foram apagadas, o globo de luz foi ligado e um telão passou a apresentar clipes de música eletrônica pulsante, transformando o local em uma pista de dança. Noah e Kayla não resistiram e caíram na pista. John olhou para sua namorada e disse, gritando em seu ouvido por causa do barulho:

– Vamos dançar, Angie?

– Você sabe dançar isso? – questionou pasma.

– Não. Mas estou louco pra te agarrar! – respondeu sorrindo.

– Meu Deus! A sua lisura é algo que me fascina! – ironizou Angeline dando risada.

Ele levantou-se e puxou-a, levando-a até a pista de dança. Envolveu a cintura dela e, para surpresa de Angeline, foi movimentando-se na batida da música, levando-a consigo. Ela passou as mãos em volta do pescoço dele, seguindo o ritmo imprimido pela música e por ele.

– Você realmente tem sangue brasileiro, sabe dançar muito bem! – elogiou John em seu ouvido, beijando-lhe o colo.

De longe, sua avó assistia à cena e sentia enorme contentamento. Sua irmã chegou abraçando-a e, ao observar em que direção ela estava olhando, disse:

– Angeline está feliz, Joana! Ela merece! Que Deus os abençoe! Ela já sofreu tanto!

– Na verdade, os dois já passaram por duras provações. Eu sei que ele irá cuidar dela e vice-versa... – confirmou a senhora, emocionada.

Não muito longe, a delegada também olhava para o casal e se certificava de uma vez por todas que eles estavam juntos; Carmem sentiu uma imensa decepção tomar-lhe a alma. Ficara de fato vivamente interessada no agente. A delegada sabia o poder que exercia sobre os homens, pois muitos se atiravam a seus pés. Mas tinha que admitir que a doutora era uma adversária à altura. Sem, no entanto, jogar a toalha, chamou um rapaz conhecido para dançar e postou-se ao lado do casal, olhando para John sempre que possível.

O agente, sagaz como sempre, notou a intenção da mulher e, sem deixar que Angie percebesse, estreitou a namorada mais ainda em seus braços e falou em seu ouvido:

– Vamos tomar um ar? Está ficando quente aqui... – sem desconfiar das verdadeiras razões de John, Angeline concordou e ambos seguiram até o gramado. O agente sentou-se em cima de uma mesa de ferro redonda e Angeline se colocou entre suas pernas. Assim posicionados, eles se abraçaram e se beijaram com paixão. Minutos depois, percebendo os vários olhares que a cena estava atraindo, colocaram-se de frente para os convidados, permanecendo de mãos dadas.

– Sua tia tem uma bela casa, Angie! – comentou, olhando em volta.

– Aqui tudo é muito bonito, John! É um pedaço de paraíso...

Depois, observando Kayla e Noah ao longe, pensando alto, Angeline disse com alegria: – Acho que Noah está feliz e posso dizer o mesmo de Kayla!

Ele analisou os amigos ao longe se divertindo e concordou, sorrindo:

– Também acho e, sinceramente, fico muito feliz pelos dois! Kayla demorou a perceber que Noah é o companheiro ideal para ela. Eles se completam.

Angeline pensou em comentar algo a respeito da paixão que a colega sentia por ele, mas achou prudente esquecer – afinal, aquilo já fazia parte do passado. Minutos depois, o casal juntava-se a eles.

– Doutora, sua tia sabe como se divertir. Bela festa! – disse Noah, suspirando, abraçado à sua namorada e demonstrando cansaço.

–Minha tia adora uma festa! Vocês precisam participar do São João, é uma festa tradicional aqui no Brasil que ocorre no meio do ano. É simplesmente maravilhosa! –uma conversa agradável se estabeleceu, até John chamar Noah:

– Eu estou com minha garganta seca! Vamos atrás de uma bebida, Noah? – depois de perguntarem o que suas respectivas namoradas gostariam que eles lhes trouxessem, ambos se retiraram. Kayla, mais à vontade com Angeline, olhou em volta como se procurasse algo ou alguém e perguntou, com um sorriso satírico:

– Onde está a *predadora*? Deve estar à caça!

Sem compreender as palavras de Kayla, Angeline indagou, intrigada:

– De quem você está falando?

Kayla examinou Angeline com descrença, balançou a cabeça e disse, com franqueza:

– Ai, doutora, com toda essa sua potencialidade mental, às vezes me surpreendo com certas perguntas... Estou falando da delegada fatal, é claro!

Angeline não pôde deixar de dar risada do comentário da agente: – Não a culpo por pensar isso de mim, Kayla! Acontece que minha "potencialidade mental" serve a propósitos relevantes e, sinceramente, a *femme fatale* não faz parte desse contexto! Contudo, confesso que ela me enerva com aquele olhar de *eu quero você!*

As duas mulheres caíram na gargalhada. Kayla, agora bem descontraída, confidenciou:

– Ainda bem que estamos aqui no Brasil! Eu desconfio que, de uma forma ou de outra, John viria atrás de você! Fico feliz por terem se entendido! Ele está realmente feliz. Nos últimos meses, ele estava tenso, emburrado... Nem mesmo a prisão do primo foi capaz de devolver-lhe o bom humor. E é horrível trabalhar com ele assim!

Angeline experimentou certa euforia ao ouvir as palavras de Kayla e confidenciou-lhe:

– Eu também senti muito a falta dele! John é um homem fácil de gostar: inteligente, sagaz, bonito, responsável, carinhoso... Mas eu sabia que ele precisava de um tempo e resolvi dar-lhe esse tempo. Eu sei que ele não

gostou, embora ele mesmo tivesse me pedido esse tempo. Mas John gosta das coisas ao modo dele. Certamente ele achava que, tendo sido ele a me pedir o tempo, teria que ser ele a dizer a duração desse tempo. Mas eu tenho uma vida profissional e não devemos reter quem a gente gosta, não é mesmo? Foi muito difícil para mim, como acredito que o foi para ele também, deixar esse sentimento aflorar. Minha vida é, às vezes, complicada para que outras pessoas a entendam.

Kayla ficou surpresa com a eloquência da doutora, já que geralmente Angeline era muito reservada, e respondeu, com sinceridade:

– Eu entendo! Sabe, Angeline, hoje eu agradeço por não ter tido nada com John; se tivéssemos tido algo, sei que eu poderia até ter perdido a amizade dele depois! Ele é intenso, orgulhoso e gosta de tudo no seu devido lugar. Com Noah pude perceber que meu sentimento por John era apenas um capricho, um desejo de viver algo idealizado por mim. Não era amor verdadeiro. Sabe, Angeline, eu nunca vi John tão apaixonado, nem em relação a Ellen ele era assim! É só observar o jeito com que ele olha para você, o desejo implícito nos seus olhos, acompanhado de uma admiração e de um profundo respeito. Sinceramente, eu acredito que vocês podem ser felizes!

Angeline sentiu-se emocionada ao escutar Kayla, observando pureza em suas palavras. Desconfiou que, a partir daquele momento, uma sólida amizade poderia estar surgindo entre elas e respondeu:

– Posso dizer que vejo o mesmo em Noah com relação a você! – observando a expressão da jovem, antecipou: – Não. Não estou usando meus "poderes"; estou apenas usando a minha experiência em avaliar pessoas, e posso lhe garantir que sou muito boa nisso.

Elas deram risada e nem perceberam a chegada dos namorados, que demonstraram enorme curiosidade, diante da intimidade que observaram entre as duas mulheres.

– Qual o motivo da graça? – indagou Noah, entregando uma cerveja à namorada.

– Coisas de mulher, meu amor! – respondeu Kayla, piscando.

– Aposto que falavam de nós! – replicou John, abraçando a namorada e entregando-lhe um copo de água de coco.

– Não confie nisso! Vocês são privilegiados por terem mulheres inteligentes e independentes. A propósito, o carro na volta, eu dirijo. Bebida e direção, tolerância zero! – retrucou Angeline com um sorriso nos lábios.

– Eu não sei se gosto disso! – rebateu John, olhando para ela, divertido, tentando fazer uma expressão de machão e provocando gargalhadas.

Horas depois, o casal chegou ao apartamento depois de deixar Noah e Kayla no hotel. No elevador, John olhava intensamente para Angeline com um sorriso malicioso nos lábios, consciente da presença de câmeras de segurança. Angeline tentava ignorar, fingindo não ver. Ao cruzarem a porta, ele puxou-a para seus braços e sussurrou em seu ouvido com carinho:

– A senhora me deve um pedido de desculpas!

– Desculpe-me! – fitou-o com um brilho ansioso nos olhos.

John observou minuciosamente o rosto de Angeline como se procurasse algo desconhecido e, com um sorriso nos lábios, murmurou:

– Faz-me rir, Angie... – deslizou suas mãos pelo pescoço da doutora, depois contornou sua boca com os polegares e lentamente aproximou seus lábios dando-lhe suaves beijos em volta da boca, para em seguida beijá-la intensamente, ficando, assim, entregue ao amor que os unia.

Longos minutos depois, John, abraçado à namorada e sentindo o peso dela descansar em seu peito na cama, questionou, curioso:

– Angie, ocorreu-me algo: na hora de um relacionamento sexual, os espíritos veem tudo?

– Depende! – fez uma pausa pensando em como explicar e continuou: – Uma relação sexual nunca é acompanhada por espíritos esclarecidos, mas, dependendo do teor do relacionamento, alguns espíritos não só podem presenciar como participar.

– Como assim? – perguntou, perplexo.

– O mundo espiritual está sempre em interação com o mundo material. O que diferencia esse intercâmbio entre os espíritos são os tipos de relações que os unem. Por exemplo: um casal que busca o sexo por meio de práticas degradantes, às vezes animalizadas, destoando de algo saudável e normal, quase sempre está se locupletando com espíritos do mesmo teor vibratório – fez outra pausa, fitou o namorado e prosseguiu: – John, às vezes, a

interação é tão forte, que existem pessoas que narram ter feito sexo com espíritos; praticamente há uma materialização. Parece absurdo, mas não é.

Os olhos brilhantes de John examinavam Angeline, inquietos, mas a segurança na voz dela dissipou definitivamente qualquer forma de dúvida que ele pudesse experimentar. Ele vasculhou na sua lembrança tudo que já assistira em relação à faculdade da jovem e considerou a lisura de sua explicação; porém, ainda incomodado, questionou:

– E quando não é permitida a presença de espíritos?

– Quando a base do relacionamento são laços de afeto. Não falo somente de *amor*, mas que possa haver pelo menos, um mínimo de respeito mútuo. Agora, se existir um sentimento verdadeiro, não só não é permitida a presença de espíritos, como se forma em torno uma proteção muito grande para o casal e para a casa, oferecendo fluidos potentes que nada deixam penetrar, falando muito simplificadamente – explicou.

A postura do agente era a mesma, mas sua expressão mudou, seus olhos reluziram um brilho estranho que a doutora não soube identificar, até ele perguntar:

– E o nosso caso?

Depois de um pequeno silêncio, com estudada tranquilidade, ela respondeu, num tom calmo e seguro, mostrando nos olhos os sentimentos que atravessavam seu corpo:

– No meu caso, e se dependesse apenas de mim, estaríamos sob uma forte proteção energética de matizes antes nunca vistos, pela força do

sentimento que trago em meu coração... –ela sentiu o olhar do namorado queimá-la, tamanho o seu vigor. Os belos olhos verdes de John iluminaram-se e a emoção lhe roubou a fala momentaneamente, até que conseguiu dizer, mostrando que estavam ambos na mesma sintonia:

– Se dependesse apenas de mim, você permaneceria em total proteção por toda sua vida, tamanho é o sentimento que carrego em meu peito e que não é apenas sexual. O sexo apenas coroa os demais aspectos que me fazem amá-la, como nunca amei ninguém.

Um silêncio caiu sobre eles, apenas seus olhares intensos se comunicavam. John aproximou-se de Angeline e beijou-a avidamente, mostrando-lhe em outra linguagem o que aquelas palavras significavam.

No dia seguinte, depois do café da manhã, deitado numa rede na varanda do apartamento, o casal olhava a chuva cair forte na cidade.

– Dona Joana volta ainda hoje para casa? – indagou John.

– Sim. Deve chegar no fim da tarde. Por quê?

– Eu não queria deixar você sozinha... Tenho que voltar hoje para o hotel – explicou.

– Ela vai ficar muito triste! Vovó gosta muito de você! Nunca vi alguém ter tanto prestígio com ela como você – comentou Angeline, sorrindo.

– Não é de mim propriamente que ela gosta. No fundo, ela gosta do sentimento que sabe que tenho pela neta dela – respondeu ele, beijando-lhe os cabelos.

– Bela declaração, senhor! – brincou Angeline e beijou as mãos dele em volta dela.

– Quando você voltará para os Estados Unidos? Eu ficarei aqui uma semana apenas – perguntou John, mudando de assunto abruptamente.

– Eu ainda não sei... – uma lembrança de súbito a fez apertar o cenho.

– Como não sabe? Dona Joana me falou que você vinha para o Brasil cumprir um contrato de seis meses; se ainda sei contar, esse prazo já está acabando... – replicou, enfático.

Ela empalideceu. Não sabia como contar a ele. Sua confusão era visível. Por fim, tomou coragem e falou:

– Eu recebi uma proposta de renovação de contrato e ainda não respondi.

Angeline notou que John se enrijeceu. O agente sentou-se e, com fingida tranquilidade, segurou seus ombros, olhou no fundo dos olhos da namorada e perguntou:

– Você está considerando o pedido?

– Eu ainda não sei, John – confessou Angeline. – O trabalho é muito bom e o salário também. Aqui no Brasil, tenho podido ajudar tantas pessoas...

– É por causa daquele seu chefe? – perguntou, John, irrefletidamente.

Angeline levantou-se, irritada, e retrucou, ríspida:

– O quê? Será que ouvi direito? De onde tirou essa ideia? O que me faz balançar é o trabalho assistencial no qual estou envolvida! Além do mais,

quem tem que decidir isso sou eu!

Ele se levantou da rede de supetão, fitou-a com um olhar sombrio e, sem mitigar suas palavras, disse, exasperado:

– Eu não quero tomar qualquer decisão por você! Só quero saber onde a droga do nosso relacionamento se encaixa nisso! Porque, se bem me lembro, até algumas horas atrás você disse que me amava! Eu, sinceramente, não quero e não vou manter um relacionamento a distância com você. Se tudo o que estamos vivendo é mesmo verdadeiro para você, acredito que já deveria ter feito sua escolha! A não ser que o nosso relacionamento não seja tão importante assim... Ou você acredita que estou aqui por causa de um curso? Vim por você e por mim também! Só peço que se decida logo, porque não quero perder meu tempo guardando falsas esperanças. Porque, se você não tomar uma atitude, eu tomo!

Angeline empalideceu. Toda a bravura de minutos atrás havia se esvaído. Olhando para o chão e remexendo as mãos nervosamente, ela respondeu com outra pergunta:

– O que você quer dizer com isso, John?

– Você é bastante inteligente para entender! – retrucou ríspido.

Ela ergueu os olhos para ele e disse, firme:

– John, nós começamos um relacionamento há menos de um dia e você já se acha no direto de me colocar contra a parede?

– Não, Angeline! Eu estou nesse relacionamento há meses! O fato de não tê-la levado para a cama antes, não quer dizer que eu não a amasse.

Penso que deixei isso bem claro, ou você acha que eu iria pedir um tempo para alguém que não significasse nada para mim? E, se bem me lembro, você me deixou apenas com uma mensagem de última hora. Acredite, não vou passar por aquilo de novo!

– Você me pediu um tempo! Não me culpe! – gritou Angeline, nervosa.

– A questão aqui é outra! Quero apenas uma decisão. Você tem todo o direito de ficar no Brasil! Você faz da sua vida o que bem quiser! O que você não tem o direito é de fazer da *minha* vida o que você quiser! Eu sei muito bem o que quero, e o que quero é totalmente incompatível com um relacionamento a distância. Eu quero algo a mais e esse algo a mais eu quero com você! Quero constituir uma nova família, e quero que seja com você! Mas se seus planos são outros, paciência! – passou as mãos nos cabelos demonstrando irritabilidade e concluiu, amargo: – É melhor deixá-la sozinha!

Angeline viu, angustiada, o namorado se retirar da sala, seguindo direto para o quarto. Sentiu o chão afundar sob seus pés; numa fração de segundos, sua vida passou em sua mente... Então ela chorou – um choro triste, magoado, pesaroso.

No quarto, John andava de um lado para o outro, sentindo seu coração se apertar diante da possibilidade de naufrágio de seu sonho de futuro ao lado da mulher que tanto amava. A ideia de que nada do que planejara se realizaria era amarga, mas ele precisava considerar essa possibilidade. Ele sabia que o sentimento de Angeline era sincero, mas acreditava que, no

fundo, era o medo de se entregar de corpo e alma àquele amor o que fazia com que ela cogitasse ficar no Brasil. John entendia as dores e os temores da doutora, mas ele também possuía uma longa lista de decepções.

Sobressaltou-se ao escutar um chamado triste vindo da porta do quarto. Voltou-se e viu a bela mulher parada, fitando-o com olhar angustiado e dizendo, entre lágrimas:

– Eu não posso lhe dar uma família, John! Eu não posso lhe dar... – suas palavras foram sufocadas pelo pranto que varria sua dor.

Ele aproximou-se com passos rápidos e abraçou-a sem reserva, beijando-lhe os cabelos com extremo carinho:

– Hei, está tudo bem, Angie! Nós vamos resolver isso! Eu não quero deixá-la! Você é minha e não vou perdê-la! Nunca!

Ela afastou-se um pouco, agora com o choro mais contido, mas, ainda com um olhar aflito, deixou-o saber:

– Eu não posso lhe dar filhos! Depois que tentei o suicídio, eu matei a possibilidade de ser mãe!

Ele fitou-a por um momento, parecendo processar a informação aos poucos. Percebendo toda a dor que aquela revelação promovia em Angeline, voltou a abraçá-la forte. Ela, ao mesmo tempo em que se sentia bem nos braços do agente, demonstrava aflição diante de sua mudez, até que ele rompeu o silêncio e disse, com um sorriso nos lábios:

– Para que quero ter filhos, se já tenho você para me dar trabalho? A senhora é uma pessoa muito trabalhosa, Dra. Angeline Lewis!

Foi como se a vida de Angeline dependesse daquelas palavras. Emocionada, pôs-se na ponta dos pés, enlaçou os braços no pescoço dele e o beijou ardentemente. Ele envolveu-a em seus braços levantando-a do chão e retribuindo todo o carinho que recebeu. Longos segundos depois, eles se afastaram e foi o agente quem primeiro falou:

– Angie, mesmo lamentando não ter um filho nosso, pois fico imaginando que ele seria muito lindo, nada nos impede de adotar um, dois ou mais e formar uma bela família! Eu iria adorar! Isso não é problema! Eu a amo e quero ficar com você! Então, trate logo de dizer para aquele seu chefe que tem as piores intenções com você, para ele tomar o rumo do inferno se ele quiser conservar todos os dentes na boca.

– Agressivo! Sim, senhor! – reteve um sorriso, prestando continência.

– Assim é bem melhor! – abraçou-a, beijando-a novamente.

# 44. Novos caminhos

A tarde morria dando lugar à noite que chegava, quando John estacionou o carro de Angeline diante do hotel. Fora do automóvel, eles se abraçaram com carinho e ele sugeriu apaixonado:

– Dorme aqui e amanhã cedo você vai embora!

Ela sorriu, desejando muito atender àquele pedido, mas lembrou-se de sua avó, do trabalho, que a obrigaria a se levantar muito cedo, e também do curso de John, que igualmente exigiria que ele não apenas acordasse cedo, mas que estivesse bem descansado. Fez, então, um carinho no rosto do namorado e explicou, tentando ser convincente:

– Eu realmente iria adorar acordar em seus braços, mas não quero deixar dona Joana sozinha; além disso, você tem que trabalhar com Noah e Kayla e eu iria atrapalhar.

Ele ficou olhando demoradamente para ela e depois cedeu a seus argumentos sensatos:

– Fugindo, doutora? Deve ser para não perder o costume... Estou brincando! Desta vez, vou aceitar suas ponderações, porque você de fato tem razão, mas temos que dar um jeito... Eu não vou ficar até sexta longe de você!

– Nem eu quero isso! – respondeu ela, sorrindo.

Ele beijou-a carinhosamente, depois se afastou relutante e disse:

– É melhor ir agora ou vou arrastá-la para dentro e você não sairá mais deste hotel! Tenha cuidado! E não se esqueça de me ligar quando chegar em casa. Eu a amo, Angeline!

– Tudo bem, eu ligo. Fica com Deus e bom curso amanhã! – segurou o rosto do namorado e beijou seus lábios docemente, deu a volta, entrou no carro e, antes de dar partida, disse: – Eu também o amo muito, John!

Os dias passavam lentos e chuvosos. Fazia dois dias que Angeline falava com o namorado apenas por telefone, já que, depois de ministrar o curso, ele sempre tinha algum compromisso a cumprir, seguindo uma programação previamente feita que não poderia ser alterada por motivos pessoais. Bem como, não podia faltar com os seus compromissos. Reconhecia o quanto aquelas pessoas precisavam dela e o quanto um único dia sem ajudá-las, poderia fazer uma enorme diferença em suas vidas miseráveis.

Já eram mais de 18 horas; Angeline passara o dia sem falar com John, envolvida em uma série de reuniões, quando finalmente conseguira ligar para o namorado, ele é que estava incomunicável, ministrando o curso, e a ligação caíra na caixa postal. Angeline havia dispensando sua secretária e estava de saída, quando o diretor entrou em sua sala sem bater à porta:

– Que bom que ainda não foi embora, Angeline! Gostaria que você desse uma olhada neste relatório, que me parece conter algumas contradições. Será que você poderia fazer isso?

Imediatamente ela observou que escuras energias envolviam aquele homem. Sabia que estava sozinha e sentiu-se tomada de medo. Procurando dissimular, perguntou, aparentemente calma:

– Será que eu não poderia avaliar isso pela manhã, senhor? Tenho um compromisso. Meu namorado me aguarda...

O olhar de Marcos tornou-se extremamente sombrio. Empertigando-se, com o orgulho ferido, respondeu rude:

– Se eu pudesse esperar até amanhã, não teria vindo hoje! Até porque, se houve mesmo um erro e o relatório estiver contraditório, esse erro partiu de você!

A cor desapareceu do rosto de Angeline. Em uma prece silenciosa, pediu a Deus que participasse daquele momento. Observou um espírito de aspecto truculento envolver o homem numa simbiose perfeita de pensamentos e vontades. Com o pensamento em oração, aquiesceu, com fria polidez:

– Tudo bem, dê-me o relatório.

O homem deu um sorriso de canto de boca em sinal de vitória e passou-lhe uma pasta. Ela sentou-se no sofá, colocou sua bolsa no assento ao lado para que ele não pudesse se sentar ali, abriu a pasta e começou a revisar o relatório.

O diretor a observava atentamente, enquanto pensava: “Não sabia que ela tinha namorado... Será aquele sujeito que estava com ela no elevador?

Mas o importante é que aqui estamos sós... Ela é linda e eu já esperei demais!”.

Aproximou-se por trás do sofá, agachou, ficando na linha do ombro da doutora, e disse em seu ouvido, tocando-lhe o ombro numa carícia mal dissimulada:

– Leia aqui... É aqui que eu acho que há uma contradição, veja!

O que nem Angeline nem ele sabiam é que John, com a intenção de fazer uma surpresa à namorada, chegava naquele momento ao edifício onde ela trabalhava. Com a ajuda de Rezende, o agente federal que o estava acompanhando, dirigiu-se à portaria, pedindo para falar com a doutora. A recepcionista ligou várias vezes na sala de Angeline, pois sabia que sua secretária já havia ido embora, mas ninguém atendeu. Na verdade, como Angeline não estava em sua mesa e sim no sofá, e como o toque era mais luminoso do que sonoro, ela não ouvia nem via que estava sendo chamada.

Preocupado, John perguntou à recepcionista quem mais, além de Angeline, ainda permanecia na empresa, sendo informado de que o chefe da jovem, Marcos Ferreira, também se encontrava nas dependências da firma.

John pensou rápido. Imediatamente se identificou como agente do FBI e, com a intervenção de Rezende, solicitou que um segurança os acompanhasse até o andar em que Angeline trabalhava, no que foi prontamente atendido. Dessa forma, os três subiram rapidamente pelo elevador.

Na sua sala, ao ouvir a respiração do chefe tão perto de si, Angeline enrijeceu; seu cérebro rapidamente mandou mensagem de perigo ao seu corpo, sua respiração alterou-se, suas pupilas se dilataram, a jovem empalideceu, pois seu sangue foi direcionado para os órgãos vitais, algo comum nas situações em que o corpo é levado a reagir. Retesada, Angeline olhava discretamente para a porta que o diretor esquecera de fechar quando entrara. Antes que ela sequer pudesse pensar em sair correndo dali, ele segurou-a pelos ombros, pressionando-os numa carícia, e disse em tom gutural:

– Sabe, Angeline, você é uma mulher muito bonita...

A doutora levantou-se bruscamente, afastou-se o quanto pôde e gritou alarmada:

– Não me toque!

– Calma, querida! Só lhe fiz um elogio! – replicou o diretor com afetada tranquilidade, dando um passo em direção à jovem.

– Não se aproxime de mim! Não se aproxime de mim! Fique onde está! – gritou outra vez, com o dedo estendido e andando de costas.

Nesse momento, John, Rezende e o segurança acabavam de sair do elevador e escutaram o grito da doutora. Mesmo sem entender direito o que sua namorada dissera, o agente sentiu pelo tom de sua voz que havia algo errado. Correu em direção aos gritos, irrompeu na sala inopinadamente e chamou-a.

– Angie! – ao ver o namorado, ela suspirou aliviada, correu em sua direção e atirou-se em seus braços, tremendo. Ele olhou-a estupefato e perguntou: – Ele fez algo com você?

– Não! Não teve tempo! – respondeu Angie, com as palavras atropeladas.

John voltou-se chispando de raiva. O diretor, porém, encarou-o com extrema soberba e perguntou:

– Mas o que significa isso? Quem você pensa que é?

O agente afastou a namorada, cruzou a sala rapidamente, avançou sobre o homem, segurando-o sem muita dificuldade, e dando-lhe uma gravata. Diante dos protestos indignados do diretor, John vociferou:

– Se estivesse em meu país, você estaria preso, mas infelizmente aqui no Brasil ainda não existe uma lei que cuide de pilantras do seu tipo. Mas vou deixar aqui um recado: acerte as contas de Angeline e nunca mais ouse nem sequer levantar sua vista para ela, caso contrário vou lhe botar na cadeia de um jeito ou de outro! Pessoas como você são sujas em todos os âmbitos e não será difícil descobrir uma boa razão para mandá-lo para a prisão! – soltou o homem com violência e, voltando-se para a namorada, disse:

– Pegue suas coisas e vamos embora!

Angeline, com os olhos arregalados, correu, pegou sua bolsa e, segurando a mão do namorado, saiu da sala sem pestanejar. Rezende os acompanhou sem fazer nenhum comentário, mas com um sorriso de satisfação.

Marcos Ferreira levantou-se com dificuldade, tossindo muito e ainda sentindo os braços do agente em volta do seu pescoço. Olhou para o segurança que ficara para ajudar o patrão e perguntou, aos gritos:

– Diabos! Como foi que esse homem chegou até aqui?

– Ele é namorado dela, senhor Ferreira... Por várias vezes ligaram da recepção para a sala da doutora; como ninguém atendeu, ele ficou preocupado e pediu que eu o acompanhasse... – explicou o segurança, com medo.

– Incompetentes! Ninguém pode entrar aqui sem aviso prévio! Ainda não aprenderam isso? Bando de imprestáveis! – rosnou o chefe, humilhado.

– Ele estava acompanhado de um policial federal... Além disso, o homem é do FBI... – explicou o segurança, desculpando-se.

Foi como se Ferreira tivesse recebido uma injeção anestésica; as palavras de John vieram novamente à sua mente e ele pôde entender as ameaças feitas pelo agente. Silenciou, passou as mãos nos cabelos e berrou:

– Vá embora! Deixe-me sozinho! Imbecis!

Já no térreo, John agradeceu ao federal Rezende pela ajuda e, controlando a raiva, despediu-se, seguindo direto para o estacionamento. Ele apertava a mão da namorada com força. Ao chegar no carro, abraçou-a e sussurrou, como se a lembrança fosse muito dura para ele:

– Você está bem mesmo? Se ele tivesse tocado em você, eu juro que o teria matado!

Ainda bastante abalada com o ocorrido, Angeline respondeu, com pouca energia nas palavras:

– Ele não encostou em mim... Fique calmo, por favor... Deus o livre de ter que usar algo letal em alguém... Apesar do susto, eu estou bem... Melhor agora que estou em seus braços...

Ele fechou os olhos e estreitou-a ainda mais em seu peito. Depois se apartou um pouco, fitou-a com carinho, deu um longo suspiro, como se tivesse tirado dos ombros um pesado fardo, sorriu para ela e disse, procurando quebrar o clima de tensão:

– Está vendo como você me dá trabalho? Agora me passe a chave do carro. Eu dirijo!

Ela notou que ele mudara de humor e isso também a deixou melhor. Retirando a chave do automóvel de dentro da bolsa e passando para ele, gracejou:

– E eu sou doida de dizer não ao meu agente autoritário?

– Melhor assim! É bom se acostumar... – brincou John. – A propósito, sou *seu*, sim e você é *minha*! E agora vou levar a minha namorada para jantar fora... – beijou-a nos lábios e seguiram até o apartamento da doutora.

Escondendo o ocorrido de sua avó, Angeline tomou um banho e vestiu-se, escolhendo para a ocasião uma saia godê floral acima dos joelhos, uma blusa de manga curta rosa, um *escarpin* também rosa, um delicioso perfume francês e uma bolsa de mão creme. Escovou os cabelos e deixou-os cair em cascatas sobre seus ombros, sabendo que o namorado preferia assim. Joana

não quis acompanhá-los. Ao vê-la, John ficou encantado, sem conseguir tirar os olhos de cima dela, disse, fazendo Joana dar risada:

– Essa sua neta ainda vai me matar! Você está linda, Angeline! – aproximou-se dela e beijou-lhe o pescoço. Despediram-se e saíram pela cidade.

– O senhor por acaso sabe o endereço do restaurante em que pretende me levar? – indagou Angeline.

– Claro, minha senhora! O Rezende gentilmente me orientou nesse sentido. Não há com o que se preocupar.

– Lembre-me, então, de agradecer ao Rezende quando estivermos com ele. Ele tem sido um ótimo amigo para você.

– Lembrá-la-ei! – respondeu, divertido, parando em frente a um restaurante com aspecto rústico, todo em madeira. John entregou a chave do carro ao manobrista que, antes, abrira a porta para Angeline descer. O casal entrou abraçado. Ela encantou-se com o ambiente: uma iluminação suave, troncos de madeiras e árvores com flores diversas davam uma beleza incomum ao local. Nana Caymmi enchia todo o ambiente com sua voz maravilhosa, e velas coloridas e perfumadas nas mesas davam um toque de puro romantismo. Um garçom aproximou-se e anotou o pedido, afastando-se em seguida.

– Que lugar lindo, John! Eu não o conhecia.

– Também achei! Almoçamos hoje aqui, embora à noite pareça ainda muito mais bonito – fez uma pausa e perguntou: – Você sabe quem está

cantando? Que voz linda! E a melodia também!

– Nana Caymmi, uma intérprete brasileira. O nome da música é "Resposta ao tempo". A voz dela é de fato maravilhosa!

– Um clima bem apropriado para o que eu tenho para você...

Com um olhar curioso sobre ele, Angeline procurou pistas do significado do que John acabara de dizer, mas não conseguiu imaginar nada e perguntou empolgada:

– O que é que você tem para mim?

Ele também mal podia conter sua própria empolgação, e riu como que se desculpando por ter criado aquela expectativa. O garçom aproximou-se novamente, deixando sobre a mesa uma taça de vinho para John e um coquetel de frutas para a doutora. O federal fitou-a, estendeu-lhe a mão e pediu gentil: – Sente-se aqui ao meu lado, por favor...

Ela aquiesceu de bom grado, passando rapidamente para a cadeira ao lado da dele. Depois, com suavidade na voz e um esboço de sorriso no rosto, segurando a mãodela, John começou a falar, pronunciando todas as sílabas com perfeição:

– Angie, há algum tempo tenho me preparado para montar um negócio próprio. Até agora eu não tinha encontrado o momento ideal. Contudo, depois de tudo que ocorreu comigo nestes últimos anos, e depois de encontrar você, acho que esse momento chegou... – fez uma pausa, na qual uma sombra de angústia chegou a passar por seus olhos, mas não durou muito. John voltou a falar: – Com aquelas revelações sobre Ellen, não

consegui mais permanecer em minha casa e a vendi. Estou morando com Noah provisoriamente. Conversando com ele, planejamos sair do escritório e montar o nosso próprio negócio.

– Você vai sair do FBI? – perguntou Angeline, perplexa.

– Sim. Gosto do que faço, mas, depois da morte de Ellen e de Eve, percebi que é difícil conciliar esse tipo de trabalho com o casamento... – silenciou, como se a lembrança fosse amarga demais, mirou a jovem nos olhos e voltou a falar: – Talvez seja por isso que Ellen me traiu, eu passava muito tempo longe de casa...

Angeline permaneceu quieta, sem se atrever a interromper suas reflexões. O federal olhou-a intensamente, levou as mãos dela aos lábios, beijando-as com carinho, e retomou a fala:

– Quero que você venha trabalhar comigo! Hoje, quando deparei com aquele infeliz tentando algo com você, me dei conta de que coisas como essa podem acontecer outras vezes, e não sei qual será minha reação. Você é linda, Angie! Não falo apenas de beleza exterior, mas você tem algo diferente. É impossível um homem olhar para você e não sentir nada... E alguns são suficientemente canalhas para agir como o seu chefe.

– John, você está exagerando! Pelo amor de Deus! – rebateu, sem jeito.

– Não, Angeline, não estou exagerando! Sou homem e sei o que estou falando. Claro que alguns apenas admiram, mas uma minoria não consegue frear os impulsos – como seu tom era suave, parecia que o que dizia não tinha a seriedade necessária, mas Angeline sabia que isso era apenas

aparência, ele estava encontrando uma forma melhor de tocar no assunto. Encorajada por ele, ela confidenciou-lhe:

– Eu vi, hoje, em torno dodiretor, energias escuras e um espírito de aspecto terrível. Eles se somavam em pensamentos e atos.

– Por que você não saiu correndo? – perguntou curioso.

– Tive medo! Sabia que, se corresse, teria que parar no elevador e a situação poderia ficar ainda mais complicada! Acho também que me desconcentrei, orei muito e por alguns segundos escutei alguém me dizendo que permanecesse calma. Contudo, não consegui! Quando ele colocou as mãos em meus ombros... – fechou os olhos, como se quisesse expurgar as lembranças.

John abraçou-a afetuosamente e disse ao seu ouvido, beijando-lhe o colo:

– Acabou! É por isso que quero que esteja comigo! Com sua experiência em finanças, sei que vamos ganhar muito dinheiro! Tenho muitos planos!

– Qual o ramo? – perguntou Angeline, interessada.

– Segurança eletrônica! Instalação e monitoramento. Já faz algum tempo que desenvolvo um dispositivo inédito de segurança. Nesses meses em que me deixou, tive tempo de me voltar totalmente a isso e consegui descobrir o que faltava. Construí um protótipo e temos agendado para o próximo mês, uma demonstração em uma empresa de ponta, para uma possível fabricação em larga escala – concluiu, orgulhoso, dando detalhes do projeto.

Logo depois do jantar, ele pagou a conta e parecia ter pressa em ir embora. Entraram no carro e ele examinou-a calado – seu rosto agora tinha um ar diferente, seus olhos reluziam um brilho que a namorada conhecia bem. Angeline endireitou-se no banco, notando que o ambiente havia mudado. Com um sorriso maroto nos lábios, John perguntou, observando atentamente a doutora:

– Angeline, você tem ideia do quanto é atraente?

Sentindo a paixão estampada no olhardele, Angeline apenas murmurou:

– Claro que não...

– Isso é o mais impressionante! Você não faz questão alguma de ser sensual! Tudo em você é absolutamente natural. Você não precisa fazer nenhum esforço para ser como é... Eu sou um homem de muita sorte! Agora vou levá-la para meu quarto e amá-la!

– Eu também sou uma mulher de muita sorte... Porque nada em você é artificial. Você é um homem autêntico e verdadeiro. Eu adoro pessoas assim, e eu o amo por ser como é!

Angeline, então, deu partida no carro e eles saíram pelas ruas frias da cidade, que naquela noite eram agraciadas pela luminosidade da lua que embelezava o céu.

Horas depois, abraçado à mulher que amava, no quarto do hotel, ele comentou ansioso:

– Ainda não me deu a resposta, doutora Lewis...

– Quê? – perguntou ela, quase dormindo.

– Nada de dormir sem me responder! Vamos, quero uma resposta – insistiu, beijando-a para que ela despertasse.

– O quê? – sorriu, contemplando os belos olhos verdes de John e dizendo simplesmente:

– Sim, eu aceito ser sua funcionária!

Os olhos do agente ganharam um brilho que ela nunca vira antes; parecia que o sol lhes emprestara seus raios, seus lábios se abriram num sorriso de extrema felicidade. Como se estivesse em êxtase sentou-se, estreitou Angeline em seus braços e disse enfaticamente:

– Não! Você não será minha funcionária! Será minha mulher! Quero construir minha vida ao seu lado daqui para frente. Um dia de cada vez, mas ao seu lado! Sempre! Eu a amo, Angeline Lewis! E, olhe: isto é um pedido de casamento! – estendeu a mão e entregou-lhe uma caixinha preta de veludo.

As lágrimas desceram pelo rosto da doutora. A emoção deixou-a em súbita mudez. Só conseguia escutar o barulho do seu coração, que pulsava forte. Com as mãos trêmulas, segurou a bela caixinha e abriu-a. Viu, então, maravilhada, um chuveiro com pequenos brilhantes e uma turmalina rosa ao meio.

Ele gentilmente retirou o anel da caixinha de veludo e colocou-o em seu dedo, beijou sua mão, olhou para ela com imensa ternura e disse:

– Você ainda não me disse sim...

Embora ainda chorasse, ela conseguiu sorrir e atirou-se nos braços de John. Com a voz embargada pelo choro, disse em seu ouvido:

– Sim! Sim, John Moore! Você conquistou meu coração desde o primeiro dia em que o vi! Apesar de toda a minha resistência, eu o amo! Eu o amo tanto! Eu desejo fazer você feliz, cada dia, sempre!

Ele colocou a mão por entre os cabelos dela e beijou-a apaixonadamente. Longos segundos depois, afastou-se um pouco e falou, ofegante, inspirado pelo forte e verdadeiro sentimento que o movia:

– Quero cuidar de você! Você é uma pessoa especial, Angie! Graças à sua abençoada faculdade, eu a conheci. Agora, quero ajudar você a, através dessa faculdade, auxiliar muitas outras pessoas. Ninguém vem ao mundo com essa potencialidade à toa. Vamos fazer a diferença, mesmo que seja de modo silencioso e humilde... Vamos fundar uma organização por meio da qual possamos ajudar tanto aqui no Brasil, quanto em nosso país e em outros lugares do mundo!

A felicidade era visível no rosto de Angeline, resplandecia no brilho dos seus olhos, em seu sorriso e nas lágrimas que banhavam sua face como água redentora.

– Eu devo ser muito abençoada por ter pessoas como minha avó e agora você ao meu lado! Eu quero, sim, ser cuidada por você, mas também quero muito cuidar de você, John! Sim! Fundaremos uma associação na qual poderei ajudar mais efetivamente, através desse "poder" que Deus me deu temporariamente, almas sofredoras que habitam este nosso planeta de tantas

provas e de tantas expiações. A estrada é longa e teremos que caminhar muito. Um dia de cada vez, mas sempre!

Ele passou os polegares gentilmente sobre suas lágrimas e disse:

– Angie! Angie! Minha paranormal sedutora! Agora chega de conversa! – estreitou-a em seus braços e beijou-a, selando, sob uma intensa proteção espiritual, compromissos relevantes para os quais teriam o auxílio de amigos valorosos do plano espiritual, espalhando esperança de dias melhores que certamente chegarão para os habitantes da Terra.

*O amor nada mais* é *do que a força impulsionadora de tudo à nossa volta, sob os olhos atentos do divino criador, Deus!*

FIM